UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

ANA LÚCIA GUIMARÃES RICHIA LOUREGA DE MENEZES

Amizade “carteadeira”:
o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases

Versão corrigida

São Paulo

2013

ANA LÚCIA GUIMARÃES RICH A LOUREGA DE MENEZES

Amizade “carteadeira”:
o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases

Tese apresentada ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas para obtenção do
título de doutor em Literatura.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientação: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de.

Título: Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de doutor em Literatura.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Para Clara e Daniel, como prova de que sonhos bons podem virar realidade ao mesmo tempo.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A Rodrigo Ramos Lourega de Menezes, pelo apoio e pelo incentivo sem os quais esta aventura não se realizaria.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa para a realização desta pesquisa.

À família de Mário de Andrade.

Aos familiares dos verdes: Rosário Françoise Petitjean Fusco de Souza Guerra; Maria Cristina Peixoto Henriques e Bárbara Peixoto; Lúcia Soares de Figueiredo Chaves; Maria Lúcia de Resende Barreto Vianna e José Resende dos Reis; Dr. Luiz Carlos Abritta.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Secchin, Prof. Dr. João Cesar de Castro Rocha, Profa. Dra. Márcia Ivana Lima e Silva e Prof. Luiz Gonzaga da Silva.

Aos professores que participaram do Exame de Qualificação: Prof. Dr. Ivan Francisco Marques e Prof. Dr. Julio César Pimentel Pinto Filho.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Fundação Casa de Rui Barbosa, Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

À Biblioteca Nacional, Arquivo do Jornal Estado de Minas, Arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Hemeroteca da Biblioteca Luiz de Bessa e Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

A Angela Telles Vieira, Maria Cristiane da Cunha e Luzinete Barreto da Silva, que cercaram Clara e Daniel de carinho e atenção enquanto este trabalho se construía.

À equipe da Biblioteca e do Arquivo do IEB: Elisabete, Maria Izilda, Gabriela e Flávio.

À equipe da sala de consulta da Casa de Rui Barbosa.

RESUMO

MENEZES, A. L. G. R. L. *Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases*. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2013.

A presente tese dedicou-se à reunião e ao estudo da correspondência trocada entre o escritor paulista Mário de Andrade (1893-1945) e os rapazes ligados à revista *Verde* (1927-1929) de Cataguases (MG), a saber: Ascânio Lopes (1906-1929), Camilo Soares (1909-1982), Enrique de Resende (1899-1973), Francisco Inácio Peixoto (1909-1986), Guilhermino Cesar (1908-1993) e Rosário Fusco (1910-1977). A pesquisa coligiu documentação epistolar inédita dos envolvidos, matéria esparsa em arquivos públicos e privados, tendo em vista a proposta de reconstituição da trama da sociabilidade intelectual e literária na década de 1920. Cumpriram-se a transcrição fidedigna, a ordenação cronológica e a anotação exaustiva das cartas, em termos editoriais, segundo pressupostos da crítica textual e dos estudos da epistolografia, resultando em uma seleta que soma 122 cartas e compõe a primeira parte desta tese. Considerando-se o ineditismo das cartas reunidas, vislumbrou-se a possibilidade de uma nova perspectiva de estudo sobre os verdes. Portanto, o trabalho que acompanha o conjunto de cartas está dividido em três tópicos: (a) apresenta os sete correspondentes; (b) investiga em que medida essa documentação auxilia na reconstrução da trajetória do Grupo Verde; e (c) aborda, criticamente, as cartas – elementos que propiciam reavaliar a organização dos rapazes como agrupamento de vanguarda, que favoreceram a observação do relacionamento epistolar deles com Mário de Andrade e que ajudaram a avaliar a participação desses escritores no Movimento Modernista brasileiro.

Palavras-chave: Epistolografia, Modernismo brasileiro, Vanguarda, Mário de Andrade, Grupo Verde de Cataguases.

ABSTRACT

MENEZES, A. L. G. R. L. Friendship by correspondence: epistolary dialogue between Mário de Andrade and Grupo Verde de Cataguases. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2013.

This thesis aimed to collect and study the correspondence between the writer Mário de Andrade (1893-1945) and Ascânio Lopes (1906-1929), Camilo Soares (1909-1982), Enrique de Resende (1899-1973), Francisco Inácio Peixoto (1909-1986), Guilhermino Cesar (1908-1993) and Rosário Fusco (1910-1977), the writers related to *Verde* (Green), modernist magazine that was edited by Grupo Verde de Cataguases (Green Group from Cataguases), between 1927 and 1929. In order to restore the peculiarities of the literary and intellectual sociability in the 1920s, this research compiled unpublished epistolary documents and material dispersed in public and private archives. Guided by epistolary study and textual criticism principles, it has been done a trustworthy transcription, a chronological ordering and an exhaustive annotation of the letters. These procedures resulted in a selection of 122 letters that compose the first section of this thesis. Considering the uniqueness of the selected letters, it was able to glimpse the possibility of a new perspective regarding the study of the Grupo Verde de Cataguases. Therefore, the academic work which follows the correspondence was divided into three topics: (a) the introduction of the seven correspondents; (b) the analyse of the extension to which these documents will facilitate the reconstruction of Grupo Verde's trajectory; and (c) the discussion of the letters' contents through a critical approach – considering the selected letters as elements that allow the reassessment of these writers' organization as an avant-garde group, which favor the observation of their epistolary relationships with Mário de Andrade and that help to clarify the Grupo Verde participation in the Brazilian Modernist Movement.

Keywords: Epistolography, Brazilian Modernism, Vanguard, Mario de Andrade, Green Group from Cataguases.

LISTA DE SIGLAS

AL	Ascânio Lopes
CS	Camilo Soares
ER	Enrique de Resende
FIP	Francisco Inácio Peixoto
GC	Guilhermino Cesar
MA	Mário de Andrade
RF	Rosário Fusco
AMA	Arquivo Mário de Andrade
IEB-USP	Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo
ARF	Arquivo Rosário Fusco
AFIP	Arquivo Francisco Inácio Peixoto
FER	Fundo Enrique de Resende
AMLB-FCRB	Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa
FGC	Fundo Guilhermino Cesar
IEL-RS	Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. Diálogo epistolar entre Mário de Andrade e os verdes: pressupostos.....	11
1.1. “cheguei a colecionar duzentas cartas de Mário”.....	11
1.2. 122 mensagens.....	17
2. Cartas: “o que o mundo não pôde ver”.....	21
1927.....	21
1928.....	98
1929.....	210
1930.....	225
3. Estudo.....	227
3.1. Verdes, revista <i>Verde</i> e Mário de Andrade.....	227
3.1.1. “eu sou um fazedor de versos também” (Rosário Fusco).....	228
3.1.2. “estou construindo uma estrada” (Enrique de Resende).....	237
3.1.3. “A única coisa que sei fazer é escrever” (Camilo Soares).....	242
3.1.4. “As teorias são, para mim, obras de arte” (Ascânio Lopes).....	245
3.1.5. “sou verde também” (Francisco Inácio Peixoto).....	249
3.1.6. “estou escrevendo uma coisa séria” (Guilhermino Cesar).....	254
3.1.7. “Agora não exagero mais, e agora que escrevo brasileiro mesmo” (Mário de Andrade).....	258
3.1.8. “Sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases”.....	268
3.1.9. <i>Verde</i> nos estudos literários.....	271
3.2. “ <i>Verde</i> é o nome da baita”.....	278
3.2.1. O livro que não saiu das cartas.....	290
3.2.2. “E viemos pregar as ideias novas da Nova-Arte.”.....	295
3.2.3. <i>Verde</i> aos olhos dos verdes.....	301
3.2.4. Depois da <i>Verde</i>	309

3.3. “Abraços da turma”: correspondência e sociabilidade intelectual.....	313
3.3.1. “Gente da <i>Verde</i> não pode dá pra trás.”.....	314
3.3.2. “Peixotinho, meu benzinho. Você tá bão mesmo?”.....	317
3.3.3. “Nós da troupe”.....	321
3.3.4. “Fusco é que é o epistoleiro cá de casa.”.....	323
3.3.5. “Escreve pra gente, sim?”.....	324
3.3.6. “Mário de Andrade, amigo velho”.....	330
3.3.7. “Afiml eu sou já bem mais velho que você, tenho mais vida... Tomo por isso dessas liberdades rituais de ensinador.”.....	335
3.3.8. Um canto de Macunaíma na zona da mata mineira.....	339
3.3.9. Conjunto x unidade.....	343
3.3.10. Fuscoide e o Maluco Adorável.....	344
3.3.11. Camilo Soares e Mário de Andrade.....	349
3.3.12. Enrique de Resende e Mário de Andrade.....	350
3.3.13. Ascânio Lopes e Mário de Andrade.....	351
3.3.14. Francisco Inácio Peixoto e Mário de Andrade.....	352
3.3.15. Guilhermino Cesar e Mário de Andrade.....	353
3.3.16. Tensões no diálogo: “Espero carta de você me explicando esse negócio bem direitinho”.....	356
3.3.17. Dimensões da sociabilidade: Alcântara Machado e Carlos Drummond de Andrade.....	367
4.Considerações finais: “com abraço pra tutti quanti”.....	378
5. Bibliografia e fontes primárias de pesquisa.....	381
Anexos: “e lá vão mais troços”.....	394

1. Diálogo epistolar entre Mário de Andrade e os verdes: pressupostos

“Fundamos uma revista moderna aqui”,¹ escreveu Rosário Fusco a Mário de Andrade, em 25 de setembro de 1927, dando notícia do nascimento da *Verde*. A carta vinha da pequena cidade de Cataguases, em um rincão de Minas Gerais. O remetente era um “fazedor de versos” de apenas 17 anos, que, sem muita cerimônia, pediu colaboração e livros ao já conhecido vanguardista, autor de *Pauliceia desvairada* e de *A escrava que não é Isaura*. Mário de Andrade não negou ajuda à nova aventura modernista e iniciou uma intensa correspondência com Rosário Fusco e mais cinco companheiros de revista: Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar e Enrique de Resende.

1.1. “cheguei a colecionar duzentas cartas de Mário”²

A reunião das cartas trocadas entre Mário de Andrade e os rapazes do Grupo Verde de Cataguases, levada a cabo por esta pesquisa, foi antecedida por outras três tentativas anteriores de divulgação do conjunto de mensagens vinculadas à difusão da revista *Verde*.³ Foi o próprio Rosário Fusco quem primeiro tentou organizar as missivas que recebeu de Mário de Andrade. A iniciativa é de 1958, mesmo ano em que Manuel Bandeira deu ao público as *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*, sob a chancela da Editora Simões, de Antônio Simões dos Reis, no Rio de Janeiro. Ao amigo Francisco Inácio, em abril de 1958, Fusco pediu as mensagens por ele conservadas: “Quantas cartas do Mário você guarda? Poderia me arranjar uma cópia do [monte]? Com urgência? O Simões está levantando a correspondência do Mário: vai começar com as do Bandeira (endereçadas ao).”⁴ Em outubro de 1958, solicitou ao amigo:

¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP).

² FUSCO, Rosário. “Apresentação”. In: ANDRADE, Mário de. *Cartas a Rosário Fusco*. Exemplar único, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB).

³ Além dessas três tentativas, houve a publicação de uma carta de MA a RF e outra a ER, no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em 8/6/68, edição especial de homenagem ao autor de *Pauliceia desvairada*.

⁴ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 12/4/58, Arquivo Francisco Inácio Peixoto, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AFIP, AMLB-FCRB).

Agora acrescento ao pedido anterior, mais este:// a) Sumário datilografado dos números de *Verde*, com indicações da data (se possível mês) em que saiu cada um, indicando também ilustrações (autor e texto ilustrado).// b) Se possível, uma cópia fotográfica de uma capa da revista (o ideal seria de todas, puxa vida).// c) Reproduções de retratos que V. tiver do Mário de Andrade e nosso (Ascânio, Guilhermino, Enrique e eu, do tempo da revista). Tudo isso é para ilustrar a correspondência que está para sair. Fiz uma introdução de merda dizendo que as três dezenas de cartas não se perderam pelos seus cuidados e etc., o que foi verdade (ou é). Assim que eu corrigir as últimas provas, devolvarei os mss para os seus implacáveis. MAS, PELO AMOR DE DEUS, ME RESPONDA E ME ATENDA COM URGÊNCIA.⁵

Nas missivas seguintes, Fusco não explicou por que as cartas não chegaram a ser publicadas. Noticiou apenas, em 26/3/59, que três obras de sua autoria, em mãos de Simões, não saíam do prelo porque a editora encerraria os lançamentos literários depois da divulgação de *Passaporte proibido* (1960), de Francisco Inácio Peixoto. Dessa primeira tentativa, restaram as provas, encadernadas em capa dura vermelha, indicando em dourado na lombada: “Mário de Andrade / - / Cartas a Rosário Fusco.” O livro, de 82 páginas, com textos apenas no anverso das folhas, traz apresentação e notas do próprio Fusco; congrega 30 mensagens de Mário de Andrade endereçadas ao organizador e uma a Enrique de Resende. O exemplar único, pertencente à biblioteca de Plínio Doyle, sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, informa, em seu código de localização, na sequência de uma série de letras e números, o seguinte: “cofre (obras raras)” – lugar justo para o que é.

Rosário Fusco, em alguns depoimentos, afirmou que a quantidade de cartas enviadas por Mário de Andrade a ele era de tal monta que passaria da centena. Certamente, a lembrança do empolgado diálogo epistolar da época do Grupo Verde, que fez o rapaz escrever mais de uma vez por dia para Mário de Andrade, levou ao exagero nos depoimentos – inclusive no texto de apresentação desse exemplar único:

De 1927 a, mais ou menos, 1935, cheguei a colecionar duzentas e poucas cartas de Mário de Andrade. Hoje não sei-me explicar como os papéis se perderam. Graças aos cuidados de Francisco Inácio Peixoto (que quis, soube e pôde prescrever parte do espólio da aventura modernista de Cataguases), salvaram-se as três dezenas de letras que, por insistência de Antônio Simões dos Reis, agora se publicam. Escusado dizer que na íntegra.// Não disponho de elementos capazes de ilustrar, a modo de prefácio, as apostilas que, bem ou mal, tentam esclarecer certas passagens da parca correspondência remanescente: nem da memória, nem extraídos de fontes impressas. Aliás, tenho para mim que uma crônica apenas vale para os paroquianos da mesma freguesia. Pelo gosto do editor, no entanto, eu deveria escrever uma longa introdução a este volume. Para contar o quê? Com o tempo, tomos se

⁵ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 2/10/58, AFIP, AMLB-FCRB.

reduzem a linhas, as anedotas viram saudades esparsas e brincadeira tem hora. Dá-se também o seguinte: minha geração (a “cronológica”, como se diz, pois que só a ela me refiro) já é quase um rol de fantasmas. Nem posso mais invocar testemunhos insuspeitos de viventes – “perguntem a fulano, beltrano e sicrano se não foi assim” – nem pretendo coagir os moços que chegam a acreditar que tive (tivemos) vinte anos: pretensão bocó e anticoncreta. Depois, há isto ainda: o mundo nasce, na verdade, com o sol cotidiano, debaixo do qual (apesar do *Eclesiastes*) é tudo sempre novo, tudo sempre o mesmo... louvado seja Jeová que nos obriga, por misericórdia ou paternal castigo, a desdenhar a experiência alheia e a repetir o “humano” em cada um de nós. A propósito, explicação e motivo únicos que, data vênica, encontro para justificar a teimosia do homem em residir neste planeta. // Rosário Fusco // Setembro de 1958.⁶

O exagero é ainda maior no depoimento oferecido ao *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em janeiro de 1967, na comemoração dos 40 anos da *Verde*. Fusco assegura: “Recebíamos bilhetes de Mário de Andrade (a propósito, tenho atualmente quase mil cartas do Mário) assim: ‘Guilhermino, Peixoto, Fusco, gente: um abraço de saudade e inveja de ver os três juntos no Café do Fonseca, e eu não. Paciência’.”⁷

O (des)caminho percorrido pelos documentos é misterioso. Apesar de Fusco afirmar, na mensagem de 1958, que devolveria tudo para o arquivo de Francisco Inácio, a escritora Laís Corrêa Araújo, na década de 1970, escreveu a Francisco Inácio e narrou que ela estivera de posse das cartas na época em que organizava o número do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em homenagem a Mário de Andrade, em junho de 1968.

Em 27 de fevereiro de 1977, o crítico Delson Gonçalves Ferreira enviou uma mensagem a Francisco Inácio e comunicou-lhe que desejava organizar um livro para o centenário de Cataguases e para o cinquentenário da *Verde*. Acrescentou, ainda, que, para esse fim, o próprio Fusco lhe cedera cerca de 40 cartas de Mário de Andrade. Em 1979, depois da morte de Fusco, Delson voltou a escrever a Francisco Inácio, pedindo mais informações sobre a amizade entre Mário de Andrade e Fusco porque o bibliófilo José Mindlin (que financiou a *Verde* em fac-símile, em 1978, entre outras publicações de grande relevância cultural) estaria disposto a publicar a correspondência. As transcrições feitas por Delson pertencem ao acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa e encontram-se em folhas soltas, datiloscritas, na pasta de cartas de Mário de Andrade a Rosário Fusco, trazendo o título “Cópias das cartas constantes do livro”. Na transcrição das cartas, o crítico procurou reproduzir a ortografia de Mário de

⁶ Cf. nota 1.

⁷ FUSCO, Rosário. “Depoimentos sobre a *Verde*”, *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7/1/67, nº19, p. 2. O trecho citado por Fusco está na carta de 2/6/28, número 78 deste trabalho, e pertence ao Fundo Guilhermino Cesar, do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (FGC, IEL-RS).

Andrade, respeitando a pontuação e as abreviações nos cabeçalhos (por exemplo, “S. Paulo...”).

Nova tentativa de publicação dos documentos foi proposta por Laís Corrêa Araújo, também a convite de José Mindlin, em 1982. A escritora dirigiu-se a Francisco Inácio, em 15 de janeiro de 1982, e pediu informações sobre o paradeiro das cartas e ajuda para que a viúva de Fusco autorizasse a publicação:

É que, quando vivo, Rosário Fusco me entregou, certa vez, as cartas do Mário de Andrade que possuía, para que eu organizasse o suplemento sobre *Verde*. Essas cartas ficaram muito tempo comigo e, um dia, o Rosário me escreveu dizendo que, já que estavam aqui, ficassem definitivamente. No entanto, tendo me esquecido dessa doação, tempos depois devolvi-lhe várias coisas (livros, etc.) e as tais cartas, honesta e ingenuamente. Digo ingenuamente porque – agora, há um mês ou mais – o José Mindlin, o empresário-mecenas paulista – me pediu as cartas do Mário ao Rosário, com o interesse de publicá-las. Parece, segundo me disse, que foi o Drummond (por que cargas d’água?) que lhe informou estarem comigo esses papéis. Mas já não estavam mais.⁸

Em março de 1982, dirigiu-se novamente a Francisco Inácio, contando ter tomado conhecimento de que Delson Gonçalves Ferreira também trabalharia na edição das cartas. Assim, solicitou ajuda ao amigo para saber da viúva a quem ela daria autorização para divulgar a documentação. Laís Corrêa Araújo chegou a preparar uma seleta de cartas com base em cópias que estariam com Francisco Inácio, mas interrompeu o trabalho em abril do mesmo ano, quando a família de Rosário Fusco voltou atrás na decisão de publicar o material, desautorizando tanto a escritora quanto Delson Ferreira. Há uma fotocópia das transcrições realizadas por Laís Corrêa Araújo no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Atualmente, 14 manuscritos encontram-se no Arquivo Rosário Fusco no Arquivo-Museu da Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (ARF, AMLB-FCRB), e 23, em posse de familiares do autor. Segundo Rosário François Fusco, filho do escritor, essas cartas foram-lhe dadas por Vinícius de Moraes. François Fusco explicou que, em 6 de outubro de 1973, Vinícius de Moraes estivera em Cataguases para uma apresentação musical e passou a tarde na casa de Rosário Fusco, que teria ofertado ao “poetinha” a documentação epistolar. Vinícius, não aceitando a doação, entregou o envelope de cartas a Rosário François Fusco, que participava da conversa. A partir de então, essas cartas ficaram sob a guarda de François, que doou parte delas à Fundação Casa de Rui Barbosa, juntamente com outros documentos de seu pai. A doação ocorreu por aconselhamento de seu padrinho, Francisco Inácio Peixoto, e

⁸ Laís Corrêa Araújo a Francisco Inácio Peixoto, 15/1/1982, AFIP, AMLB-FCRB.

por intermédio de Plínio Doyle, que fora a Cataguases receber as doações de Peixoto, no início da década de 1980. François Fusco relatou que seu pai tinha o hábito de presentear os amigos com documentos raros, manuscritos e obras de arte. Essa não é a única história de raridades distribuídas.

A única carta de Mário de Andrade a Enrique de Resende localizada por esta pesquisa conserva-se entre os pertences de Rosário Fusco, sob a guarda do filho, em Cataguases. De acordo com Maria Lúcia de Resende, uma das filhas de Enrique de Resende, perderam-se muitos papéis durante inúmeras mudanças dele e da família. Além disso, contou que seu pai era bastante desprendido da documentação que passava por suas mãos; certa vez, ele teria queimado um baú de papéis velhos sem fazer qualquer seleção do que havia dentro. Após a morte do poeta, sua família doou os poucos manuscritos restantes para a Fundação Casa de Rui Barbosa, mas, entre eles, não foram encontrados carta, fotografia, original ou livro de Mário de Andrade.

A carta do autor de *Macunaíma* a Camilo Soares, inserida nesta pesquisa, pertence ao Arquivo de Antonio Carlos Secchin, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e colecionador de obras e documentos literários raros. O que restou da correspondência e de manuscritos inéditos de Camilo Soares encontra-se em Muriaé, com o professor Luiz Gonçalves, entretanto, não há documentação relacionada a Mário de Andrade. Em 3 de setembro de 1979, Camilo Soares relatou a Peixoto que suas cartas de Mário de Andrade estavam com terceiros:

Aqui encontrei carta do Prof. Delson Gonçalves Ferreira, de Belo Horizonte, solicitando xerox de cartas e dedicatórias para um trabalho que pretende escrever: Mário de Andrade aos Verdes – Cartas. Lamentavelmente todo material de interesse foi desviado (para onde?) [por] Rob. Simões [...], há mais de 20 anos.⁹

O acervo de Guilhermino Cesar, professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 1943 a 1978, foi doado, depois de sua morte, a instituições públicas. Sua correspondência está sob a guarda do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (IEL-RS), em Porto Alegre; seus manuscritos e material relacionado à literatura pertencem ao Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NELBRA); uma parte das obras por ele colecionadas encontra-se na Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, e a outra parte foi doada à Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. No IEL-RS, foram

⁹ Camilo Soares a Francisco Inácio Peixoto, 3/9/79, AFIP, AMLB-FCRB.

localizadas três cartas de Mário de Andrade a Guilhermino Cesar, local onde também se pode consultar uma pasta com manuscritos e outros documentos relacionados à literatura de Ascânio Lopes, entre os quais, destaca-se uma missiva do poeta de *Clã do jaboti*. Essa carta foi estampada na revista *Província de São Pedro*, em 1946, e depois transposta para as *71 Cartas de Mário de Andrade*, coligidas e anotadas por Lygia Fernandes, em 1968.

Talvez o mais devotado em preservar a memória do grupo fora Francisco Inácio Peixoto. O escritor guardou cartas dos amigos cataguasenses desde 1925, testemunhando, assim, o crescente interesse dos colegas por literatura moderna e o lançamento da revista em 1927, bem como forneceu pistas sobre os motivos da dispersão do grupo em 1929. Francisco Inácio guardou fotos, textos e livros enviados ao grupo no período de existência da *Verde*, além de cartas de vários modernistas de outros grupos. Peixoto teve, sob sua guarda, os cadernos de poesia e outros manuscritos de Ascânio Lopes, falecido em janeiro de 1929. Depois da *Verde* de maio de 1929, em homenagem a Ascânio Lopes, esses escritos passaram para as mãos de Guilhermino Cesar. Peixoto doou documentos de seu arquivo à Fundação Casa de Rui Barbosa, entre os quais, contam-se três cartas que lhe foram endereçadas por Mário de Andrade.

Os maiores desafios desta pesquisa, como se vê, relacionam-se à reunião das cartas, dispersas em acervos públicos e privados; de outras, não se sabe o paradeiro. Muitos desses documentos apresentam as marcas do tempo: furos de insetos, degradação do papel pela oxidação da tinta, rasgamentos que comprometem a mensagem etc. Por fim, no trabalho de transcrição dos documentos, há o desafio de compreender a caligrafia, especialmente as de Rosário Fusco e de Ascânio Lopes.

Em contrapartida, Mário de Andrade tinha consciência da importância de sua prática epistolar. Mesmo os menores e os mais rabiscados bilhetes de Rosário Fusco foram pelo escritor paulista guardados. Entretanto, esses documentos estiveram inacessíveis até 1995. A pedido do próprio poeta de *Losango caqui*, a correspondência sob seu poder ficou lacrada por 50 anos após sua morte, em fevereiro de 1945. A biblioteca, o acervo documental e a coleção de artes visuais de Mário de Andrade foram adquiridos, em 1968, pelo IEB-USP. Em 1997, a equipe coordenada pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez disponibilizou a Série Correspondência de Mário de Andrade.¹⁰

¹⁰ O *Catálogo eletrônico da Série Correspondência de Mário de Andrade* (IEB-USP/VITAE), coordenado e preparado pelos professores Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes e Tatiana Maria Longo dos Santos, pode ser consultado no site www.ieb.usp.br.

Conservada no IEB-USP, a Subsérie Correspondência Passiva de Mário de Andrade, exhibe seis mensagens de Ascânio Lopes, nove de Camilo Soares, 12 de Francisco Inácio Peixoto, seis de Guilhermino Cesar, oito de Enrique de Resende e 117 de Rosário Fusco.

Acompanhando as trocas de cartas, acontecia o intercâmbio de livros: consequência tanto do estabelecimento da amizade quanto dos debates epistolares sobre literatura. Na biblioteca de Mário de Andrade, no IEB-USP, estão os seis números da *Verde* (sem dedicatória e sem anotações de leitura), os quatro livros lançados pelo grupo mineiro e algumas revistas de vanguardas sul-americanas contemporâneas à *Verde*, ofertadas a Mário de Andrade por Fusco.

Entre os cataguasenses, mais uma vez, foi Peixoto quem preservou livros enviados pelo escritor paulista. Em sua biblioteca, conservada pela família, guarda-se *Clã do jaboti*, *Belazarte* e *Remate de males*, com dedicatória do autor e a primeira edição do *Ensaio sobre música brasileira*.

O estabelecimento dessa amizade “carteadeira” também se pode notar na troca de fotografias. Mário de Andrade conservou retratos enviados por Rosário Fusco e por Francisco Inácio Peixoto. Da parte dos jovens de Cataguases, a única fotografia ofertada por Mário de Andrade que ainda resta está juntamente com a correspondência deixada por Fusco com sua família. Nesse retrato, lê-se a dedicatória: “Ao Rosário Fusco, / com um abraço do / Mário de Andrade / Rio, 934.”¹¹

Essas dedicatórias e esses bilhetes prolongam o diálogo entre os sete escritores, extrapolando o espaço da carta e utilizando, como suporte, a fotografia, as capas dos livros e as margens das revistas. Por isso, a anotação das cartas traz esses fragmentos de “conversas” transcritos e, quando possível, também a imagem.

1.2. 122 mensagens

Esta pesquisa reuniu 207 missivas vinculadas ao diálogo de Mário de Andrade com os verdes, entre os anos de 1927 e de 1944;¹² entretanto, para o desenvolvimento desta tese,

¹¹ V. ANEXO I.

¹² A reunião dessa correspondência fez parte do projeto de pesquisa *Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases*. O projeto inscreveu-se no âmbito dos estudos de correspondência de escritores, que se engajou à linha de pesquisa Memorialismo, biografismo e epistolografia, e teve caráter exploratório, por ter sido realizado com base em levantamentos de documentação de fonte primária,

apresentou-se uma seleta de 122 mensagens circunscritas aos anos de 1927 a 1930. São 121 cartas e bilhetes, bem como uma curta mensagem aposta a um manuscrito. Esse último documento integra esta edição porque a sequência do assunto sugere que fora enviado independentemente. Além disso, é quase uma carta de “ponta-cabeça”, já que traz a mensagem ao final, acompanhando os poemas. Pouco mais da metade das cartas recuperadas é do período de edição da revista e existência do Grupo Verde. Após a aventura, a correspondência entre os rapazes diminui e não pode mais ser considerada um corpo coeso representativo do diálogo do grupo.

A seleta, que reúne todas as cartas localizadas de 1927 e 1929 e duas de 1930, levou em consideração os documentos epistolares mais representativos para reavaliação da sociabilidade intelectual modernista e para a contribuição da construção da história da vertente mineira/cataguasense do movimento de renovação da literatura e da arte na década de 1920.

A coletânea teve como parâmetro de organização a ordem cronológica, procurando-se atestar mensagens sem datação. Para que o sentido de agrupamento literário ficasse mais evidente, as cartas assinadas pelos jovens de Cataguases encontram-se mescladas dentro da sequência temporal.

A fixação do texto das cartas tomou por base os manuscritos consultados. Convém destacar que esta pesquisa não teve acesso apenas a cinco documentos, pois estão desaparecidos, conforme registrado em notas na seleta. Ao buscar o texto apurado, a transcrição das cartas e dos documentos ligados a elas (dedicatórias de livros, fotografias e documentos de época) fundamentou-se nas reflexões teóricas da crítica textual, na proposta editorial da Equipe Mário de Andrade, coordenada pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, do IEB-USP, e nas “Normas” da Coleção Correspondência de Mário de Andrade (EDUSP/IEB).

No estabelecimento do texto, optou-se pela ortografia em vigência, sem apagar, porém, formas que assinalam o momento de busca da expressão nacional e de experimentalismo linguístico que acolhe a expressão oral (“pra”, “pro”, “tou”, “queu”, “quedê”), barbarismos e vulgarismos (“zureta”, “cuié” e “paciença”) – especialmente nas cartas de Rosário Fusco. Também se preservaram as expressões e as marcas que demonstram o aspecto lúdico da escrita. Considerando que as cartas são textos que, na maioria dos casos, são escritos diretamente, mantiveram-se as abreviaturas, como, por exemplo, “V.” (você). Designações de localidades foram atualizadas (“Cataguazes”, que passou a “Cataguases”),

assim como palavras de origem estrangeira que hoje estão dicionarizadas, como, por exemplo, “foot-ball” (futebol). Entretanto, os lapsos ortográficos ou de datilografia passaram por correções.

A pontuação (ou a falta) foi respeitada; casos excepcionais de intervenção do organizador na pontuação foram registrados em nota de pesquisa. Utilizaram-se colchetes (“[]”) para indicar a leitura conjectural de palavras e expressões, cuja caligrafia gerava dúvidas, ou para recuperar letras e vocábulos suprimidos por rasgamentos e furos de insetos ou de arquivamento. Nos casos em que não foi possível decifrar a caligrafia dos interlocutores ou em que os danos materiais aos documentos impediram completamente a leitura, usou-se a expressão “[ilegível]”. O sinal “/” foi empregado nas notas para indicar a mudança de linha nos versos e nas dedicatórias; o sinal “//”, para indicar a mudança de estrofe, bem como a de parágrafo nos textos em prosa.

Atualizou-se a grafia dos nomes, acompanhando a mudança na assinatura adotada pelos poetas ao longo da vida. Camilo Soares abandonou o duplo “l” do primeiro nome, e Peixoto simplificou o “Ignácio”, eliminando o “g”. Contudo, no caso de Enrique, a grafia varia de acordo com a data. Durante quase todo o período em que o Grupo Verde esteve reunido, o engenheiro-poeta assinou seu primeiro nome com a letra “H” inicial, como em sua certidão de nascimento. A explicação para a mudança foi a sugestão de um numerólogo:

Em 1932, andou por Cataguases um jovem agenciador de seguros, que se dizia entendido de Numerologia. Conhecemo-nos no bar do Antero. Sabendo-me autor de um livro, que, embora publicado, permanecia rigorosamente inédito, escreveu meu nome no mármore da mesa, e pôs-se a esmiuçá-lo. Separou vogais e consoantes. Atribuindo valores cabalísticos a cada uma delas, somou-as e subtraiu-as. Por fim, tirando a prova dos nove, concluiu, sem mais preâmbulos:

– Elimine o H, e logo logo se tornará famoso no mundo das letras.

Acontece que sobre esse logo logo decorreram quarenta anos, de cortado, sem que a fama – deusa mitológica, de asas de ouro e rútilas trombetas – se dignasse a baixar no meu terreiro.¹³

Rosário Fusco, em carta a José Condé, publicada no *Suplemento Literário do Minas Gerais* homenageando à *Verde*, em 1967, contou o caso e estendeu a ação do numerólogo a maioria dos rapazes da revista:

O mais velho, Henrique Vieira de Resende, ensaiava assinar-se “Enrique”, por influência de certo corretor de seguros, com quem mantínhamos, deslumbrados, noturnos entendimentos sobre almas do outro mundo. O cidadão, estrangeiro na comarca, era professor de ciências ocultas, lia mão,

¹³ Enrique de Resende a Plínio Doyle, sem data, Fundo Enrique de Resende, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (FER, AMLB-FCRB). Trata-se de rascunho sem assinatura.

botava cartas e consertava vidas pela numerologia [...]. E no pogrom dos sobrenomes, caíram: “da Silva”, de Guilhermino. “Quatorzevoltas”, de Ascânio. “Inácio”, de Francisco (hoje, aliás, restaurado: melhorou, Chico?), o “h” e o “Vieira” de Henrique (aí definitivamente) e o “Souza Guerra” meu.¹⁴

Apesar da indicação do ano de 1932 para a queda do “H”, a correspondência entre os rapazes da *Verde* e Mário de Andrade datou a nova grafia para abril de 1929, em carta de Rosário Fusco ao escritor paulista. Coincidentemente, dois anos antes da decisão do poeta mineiro de mudar a grafia de seu nome, Alcântara Machado respondeu à primeira carta de Fusco e grafou o nome do escritor sem o “H”.

O trabalho de anotação das cartas buscou assinalar questões materiais da transcrição (como, por exemplo, rasuras), recuperar dados biobibliográficos de personalidades mencionadas e explicitar alusões a eventos culturais e históricos,¹⁵ fornecendo elementos para que o diálogo seja, hoje, compreendido de modo mais aprofundado.¹⁶ Foram transcritas as notas de Rosário Fusco, concebidas para as tentativas de edição das cartas empreendidas por ele e por Laís Corrêa Araújo.

Trechos de poemas e prosas divulgados na revista *Verde* ganharam espaço nas notas. Porém, quando houve a necessidade, foram integralmente transcritos no dossiê anexo ao final do trabalho. Na mesma coleção de documentos, encontram-se textos de difícil acesso publicados, como os divulgados em periódicos, para que se favoreça a compreensão mais completa das alusões presentes na correspondência. Além disso, os anexos também incluíram material ilustrativo sobre os sete correspondentes.¹⁷

A apresentação de local e data foi normatizada. Entretanto, na descrição do documento, após a transcrição, registrou-se a forma de datar empregada pelos

¹⁴ Rosário Fusco a José Condé, sem data, *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, 7/1/67, p. 4.

¹⁵ As notas de identificação de personalidades e obras buscaram informações que as compõem, majoritariamente, nas seguintes fontes: *Catálogo eletrônico da Série Correspondência de Mário de Andrade* (Lopez, Moraes e Figueiredo [coord. e preparo], 2000); *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Coutinho e Galante, 2001); *História concisa da literatura brasileira* (Bosi, 1976); *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos* (Schwartz, 2002). Muitas outras referências foram necessárias para que a anotação chegasse ao estágio atual, mas, por terem sido de uso pontual, foram explicitadas nas próprias notas.

¹⁶ O tipo de anotação adotada neste trabalho encontra respaldo na proposta de Colette Becker, pesquisadora da Equipe Émile Zola do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos da França e participante do projeto franco-canadense de edição da correspondência do autor de *Germinal*. Em “Le discours d’escorte: l’annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)”, a pesquisadora defende que as notas contemplem a parte material, mas que também tenham um cunho explicativo em três níveis: linguístico; informativo (data e local de artigos ou obras; esclarecimentos históricos e geográficos; elementos biográficos dos destinatários ou personagens citados); e relacional (que mostre a relação da carta com outros textos e das notas com outras notas).

¹⁷ Notas que remetem a esse conjunto de documentos são encontradas nas duas partes da tese (Correspondência e Estudo). Por isso, os anexos não estão organizados na ordem em que aparecem para o leitor deste trabalho, mas por tipo de documento. As colaborações de Mário de Andrade na *Verde*, por exemplo, foram reunidas e apresentadas da primeira a última.

correspondentes. A exposição das circunstâncias materiais dos manuscritos vem após o texto de cada mensagem e apresenta informações que possibilitam a “visualização” do suporte, recuperando aspectos materiais importantes que se perderam no processo de edição de cartas.

2. Cartas: “o que o mundo não pôde ver”¹

¹ ANDRADE, Mário de. “Influências”. *Diário Nacional*, São Paulo, 9/4/29. Texto transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 23.

3. Estudo

3.1. Verdes, revista *Verde* e Mário de Andrade

Entre 1927 e 1929, a revista *Verde* e a literatura modernista estiveram no foco da ação epistolar de sete escritores. De um lado, o então conhecido vanguardista Mário de Andrade; de outro, o grupo de jovens de Cataguases: Rosário Fusco, Enrique de Resende, Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar.

Foi justamente o autor de *Pauliceia desvairada* quem primeiro chamou atenção para a importância da troca de cartas entre ele e o Grupo Verde, em artigo no *Diário Nacional*:

Existe influência do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguases como existe influência dos moços de Cataguases sobre esse escritor paulista. Maior do que imaginam, muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacoetes gramaticais. Essa influência recíproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadeiras, cheias de sinceridades, até brutas certas feitas. Foi isso que o mundo não pôde ver e não gozou.¹

Outros depoimentos vieram aguçar a curiosidade dos que se interessam pela vertente mineira/cataguasense do movimento modernista. Rosário Fusco, o “carteador” mais obstinado, destacou-se na história, que ganhou ares de aventura quando lembrada por seus participantes. Francisco Inácio Peixoto narrou a proeza epistolar do moço que divulgava a revista e a sustentava com participações interessantes:

Se não fosse o Fusco, não haveria a *Verde*. Nós éramos todos vagabundos, mas fantasiados de estudantes. E ele nem isso era. Era vagabundo mesmo. Ele escrevia para todo mundo, descobria endereços. Tinha um detalhe: nós íamos ao correio todas as tardes. Vinham cartas do Chile, Argentina, Uruguai...²

Guilhermino Cesar foi ao encontro da opinião de Peixoto no texto de abertura da edição fac-similar da revista *Verde*, em 1978, e descreveu a atuação de Fusco:

¹ ANDRADE, Mário de. *Diário Nacional*. São Paulo, 9/4/29. Texto transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 23.

² “Entrevista de Francisco Inácio Peixoto”. *Totem*, nº12, Cataguases, 5/4/79, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 63.

Desabusado, franco, alegre, extrovertido, assimilava tudo e a tudo atendia com presteza. Carteava-se com Mário de Andrade, Oswald, Antônio de Alcântara Machado, Drummond, José Américo de Almeida, Graça, Paulo Prado; com os platinos de *Proa*, com bolivianos e uruguaios. Sua correspondência passiva inundou o Brasil. Mário escreveu-lhe umas dezenas de cartas que são hoje fundamentais para se estudar a irradiação do modernismo. Conversando de longe com o seu jovem amigo, o escritor paulista era a um tempo severo, compreensivo e afetuoso.³

O memorialismo literário pintou, de maneira bem humorada, o início do diálogo epistolar entre Mário de Andrade e Rosário Fusco. Humberto Werneck (1992), em *O desatino da rapaziada*, registrou sua versão desse contato:

Mário de Andrade gostava de lembrar, deliciado, o caso do bilhete que um dia, no final dos anos 20, lhe chegou de Cataguases, na zona da mata de Minas Gerais. O missivista, um garoto de 17 anos, pedia ao já ilustre autor de *Pauliceia desvairada*, sem maior cerimônia, que lhe mandasse ‘uma bosta qualquer’, para uma revista que ele e seus amigos estavam editando.⁴

Não se encontram os termos citados nessa passagem na primeira carta de Fusco, que Mário de Andrade conservou em seu arquivo. Descobriu-se, nessa mensagem de setembro de 1927, o propósito de apresentação tanto pessoal quanto da revista recém-fundada. Rosário Fusco mostrou-se irreverente e deixou claro o desejo de estabelecer amizade com Mário de Andrade.

A carta mais antiga do autor de *Macunaíma* para Fusco, resgatada por esta pesquisa, é de 24 de outubro de 1927. Provavelmente não foi a primeira, pois a sequência do assunto sugere que Mário de Andrade enviou uma carta anterior, na qual anexara a colaboração para o segundo número da *Verde* e um livro para Fusco.

Anedotas e imprecisões à parte, as referências a uma substancial correspondência, determinante para o Grupo Verde, são verdadeiras e sempre apontaram para a valiosa contribuição que representam sua compilação, sua organização e seu estudo. Houve uma “amizade carteadeira” capaz de deixar marcas profundas de ambos os lados.

3.1.1. “eu sou um fazedor de versos também”⁵ (Rosário Fusco)

³ CESAR, Guilhermino. “Os verdes da *Verde*”. Coleção da revista *Verde* (Suplemento). Edição fac-similar. São Paulo, 1978, sem página.

⁴ WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 62.

⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

A fruição desses documentos inéditos, que entretecem mensagens de sete escritores, torna-se mais proveitosa ao se ajustarem as lentes de aumento sobre cada um dos remetentes.⁶

Rosário Fusco foi o primeiro a escrever e foi quem mais vezes e por mais tempo enviou cartas a Mário de Andrade. Em 1927, tomado de entusiasmo pelo modernismo, fundava uma revista de vanguarda e planejava dois livros de poemas. Contudo, o jovem poeta convertera-se há pouco tempo ao verso livre.

Em carta de dezembro de 1927 a Mário de Andrade, Fusco⁷ contou que sua estreia literária ocorrera no grupo escolar, em 1923, ao publicar o soneto “Teus olhos” no *Estudante*,

⁶ Ao longo dos seis números da *Verde* e na lista de signatários do Manifesto do Grupo Verde de Cataguases, apareceram outros três poetas: Antônio Martins Mendes (Cataguases, 4/6/03 - Rio de Janeiro, 7/6/80), Christophoro Fonte-Boa (São Gotardo, 29/8/06 - Juiz de Fora, 1993) e Oswaldo Abritta (Cataguarino/Cataguases, 15/3/08 - Carandaí, 28/2/47). Apesar de contagiados pela animação dos colegas modernistas e de terem participado inicialmente da *Verde*, não aderiram completamente às novas propostas que a renovação literária pretendia empreender na década de 1920, uma vez que seus poemas continuaram expressando o amor romântico, vincados pelo tom simbolista. Não tomaram a iniciativa de escrever a Mário de Andrade. Sobre os autores, cf.: SILVA, A. M. Braz da. “Introdução”. In: MENDES, Antônio Martins e MENDES, Luis Antônio Martins. *Pedra redonda*. Florianópolis: Lunardeli, 1948; ABRITTA, Luiz Carlos. *Um homem plural – a vida de Oswaldo Abritta*. Belo Horizonte: Sografe, 2008; perfis biográficos dos escritores no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, 7/1/67; BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002; RUFFATO, Luiz. *Os ases de Cataguases*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

⁷ Rosário Fusco de Souza Guerra nasceu em 19/7/10, em São Geraldo, na época, distrito de Rio Branco (MG). Mudou-se para Cataguases após a morte do pai, antes de completar um ano de idade. Trabalhou como pintor de tabuletas, servente de pedreiro, prático de farmácia, bancário, bedel e professor de desenho. Foi desempenhando a função de bedel que pôde cursar o secundário no Ginásio Municipal de Cataguases. Formou-se em Direito em 1937 e exerceu a profissão no Instituto dos Marítimos. Colaborou em jornais e revistas, bem como redigiu peças de publicidade e propaganda. Trabalhou como radialista. Atuou como secretário da Universidade do (antigo) Distrito Federal. Aposentou-se como Procurador do ex-Estado da Guanabara. Voltou para Cataguases em 1967, onde morou até sua morte, em 17/8/77. Depois de participar do Grupo Verde, somente voltou a publicar livros em 1940: *Amiel* (ensaio), *Vida literária* (crítica) e *Política e letras* (repertório). As três obras estão na biblioteca de Mário de Andrade. *Amiel* não tem marcas de leitura e ainda está com páginas coladas. Traz a dedicatória: “ao Mário de Andrade / – com o abraço de sempre / esta [ilegível] a sua lembrança / do / Fusco / 10 de setembro de 1940.” *Política e letras* não tem dedicatória ou marcas de leitura de Mário de Andrade. *Vida Literária* exhibe a seguinte mensagem: “Mário – isto é uma espécie / de prova de livro que lhe / mando (cheia de erros, meus / e do tipógrafo) – com o abraço / de sempre. Quando eu tiver / terminado de ajeitar minhas / coisas, aparecerei. Só fiquei / sabendo que V. esteve um / pouco em S. Paulo pelo Murilo / Miranda. Achei muito fino / e muito bom o seu artigo / de outro dia falando da ilogi- / cidade de certos poemas ou de / certa poesia. Seu velho // Fusco // 23-2-940”. Esse livro possui marcas de leitura, como grifos e pontos feitos à mão, nas margens. A única anotação do leitor está na página 13. Nessa passagem do texto de abertura de *Vida Literária*, Rosário Fusco desenvolveu a ideia de que, em 1938, a tendência da crítica literária seria considerar a literatura um processo psíquico e que, por sua vez, esses processos estariam relacionados a uma determinação social, o que levava a literatura para uma situação de dependência direta do ambiente social e histórico. Na margem direita dessa página, Mário de Andrade anotou: “Afinal de contas tanto desperdício de erudição pra dizer uma coisa simples. Mas Fusco tem razão. O meu caso do prefácio de *Pauliceia* e da *Escrava* [citadeira]. Veio desta a lenda da minha cultura...” Em 1943, Fusco lançou *O agressor* e, em 1944, *O livro de João*. Em 1949, deu ao público o ensaio *Introdução à experiência estética* e duas peças de teatro, *Anel de Saturno* e *O viúvo*. Em 1954, publicou o romance *Carta à noiva*. Em 1961, publicou *Dia do Juízo*. Em 1970, teve a peça de teatro *O auto da noiva* (que não chegou a ser editada) encenada no auditório da *Monroe Country Public Library*, na cidade de Bloomington, nos Estados Unidos. Rosário Fusco deixou inéditos: *Vacachuvamor* (romance); *A.S.A. – Associação dos Solitários Anônimos* (romance); *Um jaburu na Torre Eiffel* (livro de viagem); *Diário*; *Creme de pérolas* (poesia); *Um caso de família* (farsa em um ato). Apenas o *A.S.A.* foi editado postumamente, em 2003, com prefácio do crítico Fábio Lucas. Os dados biográficos de Rosário Fusco foram fornecidos por seu filho, Rosário François Fusco, pelo perfil do escritor, publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, de 7/1/67, e pelas biografias presentes nos livros

jornalzinho do Grêmio Literário Machado de Assis, criado pelos alunos do Ginásio Municipal. Além disso, afirmou se entusiasmar com o sucesso do poema: “(ganhei por causa dele uma caixa de bombom de amendoim como prêmio) e metrifiquei e rimei bestamente até 1924.”⁸ Entretanto, Fusco deu ao público poemas metrificadas por mais tempo que o indicado. Joaquim Branco (2002), em *Passagem para a modernidade*, estudou o ciclo desse periódico, que vai do número 1, de 23/9/26, ao número 11, de 15/6/27, e descobriu a participação de Rosário Fusco nessa fase, estampando, no número 5 (agosto de 1926), “A canção”, poema feito de estrofes de quatro versos em redondilha maior. À moda dos ultrarromânticos, o vate pede que sua amada reze por ele quando morto: “Vós que levais tantas flores / para as covas dos amados... / Lembrai-vos de minhas dores / na cidade dos finados... // [...]”.⁹

Entre 1925 e 1926, Guilhermino Cesar ligou-se ao jornal *Mercúrio*, órgão da Associação dos empregados do comércio de Cataguases. Nesse periódico, Rosário Fusco assinou composições metrificadas e rimadas, como na edição de agosto de 1926, em que divulgou o soneto “Olhos”, de temática romântica: “Olhos sírios, olhos bentos / tão cansados de chorar, / olhos tristonhos, nevoentos / de quem nunca pode amar...[...]”¹⁰

Das quatro participações do rapaz no *Mercúrio*, cita-se também a que ocorreu na edição nº15, de dezembro de 1926. Sob o pseudônimo “Souza Guerra”, assinou o “Bilhete aberto ao Camilo Soares”, em que elogiava os poemas do amigo e futuro verde. Apesar de Fusco produzir sonetos nessa época, demonstrou conhecer poetas modernos, pois afirmou no início desse texto: “Neste século ‘frappé’ que tanta coisa boa nos tem dado, e que nos deu ontem Manuel Bandeira, Ronald, Guilherme de Almeida e outros, nos dá agora, a fina essência de teu [Camilo Soares] senso artístico,[...]”¹¹

Em agosto de 1927, o jornal *Cataguases*, órgão oficial da prefeitura da cidade que, tradicionalmente, mantinha espaço para a literatura, inaugurou a “Coluna dos novos”, para a qual colaboraram alguns dos poetas que participariam da *Verde*. Rosário Fusco exibiu seu trabalho nesse espaço e aderiu, enfim, ao verso livre. No “Poema da rua do porão”, buscou

Passagem para a modernidade, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato. Além disso, houve apuração de informações pessoais nos documentos presentes no Arquivo de Rosário Fusco na Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 29/12/27, AMA, IEB-USP.

⁹ FUSCO, Rosário. “A canção”, *Estudante* nº5, Cataguases, 18/8/26, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 35.

¹⁰ FUSCO, Rosário. “Olhos”, *Mercúrio* nº12, Cataguases, 31/8/26, p. 5; fac-similar p. 68.

¹¹ FUSCO, Rosário (Souza Guerra). “Bilhete aberto ao Camilo Soares”, *Mercúrio* nº15, Cataguases, 15/11/26, p. 3; fac-similar p. 82.

temática nacionalista por meio do folclore: “A noite desceu de repente / e encheu as casas de sombras. // Sacis cachimbavam na boca do mato / e acenderam faíscas no céu. / E a lua de louca serena subiu, / subiu e parou lá em cima / d’um galho de ingá.[...]”¹²

Toda a exaltação modernista do rapaz ficou ainda mais evidente no final daquele mês, ao lançar *Jaz-Band, quinzenário moderno e mundano*. O jornal tinha quatro páginas, cuja capa anunciava a direção de M. Silveira, patrocinador da aventura, e a redação de Lélío, pseudônimo do próprio Fusco. Somente o poema da capa foi assinado por Lélío. São quatro quadras rimadas e com versos de dez sílabas, dedicados a quatro moças diferentes, as quais se elogiavam, porém de forma bem-humorada, como nesta primeira quadra: “Elsa Zignago. / Até parece um bibelô de França / essa pequena fina e esquisita... / Com ares de menina e de criança / dentre todas da Escola é a mais bonita.”¹³

O jornal trouxe narrativas assinadas por pseudônimos de Fusco, como, por exemplo, a crônica da página dois, “O homem”, sobre a chegada do poeta Enrique de Resende à cidade, depois de residir em Juiz de Fora. A assinatura do texto é de Juracy Jussara, apresentado por “F...”: “Juracy Jussara é isto que vocês estão vendo! / Batuta e meio moderno! Precisa mais alguma coisa?”¹⁴ Além disso, chamou atenção o conto que ocupava toda a última página, “História sentimental de João Grilo”, cujo autor se identificava como J. Lage, provavelmente mais um pseudônimo do rapaz. Tanto o título quanto a prosa composta de fragmentos buscavam inspiração em *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Apenas nos poemas no centro da página 2, o jovem assumiu o próprio nome: “Prelúdios de Rosário Fusco”, com versos livres impregnados da estética simbolista pela predominância do uso da sinestesia: “Deixa molhar de sons os teus ouvidos / com a cantilena fresca dos salgueiros... // (A noite esfolha pétalas de sombras / por sobre os montes macios!) // – Vê a tranquilidade desse lírio frio, / e o marulho limoso dessas águas... [...]”¹⁵

O *Jaz-Band*¹⁶ foi citado no Manifesto do Grupo Verde de Cataguases como um precursor da revista: “O nosso movimento Verde nasceu de um simples jornaleco da terra – *Jazz Band*.”¹⁷ No editorial da *Verde* nº4, Enrique de Resende explicou: “Rosário levantou a

¹² FUSCO, Rosário. “Poema da rua do porão”, *Cataguases*, agosto de 1927, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 54.

¹³ FUSCO, Rosário (Lélío). “Jardim”, *Jaz-Band*, Cataguases, 28/8/27, p. 1. Acervo Rosário François Fusco.

¹⁴ FUSCO, Rosário. “O homem”, *Jaz-Band*, Cataguases, 28/8/27, p. 2. Acervo Rosário François Fusco.

¹⁵ FUSCO, Rosário. “Um”, *Jaz-Band*, Cataguases, 28/8/27, p. 2. Acervo Rosário François Fusco.

¹⁶ V. ANEXO V.

¹⁷ Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo, 1978, folha avulsa.

ideia do *Jazz Band*, jornaleco safado e inelegível. Propus então uma revista.”¹⁸ Entretanto, a correspondência dos colegas de aventura modernista Oswaldo A Britta e Francisco Inácio Peixoto demonstrou que a ideia da revista havia sido lançada antes de Fusco resolver editar o jornal.¹⁹

Jaz-Band teve apenas um número. Em setembro de 1927, Fusco já trabalhava pela *Verde*, que sairia no final do mês. O rol de textos assinados por ele na nova empreitada editorial não foi pequeno. Na primeira edição, apareceu com o artigo “É preciso paz na arte moderna”, que defendia a liberdade de pesquisa estética na busca da nova literatura brasileira. A argumentação a favor dessa ideia foi empreendida muitas vezes pelos verdes, fazendo com que fosse tomada como um dos elementos mais característicos do grupo. O jovem escritor também adotou a comparação com o campo semântico do esporte para citar as divisões internas do Movimento Modernista: “Esse negócio de torcida é só no futebol.”²⁰ Coincidentemente, Mário de Andrade escreveu algo semelhante em carta de 1922 a Manuel Bandeira: “Por que esse afastamento? Será possível que em literatura se perpetuem as rivalidades de futebol!”²¹ Nesse número inicial, o verde redigiu as Notas de Arte, anunciando o próximo concerto do pianista cataguasense Renato Gama e recomendando o novo filme de Humberto Mauro, *Tesouro perdido*.

Nessa época, Fusco tinha em mente o lançamento de um livro de poemas modernistas, que se chamaria *Verde*, como a revista, e que chegou a ser anunciado na edição nº1, em nota assinada por Martins Mendes. Os versos que comporiam o livro foram bastante elogiados por estarem impregnados da “cor local”: “O *Verde* não é verde – é amarelo porque é todo pó de ouro, ouro que a bateia da sensibilidade do poeta-garimpeiro tirou da terra das minas gerais.”²² Entretanto, o projeto foi abandonado ainda no início das atividades do grupo.

Na edição de outubro de 1927, Fusco anunciou outro projeto de livro, com a divulgação de três poemas pertencentes à antologia que se intitularia *Codaque*. São composições curtas que procuram retratar impressões momentâneas. O livro ganhou mais uma referência na *Verde* nº4, com a divulgação de “Madrigal”, feito de versos livres com uma sucessão de imagens que remetiam ao fascínio do menino pelo carrinho de brinquedo e às

¹⁸ RESENDE, Enrique de. “Verde, Poemas cronológicos e outros poemas”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 7.

¹⁹ Cf. carta de Oswaldo A Britta a Francisco Inácio Peixoto, 23/08/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁰ FUSCO, Rosário. “É preciso paz na arte moderna”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 11.

²¹ Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 6/[6]/22, *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, 2000, p. 62.

²² MENDES, Martins. “Verde - Rosário Fusco”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 29.

fantasias que povoam sua imaginação ao brincar. Mais esse projeto de livro também fora abandonado.

Ainda entre os textos de Fusco para a *Verde* nº2, estão críticas sobre os livros *Este é o canto da minha terra!*, de Antônio Constantino, e *Poemas análogos*, de Sérgio Milliet. O rapaz elogiou o livro do Milliet por meio de uma fórmula à moda de Mário de Andrade no “Prefácio interessantíssimo”: “blague x sinceridade = poesia lírica gostosa”.²³ Recorreu, também, ao chiste e afirmou: “Fórmula erradíssima. No fim dá certo.”²⁴ Certamente, já era um “efeito” da correspondência com Mário de Andrade, pois o primeiro livro recebido do escritor paulista fora *Pauliceia desvairada*.

Na *Verde* nº3, o mineiro divulgou o poema “Festa da Bandeira”, dedicado a Mário de Andrade. Com ironia, Fusco criticou o atraso cultural no interior, disfarçado por uma forma grandiloquente de falar, porém esvaziada de conteúdo. Escreveu, ainda, um elogio ao livro de Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Além disso, na seção Literatura, anunciou três livros: *Juiz de Fora*, de Austen Amaro; *O homem inquieto*, de Wellington Brandão; e *Crepusculares*, de Oswaldo Abritta.

Na *Verde* nº4, em Notícias sobre livros e outras notícias, assinando como “F.”, fez críticas a *Catimbó*, de Ascenso Ferreira, e afirmou que a musicalidade da obra acabava por levá-la à rima, que, no entender de Fusco, era algo fora das propostas modernistas. Na mesma seção, redigiu nota sobre três periódicos contemporâneos à revista. O primeiro foi *Martín Fierro* nº43. Seu texto fez referência à opinião negativa de Mário de Andrade (expressada nas observações sobre os versos de Fusco que comporiam o livro *Codaque*) a respeito dos poemas compostos de uma única metáfora: “Paul Éluard publica uns poeminhos forçados (ũa imagem e um título...) coisa que o Mário tem uma raiva danada. E eu também...”²⁵ Em seguida, criticou as cariocas *Festa* nº3 e *Atlântico*.

Na *Verde* nº5, anunciou a revista argentina *Carátula* nº114 e recomendou a leitura de *Estrela de absinto*, de Oswald de Andrade; *Clã do jabuti*, de Mário de Andrade; e *Poemas*, de Jorge de Lima.

Seus versos apenas saíram no “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”, encartado na quinta edição da revista, em que estampou “Este verso vai molhado”, poema dedicado a Ascânio Lopes. Nele, o poeta aprofundou a experimentação

²³ FUSCO, Rosário. “Sergio Milliet – poemas análogos”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 26.

²⁴ Ibidem, 1927, p. 26.

²⁵ FUSCO, Rosário. “Martín Fierro”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 24.

literária e empregou a linguagem popular mineira e até um adágio. Também fez resenhas de *Passa Quatro*, de Ricardo Martins, e *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo.

Na *Verde* nº1 da segunda fase, o único texto assinado de Rosário Fusco foi “Ascânio Lopes”, no qual, em tom melancólico, traçou o retrato físico e moral do poeta e amigo, recém-falecido.

É possível atribuir a Fusco seções sem assinatura da revista. Várias notas podem ter sido redigidas por ele, considerando as informações presentes na correspondência que mantinha com os artistas argentinos e uruguaiois. Como exemplo, pode-se mencionar a coluna Movimento (*Verde* nº5, Suplemento, e *Verde* nº1 da segunda fase), em que uma nota acusou o recebimento da revista *Proa* e outra anunciou que o número seguinte da *Verde* receberia uma ilustração de Norah Borges. Essas notas decorreram de carta enviada ao mineiro pela artista plástica argentina, em abril de 1928:

Con estas líneas, les envío algunos números de la revista *Proa* – mi hermano, Jorge Luis Borges era uno de los directores – ahora, *Proa* no sale más – mi hermano admira mucho sus poema y les envía un entusiasta saludo – a mi me encanta pensar que en el medio del Brazil hay jóvenes llenos de entusiasmo por la poesía nueva, les envío junto con *Proa* un dibujo para *Verde*.²⁶

Francisco Inácio Peixoto, em entrevista sobre a *Verde*, em 1981, confirmou que a maioria dos textos sem assinatura na revista eram realmente redigidos por Fusco.²⁷ O rapaz também produziu desenhos para a revista,²⁸ fato lembrado por Guilhermino Cesar em sua declaração ao *Suplemento Literário do Minas Gerais* em homenagem à *Verde*, em 1967:

Na falta de um desenhista, Rosário Fusco supria a deficiência, improvisando ilustrações de um sem jeito delicioso. Mesmo desenhando a machado, ele estava no seu papel de verdadeiro animador do movimento, cobrindo com as suas reservas de energia e entusiasmo qualquer flanco onde faltasse vida.²⁹

O “desabusado, inquieto”³⁰ Rosário Fusco (como Mário de Andrade o caracterizou em artigo no *Diário Nacional*) participou de três dos quatro livros editados pelo grupo, em 1928 e

²⁶ Norah Borges a Rosário Fusco, 16/4/28, ARF, AMLB-FCRB.

²⁷ “36. Os artigos sem assinatura, que se costuma dizer da redação, eram de autoria de algum componente do grupo em especial? // R. Geralmente do Fusco.” (“Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 199).

²⁸ V. ANEXO O.

²⁹ CESAR, Guilhermino. “Guilhermino Cesar e os ases de Cataguases”, *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7/1/67, p. 3.

³⁰ ANDRADE, Mário de. “Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de

1929. Depois dos projetos frustrados, o rapaz estreou na antologia *Poemas cronológicos*,³¹ lançada no início de 1928, em parceria com Enrique de Resende e Ascânio Lopes. Sua parte compôs-se de dez poemas, cujos temas foram as experiências da infância, o desabrochar da sexualidade e sua terra natal.

Ainda em 1928, Fusco fez a capa do livro *Meia-pataca*, lançado por Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto. Além disso, no início de 1929, publicou *Fruta de conde*, seu primeiro livro individual, contendo oito poemas. O maior deles e mais complexo foi “Introdução”, que abria o volume. O poeta retratou Cataguases, metáfora das cidades interioranas brasileiras, sob muitos aspectos, a saber:

a) o clima: “[...] A cidade gosta bem de chuva (a poeira na rua é demais) porque o vento, às vezes, / passa mel na sua boca, enganando, e chove nada...”;

b) a modernização, com a chegada do trem: “Quem chega hoje / e passa no trem que vem de qualquer lado / entra logo na Avenida e fica bobo de boniteza: / um desperdício de casas brotam dia a dia da terra que é boa / porque a gente também é”;

c) a decadência rural da região: “As fazendas dantes foram povoadas bem / hoje porém são tal qual A FAZENDA QUE NÃO DÁ MAIS CAFÉ, / ninguém não quer saber mais delas.”;

d) o atraso de áreas afastadas, em que a modernidade não chegara: “Em todo caso lá pras bandas da Vila Tereza / os sapos ainda martelam bem surdo no charco imundo”;

e) o jeito de ser interiorano: “Gente juntou, falaram que era uma pouca vergonha, / o presidente da câmara disse que não tinha nada com isso. // Porém tanto falaram / tanto falaram / que as arrieiras se acabaram.”

f) as modificações arquitetônicas seguindo novas modas estrangeiras: “Só que o espírito americano está se acomodando tão bem / [...] Bangalôs fazem conta de multiplicar, de tanto que estão crescendo! / Porém isso é tão esquisito, meu Deus! Esse jeito de casa está estragando tudo...”³²

A importância de Rosário Fusco para o Grupo Verde foi reconhecida ainda na época da publicação da revista. Logo no editorial da *Verde* nº1, Enrique de Resende esclareceu que o rapaz fora o primeiro dos participantes do Grêmio Literário com quem travou amizade. A

1928, p. 11 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”.

³¹ V. ANEXO D.

³² FUSCO, Rosário. *Fruta de conde*. Cataguases: Verde, 1928, p. 5-8.

história repetiu-se no editorial da *Verde* nº4. Em carta a Mário de Andrade, em abril de 1928, Enrique de Resende revelou que Fusco exercia a função de contatar modernistas de outros grupos: “O Fusco é que é o epistoleiro cá de casa.”³³

Na opinião de Guilhermino Cesar, Fusco acabou por se tornar a figura central da *Verde*, apesar de ser o mais novo do grupo:

Porque era uma inteligência e é uma inteligência fabulosa. Nós o chamamos o Macunaíma do grupo – o herói sem nenhum caráter – porque ele topava tudo. O Fusco era uma inteligência luminosa, uma sensibilidade muito estranha; tinha uma capacidade total de assimilação de tudo.³⁴

Guilhermino contou que, por insistência de Fusco, ele e seus colegas verdes escreveram para Mário de Andrade. Francisco Inácio Peixoto, em entrevista, também afirmou que Fusco foi “a alma do grupo”.

Em torno dessa figura central, ocorreram as maiores desavenças na turma. Guilhermino Cesar mostrou ter reservas em relação ao comportamento de Fusco, em missiva de setembro de 1927 a Peixoto: “O Fusco me pediu um conto. Mais ninguém. Assim mesmo, numa carta cujo motivo era outro. Achei que ele me pediu pra dar satisfação. Não disse quais os outros companheiros dele, qual o diretor, nada!”³⁵ Martins Mendes também se queixou a Peixoto, em 1927:

Sobre a *Verde*. Nada sei dizer. Fusco e Henrique andam sumidos. Não os procuro. É esquisito. À primeira vista assim parece. Muito em particular. Cá para nós, o Fusco, egoísta em excesso e um pouco vaidoso, parece-me não está gostando de o meu nome figurar na redação da *Verde*. Já percebi. Ele tem recebido cartas dirigidas a *Verde* e colaborações e nada me tem mostrado. Até livros. Eu não peço para me mostrar. Banco o indiferente.³⁶

No final de 1927, Camilo Soares afastou-se dos verdes, e o alvo de suas críticas era justamente Fusco. Depois da publicação do último número da revista, em 1929, ocorreu o desentendimento entre ele e Peixoto, o que contribuiu para a dispersão do grupo.

³³ Enrique de Resende a Mário de Andrade, abril de 1928, AMA, IEB-USP.

³⁴ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 211.

³⁴ Ibidem, 1981, p. 210.

³⁵ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 2/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

³⁶ Martins Mendes a Francisco Inácio Peixoto, 10/12/27, AFIP, AMLB-FCRB.

3.1.2. “estou construindo uma estrada”³⁷ (Enrique de Resende)

Ao anunciar o lançamento da revista *Verde* ao poeta de *Losango caqui*, Rosário Fusco dividiu a responsabilidade do empreendimento com Enrique de Resende.³⁸ É razoável supor que o companheiro também fora citado na primeira carta enviada por Fusco ao escritor Antônio de Alcântara Machado, com o mesmo intuito de comunicar o aparecimento do periódico. O autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, em resposta, elogiou a ação dos jovens poetas: “Li qualquer coisa sua há tempos. [...] Enrique de Resende não conheço nem de nome. Eu não me lembro dele. O que não impede que muito cordialmente mande tanto a ele como a você meus aplausos pela *Verde*.”³⁹

Certamente, Fusco imaginava dar credibilidade à iniciativa quando agregou o nome do engenheiro-poeta, que, em 1927, tinha 28 anos, era o mais velho do grupo. Além do diploma, Enrique de Resende lançara, em 1923, a coletânea de poemas simbolistas *Turris eburnea*,⁴⁰ pela editora Monteiro Lobato e Cia. Segundo carta de 15 de julho de 1923, conservada em seu arquivo, o livro fora custeado pelo próprio autor, por um conto e quatrocentos mil-réis, que pediu emprestado ao pai, o jurista Afonso de Resende. De acordo com a missiva, a editora solicitara, inicialmente, apenas duzentos mil-réis para o pagamento da capa, mas depois pediu o restante do dinheiro para cobrir a edição. De qualquer forma, tratava-se de um livro de poemas lançado por uma grande editora do momento.

No início de 1927, o *Diário de Minas*, no qual trabalhava Carlos Drummond de Andrade, realizou a eleição para Príncipe dos Poetas de Minas. Fernando Correa Dias (1971), em *O movimento modernista em Minas*, informou que o resultado, em março daquele ano,

³⁷ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 13/12/27, AMA, IEB-USP.

³⁸ (H)Enrique Vieira de Resende nasceu em 13/8/1899, na Fazenda do Rochedo, município de Cataguases. Fez o curso de Matemática em Ouro Preto e formou-se em Engenharia Civil em Juiz de Fora, em 1924. Naquele ano, voltou a morar em Cataguases, assumindo o cargo de engenheiro na Estrada de Ferro Leopoldina até 1928, quando passou a trabalhar para o Governo do Estado na construção da estrada de rodagem Cataguases-Leopoldina. A carreira literária de Enrique de Resende continuou após a aventura modernista. Editou *Bonecos & bonecas* (crônicas), em 1931; *Cofre de charão* (poesia), em 1933; *Retrato de Alphonsus de Guimarães* (crítica), em 1953; *Rosa dos ventos* (poesia), em 1957; *A derradeira colheita* (poesia), em 1964; *Pequena história sentimental de Cataguases* (história e memória), em 1969; *Estórias e memórias* (crônicas e poemas), em 1970. Em 1966, o poeta foi eleito para a Academia Mineira de Letras. Faleceu em 16 de setembro de 1973, no Rio de Janeiro. Em 1977, seus poemas foram reunidos em *Obras completas* (poesia). Os dados biográficos de Enrique de Resende foram fornecidos por sua filha, Maria Lúcia de Resende, pelo perfil do escritor, publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, de 7/1/67, e pelas biografias presentes nos livros *Passagem para a modernidade*, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato. Além disso, houve apuração de informações pessoais nos documentos presentes no Fundo Enrique de Resende na Fundação Casa de Rui Barbosa.

³⁹ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 21/9/27, ARF, AMLB-FCRB.

⁴⁰ V. ANEXO G.

apontara Enrique de Resende em quarto lugar, com 6.537 votos. Apesar de o pesquisador ressaltar a possível manipulação dos votos, a colocação de Enrique de Resende comprovou que não era um nome desconhecido entre os jovens escritores mineiros. A “fama” do autor de *Turris eburnea* explica a ação dos rapazes que fundariam a *Verde* em procurá-lo para opinar sobre os versos e para dar credibilidade à literatura que produziam.

Em entrevista sobre o grupo, Francisco Inácio Peixoto contou que, na época, Enrique de Resende estava “cercado de uma aura que, de certo modo, nos lisonjeava sua presença do nosso lado”.⁴¹ O comentário de Fusco a Guilhermino Cesar, na carta de abril de 1927, reforçou essa ideia: “tou numa lixa danada com o Henrique. Eta sujeito culto! E delicado. E camarada. Tem me emprestado vários livros. Me deu um autógrafo e etc.”⁴²

O próprio Enrique de Resende narrou, no editorial da *Verde* nº 4, a aproximação com os rapazes:

Foi em maio deste ano que conheci Rosário Fusco, e, logo em seguida, todos aqueles que hoje fazem parte do Grupo Verde. Autor, que sou, de um livro de poemas (*Turris eburnea*, M. Lobato & Comp. 1923 - edição esquecida) entendeu Rosário de mandar-me, porisso, alguns versos seus, acompanhados de uma carta interessantíssima. // Saí imediatamente à procura do poeta pelas poucas ruas da cidade pequenina, a perguntar a uns e a outros onde era a sua casa, onde trabalhava, etc. Não trabalhava nem tinha casa. Mesmo assim, com pouco sacrifício, topamos logo. Depois desse dia vieram outras cartas de Rosário e outros poetas. Resultado: em junho éramos nove, dos quais oito escritores e o pianista Renato Gama.⁴³

Além de tudo, o engenheiro era descendente do fundador de Cataguases, pertencia a uma família importante e frequentava a sede social do clube da cidade. Juntando-se aos jovens poetas do Grêmio Literário Machado de Assis, tornou-se um elemento essencial no grupo e na promoção do modernismo pela região. Por iniciativa dele, Cataguases teve uma “Hora moderna”, evento nos salões do Comercial Clube, no dia 7 de setembro de 1927. A “original *soirée* artística”,⁴⁴ como foi noticiada na coluna social do jornal *Cataguases*, trazia várias atividades na programação, como declamações do próprio Enrique de Resende e de outros poetas, apresentação do pianista Renato Soares Gama e exposição do caricaturista Delpino

⁴¹ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 192.

⁴² Rosário Fusco a Guilhermino Cesar, 4/4/27, FGC, IEL-RS.

⁴³ RESENDE, Enrique de. “Verde, Poemas cronológicos e outros poemas”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 7.

⁴⁴ “Notas Sociais”. *Cataguases*, 7/9/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 43.

Júnior.

O engenheiro-poeta faz lembrar Graça Aranha, escritor que se colocou à frente do grupo que organizou a Semana de Arte Moderna de 1922. Contudo, diferentemente do autor de *Canaã*, Enrique de Resende era, de fato, uma figura considerada como liderança pelos rapazes, haja vista que apareceu como diretor nos cinco primeiros números da revista *Verde*, assinou os editoriais dos números 1, 2, 4, e 1 da segunda fase e articulou o lançamento dos livros do grupo. Ademais, era o único dos jovens que tinha emprego fixo, por isso, podia arcar com a maioria dos custos da aventura modernista, como contou Ascânio Lopes a Mário de Andrade: “O Fusco (que como V. sabe é, inteligente, mas pobre) não goza de influência para arranjar anúncios. O Henrique cansou, ou antes, o comércio cansou. / Ele Henrique é que a sustentava.”⁴⁵ Também esteve com Enrique de Resende a responsabilidade de afastar do grupo Camilo Soares, membro que teria difamado os colegas, como informou Peixoto a Guilhermino Cesar em carta de dezembro de 1927: “Henrique desligou-o da nossa turma fechando portas *Verde* para ele.”⁴⁶

Na diretoria, Enrique de Resende preocupava-se com o sustento da revista e, por isso, começou a procurar anúncios fora de Cataguases, como atestou a missiva a Mário de Andrade, em dezembro de 1927:

Olhe uma coisa: se na sua roda, entre os seus amigos, houver algum sócio ou dono de qualquer coisa anunciável, fale a ele pra mandar o anúncio. Já estamos lançando mão do anúncio de fora. A cidade aqui é pequenina – e esgota-se cedo, na sua paciência e condescendência.⁴⁷

Na mensagem que mandou a Guilhermino Cesar, em 1928, percebeu-se que o prestígio de Enrique não somente avalizava a produção literária dos rapazes, mas também convencia os anunciantes:

Os anúncios que têm sustentado a *Verde* aparecem unicamente pela consideração que certos amigos do comércio me dispensam a mim. [...] Mas compreende-se facilmente, que não me fica bem estar, de três em três meses, solicitando reforma aos comerciantes, quando estes me dão anúncios exclusivamente por uma consideração, que me dispensam a mim particularmente. Razão por que, meu caro Guilhermino, estou agora arranjando anúncios fora daqui. Já pedi em S. Paulo e no Rio. Caso você tenha facilidade aí [Belo Horizonte] mandar-lhe-ei uma autorização por escrito. Com o tio Artur, do Banco Pelotense, você poderá arranjar alguns aí.⁴⁸

⁴⁵ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, [junho/1928], AMA, IEB-USP.

⁴⁶ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, 18/12/27, FGC, IEL-RS.

⁴⁷ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 25/12/27, AMA, IEB-USP.

⁴⁸ Enrique de Resende a Guilhermino Cesar, 8/1/28, FGC, IEL-RS.

Ocupado com seu emprego, que, muitas vezes, o tirava da cidade, o engenheiro fez de Fusco seus “braços” para tocar a revista e arrumar anúncios em Cataguases. Em 1928, escreveu ao amigo: “E *Verde*? Já pronta? O Lobo disse-me que a fábrica de macarrão do Nogueira dá o anúncio. Peça ao Silveirinha p^a providenciar.”⁴⁹

Por fim, coube a Enrique de Resende o discurso de despedida no enterro de Ascânio Lopes, bem como a organização do último número da *Verde*, em homenagem ao amigo, como atesta a carta de Peixoto a Guilhermino Cesar, em 1929:

Henrique quase mordeu na gente quando soube que V. havia levado os originais do Ascânio. Mande os troços depressa, minha besta! Pra que V. os foi levar? Bem que eu estava com medo... [...] Henrique está por conta com o atraso.⁵⁰

Em entrevista, Peixoto explicou que Enrique de Resende também se beneficiara do convívio com os jovens modernistas, que lhe trouxeram ânimo para voltar a escrever depois de algum tempo sem nada produzir. A correspondência entre Enrique de Resende e Fusco registrou o costume de o engenheiro e os rapazes do Grêmio trocarem seus textos para apreciação: “e para vocês se babarem de inveja, aí vai, na página vizinha, o meu último poema brasileiro. Te dana, mô nego.”⁵¹

O exemplo da animação de Fusco talvez tenha sido o que mais entusiasmou Enrique de Resende, que admitiu isso a Mário de Andrade em dezembro de 1927: “Eu por aí atrás disse que adoeci, não escrevi mais etc. É verdade. Depois que conheci o Fusco, esse bom Rosário Fusco, foi que recomecei a escrever.”⁵² Tanto que o engenheiro enviava a Fusco suas produções mais recentes: “Aí vão duas coisas inúteis: as linhas desalinhadas que tentei escrever sobre os *Estudos* do Tristão (que bandido, hein?) e o número um dos Poemas Brasileiros que estou agora pensamenteando. Você me mande opinião.”⁵³

Os dois textos foram publicados no “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”, da *Verde* nº5. “Poemas brasileiros I”, dedicado a Alcântara Machado, descrevia uma queimada no mato e, no fim, ironizava procedimentos líricos do simbolismo: “[...] (Amanhã, com certeza, / um poeta qualquer, um poeta simbolista, / irá dizer que aquela fumaça, / [...] é simplesmente / a alma sofredora e ingênua das queimadas...)”.⁵⁴ A

⁴⁹ Enrique de Resende a Rosário Fusco, [1928], ARF, AMLB-FCRB.

⁵⁰ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, 8/4/29, FGC, IEL-RS.

⁵¹ Enrique de Resende a Rosário Fusco, sem data, ARF, AMLB-FCRB.

⁵² Enrique de Resende a Mário de Andrade, 13/12/27, AMA, IEB-USP.

⁵³ Enrique de Resende a Rosário Fusco, [1928], ARF, AMLB-FCRB.

⁵⁴ RESENDE, Enrique de. “Poemas brasileiros I”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 3 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”.

resenha da edição dos *Estudos*, de Tristão de Athayde, elogiou a lucidez do crítico acerca do momento literário.

Ao longo das seis edições da *Verde*, Enrique de Resende assinou outros versos e resenhas. Na revista número 1, “Prelúdios – Um, Dois e Três” presentificou a temática nacionalista: “[...] Poeta Americano! // por que esquecer o verso-claro / que há nas folhas polidas dos inhames brabos, / e a ardência tropical dos tinhorões? [...]”⁵⁵. Na *Verde* nº2, estampou “O canto da terra verde”, em busca do assunto referente à chegada do progresso no interior:

Leva de Negros.
Fuzila o sol tinindo nas cacundas nuas.
No ar o lampejo metálico das enxadas e das picaretas.
(A quando e quando
estala a dinamite, estrondando e rebombando no seio bruto da pedreira.)
E as estradas de rodagem, a custo, lentamente, se entrelaçam,
como um cordame de veias,
no corpo adusto
da terra inóspita.⁵⁶

A modernização da zona rural também foi tema em “Cantos da terra verde 2”, publicado na *Verde* nº3. Na mesma edição, Enrique de Resende assinou crítica sobre o livro *A iluminação da vida*, de Murilo Araújo. A *Verde* nº4 trouxe “Senzala”, que foi dedicado a Mário de Andrade e seguiu a linha de evocação do passado (uma vertente bastante explorada pelos verdes). Já na *Verde* nº1 da segunda fase, estampou, em tom triste, o “Poema para Manoel Bandeira”, que se referiu às roupas pretas de crianças que perderam a mãe.

Possivelmente partiu de Enrique de Resende a ideia da publicação de livros com o “selo” da *Verde*. A sugestão do volume triplo *Poemas cronológicos* apareceu, pela primeira vez, em uma das cartas endereçadas a Mário de Andrade, em 1927:

Mesmo porque o Fusco, o Ascânio e eu, a título de movimentarmos o negócio cá em Minas, pretendemos publicar livros agora. [...] Ao mesmo tempo pensamos em reunir os 3 num só volume. [...] Peço-lhe dizer sobre isso.⁵⁷

No editorial da *Verde* nº4, Enrique de Resende informou que Guilhermino Cesar editaria suas composições juntamente com Martins Mendes.

Alguns de seus nove textos reunidos nos *Poemas cronológicos* já haviam sido divulgados na revista e seguiam a mesma linha temática de “O canto da terra verde”. Ao

⁵⁵ RESENDE, Enrique de. “Prelúdios – Um, Dois e Três”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 27.

⁵⁶ RESENDE, Enrique de. “O Canto da terra verde”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 18.

⁵⁷ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 23/11/27, AMA, IEB-USP.

observar a parte do engenheiro na antologia, Mário de Andrade afirmou que esse seria o poeta mais completo dos três e acrescentou:

Henrique de Resende ex-parnasiano, já tem mais arte, e também mais artifício. Quando se não quando lhe escapam da autocritica certos processos fáceis de sonoridade e de expressão [...] a gente percebe que a poesia dele sai um bocado encomendada. Assim como quem diz: Acho que devo fazer uns poemas sobre os sintomas do progresso de Minas.⁵⁸

3.1.3. “A única coisa que sei fazer é escrever”⁵⁹ (Camilo Soares)

Pouco depois de Fusco, Camilo Soares⁶⁰ remeteu, em outubro de 1927, uma carta a Mário de Andrade, sendo o segundo a escrever ao destinatário de São Paulo. Camilo Soares, na época, contava 18 anos e, como quase todos os verdes (a exceção é Enrique de Resende), fora aluno do Ginásio Municipal e membro do Grêmio Literário Machado de Assis. De acordo com depoimento de Francisco Inácio Peixoto, Camilo Soares, em um primeiro momento, opusera-se às novas ideias literárias que pregavam o verso livre:

Discutia-se, brigava-se, até mesmo fora do recinto do Grêmio. Lembro-me de que, um dia, durante o recreio, Camilo Soares, com o *Correio da Manhã* na mão, intimava-me a ler um artigo de Raúl Machado – “A morte do verso”. Dele se valia para me atacar. Ficamos mal e, quando regressei das

⁵⁸ ANDRADE, Mário de. “Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 11 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”.

⁵⁹ Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/[27], AMA, IEB-USP.

⁶⁰ Camilo Soares de Figueiredo Júnior nasceu em 13/8/09, em Coelho Bastos, distrito de São Manuel, hoje denominado Eugenópolis (MG). Foi aluno interno do Ginásio Municipal de Cataguases, época em que começou a ter seus primeiros poemas publicados. Em 1927, foi estudar Direito no Rio de Janeiro, onde ficou até 1932. Exerceu a advocacia em várias cidades, entre as quais Manhumirim (MG), São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Também trabalhou como inspetor de Ensino Superior, como redator de verbetes sobre literatura para a editora da *Enciclopédia Jackson* e como repórter do jornal *A Época*. Em 1951, transferiu-se para São Paulo, com a ajuda de Carlos Drummond de Andrade, que era chefe de gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Camilo Soares morou e trabalhou em São Paulo até seu falecimento, em 1982. Em 1958, teve contos seus apropriados por Roberto Simões, que os publicou no livro *O anjo amarelo*. Após um processo instaurado pela União Brasileira dos Escritores, seção de São Paulo, foi reconhecida a autoria de Camilo Soares de seis contos do livro. Esses textos foram reunidos, por seu verdadeiro autor, no livro *Rio tonto*, que permaneceu inédito. A única obra de Camilo Soares publicada foi *O soldado Nicolau* (poemas), de 1970, pela Gráfica Olímpica Editora. São 49 poemas com liberdade de métrica e rima, porém sentimentais, transparecendo a visão pessimista da vida, como “Cofre vermelho”, em que o cacho de cabelo, metáfora do amor, foi jogado fora por ter perdido seu valor. Os dados biográficos de Camilo Soares foram fornecidos por sua filha, Lúcia Soares de Figueiredo Chaves; pela dissertação de mestrado *Tradição e ruptura no itinerário poético de Camilo Soares: o Solar e o Noturno*, de Luiz Gonzaga da Silva; pelo perfil do escritor, publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, de 7/1/67; e pelas biografias presentes nos livros *Passagem para a modernidade*, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato.

férias, fui encontrá-lo convertido ao Modernismo e já participando do grupo.⁶¹

Contudo, Camilo Soares foi o único dos futuros verdes que apareceram no jornal *Mercúrio*, assinando poemas não metrificados. Sua participação inicial foi com “Rua”, composto de três estrofes sem rima ou métrica que explorava a temática popular, publicado no número 10, de maio de 1926:

Terça-feira / de confete / na esquina / um moleque assobia a Gigolette. //
Pela rua / deserta / de luz incerta / passa um automóvel. // O vento / –
telegrama do infinito / anuncia que a chuva / rompe no céu muralhas de
granito. // Scismo / encostado na minha tristeza...[...]”⁶²

Na mesma página, divulgou o texto em prosa “Recordações”, assinado com o pseudônimo Soallo Camiães.

O rapaz foi o primeiro a comparecer no *Estudante*, no número inaugural, de setembro de 1926. Seu “Noturno” aproximou-se do simbolismo pela atmosfera de mistério, além de abusar das reticências: “Eu passo pela vida / assim / como um trem noturno / nos subúrbios pobres... / soturnamente... / vertiginosamente... / no mistério dos destinos ignotos...”⁶³

Nessa época, o jovem poeta já começava a divulgar seus textos no Rio de Janeiro e chegou a ajudar Fusco, como registrou a correspondência entre os dois:

Quanto ao artigo que pretendes enviar para o *Para Todos* com uma apresentação minha para o Álvaro Moreira, é negócio resolvido. Terei muito prazer em prestar meus préstimos e o meu muito reduzido prestígio naquela redação, a teu serviço. [...] Como vai o *Mercúrio* e o *Estudante*? [...] E a publicação do “Feiras” no *Cigarra*? Conquistastes? Para onde tens enviado tuas produções?⁶⁴

Um ano depois, Camilo Soares apareceu nos três primeiros números da *Verde*, com textos irônicos que procuravam se aproximar dos temas modernistas. No número 1, divulgou o conto “O estranho caso de Matias Qualquer”, em que tentou uma prosa ágil e tendeu para o grotesco.

Na *Verde* nº2, estampou o poema “Pedromalazarte”, dedicado a Ribeiro Couto; com versos sintéticos e quase sem pontuação: “[...] Um dia na hora do recreio / eu vi a minha professora / magra / magrinha / tossir / tossir / tossir / e tingir o seu lençinho branco / de

⁶¹ PEIXOTO, Francisco Inácio Peixoto, apud CESAR, Guilhermino. “Os verdes da ‘Verde’”. *Verde*. edição fac-símile (suplemento). São Paulo: dezembro 1978, sem página.

⁶² SOARES, Camilo. “Rua”, *Mercúrio* nº10, Cataguases, 29/5/26, p. 3; fac-similar, p. 58.

⁶³ SOARES, Camilo. “Noturno”, *Estudante* nº1, Cataguases, 23/9/26, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 34.

⁶⁴ Camilo Soares a Rosário Fusco, 9/12/26, ARF, AMLB-FCRB.

vermelho.[...]”⁶⁵ Na mesma revista, assinou a crítica “Ricardo Pinto e um livro”, em que elogiou o autor e destacou a sinceridade e a ironia presentes em suas obras. Na edição seguinte, Camilo Soares colaborou com o poema “Descoberta”, dedicado a Carlos Drummond de Andrade. Também revisitou, de forma bem-humorada, um tema caro aos modernistas da década de 1920, o descobrimento do Brasil, enfatizando a mistura das raças e a sensualidade do encontro: “[...] Viu uma moça bonita / de seios maravilha / de carne carne. / E ficou. // E plantou na terra roxa / a bandeira irônica da conquista.[...]”⁶⁶

Em janeiro de 1928, o diálogo epistolar entre Rosário Fusco e Mário de Andrade registrou o rompimento de Camilo Soares com o grupo, no final do ano anterior: “A briga foi comigo. Se retirando daqui pra Juiz de Fora pra casa de um seu cunhado – já brigado com a turma toda [...]”⁶⁷

A correspondência de Camilo Soares com Mário de Andrade, apesar de não ser explícita a respeito do acontecido, fez referência a “coisas tristes” em carta sem data, enviada de Itapagipe (MG). O rapaz terminara o ano de 1927 em Juiz de Fora, onde realizava os preparatórios para a faculdade. Em mensagem a Peixoto, de fevereiro de 1928, Camilo Soares asseverou não saber o motivo do desentendimento:

Xico abraços pra você. Quero que você me escreva me dizendo o que esse pessoal aí julga que eu tenha feito para estar tão ruim comigo, digo o Henrique porque o Fusco não vale a pena dizer. A sua origem é o reflexo da sua alma. Escreva-me Francisquinho dizendo de que me culpam. Te dou a minha palavra de honra que tenho a consciência tranquila. Nada disse e nada fiz que pudesse ofender a turma de Cataguases.⁶⁸

Em outra carta a Peixoto, sem data, tentou explicar que tudo fora um mal-entendido:

Vindo de Barbacena, onde fui tratar de uns negócios de ensino e ainda fiquei quase toda a semana passada, encontrei-me com o [Aristóteles Fabrino]. Disse-me ele o que você estavam pensando de mim. Falou-me de um artigo que eu nem li, nem sei se saiu em algum jornal daqui. Disse muita coisa. Que o Fusco estava zangado comigo por eu ter escrito esse artigo, o qual dizia que a família dele era de décima ordem e que ele um mulato pernóstico. Achei que tudo isso fosse uma balela do [ilegível]. Entretanto me encontrando ontem com o Marques perguntei-lhe por isso e ele me afirmou. Fiquei besta, apavorado. Então vocês julgarem assim tão mal a mim, que fui sempre de uma sinceridade pouco comum para com vocês. [...] Quero que me escrevas o mais depressa possível dizendo de onde partiu esse boato falso e em que jornal e de que dia saiu esse artigo.⁶⁹

⁶⁵ SOARES, Camilo. “Pedromalazarte”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 19.

⁶⁶ SOARES, Camilo. “Descoberta”, *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 10.

⁶⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 6/2/28, AMA, IEB-USP.

⁶⁸ Camilo Soares a Francisco Inácio Peixoto, 14/2/28, AFIP, AMLB-FCRB.

⁶⁹ Camilo Soares a Francisco Inácio Peixoto, [1928], AFIP, AMLB-FCRB.

Em maio de 1928, no Rio de Janeiro, Peixoto escreveu a Guilhermino Cesar, em Belo Horizonte, e queixou-se de Camilo Soares:

Estive com o Camilo aqui. Está farrista à beça segundo me falaram. [...] Ele está puto da vida com aquele negócio que sucedeu. Agora não sei se ele foi sincero quando me jurou que tudo era mentira e invenção do Fusco “aquele mulato que traz na alma o estigma nojento dos seus ancestrais”... É besta não é? O pior é que o Camilinho foi dizer pro Cardillo cobras e lagartos de alguns de nossa turma e o Cardillo acreditou. Foi preciso eu desmentir logo. Pra que o Camilo faz uma coisa feia dessas!⁷⁰

O incidente afastou Camilo Soares definitivamente da *Verde*. Seu nome não apareceu até mesmo no número em homenagem a Ascânio Lopes.

3.1.4. “As teorias são, para mim, obras de arte”⁷¹ (Ascânio Lopes)

Ao referir-se ao Grupo Verde em carta a Mário de Andrade, Carlos Drummond afirmou: “O Ascânio, esse é mais nosso de Belo Horizonte, embora nascido em Cataguases; aqui estuda e aqui trabalha.”⁷² De fato, Ascânio Lopes,⁷³ ao iniciar o diálogo epistolar com Mário de Andrade, tinha 21 anos e dividia-se entre a capital, onde fazia o curso de Direito, e a zona da mata, desde 1925. No livro de memórias *Beira-mar*, Pedro Nava lembrou o contato de Ascânio Lopes com o grupo de Belo Horizonte. Nessa época, Drummond, Emílio Moura e João Alphonsus trabalhavam no *Diário de Minas*:

Quando foi publicado um poema do novíssimo Ascânio Lopes, o Milton [Campos] pensou que fosse um personagem de ficção e interpelou o Emílio – que está bem, Ascânio e por cima Lopes, tudo certo mas o que quero saber é se o poema é seu ou do Carlos. Nada disso Milton, trata-se de um novo de Cataguases – Ascânio Lopes Quatorzevoltas. O Quê? Sim senhor,

⁷⁰ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, 5/5/28, FGC, IEL-RS.

⁷¹ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, 13/3/28, AMA, IEB-USP.

⁷² Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 2/1/2[8], *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*, 2002, p. 306.

⁷³ Ascânio Lopes Quatorzevoltas nasceu em 11/5/06, em Ubá (MG). Foi levado para Cataguases aos cinco meses, onde foi criado por pais adotivos. Estudou no Ginásio de Cataguases até 1924 e participou do Grêmio Literário Machado de Assis. Em 1925, aos 19 anos, iniciou a faculdade de Direito em Belo Horizonte. Morou na mesma pensão que Martins Mendes e Emílio Moura. Paralelamente aos estudos, trabalhou como funcionário público estadual, em Belo Horizonte, no Conselho de Instrução. Com a saúde bastante debilitada, voltou para Cataguases em 1928, onde morreu em 10/1/29. Os dados biográficos de Ascânio Lopes foram coletados nos livros *Ascânio Lopes: vida e poesia*, de Delson Gonçalves Ferreira, e *Ascânio Lopes: todos os possíveis caminhos*, de Luiz Ruffato; e nas biografias presentes nos livros *Passagem para a modernidade*, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato.

Quatorzevoltas. Vá lá pelas quatorze voltas mas o que quero saber afinal, uma vez por todas, é se o poema é seu ou do Carlos. Ora, essa perplexidade do Milton, essa dúvida – é um dos melhores elogios espontâneos que conheço à poesia de Ascânio Lopes.⁷⁴

O convívio de Ascânio com os modernistas da capital de Minas certamente ajudou a levar aos amigos do Grêmio as novidades literárias. O poema a que Nava se referiu é possivelmente “Cataguases”, que saíra no *Diário de Minas*, em março de 1927, e fora reproduzido no jornal *Cataguases*:

[...]
Em ti se dorme tranquilo sem guardas-noturnos.
Mas com o cri cri dos grilos,
o ram ram dos sapos.
O sono é tranquilo como o de uma criança de colo.
Vale a pena viver em ti.
Nem inquietude.
Nem peso inútil de recordações,
mas a confiança que nasce das coisas que não mudam bruscas,
Nem ficam eternas⁷⁵

Sete meses depois, Ascânio Lopes estampou, no jornal oficial da prefeitura de sua cidade, um artigo com o mesmo nome do poema. Mostrava o avanço e o desenvolvimento de Cataguases e afirmava decorrer, desse progresso, o aparecimento do Grupo Verde. Tratava-se de um artigo de defesa, pois Ascânio acreditava que o município não dava importância ao movimento dos rapazes, pela dificuldade em conseguir anúncios suficientes para sustentar a revista e pela pouca atenção do órgão oficial à publicação de vanguarda.

A questão do desinteresse da cidade apareceu, também, no Manifesto do Grupo Verde de Cataguases, lançado em novembro de 1927: “Não esperamos aplausos ou vaias públicas, porque aquilo que provoca verdadeiro escândalo põe o brasileiro indiferente, na aparência... com medo ou com vergonha de entrar no barulho.”⁷⁶ Isso reforça a ideia de que Ascânio Lopes fora realmente o principal responsável pelo documento, conforme o depoimento de Guilhermino Cesar, em que declarou o fato de Ascânio Lopes ser o que tinha a maior preocupação programática:

Eu tenho uma carta do Ascânio mandando-me o texto e consultando [...]. Parece que uma conclusão não me satisfaz e eu tenho a impressão que meti a

⁷⁴ NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 175.

⁷⁵ LOPES, Ascânio. “Cataguases”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6/3/27, p. 2, Hemeroteca da Biblioteca Luiz de Bessa, e *Cataguases*, 20/3/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 40-42.

⁷⁶ Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo, 1978, folha avulsa.

minha colher torta. O Manifesto tinha sido mais ou menos alinhavado num plano geral de conversa: Ah, precisamos reunir-nos, precisamos ver a linha de rumo de nossos pensamentos, etc.⁷⁷

Apesar de sua morte precoce, atribui-se a Ascânio Lopes ação essencial no Grupo Verde e na realização da revista. Ainda em 1927, Enrique de Resende explicitou ao poeta de Itabira a relevância de Ascânio Lopes para o agrupamento:

Verde é um casebre de nada com muita gente importante, gente de luxo lá dentro, seu Carlos. Eu e o Fusco, que fazemos as honras da casa e que nada entendemos de protocolo, temo-nos vistos abarbadados. Andei afastado da dança muito tempo. Fusco nasceu agora. Quer dizer: esqueci de escrever e o Fusco ainda não aprendeu a escrever. O Ascânio é que andou ajudando um bocado aqui.⁷⁸

Isso explica o grande número de textos assinados por Ascânio Lopes ao longo das seis edições. Na *Verde* nº1, escreveu o “Serão de menino pobre”, que retratava a infância em família em duas cenas, antes e depois da morte da mãe: “Na sala pobre da casa da roça / Papai lia os jornais atrasados. / Mamãe cerzia minhas meias rasgadas. / [...] Quando mamãe morreu / o serão ficou triste, a sala vazia.”⁷⁹ Na edição nº2, assinou o artigo “A hora presente”, em que mostrava estar a par das recentes discussões estéticas. Entretanto, esse texto não agradara a Alcântara Machado, que, em carta a Rosário Fusco sobre a *Verde* nº2, protestou: “‘A hora presente’ de Ascânio Lopes está cheinha de lugares comuns modernos. Que são detestáveis como os passadistas.”⁸⁰

Na revista de número 3, Ascânio Lopes assinou “Descoberta do Brasil”, poema anedótico, em que se utilizava da enumeração para descrever as festas cívicas, como se seguissem um roteiro tão bem conhecido que incluísse até mesmo a reação do público. Para essa edição, Ascânio Lopes também escreveu o texto “Bilhete para Couto de Barros – São Paulo”, no qual defendia que o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, não era hermético. O rapaz ainda noticiou o lançamento do livro *Bonecos de pano*, de Wellington Brandão, e da revista *Festa* nº2.

Na *Verde* nº4, apareceu na prosa de ficção “Pedro Álvares Cabral Descobridor (De *Maria Eugênia* – novela)”, inspirada em Oswald de Andrade, e na crítica “Paulo Prado,

⁷⁷ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 219-220.

⁷⁸ Enrique de Resende a Carlos Drummond de Andrade, [25/12]/27, Arquivo de Carlos Drummond de Andrade, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (ACDA, AMLB-FCRB).

⁷⁹ LOPES, Ascânio. “Serão de menino pobre”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 13.

⁸⁰ Alcântara Machado a Rosário Fusco, 11/11/27, ARF, AMLB-FCRB.

Paulística e várias coisas”. Mário de Andrade, todavia, não estimulou o tipo de prosa que Ascânio Lopes buscou. Possivelmente em decorrência disso, a novela *Maria Eugênia*, anunciada com o fragmento, não fora terminada. Entretanto, sua resenha foi elogiada: “Acho que você deve escrever críticas pra *Verde*, a que você fez sobre Paulo Prado é uma das únicas coisas legíveis da prosa de *Verde* 4.”⁸¹

Na *Verde* nº5, Ascânio Lopes publicou o artigo “Papel do instinto no mundo atual – Freud”, de modo a divulgar as novas teorias de Sigmund Freud, conhecidas, provavelmente, em *A Revista*.⁸² Nesse texto, o poeta argumentou que o instinto seria o responsável pela reunião do homem em sociedade, por conseguinte, somente na vida em sociedade seria possível satisfazer as necessidades humanas para a manutenção da espécie. Com esse tipo de artigo, parece que Ascânio Lopes desejava ampliar o campo de discussão da revista.

Na *Verde* nº1 da segunda fase, feita para homenageá-lo, Ascânio também teve poemas divulgados. São eles: “Sanatório”, em que utilizou o tema da morte de forma seca, porém lírica: “Ah! os meus olhos brilharão, procurando / a Morte que quer entrar no meu quarto. // Os meus olhos brilharão como os da fera / que defende a entrada de seu fojo.”⁸³; “As estrelas”, versos que dialogavam com “Ismália”, de Alphonsus de Guimarães⁸⁴: “Ele enamorou-se das estrelas e quis possuí-las. / E começou a construir uma torre para alcançá-las. / [...] Mas deu um grito de dor / porque, lá embaixo, embaixo, as estrelas brilhavam mais / no espelho das águas paradas.”⁸⁵; e “O mau”, poema que, à moda de Gregório de Matos⁸⁶, defendia sua absolvição: “E a Vossa Onisciência não me iluminou. / [...] Senhor, como querei agora condenar-me?”⁸⁷ Além disso, a revista estampou a prosa “As sete trombetas misteriosas”, experiência surrealista que descrevia o delírio de morte do escritor, povoado de imagens fantasmagóricas:

Súbito soaram sete trombetas a arrebentarem meus ouvidos com o seu clangor misterioso. Olhei para o alto e sete bruxas de mãos dadas brincavam

⁸¹ Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/01/1928, FGC, IEL-RS.

⁸² *A Revista* trouxe dois textos com as novas ideias de Freud: o artigo “Sobre a psychoanalyse”, de Iago Pimentel (nº2, agosto de 1925, p.14-15), e a tradução de uma palestra de Freud, de Iago Pimentel (nº3, janeiro de 1926, p.23-26), com a indicação de “continua” (esse, no entanto, foi o último número de *A Revista*).

⁸³ LOPES, Ascânio, “Sanatório”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 12.

⁸⁴ Poeta simbolista mineiro que inspirou Enrique de Resende em seu primeiro livro, antes de participar do Grupo Verde. Ismália: “Quando Ismália enlouqueceu,/ Pôs-se na torre a sonhar.../ Viu uma lua no céu,/ Viu outra lua no mar. // No sonho em que se perdeu, / Banhou-se toda em luar... / Queria subir ao céu, / Queria descer ao mar... // E, no desvario seu, / Na torre pôs-se a cantar... / Estava longe do céu... / Estava longe do mar... // E como um anjo pendeu / As asas para voar... / Queria a lua do céu, / Queria a lua do mar... // As asas que Deus lhe deu / Ruflaram de par em par... / Sua alma, subiu ao céu, / Seu corpo desceu ao mar...”

⁸⁵ LOPES, Ascânio, “As estrelas”, *Verde* nº1 da segunda fase, maio de 1929, p. 13.

⁸⁶ Poeta barroco baiano.

⁸⁷ LOPES, Ascânio, “O mau”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 12.

uma ciranda infernal. E do meio da roda foi crescendo, terrivelmente, um esqueleto branco, todo branco. As bruxas asquerosas desligaram as mãos findando a ciranda e então vi perfeitamente que o esqueleto era a Morte. E ela vinha vindo de foice como nas gravuras, lentamente para mim.⁸⁸

Em crítica para o *Diário Nacional*, Mário de Andrade apontou, na poesia de Ascânio Lopes, a tendência de buscar inspiração no ambiente familiar, na infância e na tristeza. De fato, os quatro primeiros textos dos dez que compõem a parte de Ascânio Lopes em *Poemas cronológicos* são compatíveis com essa observação. Os poemas restantes tiveram inspiração local e tratavam da vida rural, da mata e de sua cidade, como, por exemplo, “Sertão mineiro”:

[...]
 Mas filas de homens lentos que voltam cansados,
 com foices, machados, enxadas,
 da labuta diária, do cafezal, da lavoura.
 Este é o meu sertão mineiro.
 Nem cantadores românticos,
 Nem violeiros catulos,
 Nem bandidos pernósticos.
 Mas gente boa e ingênuo, gente de Minas Gerais.⁸⁹

3.1.5. “eu sou verde também”⁹⁰ (Francisco Inácio Peixoto)

Francisco Inácio Peixoto⁹¹ conheceu os companheiros da *Verde* ainda criança e foi o quinto dos jovens envolvidos na aventura modernista a escrever para Mário de Andrade. No

⁸⁸ LOPES, Ascânio. “As sete trombetas misteriosas”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 6.

⁸⁹ LOPES, Ascânio. “Sertão mineiro”. In: LOPES, Ascânio, FUSCO, Rosário e RESENDE, Enrique de. *Poemas cronológicos*. Cataguases: Verde, 1928, sem página.

⁹⁰ Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, [post. 18/12/27], AMA, IEB-USP.

⁹¹ Francisco Inácio Peixoto nasceu em 5/4/09, em Cataguases. Estudou no Ginásio Municipal, fundado, em 1910, por seu pai, o industrial Manuel Inácio Peixoto. Em 1927, foi cursar Direito em Belo Horizonte e, no ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar os estudos. Após se formar em 1930, chegou a advogar em parceria com Cardillo Filho. Essa experiência apareceu em carta para Mário de Andrade: “Deixei Cataguases e agora tento a advocacia aqui, à rua da Quitanda, 59, 2º, sala 11, onde V. me encontrará sempre à sua disposição.” (Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, 18/5/32, AMA, IEB-USP) Dois anos depois, contou ao amigo que participava de um concurso público para se tornar diplomata: “Estou agora num [tipiti] do diabo com um concurso no Ministério do Exterior...” (Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, 25/5/34, AMA, IEB-USP) Em 1936, voltou definitivamente para Cataguases. Em 1939, assumiu a diretoria das Indústrias Irmãos Peixoto. Em 1942, adquiriu, com os irmãos, o antigo Ginásio de Cataguases. Um novo prédio da escola foi erguido, com projeto de Oscar Niemeyer, e reinaugurado em 1949, com o mural “Tiradentes”, de Cândido Portinari. Foi diretor do Colégio Cataguases por 20 anos (1943-1963). Em 1946, ainda diretor na escola, recebeu um cartão de Drummond (provavelmente em agradecimento a alguma homenagem prestada por alunos do Ginásio): “Que poeta figure no quadro de formatura, prodígio é esse que só se concebe num ginásio de que seja diretor Francisco Inácio Peixoto, dono de um temperamento poético inamovível. Os outros ginásios do mundo consideram o poeta um monstro. Mas o de Cataguases acolhe-o e dá-lhe honras de profeta otimista, anunciando a aurora. Viva Cataguases, mais uma vez! // Envaidecido (a

texto “Ascânio”, Peixoto lembrou sua vida no primário com os colegas: “Nós tínhamos precisão de levantar cedo pra assistir às primeiras aulas. O encontro se dava quase sempre na Avenida e então a gente ia proseando e chutando distraidamente tudo quanto era de chutar pelo caminho afora.”⁹² Entretanto, em 1927, com 18 anos, já estudava Direito no Rio de Janeiro – o que não impediu sua participação na vanguarda cataguasense.

Peixoto conservou, em seus arquivos, missivas de Guilhermino Cesar que datam desde 1925, as quais dão pistas do que os amigos liam e de suas opiniões, demonstrando que a discussão literária era algo do cotidiano dos dois jovens de Cataguases. As leituras incluíam escritores engajados em experiências modernistas, de acordo com carta do início de 1926:

Acabo de ler na *Ilustração Brasileira*, o discurso do Ronald proferido num banquete oferecido a Renato Almeida. Leste também? // Tenho sobre a mesa uma crítica do [ilegível] extraída da *Gazeta* de 25, onde o Menotti da *Chuva de pedra*, não aquele poeta emotivo do *Juca Mulato* ganhou apenas uma notícia às pressas, sem opinião de bom ou mau, quando por ocasião do *As Máscaras* recebeu uma crítica especial.⁹³

Naquele mesmo ano, outra carta de Guilhermino Cesar mostrou a pouca simpatia ao Futurismo:

O [ilegível] prof. e vice-diretor Antonio Mendes (exigências protocolares). Vai publicar n’*O Município* um artigo contra os seguidores de Marinetti. Receberás um exemplar pelo correio. // O nosso João escreveu uma cartinha, dizendo que pretendia estar presente à segunda conferência de Marinetti. Qual a sua opinião sobre tão bizarra personalidade?⁹⁴

culpa é toda de você) e comovido, manda-lhe um abraço muito afetuoso o // Carlos Drummond”. (Carlos Drummond de Andrade a Francisco Inácio Peixoto, 8/4/46, AFIP, AMLB-FCRB) Por iniciativa de Francisco Inácio Peixoto, foi implantada na cidade de Cataguases, a partir dos anos 1940, uma série de projetos arquitetônicos modernos. Muitos novos proprietários de imóveis seguiram a “moda” lançada por ele e encomendaram projetos modernos a arquitetos de renome. Nas praças e nos colégios, viam-se trabalhos de Portinari, Bruno Giorgi, Marciar, Ceschiatti, Bologna, Maurício Medeiros, Niemeyer, entre outros. A própria residência de Francisco Inácio foi projetada por Oscar Niemeyer, o paisagismo foi de Roberto Burle Marx, e o mobiliário foi desenhado por Joaquim Tenreiro. O poeta modernista morou nessa casa até seu falecimento, em 8/1/86. Após o período de entusiasmo da *Verde*, Peixoto somente voltou a publicar em 1940, quando lançou o livro *Dona Flor*, com cinco contos. Em 1960, após uma viagem à Tchecoslováquia e à ex-URSS, escreveu *Passaporte proibido*, relato de suas impressões. Em 1967, saiu *A janela*, com seis contos. Em 1981, editou a coletânea de poemas *Erótica*, com 11 textos ilustrados por Aldary Toledo. Um ano depois, juntou seus contos publicados a mais seis inéditos, em *Chamada geral*. Luiz Ruffato, em 2008, reuniu toda a obra do autor, que foi publicada no volume *Francisco Inácio Peixoto em prosa e poesia*. Os dados biográficos de Peixoto foram fornecidos por sua filha, Bárbara Peixoto; pelo texto de introdução de Luiz Ruffato às obras completas *Francisco Inácio Peixoto em prosa e poesia*; pelas biografias presentes nos livros *Passagem para a modernidade*, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato; e por pesquisas no Arquivo de Francisco Inácio Peixoto na Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁹² PEIXOTO, Francisco Inácio. “Ascânio”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 14.

⁹³ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 25/2/26, AFIP, AMLB-FCRB.

⁹⁴ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 25/5/26, AFIP, AMLB-FCRB.

A correspondência de Peixoto também registrou os preparativos para o primeiro número da revista *Verde*, como na mensagem em que Fusco tratava da confecção de alguns clichês no Rio: “O clichê tá bom. Pena tenha ficado tão grande. [...] A *Verde* vai te pagar a metade do dinheiro que V. gastou com o bicho.[...] // A *Verde* vai ser um sucesso dos diabos! // O Carlos Drummond mandou um baita poema cuié-de bão.”⁹⁵

Além de cuidar da encomenda de matrizes, Peixoto procurou assinantes para a *Verde* na antiga capital da república, conforme carta de Fusco: “[Nós] precisamos do dinheiro da *Verde*. Cave mais assinantes. Tá ouvindo? Quando a *Época* publicar a tua poesia e a do Camilo me mande um nº da bicha.”⁹⁶ Também trabalhou na distribuição da revista, por isso deu conta dos exemplares a Fusco: “Só aqui reparei que você me havia dado somente 21 *Verdes*. Por isso botei 10 [no] ponto de jornais na Avenida porque lá é que se vende mais; e 5 na livraria Odeon. Penso que já venderam uns 6 nºs.”⁹⁷

Peixoto despertou o interesse de outros estudantes por Cataguases e pelos verdes. No feriado de 7 de setembro de 1928, levou colegas cariocas para conhecer a cidade. Sobre essa visita, contou a Guilhermino Cesar: “estou à frente de uma embaixada de estudantes que vai a Cataguases no próximo dia 7.”⁹⁸ Rosário Fusco chegou a mencionar, em carta a Mário de Andrade, a visita dos cariocas: “Cardillo Filho e Marques Rebelo brotaram aqui numa embaixada de estudantes cariocas 7 de setembro.”⁹⁹

O rapaz somente não publicou textos na *Verde* nº3, e seu nome foi citado na última página da revista entre os poetas que não apareceram por falta de espaço. Contudo, o real motivo pode ter sido a impossibilidade de mandar colaboração à *Verde*. A Guilhermino Cesar, Peixoto explicou que não escreveria porque realizava exames no curso de Direito e sofrera um acidente que lhe causou uma ferida no pé. Apesar disso, demonstrou, na carta, que estava a par das movimentações do grupo ao dar notícias da revista: “Lutamos alguma dificuldade falta auxílio parte comerciantes. Não dão anúncios. Povo besta ignorante povo Cataguases! / Quarto número *Verde* supimpa. Vai ver...”¹⁰⁰

Os dois primeiros textos divulgados por Peixoto na revista de Cataguases inspiraram-se na infância. Na *Verde* nº1, estampou “Ternura”, em que trabalhou com o ponto de vista infantil em relação à separação da mãe:

⁹⁵ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 16/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

⁹⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

⁹⁷ Francisco Inácio Peixoto a Rosário Fusco, 8/8/28, ARF, AMLB-FCRB.

⁹⁸ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, [agosto/1928], FGC, IEL-RS.

⁹⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 16/9/28, AMA, IEB-USP.

¹⁰⁰ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, 18/12/27, FGC, IEL-RS.

[...] Quando você morreu, mamãezinha, todos me diziam / que eu não chorasse porque você viria todas as noites / lá do outro mundo / acalantar o sono do seu filhinho. // E até hoje você não veio... // Será porque eu deixo sempre acesa a luz do meu quarto?[...]¹⁰¹

E na *Verde* nº2, publicou o poema “Berceuse”, com base na sensação de observar desde a cama quente a chuva do lado de fora: “[...] A chuva indiscreta / vai contando / na melancolia ingênua de uma goteira / a tristeza que há lá fora. // – Alegria de pensar que a vida é boa!”¹⁰²

Entretanto, a prosa de Peixoto parecia não temer a polêmica com outros modernistas. Em resposta ao texto “Modernismo” (que procurou delinear a diferença entre Modernismo e Futurismo), divulgado na *Verde* nº3, Francisco Inácio estampou na *Verde* nº4 a “Carta-telegrama pra Martins de Oliveira”. Peixoto defendeu a falta de necessidade de explicar ou definir, conceitualmente, o movimento: “Pra que viver explicando ‘é formidável o nosso ideal?’ Não chegarão nunca compreender. Não temos também necessidade dessa compreensão. Por isso inutilidade artigos explicativos tendências modernizantes.”¹⁰³ Vale a observação de que essa mesma ideia estava presente no Manifesto do Grupo Verde, que saíra um mês antes:

Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra [...]. / Por isso preferimos a indiferença. Esta será a mais bela homenagem que nos prestarão os que não nos compreenderem. Por que atacar Verde? Somos o que queremos ser [...].¹⁰⁴

Na seção Notícias sobre livros e outras notícias, na *Verde* nº4, Peixoto assinou o texto “Declamação”, em que reclamava da “febre” de eventos desse tipo no Rio de Janeiro; escreveu uma crítica sobre *Catimbó*, de Ascenso Ferreira, na qual elogiava o livro, mas apontava, como falha, os momentos mais sentimentais, em que o poeta fazia referência à tristeza e à melancolia. Ascenso Ferreira pareceu não gostar da crítica:

A minha poesia sendo uma coisa profundamente sentida não pode ter a preocupação de fugir por completo à tristeza, que também é um estado da alma.[...] E si não fosse muito trabalho pra você, bichão, eu gostaria que V. pelas colunas da *Verde*, me indicasse quais os reparos de que meu livro precisa “para figurar entre os melhores livros da literatura brasileira”.¹⁰⁵

¹⁰¹ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Ternura”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 25.

¹⁰² PEIXOTO, Francisco Inácio. “Berceuse”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 18.

¹⁰³ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Carta-telegrama pra Martins de Oliveira”, *Verde* nº4, Cataguases, novembro de 1927, p. 13.

¹⁰⁴ Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo, 1978, folha avulsa.

¹⁰⁵ Ascenso Ferreira a Francisco Inácio Peixoto, 19/1/28, AFIP, AMLB-FCRB.

Na *Verde* nº5, assinou o poema “Maria lavadeira”, que trouxe a temática social. Além desse texto, merece atenção o artigo “Mestre Tasso, otimista impenitente”, que respondeu “A enxurrada”, de Tasso da Silveira, publicado na *Festa* nº4, de janeiro de 1928. Em nenhum momento, Tasso citou o nome da revista *Verde* ou dos rapazes de Cataguases, mas dirigiu-se, ironicamente, aos “meninos”. O crítico afirmou que a onda de “alegria criadora” que a literatura brasileira vivia era seguida de uma “enxurrada de bestice”. A segunda parte do artigo, com o subtítulo “Antologia”, transcreveu trechos de poemas dos rapazes da *Verde*; porém, não identificou os respectivos autores e realizou pequenas modificações para ridicularizar os versos. Nessa seção, incluíram-se “Serão de menino pobre”, de Ascânio Lopes (*Verde* nº1); “Santinha da encarnação”, de Guilhermino Cesar (*Verde* nº1); “Bloco”, de Teobaldo de Miranda Santos (*Verde* nº1); “Ternura”, de Peixoto (*Verde* nº1); “Poema de Belo Horizonte”, de Roberto Theodoro (*Verde* nº2); “Pedromalazarte”, de Camilo Soares (*Verde* nº2); e “Melancolia”, de Martins de Oliveira (*Verde* nº2). A “Antologia” terminou com a seguinte afirmação: “Que enjoo pensar que a esta hora há, precisamente 4.529 meninos a dizerem bobices desta ordem pelo Brasil inteiro!”¹⁰⁶ A terceira parte do texto de Tasso da Silveira, intitulada “A onda renovadora”, apontou, nominalmente, os escritores que considerava bons, entre os quais estavam os membros da revista *Festa* e alguns paulistas, como, por exemplo, Mário e Oswald de Andrade. A quarta parte sugeriu que os “meninos” fossem apenas público leitor e lamentou: “Querem escrever, ‘apenasmente’. Botar o nomezinho por baixo... Por baixo de quê? De qualquer bestidadezinha que saia impressa nas páginas das revistas que vocês mesmos fundam para tal fim.”¹⁰⁷ Considerando-se “otimista impenitente”, declarou esforçar-se para “incutir nessas cabecinhas algumas noções essencialíssimas”. Na quinta parte, denominada “Equívoco”, esclareceu que as normas do verso caíram, mas ressaltou que novos elementos não compreendidos pelos “meninos” deveriam ser levados em conta. As partes seguintes tratavam desses elementos, a saber: velocidade, totalidade, brasilidade e universalidade.

Em resposta, Peixoto dirigiu-se, ironicamente, ao “Mestre” e afirmou que o artigo pedante de Tasso, ao criticar a produção dos novos escritores da *Verde*, pretendia elogiar a própria “panelinha literária”. Em seguida, Peixoto citou a participação de Tasso da Silveira na revista *Elétrica*, pequena publicação de Ubá, que traria textos de pouca qualidade literária, assim como os que ele próprio atacara. Outrossim, Francisco Inácio detectou a posição ambígua de Tasso da Silveira em relação à obra de Mário de Andrade e o acusou de falta de

¹⁰⁶ SILVEIRA, Tasso da. “Enxurrada”, *Festa* nº4, Rio de Janeiro, janeiro de 1928, p. 4.

¹⁰⁷ Id., p. 5.

coragem para criticar o escritor paulista. Terminou o artigo com uma “antologia” que reuniu trechos de Barreto Filho, Aldelino Magalhães, Brasília Itiberê, Cecília Meirelles, Murilo Araújo e Lacerda Pinto, publicados na *Festa*. Peixoto, então, concluiu:

Vê você, MESTRE que essa história de ridicularizar as produções dos outros é fácilima. Principalmente quando empregamos o seu processo nada decente e ainda por cima temos a ventura de encontrar leitores incautos e ingênuos.¹⁰⁸

Peixoto voltou a divulgar seus versos no “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”. “Uiara”, com apenas oito versos, misturou história e folclore ao citar o bandeirante Fernão Dias Pais Leme e a personagem folclórica brasileira Uiara. Esse poema foi recolhido com mais onze no livro *Meia-pataca*, lançado em parceria com Guilhermino Cesar, no final de 1928, pela “editora” da *Verde*. Além do olhar criativo sobre a história da ocupação de Cataguases, seus poemas tiveram como temas a preocupação social e a observação atenta do lugar onde vivia, além de descrever os viajantes que peregrinavam pelo interior de Minas Gerais e o uso cotidiano do trem.

Em 1940, na tentativa de editar mais uma fase da *Verde*, Peixoto registrou a propriedade intelectual da revista e do nome. Apesar de receber ajuda de Fusco, Enrique de Resende e Guilhermino Cesar, não conseguiu levar adiante o plano.

3.1.6. “estou escrevendo uma coisa séria”¹⁰⁹ (Guilhermino Cesar)

O último dos verdes a dirigir-se a Mário de Andrade foi Guilhermino Cesar.¹¹⁰ Embora tivesse apenas 19 anos na época em que a *Verde* começou a ser editada, era o mais

¹⁰⁸ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Mestre Tasso, otimista impenitente”, *Verde* n°5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 18.

¹⁰⁹ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, [post. 22/5/29], AMA, IEB-USP.

¹¹⁰ Guilhermino Cesar da Silva nasceu em 15/5/1908, em Pinheiros, atual Pinhotiba, pertencente a Eugenópolis (MG). Mudou-se, em 1919, para Cataguases, onde estudou no Grupo Escolar Astolfo Dutra e, depois, no Ginásio Municipal, quando participou do Grêmio Literário Machado de Assis. Em 1927, começou a estudar medicina em Belo Horizonte, onde já morava Ascânio Lopes. Teve contato com o grupo Estrela e ficou amigo de Carlos Drummond de Andrade. Em 1928, trocou a faculdade de Medicina pela de Direito. Em Belo Horizonte, fez carreira na imprensa e no serviço público. Seu envolvimento com a literatura estendeu-se da prática para o magistério. Foi professor-fundador, em 1934, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, em que lecionou Literatura Brasileira e História Moderna. Pouco depois, publicou seu primeiro romance, *Sul*, em 1939. Em carta a Peixoto, retratou a euforia com a obra: “Oh! Chico, como estou perto daquele ano de 1928, em que você, Fusco, Ascânio, Enrique e eu possuímos o Brasil e ameaçávamos a estética universal!... Você talvez não me compreenda bem, mas o fato é que eu me sinto hoje muito mais verde do que naquela época. Passei por várias crises, inclusive a política, com o socialismo e o fascismo, procurei alcançar a Pasárgada e, agora,

experiente na edição de periódicos. Durante os dois anos anteriores à existência do grupo modernista da *Verde*, conduziu o jornal *Mercúrio*, em que três dos futuros colegas de vanguarda puderam divulgar seus poemas: Rosário Fusco, Camilo Soares e Oswaldo Abritta.

Outra experiência semelhante ocorreu nos anos de 1926 e de 1927, em que foi presidente do Grêmio e ajudou a organizar o jornalzinho da casa, *Estudante*. Guilhermino Cesar lembrou-se, com orgulho, da época em que presidia as sessões de alunos: “foi uma das grandes ‘glórias’ da minha vida”.¹¹¹ Na mesma época, o futuro colega da *Verde* Oswaldo Abritta fora o primeiro orador, e, no ano seguinte, a presidência passou ao outro futuro verde Martins Mendes. Também contou que, nas reuniões do Grêmio aos domingos, ocorria inflamada discussão sobre os rumos da literatura brasileira e admitiu não ter aderido às ideias modernistas rapidamente: “Eu me lembro que me converti no momento em que comecei a ler as coisas paulistas, porque com o Graça Aranha eu ficava irritado, eu não entendia, muito jovem que era.”¹¹²

No final de 1927, também se dividia entre Belo Horizonte, onde começara o curso superior, e Cataguases. Como Peixoto no Rio de Janeiro, Guilhermino Cesar, na capital de seu estado, auxiliou a divulgação da revista. Fusco escreveu a Guilhermino Cesar em outubro de 1927: “Recebeu as outras revistas? Mande mais 20 pra V. colocar aí. Se for possível mande os cobres das outras, ouviu? Precisamos do baita. Porque os anunciantes deram o fora.”¹¹³

regresso àquele estado indefinido de entusiasmos e euforia literária. Daí o meu romance, que está quase concluído, e ao qual atribuo grande importância para o encaminhamento da minha vida, daqui por diante.” (Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 20/8/36, AFIP, AMLB-FCRB) Mudou-se para Porto Alegre em 1943, onde foi nomeado chefe de gabinete do interventor federal no Rio Grande do Sul e, pouco depois, assumiu o cargo de Ministro do Tribunal de Contas desse estado. Apesar da mudança, não permaneceu muito tempo longe da literatura. Em 1953, passou a lecionar Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dez anos depois, foi convidado para inaugurar a cadeira de Literatura Brasileira na Universidade de Coimbra e recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*. Depois de três anos em Portugal, voltou ao Rio Grande do Sul, onde morou até sua morte, em 7/12/93. Guilhermino Cesar teve uma participação marcante nas letras do Rio Grande do Sul. Foi autor da *História da literatura do Rio Grande do Sul*, publicada em 1956; de *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul*, em 1969; e da *História do Rio Grande do Sul*, em 1970. No período em que esteve em Portugal, produziu *Lira coimbrã e Portulano de Lisboa* (poesia), editados em 1965. Ainda publicou *O embuçado do Erval* (ensaio), em 1968; *Arte de matar*, em 1969; *Qorpo-Santo: relações naturais e outras comédias*, em 1969; *Sistema do imperfeito e outros poemas*, em 1977; *Historiadores e críticos do romantismo – a contribuição europeia* (v. 1), em 1978; e *Cantos do canto chorado* (poesia), em 1990. Postumamente, o Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul publicou *Origens da economia gaúcha (o boi e o poder)*, em 2005. Os dados biográficos de Guilhermino Cesar foram fornecidos pelo texto de introdução de Antonio Hohlfeldt à edição póstuma do livro *Origens da economia gaúcha (o boi e o poder)*; pelas biografias presentes nos livros *Passagem para a modernidade*, de Joaquim Branco, e *Os ases de Cataguases*, de Luiz Ruffato; e por pesquisas no Fundo Guilhermino Cesar no Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul.

¹¹¹ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 214.

¹¹² Ibidem, 1981, p. 215.

¹¹³ Rosário Fusco a Guilhermino Cesar, 22/10/27, FGC, IEL-RS.

A segunda e a terceira foram as únicas edições em que seu nome não apareceu, o que gerou protesto dos companheiros. Rosário Fusco reclamou da ausência: “Que diabo deu em você aí, diabo?! Não mandou colaboração nem nada. Por quê? Está com raiva da gente? Se não está por que este SI-L-EM-CI-O!”¹¹⁴ Enrique de Resende também apelou ao colega:

Sua colaboração tem sido minguada. *Verde* precisa de você, meu amigo – pois os verdes vão diminuindo cada vez mais. Atualmente somos apenas dois aqui: o Fusco e eu. Ninguém mais. Você naturalmente perguntará pelos outros. Digo-lhe que desapareceram. O Mendes, sempre fora; se anda por aqui – pouco ou nenhuma vez vem à redação, dado o seu infundável serviço no Ginásio. O Fonte-Boa e o Abritta – morreram. O Camilo desligou-se, inventando uma série de coisas em Juiz de Fora. Quanto ao Francisquinho somente agora é que veio do Rio. Contávamos com ele na parte comercial, em virtude do seu vasto parentesco no comércio local. Mas tudo falhou. Não nos arranhou SEQUER um anúncio! [...] O Fusco, como sabe você, não pode providenciar nesse sentido, pela absoluta falta de relações com os anunciantes, mas, em compensação, tem prestado à *Verde* relevantíssimos serviços. Se a revista tem vivido, não é devido a mim, mas também – e muito a ele.¹¹⁵

Os números seguintes estamparam textos assinados por Guilhermino Cesar. Inclusive, algumas *Verdes* tiveram até mais de uma colaboração do autor. Na edição nº1, assinou prosa e verso. O conto “Santinha encarnação” narrava a vida de Tancredo Celestino, um escriturário de vida medíocre, e de sua mulher, Santinha da Encarnação, dona de casa que, apesar do nome, era infiel, rabugenta e controladora. A estrutura do conto reforçava a ironia, pois, em três momentos em que a descrição do físico e das ações de Santinha pareciam exigir alguma reação enérgica de Tancredo, a narração é interrompida para a ressalva conformista: “Entretanto, ele gostava da mulher. Apesar das rugas, das briguinhas – que eram como que o pão nosso de cada dia...”¹¹⁶ O poema “Noturno”, dedicado a Enrique de Resende, inspirou-se nas noites de maio e recordava o ar sombrio que se tornava suave com o perfume de flores: “[...] Anda no espaço um cheiro bom de angélica, / um cheiro forte de cravos e glicínias.”¹¹⁷

Provavelmente porque em dezembro de 1927 estava de férias em Cataguases, Guilhermino Cesar reapareceu na *Verde* nº4. Estampou uma composição bem-humorada: “Crônica quase policial da Barroca”. O texto descrevia uma serenata em um bairro da cidade, que era “quase policial” porque não passava de um jogo de sedução: “[...] Ele fez um pedido

¹¹⁴ Rosário Fusco a Guilhermino Cesar, 22/10/27, FGC, IEL-RS.

¹¹⁵ Enrique de Resende a Guilhermino Cesar, 8/1/28, FGC, IEL-RS.

¹¹⁶ CESAR, Guilhermino. “Santinha encarnação”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 16-17.

¹¹⁷ CESAR, Guilhermino. “Noturno”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 23.

singular / porque Maria de Jesus mexe com os ombros / e diz toda dengosa quase querendo / – Tem graça! o que os outro há de dizer!”¹¹⁸

Na *Verde* nº5, divulgou a “Balada do arco-íris da gente”, dedicada a Rosário Fusco. O poema tinha quatro estrofes de versos irregulares e associava as cores a lembranças infantis. Possivelmente se referia à revista e ao grupo, pois apenas a cor verde faltava em seu “arco-íris interior”: “Eu quisera ter o arco-íris completo / mas você tirou a cor verde / e eu fiquei com as outras cores todas / dançando confusas / dentro de mim.”¹¹⁹ Nessa mesma edição, assinou críticas sobre *Baianinha e outras mulheres*, de Ribeiro Couto, e *Poemas*, de Jorge de Lima. Na *Verde* nº1 da segunda fase, estampou o texto “Ascânio”, em que recordou o amigo morto, especialmente nas viagens entre Cataguases e Belo Horizonte que realizaram juntos muitas vezes.

No “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928” assinou “Tio Santana” e trouxe o falar do negro velho que revivia o tempo em que recebia ordens do feitor: “Anda nego! que falta de força // Tio Santana falava sozinho do eito.”¹²⁰ É interessante notar como o negro aparece nesse texto: sabia que sua condição social mudara, entretanto, continuava com uma vida tão dura que, para ter ânimo, precisava dizer, para si mesmo, as ordens que ouvira do feitor; o poeta esforçou-se para recriar a forma de falar do negro. É razoável supor que Guilhermino Cesar já refletisse sobre a contribuição cultural e social dos antigos escravos, o que seria o assunto que motivou a fundação da revista *Leite Criôlo*, em 13 de maio de 1929, em Belo Horizonte, por ele, Achilles Vivacqua e João Dornas Filho.

A *Verde* e a *Leite Criôlo* coexistiram durante 1929, e os amigos da revista cataguasense colaboraram na nova aventura belorizontina. Mário de Andrade foi convidado a enviar textos:

aí vai o primeiro número da *Leite Criôlo* pra V. ler e mandar a opinião. Não se descuidando de uma coisa: nós todos fazemos questão (se V. não se envergonha de nos ter ao seu lado no jornal) de auxílio, em prosa ou em um verso, o que V. entender, pro número de junho.¹²¹

Guilhermino esteve à frente de vários periódicos editados na capital mineira e, continuando uma prática que começara no *Mercúrio*, deu espaço a novos escritores. Pode-se mencionar, como exemplo, o período em que foi redator-chefe do *Diário da Tarde* e deu oportunidade de trabalho para o jovem Rubem Braga, de 19 anos, que chegara recentemente à

¹¹⁸ CESAR, Guilhermino. “Crônica quase policial da Barroca”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 21.

¹¹⁹ CESAR, Guilhermino. “Balada do arco-íris da gente”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro[junho] de 1928, p. 11.

¹²⁰ CESAR, Guilhermino. “Tio Santana”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 5 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”.

¹²¹ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, 15/5/29, AMA, IEB-USP.

cidade para cursar Direito. Outro exemplo diz respeito à fase em que foi assessor do chefe de polícia Ernesto Dornelles e fez chegar à *Argus*, revista da polícia mineira, um conto de Fernando Sabino, de apenas 12 anos.

Para completar o panorama de sua participação no Grupo Verde, cabe assinalar que Guilhermino Cesar também quis expandir as ações dos rapazes para o campo editorial. A correspondência com Fusco demonstrou que planejavam uma coletânea juntos, mas não foram adiante, pois o rapaz acreditava que o pai de Guilhermino Cesar não patrocinaria o empreendimento:

você diz que não quer publicar o *Dois* mais não porque o papai disse que estará julgando ser ruim [ilegível] a nossa ideia. Eu estou quase não acreditando não. Então o papai disse a você mesmo que estava trocando com a gente? Não é possível, seu Rosário Fusco.¹²²

Guilhermino Cesar acabou editando, juntamente com Francisco Inácio Peixoto, o *Meia-pataca*. Alguns dos poemas publicados na *Verde* foram reunidos entre os 15 que compunham sua parte, cujo veio temático predominante foi a região de Cataguases. Um dos textos que servem como exemplo é o poema de abertura “Meia-pataca”, sobre a história do rio que cruza a cidade:

O conquistador chegou cansado
e batizou com o ouro da cobiça
a terra que lhe prometia
um punhado de coisas tentadoras
MEIA-PATACA!

Vieram mais gentes
porém não havia mais ouro
no rio de águas feias.

[...]
– Olhando o rio esquecido
eu penso no ouro que sumiu
e no ouro que ficou pra sempre
no coração da minha gente.¹²³

3.1.7. “Agora não exagero mais, e agora que escrevo brasileiro mesmo”¹²⁴ (Mário de Andrade)

¹²² Guilhermino Cesar a Rosário Fusco, [1928], ARF, AMLB-FCRB.

¹²³ CESAR, Guilhermino e PEIXOTO, Francisco Inácio. *Meia-pataca*. Cataguases: Verde, 1928, sem página.

¹²⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, notas sem data [24/10/27], Acervo Rosário François Fusco.

O sétimo participante do diálogo epistolar remontado aqui contava 34 anos, no final de 1927, somava cinco livros publicados e tivera participação determinante em revistas que davam suporte e divulgação ao movimento modernista: *Klaxon*, *Estética*, *A Revista* e *Terra Roxa e outras terras*.¹²⁵ Mário de Andrade¹²⁶ lançara há pouco o romance/“idílio” *Amar, verbo intransitivo*, estava com o livro de poemas *Clã do jabuti* no prelo e trabalhava em *Macunaíma*. Esses livros que saíram no período mais intenso da correspondência revelaram o sentido das propostas literárias do escritor paulista.

Os poemas de *Clã do jabuti* foram compostos, em sua maioria, entre 1924 e 1925, com base em estruturas musicais populares, como a toada, a moda de viola e o romance. O cuidado

¹²⁵ Sobre a participação de Mário de Andrade nos periódicos citados, cf. DE LUCA, Tânia Regina. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

¹²⁶ Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em 3/10/1893, na cidade de São Paulo. Estudou no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dos Irmãos Maristas, onde se tornou bacharel em Ciências e Letras. Em 1911, entrou como aluno para o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Pouco tempo depois, passou a ser “aluno praticante” (monitor) e depois professor substituto de História da Música. Mário de Andrade tornou-se professor catedrático dessa instituição em 1922. Paralelamente, dava aulas particulares de piano e escrevia em diversos jornais. De 1935 a 1938, ficou à frente do Departamento de Cultura, de onde impulsionou a *Revista do Arquivo Municipal*, a Sociedade de Etnografia e Folclore e enviou a Missão de Pesquisas Folclóricas ao Norte e ao Nordeste. Em 1938, desligou-se do Departamento e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu os cargos de catedrático de Filosofia e História da Arte e diretor no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal. Voltou a São Paulo em 1941. Mário de Andrade morreu em São Paulo, em 25/2/45. A notícia chegou a Cataguases, por telegrama a Peixoto, de Porto Alegre, onde morava Guilhermino Cesar: “Faleceu ontem São Paulo nosso grande Mário de Andrade. / Guilhermino.” (Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 27/2/45, AFIP, AMLB-FCRB) A estreia em livro foi em 1917, quando, com suas economias, publicou *Há uma gota de sangue em cada poema*, com o pseudônimo de Mário Sobral. Até o início da correspondência com os verdes, Mário de Andrade havia publicado: *Pauliceia desvairada* (poemas, 1922), *A escrava que não é Isaura* (ensaio, 1925), *Losango caqui* (poemas, 1926), *Primeiro andar* (contos, 1926), *Amar, verbo intransitivo* (romance, 1927). Outras principais publicações foram: *Clã do jabuti* (poemas, 1927), *Macunaíma* (romance/rapsódia, 1928), *Ensaio sobre a música brasileira* (ensaio, 1928), *Compêndio da história da música* (1929, reescrito como *Pequena história da música brasileira* em 1942), *Modinhas imperiais* (1930), *Remate de Males* (poemas, 1930), *Belazarte* (contos, 1934), *Música, doce música* (1934), *O aleijadinho e Álvares de Azevedo* (1935), *Música do Brasil* (1941), *Poesias* (1941), *O movimento modernista* (1942), *O baile das quatro artes* (1943), *Os filhos da Candinha* (1943), *Aspectos da literatura brasileira* (1943), *O empalhador de passarinhos* (1944). Muito material inédito ficou em seus arquivos, que foram transferidos para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), em 1968, juntamente com sua biblioteca e sua coleção de artes visuais. A pesquisa com esse material originou os livros organizados por Telê Ancona Lopez: *Táxi e crônicas no Diário Nacional* (textos jornalísticos, 1976), *O turista aprendiz* (relatos de viagens, 1983), *Entrevistas e depoimentos* (1983), edição crítica de *Macunaíma* (1978; 1996) e *Balança, trombeta e battleship* (prosa de ficção, 1994). Diversos pesquisadores trouxeram a lume valiosos materiais de Mário de Andrade. Entre outros, citam-se: o romance inacabado *Quatro pessoas*, publicado em 1985, por Maria Zélia Galvão de Almeida; os artigos na imprensa em *O banquete*, em 1989, por Jorge Coli e Luiz Dantas; *A vida do cantador*, em 1993, por Raimunda de Brioto Batista; *Vida literária*, em 1993, por Sônia Sachs; *Música e jornalismo: Diário S. Paulo*, em 1993, por Paulo Castagna; e *Música final*, em 1998, por Jorge Coli. Outra vertente de pesquisa no arquivo do escritor paulista explora a sua correspondência passiva, que esteve lacrada durante 50 anos após sua morte, em respeito à sua determinação. A correspondência foi reaberta em 1995; desde então, chegou ao público o diálogo de Mário de Andrade com importantes personalidades da cultura brasileira, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Henriqueta Lisboa e Câmara Cascudo. A essa vertente, engaja-se este trabalho, que procurou reunir as cartas trocadas entre o autor de *Macunaíma* e os rapazes do Grupo Verde de Cataguases. Os dados biográficos de Mário de Andrade foram colhidos no livro *A imagem de Mário: fotobiografia de Mário de Andrade*, de Telê Porto Ancona Lopez.

com a composição e o ritmo denuncia a preocupação de não fazer do verso livre, importante conquista modernista, um recurso fácil e simplista. Esse foi o tema da carta do poeta endereçada a Fusco e a Peixoto no início do mês de janeiro de 1928. Mário de Andrade alertava que o verso livre não deveria ser aleatório, mas justificado por alguma motivação lírica interior ou rítmica, e que isso fazia dele até mais difícil, pois não era uma questão de fazer as palavras caberem em uma métrica estabelecida. Com o mesmo tema da carta, Mário de Andrade escreveu os artigos “A questão do verso livre I” e “A questão do verso livre II”, publicados no *Diário Nacional*, em 20 e 22 de março de 1928, nos quais argumentou:

Verso livre não quer dizer verso-arbitrário, não. Verso livre é um dos revestimentos formais do estilo em que o poeta para maior liberdade e naturalidade de dicção, em vez de se sujeitar a uma forma exterior pré-estabelecida, se sujeita a formas interiores determinadas pelo estado lírico, pela inspiração. [...] É uma organização mais sagaz e elevada que corrige as falhas do subconsciente, supressão da abundância, supressão das banalidades desnecessárias, substituições de lugares-comuns, maior eficiência dos dinamismos rítmicos, intelectualização de efeitos psicológicos. Enfim, é uma organização que obriga muita técnica e a uma trabalhadeira tão penosa como construir um soneto com metros perfeitos e rimas raras.¹²⁷

Vale ressaltar que a preocupação com o trabalho de composição, para Mário de Andrade, vinha desde os primeiros tempos do modernismo. Já em *Pauliceia desvairada*, não admitiu que seus versos livres fossem tomados como adesão irrefletida à bandeira futurista. No “Prefácio interessantíssimo”, definiu a polifonia poética, que, por meio dos versos harmônicos e melódicos, proporcionava sequências abertas de ideias, sons e imagens.

Mais que pensar no verso livre, nessa época, Mário de Andrade tinha bastante claro seu projeto linguístico ligado a propostas estéticas e ideológicas voltadas para um nacionalismo crítico. Ao longo da década de 1920, o escritor mostrou-se empenhado em pesquisar e empregar a língua portuguesa tal como ela se configurava no Brasil, considerando riquezas as modificações e as criações do povo. Utilizou a expressão “língua brasileira” na acepção de “fala”, tanto que sua sistematização dos fenômenos observados se destinava a uma *Gramatiquinha da fala brasileira*. Desejava trazer, para o âmbito de sua criação literária, a palavra do dia a dia, os regionalismos, os vulgarismos, os idiotismos, a gíria e a sintaxe pouco ortodoxa.

Sua concepção estética e ideológica do modernismo não pretendia combater a gramática portuguesa, mas trabalhava no sentido da construção de uma arte nacional, capaz de alçar-se ao universal. Em carta a Rosário Fusco, de setembro de 1928, explicou como a busca

¹²⁷ ANDRADE, Mário de. “A questão do verso livre I”, *Diário Nacional*, 20/3/1928, p. 2, Biblioteca Nacional.

de uma expressão brasileira fazia parte de seu projeto literário desde 1922, mas ganhava, no momento, uma nuance menos radical e, para ele, mais madura:

Porém Rosário meu exagero era consciente, foi sacrifício de mim pra chamar atenção pra uma coisa: a utilização duma língua já concordante com a fala brasileira. Já em *Pauliceia* eu afirmava falar brasileiro. Porém a afirmativa não valeu de nada. Então forcei a nota. [...] Eu continuo forçando a nota? Não mais, seu Rosário. Ou por outra, continuo sim, porém só em artigos de revista e jornal, pra continuar a irritação [...]. É que tudo o que falo aqui estava bem consciente em mim desde o começo da forção de nota da minha língua, isso tenho uma porrada de cartas que provam bem, escritas pros que discutiam comigo a tentativa em que eu me tinha metido. Eu sabia conscientemente que estava forçando a nota. Eu sabia conscientemente que estava sacrificando as minhas obras. Tudo isso pra mim não fazia mal porque vindo na geração em que vim, minha função não era mesmo estar aí escrevendo uma obra que ficasse eternamente porém uma obra que pusesse em campo no meu tempo mesmo uns tantos de problemas estéticos úteis até moralmente pro Brasil.¹²⁸

Foram produções recentes e insufladas desse espírito que Mário de Andrade deu ao público nas páginas da *Verde*. O escritor iniciou sua participação na *Verde* nº2 com o poema “Rondó do brigadeiro”, que vinha com a inscrição “(dos Poemas de Campos do Jordão)”. O texto estava incluído em *Clã do jabuti*, ainda na gráfica, em outubro. As diferenças textuais da versão da revista para a do livro ocorrem na pontuação: no livro, foram retiradas as reticências no 4º e 10º versos, o 6º verso ganhou um ponto de exclamação, e o 7º passou a ter uma vírgula no final. No livro, o poema recebeu o nome de “Moda do brigadeiro” e posicionava-se entre “Moda dos quatro rapazes” e “Acalanto da pensão azul”, os três poemas receberam a indicação “(Campos do Jordão)”.¹²⁹

A musicalidade presentificada no nome desses textos foi expressa na métrica. Em “Moda dos quatro rapazes”, quase todos os versos tinham sete sílabas; e o segundo verso de cada estrofe, a mesma rima. Em “Moda do brigadeiro”, os versos possuíam sete sílabas, e aqueles terminados em “Jordão” funcionavam como refrão. Em “Acalanto da pensão azul”, apenas os versos de refrão, “Oh héticas maravilhosas!”, tinham sete sílabas; os demais, nove sílabas e rimas irregulares.

Em carta a Fusco, na qual explicou a importância do ritmo no efeito procurado para o texto, Mário de Andrade comentou a escolha métrica: “aí no ‘Rondó’ pra você, em vez de me

¹²⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/1928, ARF, AMLB-FCRB.

¹²⁹ Em 1923, Mário de Andrade, Couto de Barros e Tácito de Almeida visitaram Ribeiro Couto, que estava em tratamento contra tuberculose na cidade de Campos de Jordão. Os três poemas resultariam dessa viagem.

utilizar dum ritmo medido eu tivesse empregado ritmo prosaico adeus minhas encomendas! estraga o poema de que toda a gente gosta no geral”.¹³⁰

Na composição, o eu-lírico colocou-se do lado oposto ao do brigadeiro Jordão, rico proprietário de terras que era dono da fazenda onde fica o município de Campos do Jordão.

O brigadeiro Jordão
Possuiu estes latifúndios
Dos quais o metro quadrado
Vale hoje uns nove mil-réis...
Puxa! que homem felizardo
O brigadeiro Jordão...
[...]¹³¹

Na *Verde* nº3, o escritor divulgou o “Caso da cascata”, parte inicial do capítulo IV de *Macunaíma*, intitulado “Boiúna luna”, que não estava no planejamento inicial do livro. Antes da viagem de Mário de Andrade à Amazônia, entre maio e agosto de 1927, a narrativa possuía 17 capítulos, entre os quais o IV era “Piaimã”. O aparecimento do “Caso da cascata” na *Verde* de novembro de 1927 datou a modificação estrutural da rapsódia. “Boiúna Luna” entrou e passou a ser o quarto capítulo, ao passo que “Piaimã” se tornou o quinto capítulo.¹³²

A narrativa de amor impedido de Naipi fora colocada logo depois de Ci deixar o herói para se tornar estrela. O herói, então, saiu do convívio das icamiabas, mas ainda estava em seus domínios, seguido pelo séquito de jandaias e araras vermelhas. Ao ouvir a narrativa de amor infeliz entre a índia, transformada em cascata, e o guerreiro, convertido em planta, Macunaíma emocionou-se, haja vista que sofria por também perder sua amada. Logo se identificou com aquela cascata, que, como ele, via seu amado, mas não podia tocar e viver esse amor “até o fim do que não tem fim”. Então, jurou vingança por Naipi e cortou a cabeça da Boiúna Capei, causadora do sofrimento. Entretanto, justamente nessa aventura, o herói perdeu seu tembetá/muiraquitã. No final do capítulo, o Uirapuru, a mando do Negrinho do Pastoreio, revelou que o talismã estaria em São Paulo, com Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã. Essa passagem, mesmo entrando mais tarde no livro, relaciona-se à questão crucial para a ação romanesca que vem a ser a perda da muiraquitã. Vale lembrar que o trecho também se refere à decisão de Macunaíma ir a São Paulo.

Na *Verde* nº4, Mário de Andrade fez-se presente na “Apresentação”, que seria a abertura do livro *Codaque*, de Rosário Fusco, e no poema “Homenagem aos homens que agem”, feito a quatro mãos, com Oswald de Andrade. O poema, assinado por Marioswald,

¹³⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 25/6/28, ARF, AMLB-FCRB.

¹³¹ ANDRADE, Mário de. “Rondó do Brigadeiro”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 11. V. ANEXO E.

¹³² Cf. LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Vontade/Variante”, texto anexo à edição crítica de *Macunaíma*.

faria parte “(do livro inédito Oswaldário dos Andrades)”, segundo informava a revista; contudo, a obra conjunta não chegou a se realizar. No poema, as estrofes referem-se aos artistas modernistas e à movimentação dos rapazes da zona da mata mineira.

[...]
 Os Andrades
 Não escrevem mais
 Com terra roxa
 NÃO!
 Escrevem
 Com tinta Verde
 Cataguases
 [...]
 Todos nós
 Somos rapazes
 Muito capazes
 De ir ver de
 Forde Verde
 Os ases
 De Cataguases.¹³³

Na *Verde* nº5, Mário de Andrade publicou o texto “Présentation de la jeune fille”, em que anunciou os poemas em prosa de Dolour (Dulce do Amaral Pinto), filha de Tarsila do Amaral. Apesar de brasileira, a moça escrevia em francês, o que motivara o texto de Mário de Andrade na mesma língua. Na “Présentation”, o autor brincou com os nomes possíveis para os textos: “Escolhi para vos revelar a música refinada de Dolour, dois fragmentos de O Exercício ou Pretexto Surrealista ou Sobretexto Realista.”¹³⁴

No “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”, transcreveu-se artigo do paulista para o *Diário Nacional*, que focalizava os *Poemas cronológicos*, de Fusco, Enrique de Resende e Ascânio Lopes. Mário de Andrade elogiou a coragem dos rapazes pela obra e constatou a descentralização do Movimento Modernista, além de indicar as características estéticas de cada um dos participantes da coletânea.

Na *Verde* nº1 da segunda fase, a colaboração de Mário de Andrade foi “Vitória-régia”, que veio acompanhada de linóleo da argentina María Clemencia, intitulado “Moysés salvado de las aguas”. O autor descreveu, poeticamente, o ciclo de vida da flor nas lagoas do rio Amazonas, destacando as contradições que envolvem a planta, como a beleza e a periculosidade dos espinhos:

¹³³ MARIOSWALD. “Homenagem aos homens que agem”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 9.

¹³⁴ ANDRADE, Mário de. “Présentation de la jeune fille”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 12. “J’ai choisi pour vous révéler la musique raffinée de Dolour, deux morceaux extraits de l’Exercice ou Pretexte Surréaliste ou Surtexte Realiste. Surtexte Realiste...” V. ANEXO E.

Afinal numa arraiada o botão da vitória-régia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branquejando a calma da lagoa. Pétalas pétalas vão aparecendo brancas brancas em porção, em pouco tempo do dia a flor enorme abre um mundo de pétalas pétalas brancas, pétalas brancas e perfuma os ares indolentes. Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve de inebriar sentido forte. A gente rema e pega a flor. Pois então as sépalas espinhentas mordem danadas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também espinhento ninguém não pode pegar, carece cortá-lo com a pajeú e enquanto a flor boia nágua agarrar pelas pétalas puras porém já estragando um bocado. // Então a gente limpa o caule dos espinhos e pode cheirar a flor. Mas aquele aroma gostoso que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é fugitivo e dá náuseas, cheiro ruim.¹³⁵

“Vitória-régia” foi fruto da primeira “viagem etnográfica” de Mário de Andrade ao Norte, passando pela Amazônia e chegando a Iquitos, no Peru. A viagem realizou-se em 1927, na companhia de D. Olívia Guedes Penteadó, Margarida Guedes Nogueira (Mag, sobrinha de D. Olívia) e Dolour. As impressões do escritor foram registradas em um diário composto de crônicas de viagem, intitulado “O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia, por Marajó até dizer chega”.

O escritor fez um poema sobre esse assunto, mas reelaborou o texto em prosa por sugestão de Manuel Bandeira. Em outubro de 1927, escreveu ao amigo: “O comentário de você sobre a ‘Vitória-régia’ quase que concordo inteirinho. Vou experimentar botar aquilo em linha de prosa pra ver o que é que sai.”¹³⁶ A descrição da vitória-régia também fez parte da crônica “Flor nacional”, publicada no *Diário Nacional*, em 7 de janeiro de 1930.

“Vitória-régia” foi um dos poucos textos da *Verde* nº1 da segunda fase que não homenageara Ascânio Lopes, uma vez que a colaboração fora enviada no ano anterior, logo após o lançamento do número 5. Em carta a Fusco, Mário de Andrade defendeu sua colaboração e a comparou ao poema “Eco e o descorajado”, enviado, por ele, à revista carioca *Para Todos* na mesma época:

mandei “Vitória-régia” o que me levou a mandar isso, é que gosto francamente desse trabalho: revela uma flor de que só se tem falado com eloquência sem revelar as fases tão interessantes dela, o estilo do trecho me parece dos mais felizes meus, é lírico e é contativo, francamente reputo a “Vitória-régia” não digo melhor porém mais importante que o “Eco e o descorajado”.¹³⁷

Ainda seria instigante tentar imaginar qual imagem os rapazes de Cataguases faziam a respeito desse correspondente, que, na época no mundo literário, era o mais “ilustre” dos sete.

¹³⁵ ANDRADE, Mário de. “Vitória-régia”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 2.

¹³⁶ Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 4/10/1927, *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, 2000, p. 355.

¹³⁷ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/28, ARF, AMLB-FCRB.

No início do diálogo epistolar, a imagem física de Mário de Andrade era um mistério para os verdes. O primeiro dos verdes a conhecer, pessoalmente, o escritor paulista foi Francisco Inácio Peixoto, que estudava no Rio de Janeiro e esteve com o autor de *Macunaíma* quando passou pela capital da república a caminho do Nordeste, no final de 1928. Antes disso, a primeira vez em que os rapazes tiveram alguma ideia da fisionomia de Mário de Andrade foi por meio de uma reportagem sobre Lasar Segall na revista *Para todos*, de dezembro de 1927. Entre os quadros reproduzidos, havia o *Retrato de Mário de Andrade*.¹³⁸ Como obra artística, tratava-se de um retrato estilizado, mas foi suficiente para entusiasmar Fusco: “Ontem eu vi sua careta no *Para Todos*. Fiquei bestificado! Porque fazia uma ideia muito diferente de você. Você é muito mais simpático que suas cartas. Quer dizer que você, pra mim – é quase bonito...”¹³⁹ Camilo Soares também se referiu à reportagem:

“Vi há dias no *Para Todos* um retrato de você feito pelo Segall. Se você tem mais beleza do que há no retrato não lhe posso falar. Você me quer dar um retrato seu? É besteira, passadismo, mas é um desejo besta, e todas as besteiras dessa vida são coisas sagradas para mim.”¹⁴⁰

Justamente nesse período, Rosário Fusco lembrou-se de mostrar os verdes a Mário de Andrade. Em um bilhete de dezembro de 1927, mandou foto em que aparecia junto com Enrique de Resende e Peixoto. Na frente, vinha a identificação de cada um: “Eu Peixoto Henrique/ sem o nosso automóvel”.¹⁴¹ Entretanto, Mário de Andrade somente enviou fotografia para os verdes em março de 1928,¹⁴² juntamente com uma carta em que demonstrava estar agradecido pelas colaborações musicais de Fusco e os rapazes da *Verde*: “Pra você a minha cara em Iquitos. Não tenho mais desses pra mandar pro resto da rapaziada.”¹⁴³

Essa fotografia não está no Arquivo de Rosário Fusco na Fundação Casa de Rui Barbosa ou com os familiares. A primeira imagem da fisionomia de Mário de Andrade que os verdes contemplaram é um mistério: possivelmente, tratava-se de cópia da fotografia que está no arquivo de Mário de Andrade, com a legenda “Iquitos 22-VI-27”. O escritor de terno

¹³⁸ SEGALL, Lasar. *Retrato de Mário de Andrade*, 1927, óleo sobre tela, 73 x 60 cm, Coleção Mário de Andrade de Artes Plásticas, IEB-USP. A reportagem da *Para Todos* também trouxe o retrato do modernista paulista Guilherme de Almeida. V. ANEXO Q.

¹³⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 8/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁰ Camilo Soares a Mário de Andrade, 13/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴¹ Acervo Mário de Andrade no IEB-USP, foto nº803. V. ANEXO J.

¹⁴² É razoável supor que Mário de Andrade não gostasse de enviar fotografias aos moços que escreviam a ele. Em 1924, negou um pedido de retrato a Câmara Cascudo: “Quanto ao retrato, não mando. Tenho horror a essas coisas.” (Mário de Andrade a Câmara Cascudo, 26/9/24, *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*, 2010, p. 39).

¹⁴³ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 9/3/28, Acervo Rosário François Fusco.

branco, boné e bengala aparecia encostado a uma parede de azulejos com desenhos de flores. O sorriso não era largo, mas chegava a curvar os cantos da boca para cima – talvez daí a “cara cínica-simpática”, observada por Fusco.¹⁴⁴

Receber uma fotografia de Mário de Andrade seria uma prova de amizade e de proximidade. Entretanto, certamente, os verdes também tinham curiosidade em conhecer o rosto daquele que rapidamente consideraram amigo pelo convívio epistolar, pela ajuda e pela assídua colaboração na revista. Inversamente à ignorância em relação à figura, os cataguasenses sabiam que seu correspondente conquistara algum espaço no meio intelectual, em especial entre os interessados em arte e literatura de vanguarda. Certamente, não tinham uma percepção completa das disputas de projetos estéticos dos diferentes grupos que se intitulavam construtores de uma nova literatura, mas vislumbravam o apoio de Mário de Andrade como determinante para o sucesso da revista que editavam.

A percepção por parte dos verdes da dimensão da obra e do projeto literário do escritor paulista construiu-se ao longo do contato epistolar. Tanto que Rosário Fusco utilizou assuntos tratados em cartas com Mário de Andrade para embasar artigo sobre *Clã do jabuti* (Verde nº5). O rapaz afirmou que, a cada livro, Mário de Andrade parecia ser outro, parecia renovar-se. Essa opinião vai ao encontro do que Ascânio Lopes escreveu em janeiro de 1928 ao próprio Mário de Andrade:

Eu creio que V., devido à cultura filosófica, é o indivíduo que anda de procura em procura. Cria forma; depois a abandona. Mesmo quando V. a faz já pensa que a abandonará. “Prefácio Interessantíssimo” talvez contenha mais ou menos o que digo. V. também anda de achado em achado para os outros. Cada livro seu traz a marca incisiva impressiva personalíssima de Mário de Andrade. Mas [eles] parecem que não devem satisfazer a V. e têm entre si poucos pontos de contato. [...] ¹⁴⁵

Fusco também citou a “alegria esportiva” de Mário de Andrade, lembrando as cartas recebidas em dezembro de 1927:

Uma certa coragem desportiva diante da vida, não será isso a principal razão de ser da minha felicidade? “Desportiva” tomada a palavra no seu mais elevado sentido, está claro. Jogar apaixonadamente, desejando vencer, se sacrificando por isso, mas ao ficar vencido, não roubar, não me vingar, reconhecer alegremente com lealdade a vitória do parceiro e até gozar pela vitória dele. Isso sim que é desporte e eu sou assim. ¹⁴⁶

¹⁴⁴ V. ANEXO I.

¹⁴⁵ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, 2/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁶ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/11/27, Acervo Rosário François Fusco.

Além da observação de Ascânio Lopes e da explicação do próprio Mário de Andrade sobre sua “coragem desportiva” diante da vida, tornou-se muito forte, entre os rapazes de Cataguases, a identificação do escritor paulista como colaborador desinteressado, amigo sincero e bom. Em carta de outubro de 1927, Fusco afirmou: “Você fala com tanta sinceridade e desinteresse que desperta na gente uma baita confiança em você.”¹⁴⁷ Camilo Soares, no mesmo mês, escreveu: “Você tem qualquer coisa que me convenceu de sua bondade.”¹⁴⁸ Enrique de Resende foi mais um dos que percebeu essas características do correspondente:

Fiquei encantado com a sua franqueza. Você, Mário, é um sujeito que deve ser aporrinhado pra bonet. Mais a culpa é sua mesma. Você se abre de tal forma com a gente, é tão desinteressadamente camarada, que a gente não hesita: manda os troços, vem resposta, e lá vão mais troços.¹⁴⁹

Amigo dos verdes, mas também um crítico autorizado e, por isso, alguém com certa hierarquia ou mesmo considerado literariamente “superior”; alguém disposto a ouvir os moços, mas, justamente por isso, de quem se deveria ouvir os conselhos e direcionamento; incentivador da revista, mas ainda um intelectual interessado em provar a penetração do modernismo no interior e difundir seus ideais estéticos; colaborador assíduo e, além do mais, escritor que desejava encontrar espaço que valorizasse a publicação de sua obra; e, antes de tudo, alguém em uma capital importante, com acesso rápido e fácil a todas as novidades, a bens culturais, à informação privilegiada, a outros intelectuais de nome. Certamente, há um feixe de sentidos na figura de Mário de Andrade para os verdes. Entretanto, a complexidade dessa relação foi minimizada muitas vezes pelos sete correspondentes. Mário de Andrade, por exemplo, tentou reduzir a própria importância para os rapazes de Cataguases, quando negou figurar como redator da *Verde*:

Não tenho ligação nem compromisso nem chefia de grupo nenhum de S. Paulo nem de nenhuma parte, que ideia besta essa de você! Está claro que certa influência, às vezes mal assimilada do que eu faço, se manifesta um bocado por aí tudo, porém isso jamais não indicará que chefiou coisa nenhuma. Mesmo porque essa influência de orientação que tenho às vezes, como tantos outros têm, pura questão de andar na frente ou de ter acertado numa ou noutra coisa, digo e repito que isso não tem importância nenhuma. Os mais fortes hão-de ficar fatalmente pessoais, isso não tem que querê nem pipoca! e os outros nada no mundo fará que não sejam como eternamente influenciados.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 28/10/27, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁸ Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/27, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁹ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 13/12/27, AMA, IEB-USP.

¹⁵⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, ARF, AMLB-FCRB.

Enrique de Resende, escrevendo artigo em nome do grupo para *O jornal*, negou a “acusação” feita por alguns críticos (entre eles, Augusto Frederico Schmidt e Tristão de Athayde) de que o Grupo Verde seria influenciado e orientado pelo autor de *Pauliceia desvairada*: “O que há, e exclusivamente, entre nós e Mário de Andrade, é essa grande e indestrutível simpatia, que se vem evidenciando desde o início do movimento – como aliás acontece com todos aqueles mais ou menos chegados ao inigualável autor do *Clã*.”¹⁵¹ Dias depois, no mesmo periódico, afirmou: “Foi só para evitar essa consequência de sermos aí citados a toda hora, como indivíduos perfeitamente desorientados e subservientemente andradizados, que perdemos tempo nas ‘Notas de Cataguases’.”¹⁵²

Décadas depois, em 1982, Guilhermino Cesar daria depoimento em sentido contrário ao de Enrique ao suplemento literário gaúcho *Letras e Livros* considerando Mário de Andrade como “nosso pajé espiritual”. Antes disso, publicara no *Correio do povo*, o poema “Que dificuldade Enorme!”, lembrando a ação epistolar de Mário de Andrade e sua importância junto aos jovens escritores modernistas:

Mário de Andrade doa sangue
aos poetinhas anêmicos do Acre,
manda balaio de rima rica
ao bardo fluvial de Niterói;
e aos fardões da Academia
oferece cópia autenticada
da “carta pras Icamíabas”.
A quantos, amigos e inimigos,
carentes se mostrem, aponta, benévolo, o caminho que vai aos sumos da
vida.
E escreve cartas.
Cartas ao Brasil tupi-luso-caboclo-italo-nipo-germano-qualquer-coisa-mais;
e são palavras turtujejadas algumas vezes,
na pressa de consolar, embirrar, ensinar;
e,
após o rabisco da assinatura,
o pós-escrito maior que a epístola,
se faz favor.¹⁵³

3.1.8. “Sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases”¹⁵⁴

¹⁵¹ RESENDE, Enrique de. “Notas de Cataguases”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7/4/29, p. 2, Biblioteca Nacional.

¹⁵² RESENDE, Enrique de. “Notas de Cataguases”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28/4/29, p. 3 e 12, Biblioteca Nacional.

¹⁵³ CESAR, Guilhermino. “Que dificuldade Enorme!”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1/3/75, Coleção Carlos Alberto Passos IEB-USP.

¹⁵⁴ ALMEIDA, José Américo de. “Mensagem ao ‘Grupo Verde’”, *Verde* nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 3.

A “Mensagem ao ‘Grupo Verde’”, escrita por José Américo de Almeida e divulgada na *Verde* nº1 da segunda fase, mostrou como a ação dos rapazes chamou atenção para Cataguases. Um pouco de informação sobre a pequena cidade da zona da mata mineira aproximaria ainda mais o leitor de hoje dos correspondentes de 1927.

Na primeira carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade, o rapaz apressou-se em esclarecer: “Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais.”¹⁵⁵ O jovem queria, além de informar sua localização (facilmente verificável no envelope), transmitir ao destinatário algo de seu ambiente como parte de sua apresentação. O adjetivo “pacata” expressava mais que a vida tranquila na pequena cidade do interior de Minas Gerais, comunicava algo do tradicionalismo cultural da região, que englobava a situação literária, ou seja, denunciava uma forma de compreensão da literatura ainda distante dos novos valores estéticos pregados pelo Movimento Modernista.

Cataguases somava apenas 16 mil habitantes em 1927.¹⁵⁶ Apesar de ser um município recente, conquistara, nesse pouco espaço de tempo, boas condições de urbanização que o transformava em um polo regional. A zona da mata mineira teve a fase áurea da produção do café na última década do século XIX, e Cataguases era um importante entreposto comercial. A prosperidade econômica foi acompanhada da aplicação de recursos no desenvolvimento urbano, na tentativa de aproximar as condições de vida na cidade interiorana à da capital do país, Rio de Janeiro. Constam, dessa época, o calçamento das ruas e a construção de pontes, bueiros e estradas. Além do crescimento comercial, o desenvolvimento industrial foi financiado, em grande parte, pelo capital vindo das lavouras cafeeiras.

Desde cedo, a cidade contava com serviços modernos de comunicação e transporte. A partir de 1872, passou a ter o serviço de correios. Em 1877, inaugurou-se a Estrada de Ferro Leopoldina, que ligava a cidade à capital federal. Em 1912, foi instalado o serviço de telefonia com a fundação da Companhia de Telefones Interestaduais. Em 1917, instaurou-se o telégrafo nacional, embora já se utilizassem os serviços telegráficos da Estrada de Ferro Leopoldina:

Em 1930, 75% da população brasileira era analfabeta, e Cataguases já tinha, na década de 20, uma escola primária estadual e duas escolas secundárias de bom nível. No início da década de 10, a cidade começa a exportar têxteis, quando, na mesma época, o Rio de Janeiro detém 30% de toda a produção

¹⁵⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

¹⁵⁶ Cf.: SANT’ANA. Rivânia Maria Trotta. *O movimento modernista verde, de Cataguases*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.

industrial brasileira, sendo que o produto atende a 86% das necessidades do consumo interno. Em 1930, apenas 5% dos lares brasileiros usam a iluminação elétrica, enquanto que em Cataguases a energia elétrica já era utilizada desde 1908.¹⁵⁷

Em 1910, Cataguases passou a ter ensino secundário com a fundação do Ginásio Municipal de Cataguases. A excelência no ensino atraía jovens de outras cidades vizinhas, como o jovem Ary Barroso, vindo de Ubá. Em 1914, fundou-se o Grêmio Literário Machado de Assis pelos estudantes do Ginásio. Ainda em 1917, a Biblioteca Municipal contava com 1.700 volumes.

Certamente, não é possível fazer uma relação direta entre a modernização da cidade e o aparecimento de um grupo modernista. Entretanto, é plausível supor que o enriquecimento da cidade criou boas condições de estudo, e a modernização urbana, de transporte e de comunicação possibilitou a maior circulação de ideias e de pessoas, o que favoreceu o contato dos rapazes interessados por literatura com as novas propostas estéticas do Movimento Modernista.

É válido mencionar que tais condições favoreceram o aparecimento de outras novidades em Cataguases. Enquanto a *Verde* chamava atenção nos centros intelectuais de vanguarda, Humberto Mauro colocava a cidadezinha na história, dando os primeiros passos do cinema brasileiro. Esse cineasta foi considerado o criador do cinema nacional, com o Ciclo de Cataguases, de 1926 a 1930. Humberto Mauro e os jovens poetas não compartilharam da mesma proposta de renovação, embora fossem contemporâneos e convivessem na pequena cidade. Rosário Fusco, ainda garoto na Escola Maternal das Freiras, fora colega de José Mauro, irmão mais novo de Humberto, por isso, estava por perto quando, em 1924, Humberto montou o primeiro aparelho de rádio da região. Em 1926, nas filmagens de *Na primavera da vida*, Fusco ajudou na realização de um dos “efeitos especiais”. Em uma das cenas, havia uma jaca que caía na cabeça de um dos personagens. Para que ninguém se machucasse, a jaca foi colocada na cabeça do ator e filmada enquanto era içada, depois a montagem do filme mostrava a cena ao contrário, como se a jaca caísse. Fusco, durante a filmagem, era o responsável por ficar na jaqueira e puxar o fruto na hora exata. Outro verde auxiliou Humberto Mauro nesse filme, Enrique de Resende, que regulava em idade com Humberto e, com o status de engenheiro formado e autor de livro de poemas, foi o escolhido para redigir os letreiros.¹⁵⁸

¹⁵⁷ RUFATTO, Luiz. *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 30.

¹⁵⁸ GOMES, Paulo Emílio Salles. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1974,

Uma das fotografias mais conhecidas dos verdes foi tirada justamente nos estúdios de Humberto Mauro, em 1928. Dela, participaram o próprio Humberto Mauro, Guilhermino Cesar, Martins Mendes, Enrique de Resende, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto e o pianista Renato Gama. Algumas notas sobre Humberto Mauro apareceram na *Verde*.¹⁵⁹

Contudo, toda essa movimentação na cidade da zona da mata mineira não chegava ao conhecimento da capital federal, de São Paulo e, possivelmente, da capital do estado, Belo Horizonte. Tanto que, de modo a provar o progresso urbanístico da cidade, Ascânio Lopes foi obrigado a levar fotografias de Cataguases para que os colegas da faculdade de Direito, em Belo Horizonte, vissem, como dá a entender a carta de Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto: “O modernista Ascânio Lopes tem mostrado a esse povinho, com as fotografias que levou daqui, o que é Cataguases?”¹⁶⁰

Resta a ressalva de que, com todo o “progresso”, a cidadezinha realmente não se comparava à cidade do destinatário dos verdes. Imagina-se o que os rapazes cataguasenses pensavam da pauliceia por uma das cartas de Camilo Soares a Mário de Andrade: “Sempre tive uma enorme admiração por São Paulo. [...] Quero São Paulo. Seiva nova, laboriosa.”¹⁶¹ São Paulo, que também crescera graças ao comércio do café, era, nesse tempo, um dos maiores centros urbanos brasileiros e uma capital de destaque no cenário político e econômico do país. O desenvolvimento urbanístico veio acompanhando do crescimento industrial e do sistema bancário. Ainda assim, mesmo sendo uma grande cidade para o Brasil da época, o poeta de *Losango caqui* fez sentir que, às vezes, a pauliceia pareceria bastante com Cataguases: “A menina peleja pra puxar a cabra / Que toda se espaventa escorregando no asfalto / Entre as campainhadas dos bondes / E a velocidade poenta dos automóveis.”¹⁶²

3.1.9. *Verde* nos estudos literários

A publicação da *Verde* em uma cidade pequena e interiorana, além da juventude dos participantes,¹⁶³ engendrou um discurso que realçava a admiração por seu surgimento. O

p. 117.

¹⁵⁹ V. ANEXO L.

¹⁶⁰ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 2/3/26, AFIP, AMLB-FCRB.

¹⁶¹ Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/27, AMA, IEB-USP.

¹⁶² ANDRADE, Mário de. “XXVII - A menina e a cabra”. In: *Losango Caqui. Poesias completas (de Pauliceia desvairada a café)*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 100.

¹⁶³ O grupo de Cataguases teve sua formação mais tarde que os grupos de São Paulo e de Belo Horizonte.

próprio diretor da revista lançou mão dessa ideia no editorial da segunda edição: “E a cidadezinha *culta e progressista* – como o são, no geral, as cidadelas do interior, segundo os seus hebdomadários, – enrubesceu todinha com a publicação de *Verde*.”¹⁶⁴ O poeta Ribeiro Couto, em colaboração enviada ao número 5 da *Verde*, traduziu a perplexidade que despertou o aparecimento da vanguarda literária na zona da mata de Minas Gerais: “Todo o Brasil está surpreso: Existe Cataguases”¹⁶⁵. Além dele, Mário de Andrade, afirmou em artigo no *Diário Nacional* de São Paulo, em 1932, que o “espantoso grupo de Cataguases [...] deu realidade geográfica à cidadinha mineira”.¹⁶⁶

Ao longo do tempo, esse discurso ainda foi reforçado por depoimentos dos próprios verdes, como, por exemplo, o de Guilhermino Cesar na abertura da edição fac-similar: “por que enredos da Providência Divina foi nascer à beira de um riacho chamado Meia-pataca (é o cúmulo da modéstia um rio chamar-se assim...) um grupo de poetas interessantes, que hão de deixar uma certa marca no momento poético que estamos vivendo?”¹⁶⁷

No âmbito dos estudos literários, novas abordagens foram procuradas; algumas mergulharam nos textos da revista e analisaram cada um deles, a fim de encontrar linhas temáticas predominantes; outras seguiram a reconstituição histórica. Por meio desses trabalhos, será possível visualizar a amplitude da fortuna crítica sobre a vanguarda cataguasense.

Em 1946, os poemas verdes integraram a *Antologia da poesia mineira: fase modernista*, de Alphonsus de Guimarães Filho. Possivelmente a primeira prova de que os rapazes de Cataguases já fariam parte do cânone da poesia moderna. Inclusive, o trabalho registra o poema “Enterro na Rua Lopes Chaver”, encomendado a Francisco Inácio Peixoto pela Associação Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, em 13/4/45, para uma homenagem a Mário de Andrade. O poema de Peixoto menciona o escritor de cartas que socorrer os jovens poetas: “[...] Em frente, a máquina portátil ainda guarda a palpitação da última poesia ou da derradeira carta. / Se subirdes a escada estreita, vereis depois que não há

Inclusive, chama atenção a diferença de idade dos participantes. Em 1927, Mário de Andrade e Menotti del Picchia tinham 34 anos; Oswald, 37; Cassiano Ricardo, 32; e Manuel Bandeira, 31. Entre os de Belo Horizonte, Carlos Drummond de Andrade tinha 25; Pedro Nava, 24. Em Cataguases, Rosário Fusco era o mais novo, com 17 anos; Camilo Soares e Francisco Inácio Peixoto tinham 18; Oswaldo A Britta e Guilhermino Cesar, 19; Christophoro Fonte-Boa e Ascânio Lopes, 21. Os mais velhos eram Martins Mendes, com 24, e Enrique de Resende, com 28 anos.

¹⁶⁴ RESENDE, Enrique de. “Literatura de brinquedo”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 7.

¹⁶⁵ COUTO, Ribeiro. “A descoberta de Cataguases”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 10.

¹⁶⁶ ANDRADE, Mário de. “Cataguases”, *Diário Nacional*, São Paulo, 10/7/32. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org., introd. e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 549.

¹⁶⁷ CESAR, Guilhermino. “Os verdes da *Verde*”. Coleção da revista *Verde* (suplemento). Edição fac-similar. São Paulo, 1978, sem página.

mais escada. / Só o tropear dos pés aflitos, e as caras que indagam sem compreender. / Também se evola, mas permanece em névoa espessa e angustia impressentida / E nós somos subitamente desamparados do amor enorme / Das mãos enormes [...]”.¹⁶⁸

A edição fac-similar da revista *Verde*, em 1978, exibiu, além do depoimento de Guilhermino Cesar, texto da pesquisadora Cecília de Lara, “Verde e o ‘fenômeno’ Cataguases”, que objetivou observar o grupo dentro do modernismo brasileiro. O estudo trouxe a repercussão da revista em seu tempo e citou a perplexidade de Tristão de Athayde, o ataque de Tasso da Silveira aos poemas dos cataguasenses, a pouca simpatia inicial de Prudente de Moraes, devido ao estilo agressivo dos verdes, e a defesa dos moços feita por Antônio de Alcântara Machado. A autora também procurou analisar a *Verde* em relação a outras revistas modernistas da mesma década. Cecília de Lara demonstrou que, cronologicamente, a revista está entre *Terra Roxa*, de 1926, e a *Revista de Antropofagia*, de 1928, mas também pode referir-se à restauração da “alegria criadora” de *Klaxon*, depois de *Estética* e *A Revista*, publicações mais sóbrias. A autora aproximou a *Verde* do primitivismo pau-brasil, devido ao nacionalismo literário marcante ao longo das edições.

Kátia Bueno Romanelli (1981) defendeu, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), a dissertação de mestrado “A revista *Verde* – contribuição para o estudo do modernismo brasileiro”, sob a orientação de Cecília de Lara. O estudo obedeceu a roteiro de pesquisa proposto pelo Prof. Dr. José Aderaldo Castello, que estava à frente do projeto que visava a realizar investigação literária por meio da análise de periódicos modernistas. Paralelamente à *Verde*, foram estudadas as revistas *Klaxon*, *Terra Roxa e outras terras*, *Estética*, *O Mundo Literário*, *Revista de Antropofagia*, *Movimento Brasileiro* e *Revista do Brasil* (2ª fase). A autora iniciou o trabalho com a descrição da revista: características materiais e tipos de texto, além de remontar a história do Grupo Verde. A segunda parte da dissertação analisou o Manifesto, os editoriais e textos de crítica na revista, de modo a investigar as propostas do grupo e seu direcionamento estético. Nesse sentido, percebeu que o nacionalismo da *Verde* era impregnado de um desejo de valorização local. Para ela, isso levou o grupo, mesmo inconscientemente, a um regionalismo. Por fim, a pesquisadora realizou análise interpretativa dos textos de crítica literária, de prosa de ficção e

¹⁶⁸ Vale ressaltar que Enrique de Resende não foi mencionado na *Antologia da poesia miniera*. Possivelmente a exclusão ocorreu devido a um desentendimento entre ele e o organizador do trabalho. Na década de 1930, Enrique de Resende lançou o ensaio *Retrato de Alfonsus de Guimarães*. O livro parece ter desgostado o filho do homenageado, como conta o cataguasense a Mário de Andrade: “Editada a obra, uma das minhas primeiras preocupações foi a de enviá-la a João Alfonsus, filho do poeta e um dos mais cintilantes romancistas moços de Minas Gerais, certo de que assim lhe prestaria a mais grata e a mais sensível das homenagens. // Tal, porém, não sucedeu. // João Alfonsus, com real e dolorosa surpresa para mim, acaba de restituir-me o volume que lhe destinei [...]” (Enrique de Resende a Mário de Andrade, 29/9/38, AMA, IEB-USP)

de poesia assinados pelos verdes e por colaboradores na *Verde*. Além disso, o trabalho trouxe, em anexo, os depoimentos de Francisco Inácio Peixoto e de Guilhermino Cesar, o índice da revista, o levantamento de matéria original dos verdes, disponível naquele momento no Arquivo de Mário de Andrade, e os trechos de poemas e textos em prosa dos verdes publicados na revista.

Humberto Werneck (1992), em *O desatino da rapaziada*, mencionou o Grupo Verde e procurou narrar, de forma descontraída e bem-humorada, o percurso de vários escritores na imprensa mineira do século XX, começando pela participação de Carlos Drummond de Andrade na redação do *Diário de Minas*, até a criação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* por Murilo Rubião, em 1966. Diferentemente do compromisso intelectual acadêmico de referência às fontes, Werneck adotou recursos da narrativa ficcional, fazendo o leitor imaginar uma Cataguases que modorrava ao som de carros de boi, enquanto o adolescente, filho de lavadeira, Rosário Fusco juntava os tostões para escrever a Mário de Andrade e aos modernistas mais conhecidos da época.

A base desse trabalho identifica-se nos depoimentos de Guilhermino Cesar, de Peixoto e de Rosário Fusco para a edição fac-similar da *Verde* e para o *Suplemento Literário do Minas Gerais* em homenagem aos 40 anos da revista. Contudo, o relato de Werneck agregou informações e histórias contadas pelos verdes, os quais conheceu e entrevistou, bem como de amigos deles e colegas da imprensa. Talvez por isso o livro ora seja impreciso nas informações sobre a revista, como datas e colaboradores, ora apresente as circunstâncias com uma riqueza de detalhes que somente o testemunho poderia dar.

A exemplo do artigo publicado por Ascânio Lopes, no jornal *Cataguases*, em outubro de 1927, as principais referências bibliográficas sobre a *Verde* dedicaram-se a narrar a história do movimento costurada à história do município, justificando o aparecimento da revista com o desenvolvimento da cidade, financiado com o dinheiro das lavouras de café. Luiz Ruffato (2002) abriu o livro *Os ases de Cataguases (uma história dos primórdios do Modernismo)* com referência ao desenvolvimento urbano de Cataguases. Somente depois disso, o nascimento da *Verde* foi narrado. Ruffato tomou o depoimento de Guilhermino Cesar na abertura da edição fac-similar como seu principal guia. Um capítulo dedicou-se a mostrar as ideias do grupo, com base nos editoriais da revista e no Manifesto, e enfatizou o nacionalismo e a liberdade de expressão. O livro trouxe como anexos a transcrição do Manifesto e o sumário dos seis números da revista, além de algumas fotos da cidade e dos componentes do grupo.

Também essencial para estudar o Grupo Verde é *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*, de Joaquim Branco, editado em 2002. O autor voltou à fundação da cidade de Cataguases para criar o elo histórico-cultural para o que chamou “fenômeno” do aparecimento do braço cataguasense do Movimento Modernista brasileiro: “Fomos buscar nas origens do município de Cataguases dados que pudessem ajudar na determinação da vocação da cidade para as artes, em especial a literatura.”¹⁶⁹ Joaquim Branco pesquisou as publicações na região de Cataguases e formulou uma lista dos jornais e revistas que circularam na cidade antes da *Verde*. O escritor mostrou que os futuros membros do grupo começaram a aparecer em jornais municipais um ano antes da revista e sugeriu que esse seria o início da transformação das letras cataguasenses, cujo momento de ruptura mais radial seria o aparecimento da *Verde*. O autor terminou o estudo com o perfil de cada um dos nove signatários do Manifesto. O livro trouxe, como anexos, uma farta iconografia dos componentes do Grupo Verde e a cronologia histórico-cultural de Cataguases, que começa com a chegada dos primeiros moradores da região, em 1828.

Rivânia Maria Trotta Sant’Ana lançou, em 2008, o livro *O movimento modernista verde de Cataguases – MG: 1927-1929*, no qual apresentou os componentes do Grupo Verde e suas publicações em revistas e livros. A pesquisadora preocupou-se em fornecer a contextualização histórica da cidade, que descobrira o cinema e a literatura modernista na mesma época. Em seguida, passou à parte analítica do trabalho, em que interpretou os textos do grupo publicados na revista (poemas, prosa de ficção, textos de crítica e textos teóricos) e o Manifesto. A última parte do trabalho tratou das colaborações dos verdes em outros jornais e revistas da época, bem como analisou os livros publicados pelos rapazes. A essa parte, refere-se o material anexo ao trabalho, que é uma valiosa contribuição para os interessados no grupo, pois compõe-se da transcrição dos textos publicados pelos verdes no jornal *Cataguases* (entre 1927 e 1929), na *Revista de Antropofagia* e na *Leite Criôlo*, além do conteúdo dos livros verdes há muito tempo esgotados e de difícil acesso: *Poemas cronológicos*, *Meiapataca*, *Fruta de conde* e *13 Poemas*.

A pesquisadora do presente trabalho com a correspondência trocada entre os verdes e Mário de Andrade publicou, em 2008, *Uma Vanguarda à moda de Cataguases*, com base em sua dissertação apresentada no programa de Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, orientada pelo Prof. Dr. João Cesar de Castro Rocha. O trabalho buscou noções esclarecedoras a respeito dos conceitos que gravitavam na

¹⁶⁹ BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 25.

discussão sobre arte moderna, como, por exemplo, modernismo e vanguarda, com o intuito de avaliar o movimento do Grupo Verde.

Acrescenta-se, outrossim, que a recomposição histórica e a observação do cenário social, político e econômico do nascimento da revista também foram efetuadas. A primeira parte do estudo observou a profunda relação do modernismo e das vanguardas com o espaço urbano, os meios de comunicação e o transporte modernos, bem como o impulso internacionalista desses movimentos que nasceram na Europa e passaram, necessariamente, por releituras locais em cada desdobramento.

Além disso, adotou-se o conceito de vanguarda histórica, que se restringe aos movimentos das primeiras décadas do século XX e que contestaram a estrutura na qual a arte era produzida, distribuída e fruída. Em seguida, a pesquisa mostrou que as vanguardas históricas tiveram um movimento de expansão que partiu da Europa, especificamente de Paris, para Rio de Janeiro e São Paulo e que contaminou Belo Horizonte e Cataguases. Por isso, considerou o grupo que se organizou em torno da Semana de 22 e da *Klaxon* a primeira vanguarda brasileira. A atividade desse agrupamento foi determinante na formação de grupos no interior do país, alertados pelas movimentações vanguardistas da Europa. Dessa forma, as ideias vanguardistas chegaram a Cataguases via Europa, mas também via São Paulo e Rio de Janeiro.

Essa dissertação procurou demonstrar que a convivência do local e do nacional – questão inerente à vanguarda – esteve presente nos seis números da revista e nos quatro livros do grupo. Os verdes desenvolveram uma profunda consciência do seu ponto de vista, ou seja, a clara noção de que a valorização da singularidade nacional passava pela valorização da especificidade local.

A pesquisadora, apesar de admitir que Cataguases recebera a onda vanguardista da Europa e também de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, defendeu que essa “influência” não ocorrera de forma passiva, como um movimento de dominação cultural, isto é, como se a província apenas copiasse a capital. Também sustentou que houve um aproveitamento criativo pelos verdes dos instrumentos e das estratégias para a composição de seus poemas, inspirados na realidade local. Os verdes interagiram com vários outros grupos, guardando a liberdade de serem eles mesmos, de serem verdes, como afirmou o Manifesto.

Os verdes pregaram a liberdade irrestrita de utilizar o material disponível como matéria-prima para a produção literária. Essa negação de regras e de sistematização estética é um dos argumentos mais fortes no sentido de interpretar o Grupo Verde como mais uma vanguarda brasileira. Ademais, a defesa da liberdade foi um dos caminhos para a rejeição dos

academicismos e da importação passiva de modelos literários tanto do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Belo Horizonte quanto da Europa. Por tudo isso, o livro considerou o Grupo Verde uma vanguarda à sua própria moda, embora tivesse muitos pontos de associação com a primeira vanguarda brasileira.

Todavia, se a investigação a respeito do caráter vanguardista do Grupo Verde chegara ao fim, outras perguntas permaneceram. Na própria *Verde*, um texto de Mário de Andrade dava pista de uma “amizade carteadeira”. As reiteradas referências nos depoimentos dos verdes à abundante e curiosíssima correspondência entre Mário de Andrade e os rapazes de Cataguases, especialmente Rosário Fusco, intrigou a pesquisadora. Ora, cartear, para quem vivia na zona da mata, talvez representasse muito mais que a possibilidade de fazer amizades. Talvez fosse a única chance de tomar parte do modernismo e até mesmo de existir como grupo. Essa correspondência seria, assim, tão determinante que fosse capaz de enriquecer ou esclarecer pontos de dúvida na história da revista? Aí está a alma da presente pesquisa.

3.2. “Verde é o nome da baita”¹

Em torno da *Verde*, um pequeno grupo de moços de Cataguases organizou-se. O título da revista passou a identificá-los. Em nome dela, os rapazes escreveram a Mário de Andrade. Acima de tudo, *Verde* configurou-se o fio condutor do diálogo epistolar. A correspondência reunida, nesta pesquisa, testemunha a movimentação dos jovens para realizarem suas edições e revela a participação do autor de *Macunaíma* na empreitada editorial. Se, por um lado, conhecer a história do Grupo Verde embasa a leitura das cartas; por outro, elas auxiliam na reconstrução da trajetória dessa vertente do Movimento Modernista em Minas Gerais.

A crítica genética explora cartas de escritores, artistas e intelectuais como “arquivo de criação”, espaço onde se fixam a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística: “A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica”² de uma obra.³ A correspondência trocada entre Mário e os verdes, de 1927 a 1929, pode ser vista, assim, não somente como testemunho de criação de uma única obra, mas também como espaço onde se encontram as diversas etapas de edição dos seis números da revista, do Manifesto do Grupo Verde de Cataguases e dos quatro livros de poemas. Consiste em uma nova possibilidade de abordagem sobre a movimentação do grupo, uma vez que o diálogo epistolar faculta a “visita à redação” da revista *Verde*.

O primeiro elemento relativo à *Verde* que emerge da troca de cartas é, inevitavelmente, seu nascimento. Quando Fusco deu início ao diálogo epistolar, a primeira edição da *Verde* já estaria sendo rodada. A carta data-se de 25 de setembro, e o rapaz afirmou que, até o fim desse mês, enviaria o exemplar ao autor de *Pauliceia desvairada*.

¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

² Cf. MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e Crítica Genética”. *Crítica Genética / Artigos*, p. 30.

³ Duas outras possibilidades de abordagem sobre o diálogo epistolar pela crítica genética seriam a recuperação da expressão testemunhal que define um perfil biográfico e a que procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. José-Luis Díaz (2007), em “Qual genética para as correspondências?”, explica que um dos empregos mais comuns da correspondência de escritores por pesquisadores é o que acompanha, nas cartas, os diversos estados de criação de uma obra: “Úteis aos biógrafos, que querem se assegurar de um fato ou que procuram o ‘homem’ por detrás de seus rascunhos, úteis aos ‘bisbilhoteiros históricos’ (Barbey d’Aurevilly) em busca de ‘informações’, as cartas sempre foram resguardadas como preciosos arquivos da criação. Pois, se elas às vezes se contentam em mencionar uma obra em processo de criação, elas também permitem, em alguns casos exemplares, seguir – quadro a quadro – suas diversas fases: do projeto informe, ainda mal desenhado, nomeado com dificuldade, até a publicação do livro, seguida de sua recepção pela crítica (que a carta comenta) e, enfim, o seu lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória (da qual a série de cartas pode se tornar o doloroso testemunho)...” (DÍAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. n°15, 2007, p. 123).

Em 2 de outubro de 1927, oito dias depois, saiu, no *Diário Nacional*, jornal a que Mário de Andrade escrevia regularmente, uma nota sobre o aparecimento da revista. A notícia veio na seção Publicações, na página 2, e repetiu as poucas informações fornecidas pela primeira carta de Fusco: “Aparecerá em breve, a revista literária *Verde*, da cidade de Cataguases, Est. de Minas Gerais. // *Verde*, que obedece a feitiço moderno, é dirigida pelos srs. Henrique de Resende e Rosário Fusco.”⁴ Possivelmente por esses mesmos dias, também chegaria, à rua Lopes Chaves, em São Paulo, o primeiro número da revista, referente ao mês anterior.

No primeiro número da *Verde*, havia as indicações de Enrique de Resende, como diretor, e de Martins Mendes e de Rosário Fusco, como redatores. A capa trazia bordas e título em verde.⁵ Além do nome “Verde”, lia-se o subtítulo “revista mensal de arte e cultura”. A relação dos poetas e dos trabalhos ficava em destaque, dentro de um quadrado duplo. Ao longo da revista, a diagramação mostrava-se arejada e irreverente, sem regras fixas para o uso de bordas e tipos – o que não destoava da liberdade expressiva que caracterizava o conteúdo da publicação. Eram raros os grandes blocos de texto, que nunca apareciam para a literatura, somente para resenhas críticas e notas. A revista possuía 34 páginas, das quais, as primeiras e as últimas eram destinadas aos anúncios.

A matéria literária começava na página 9, com a seção Apresentação, texto não assinado – como o de mesmo título publicado na capa do primeiro número de *Terra Roxa e outras terras*, em 20 de janeiro de 1926. Inclusive, a Apresentação da *Verde* citava entre aspas trecho desse periódico paulista: “Aparecemos para um público que não existe.”⁶ Na conclusão, vislumbrava-se, ainda, o diálogo com o preâmbulo estampado em *Terra Roxa*: “Pronto. Leitor camarada: muita honra e muito prazer em conhecê-lo.”⁷ Seguia-se, então, “A cidade e alguns poetas”, de Enrique de Resende, que ia até a página 11 e funcionava como editorial, pois dava a conhecer os nove responsáveis pela publicação, além de contextualizar a revista em relação ao movimento nacional de renovação da literatura. A edição número 1 trouxe textos dos nove verdes e a participação de Drummond e Emílio Moura, do grupo de Belo Horizonte, e de Edmundo Lys e Theobaldo de Miranda Santos, de Juiz de Fora.

Mário de Andrade escreveu sobre esse número na coluna Livros e livrinhos, no *Diário Nacional*, ainda em outubro, e elogiou a revista: “A zona da mata em Minas está presenciando um fenômeno espantoso. Cataguases acaba de lançar sobre o Brasil as folhas quadradas de

⁴ “Publicações”, *Diário Nacional*, São Paulo, 2/10/27, p. 2, Biblioteca Nacional.

⁵ V. ANEXO B.

⁶ “Apresentação”, *Verde* n°1, Cataguases, setembro de 1927, p. 9.

⁷ *Ibidem*, 1927, p. 9.

Verde, uma revista limpa, ágil e bem impressa.”⁸ Contudo, não deixou de apontar a mocidade dos verdes e a necessidade de desenvolvimento do grupo na poesia e na prosa:

É possível distinguir dentro das poesias e contos de *Verde* as forças principais de Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Ribeiro Couto etc. Isso para mim não tem a mínima importância, porque como já falei uma feita, planta nova carece de espeque, [...]. Os rapazes de *Verde* faz pouco que saíram do epíteto de meninões e quando a gente nessa idade moça já escreve o “Serão do menino pobre”, a “Função”, a “Viagem sentimental”, o “Bloco”, se não se deixar levar pela facilidade (principalmente sintomaticamente da prosa de *Verde*), pode estar certo será forte e característico.⁹

A *Verde* nº2 saiu no final de outubro de 1927. A capa manteve o mesmo padrão, a única novidade foi trazer o preço por exemplar e por assinatura. A colocação dos anúncios e a diagramação assemelhavam-se à primeira, variando apenas o número de páginas. O conteúdo, dessa vez, começou na página 7, com “Literatura de brinquedo”, mais um editorial de Enrique de Resende. O diretor mencionou a reação desfavorável do público de Cataguases à revista e reafirmou a necessidade de mudança na literatura pelo veio lúdico. A colaboração paulista é inaugurada com textos de Alcântara Machado, Mário de Andrade, Couto de Barros e Sérgio Milliet. De Belo Horizonte, participam Abgar Renault, Martins de Oliveira e Emílio Moura. Também aparecem notas de Yan de Almeida Prado e Edmundo Lys.

Em novembro de 1927, Mário de Andrade reclamou o atraso do recebimento do segundo número. Ao confirmar a remessa, Fusco comunicou a boa repercussão do poema do escritor paulista:

Fiz mandar pra você, Mário, há muito tempo já – o 2º nº da *Verde*. Foi um baita sucesso! Você nem calcula. Já leu o que os rapazes de Belo Horizonte escreveram sobre o “Rondó”? Pois se não leu, trate de ler. Espero colaboração pro 3º nº da revista. Até o dia 14 sem falta.¹⁰

Junto com a carta de 10 de novembro de 1927, Mário de Andrade mandou a notícia escrita por ele sobre a *Verde* nº1 e o poema de Ascenso Ferreira. Contudo, essa não foi a única colaboração de terceiros enviada por ele. As cartas trocadas com os rapazes revelaram que, por intermédio do autor de *Macunaíma*, também apareceram, na *Verde*, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Paulo Prado e escritores modernistas de outras regiões, como, por exemplo, Ruy Cirne Lima, do Rio Grande do Sul. Sobre a participação do poeta de Pau

⁸ ANDRADE, Mário de. “*Verde*, revista moderna”, *Diário Nacional*, São Paulo, 25/10/1927, p. 2, Biblioteca Nacional.

⁹ *Ibidem*, 1927, p. 2.

¹⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 08/11/27, AMA, IEB-USP.

Brasil, lê-se o seguinte na carta de novembro de 1927: “Também fiz o Osvaldo mandar uma página do *Serafim Ponte Grande*, me avise se receberam. Eu mesmo botei no Correio, só que por ser domingo de noite não pude registrar.”¹¹

Em novembro, lançou-se o Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Editado em papel verde, veio assinado por Enrique de Resende, Ascânio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino Cesar, Christophoro Fonte-Boa, Martins Mendes, Oswaldo Abritta, Camilo Soares e Francisco I. Peixoto, nessa ordem.¹² São os mesmos nove apresentados pelo diretor no editorial da *Verde* nº1.

Em 7 de dezembro de 1927, Rosário Fusco remeteu uma carta a Mário de Andrade, comunicando o envio do número 3 da *Verde*, que trazia, encartado, o escrito programático: “O ‘Manifesto’ besta que está dentro da *Verde* [...]”.¹³ Acreditou-se que o documento circulara por Cataguases e pelos outros grupos modernistas sem se vincular a qualquer revista. Todavia, essa mensagem sugere que fora colocado dentro da *Verde* nº3, pelo menos para ser encaminhado aos escritores de fora da cidade. Uma mensagem de Enrique de Resende a Mário de Andrade, em novembro, também sugeriu que o documento fora distribuído juntamente com o número 3: “Sim, senhor, o 3º nº da *Verde* não vai ser brincadeira não. [...] E vai sair também, em suplemento, o nosso Manifesto.”¹⁴

Joaquim Branco, em *Passagem para a modernidade*, sustenta que a motivação do lançamento do Manifesto foi responder à publicação de um artigo não simpático à *Verde*, assinado por Conselheiro B.B., no jornal local *Cataguases*. Nesse texto, o autor anônimo assegura:

Li e reli a interessante revista. Por mais porém, que concentrasse as forças no quadrado da minha acanhada inteligência, nada compreendi. // Estou, entretanto, plenamente convencido que se não a compreendi não foi pela estreiteza de suas ideias e sim pela falta de largueza de minha inteligência.¹⁵

De fato, o escrito assinado pelos verdes dialoga com a crítica jornalística: “Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b. b. que dogmatizam empoleirados nas colunas pretensas importantes dos jornais mirins do interior.”¹⁶ A missiva de Fusco confirmou que o

¹¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, [entre 16 e 20/11/27], Acervo de Rosário François Fusco.

¹² ANEXO C.

¹³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

¹⁴ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 23/11/27, AMA, IEB-USP.

¹⁵ Conselheiro B.B. (nome verdadeiro não encontrado), “Verde”, *Cataguases*, 20/11/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 81.

¹⁶ Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo: 1978, folha

texto fora redigido por causa de alguma situação efetivamente ocorrida em Cataguases: “[...] uma porcaria danada feita especialmente pra essa gente atrasada daqui”.¹⁷ Sobre a iniciativa, Mário de Andrade opinou: “Quanto ao ‘Manifesto’ de fato está besta a valer. Só valeu aquele pedacinho apaixonado em que vocês juram trabalhar pela *Verde*. Achei aquilo duma lindeza extraordinária. Gostei como o diabo.”¹⁸

A *Verde* nº3 também saiu no final de novembro, com capa, colocação de anúncios e formatação semelhantes à número 2. Entretanto, incluíram-se duas novidades: (i) Rosário Fusco e Martins Mendes foram apresentados, juntamente com Enrique de Resende, como diretores da revista, e (ii) a contracapa divulgava os “Livros que os leitores de VERDE devem ler”. Daí por diante, todas as contracapas trouxeram idêntica sugestão, exibindo livros do Grupo Verde e de escritores de outros grupos modernistas. Sobre isso, Peixoto explicou, em entrevista sobre a revista, em 1981: “Os livros eram recebidos pela *Verde* e pelos componentes da *Verde* e deles fazíamos o anúncio, que era uma forma de agradecimento.”¹⁹

Nesse número, não foi um editorial que abriu a revista, mas um desenho de Rosário Fusco. Essa foi a edição mais rica em participação externa ao grupo. De Belo Horizonte, colaboraram João Alphonsus, Drummond (com “Quadrilha”, mas em versão diversa daquela publicada posteriormente em livro), Godofredo Rangel, Abgar Renault, Emílio Moura e Pedro Nava. De São Paulo, apareceram Mário de Andrade, Wellington Brandão, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Yan de Almeida Prado. Do Rio de Janeiro, participou Prudente de Moraes, neto; e de Pernambuco, Ascenso Ferreira. Ainda se registraram, como consequência das trocas de cartas de Rosário Fusco, as participações do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés e de Ildefonso Falcão, que atuava como diplomata na Argentina. Contou-se, além disso, com a quadra “Aux Jeunes Gens de Catacazes”, do poeta franco-suíço Blaise Cendrars. Enrique de Resende narrou, no editorial da quarta edição, os eventos ligados à colaboração de Cendrars:

Eis que um dia, porém, houve uma desconfiança. Foi quando recebemos coisa de Blaise Cendrars e um bilhetinho sujo do Milliet. Eu falei pro Fusco: isto é trote. Trote do Alcântara, do Mário, de todos. O Cendrars não está no Rio, e, mesmo que estivesse, não nos mandaria verso. Quanto ao Milliet é um safadão de marca. Eles querem é ridicularizar a gente. E danamos a procurar o nome do Cendrars nos jornais. Estávamos abatidos com a desconfiança. Seria uma vergonha. No dia seguinte veio o Rosário, com as

avulsa.

¹⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

¹⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁹ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara, 1981, p. 207.

suas pernas quilométricas, trazendo uma página do *Correio da Manhã*, onde vermelhava um traço marcando a notícia. Cendrars no Rio! Que alívio! Acreditamos então na autenticidade do verso do francês, no bilhete do Sérgio e retiramos em seguida o adjetivo com que ultrajamos este último.²⁰

A *Verde* nº4 datou de dezembro de 1927, mas a correspondência estudada demonstra que a revista chegou ao público nos primeiros dias de janeiro de 1928. Na capa, ainda permaneceram a moldura verde e o mesmo padrão do nome da revista; entretanto, houve uma tentativa de simplificação, pois a lista de colaboradores veio sob a palavra “Sumário”, em caixa alta, e dentro de um único retângulo desenhado com uma linha sem enfeites. As recomendações literárias da contracapa e a posição dos anúncios foram mantidas. De Belo Horizonte, contou-se a presença de Drummond; de Juiz de Fora, Edmundo Lys; e, do Rio de Janeiro, Affonso Arinos (sobrinho). De São Paulo, participaram Guilherme de Almeida, Alcântara Machado e a dupla Marioswald, com o poema a quatro mãos “Homenagem aos homens que agem”, que inaugurou o costume de chamar os verdes de “os ases de Cataguases”. Além desses, apareceram o argentino Marcos Fingerit e, novamente, Ildefonso Falcão.

Mário de Andrade foi mais incisivo e menos benevolente em relação a esse número, deixando de noticiá-lo no *Diário Nacional*. A Enrique de Resende, em janeiro de 1928, defendeu que a prosa da *Verde* precisava ser apurada tanto na técnica quanto no conteúdo, confirmando o parecer em relação às edições anteriores:

Com exceção do Alcântara, o resto na prosa não vale nada. As críticas são inconcebivelmente sem base, dum impressionismo passadista chocho e irritante. Aliás creio que mesmo vocês não chamarão isso de crítica: são sensações. A do Ascânio sobre o P. Prado é a única que está melhorzinha. Na prosa de ficção o artigo de você (não é bem ficção) é tão ruim como “Senzala” é bom. Pura sensação, sensações que franqueza não podem interessar público. É caso da roupa suja que a gente deve lavar em casa. Aliás nem como documentação psicológica vale porque as sensações que vocês tiveram eram mais ou menos de esperar. [...] As outras prosas são pura pesquisa num gênero inútil de pesquisar porque já está estereotipado e abandonado.²¹

A dificuldade do grupo para manter a publicação começou a aparecer na preparação do número 5. A revista propunha-se a ser mensal, e os quatro primeiros números conseguiram manter a periodicidade. Contudo, em janeiro de 1928, Fusco avisou ao amigo de São Paulo

²⁰ RESENDE, Enrique de. “Verde, Poemas cronológicos e outros poemas”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 7.

²¹ Mário de Andrade a Enrique de Resende, [janeiro de 1928], Acervo Rosário François Fusco.

que a *Verde* seguinte teria de ser um número triplo (5, 6 e 7). Em bilhete de fevereiro de 1928, Mário de Andrade afirmou: “Espero *Verde* com impaciência.”²²

A notícia de que a *Verde* “andava adoentada”, porque o comércio local se negava a pagar anúncios, chegou a Mário de Andrade por meio de uma carta de Enrique de Resende: “Uma tipografia ordinária, Mário de Andrade, com um tipógrafo lerdando o dia inteiro, e uns mondrongos no comércio a negar anúncios, eis tudo.”²³ O escritor paulista percebeu a apertura dos estudantes para sustentar a revista e comprometeu-se a enviar dinheiro para ajudar: “Do número sexto, pra ele, em diante, até o número 12, ajudo com 50\$000²⁴ mensais a publicação da revista. Serve pra alguma coisa? Mais não posso. Vou contar isto pro Alcântara. Quem sabe se ele poderá ajudar também!...”²⁵ A cota foi enviada a Enrique de Resende, mas foi Rosário Fusco quem agradeceu: “Agradeço a você, Mário amigo, os cobres mandados. Depois o Henrique escreverá pra V. agradecendo o baita milhormente”.²⁶

Fusco chegou a avisar ao escritor paulista que a *Verde* sairia juntamente com o primeiro livro do grupo: “Atrasou pra esperar os *Poemas cronológicos* que vai sair daqui uma semana mais ou menos.”²⁷ O livro de Rosário Fusco, Enrique de Resende e Ascânio Lopes foi lançado realmente em fevereiro de 1928, mas a revista só apareceu em junho. Em sua *História sentimental de Cataguases*, Enrique de Resende esclareceu: “Animados com o sucesso da revista, passamos a editar os nossos próprios livros, inaugurando neste país, e talvez no mundo, aquilo a que se dá hoje o nome de *vaquinha literária*.”²⁸ O livro chegou à rua Lopes Chaves com a seguinte dedicatória: “Pra você, Mário amigo, / com / a / baita / AMIZADE / da gente / Rosário Fusco / Ascânio Lopes / Henrique de Resende / Cataguases – Fevº – 928”.²⁹

A resposta de Mário de Andrade expressou contentamento e agradeceu a remessa: “Recebi dando upas os *Poemas cronológicos*. Nossa Senhora do Brasil que beije vocês.”³⁰ A animação do escritor é compreendida quando se observa seu artigo sobre o livro, no *Diário Nacional*. O crítico afirmou que a coragem de lançar o volume era bom exemplo para outros modernistas, como os de Belo Horizonte, que vacilavam em trazer a lume uma antologia.

²² Mário de Andrade a Rosário Fusco, [fevereiro de 1928], Acervo de Rosário François Fusco.

²³ Enrique de Resende a Mário de Andrade, abril de 1928, AMA, IEB-USP.

²⁴ 50\$000: cinquenta mil-réis.

²⁵ Mário de Andrade a Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco, 13/2/28, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/4/28, AMA IEB-USP.

²⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 6/2/28, AMA IEB-USP.

²⁸ RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1969, p. 110.

²⁹ ANEXO D.

³⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 25/2/28, Acervo de Rosário François Fusco.

Além disso, argumentou que a reunião em livro daria uma ideia melhor sobre o estilo de cada escritor: “É extraordinário como o livro define uma pessoa. Embora a maioria das peças de *Poemas cronológicos* já fosse conhecida minha, assim unidas essas poesias me deram uma impressão de força atual maior das que eu pensava.”³¹

A *Verde* nº5 saiu apenas em junho de 1928, embora com data de janeiro. A revista teve mais páginas que as outras edições porque trouxe, no miolo, o “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”. A borda e o título da capa saíram em vermelho, marcando a diferença das anteriores. Esse número iniciou com o desenho da argentina María Clemencia. Participaram Mário de Andrade, de São Paulo, e dois poetas de Pernambuco: Ascenso Ferreira e Willy Levin. Apareceram Jorge Fernandes, do Rio Grande do Norte, e Affonso Arinos (sobrinho), do Rio de Janeiro. Além disso, houve poema do uruguaio Nicolás Fusco Sansone e texto de Peregrino Júnior, em espanhol, intitulado “El Vanguardismo en el Brasil”, o qual fora escrito para a publicação argentina *Martín Fierro*.

No Suplemento, houve colaboração proveniente do Rio de Janeiro (poema de Frederico Schmidt) e de São Paulo (artigo de Paulo Prado e poema de Sérgio Milliet). Nas páginas 10, 11 e 12, transcreveram-se as críticas aos *Poemas cronológicos*, estampadas no *Aquário*, assinada por Álvaro Moreira; no *Diário Nacional*, por Mário de Andrade; na *Festa*, por Tasso da Silveira; e na *Revista de Antropofagia*, por Alcântara Machado.

É interessante notar, nesse número, a presença do pequeno texto “Gente”, sem a indicação de autor e que deixou entrever os problemas financeiros da *Verde*. O texto solicitou a adesão de assinantes e comunicou o barateamento do preço do exemplar, mostrando o esforço do grupo para manter a publicação. A perda de fôlego da revista é indissociável da dificuldade de sustentá-la. Tanto que, ao longo de 1928, a correspondência entre os escritores registrou a tentativa de mudança de formato. O primeiro a tocar no assunto foi Ascânio Lopes:

Propus ao Fusco, para que não morresse a revista, a diminuição dela em outro formato. // Prescindiríamos dos anúncios, ficando eu, o Henrique, o Guilhermino e o Peixoto como os marchantes. // O Fusco já fez até o modelo, mas alguns discordam, dizendo que *Verde pequena* matará tradição da *Verde maior*. Tolices.³²

³¹ ANDRADE, Mário de. “Livros / Jorge Fernandes – Livro de poemas; Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*; Brasil Pinheiro Machado – *Quatro poemas*; Paulo Mendes de Almeida – *Cartazes*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 11 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928”.

³² Ascânio Lopes a Mário de Andrade, [junho de 1928], AMA, IEB-USP.

Fusco também comunicou planos de mudança a Mário de Andrade: “*Verde* vai mudar de formato e de vista. Vamos arranjar 40 marchants de 10\$000 ao mês e dispensar os anúncios. Arranje coisa boa pro nosso número 1 segunda fase.”³³ Um mês depois, escreveu ao amigo deixando transparecer sua angústia com a dificuldade de se chegar a um consenso acerca da continuação da revista: “[...] cave com todo mundo conhecido seu pro número um de *Verde* segunda fase (queu vou botar pra fora nem que seja sozinho) a sair por todo mês de junho-julho princípio. Coisa muito séria”.³⁴

Nas missivas do final de 1928, o rapaz ainda alimentava a esperança de continuar a edição da revista. Já na distribuição do número 5, Fusco pediu ao poeta de *Clã do jabuti* que começasse a pensar na colaboração para o número 6: “Vai sair do tamanho da *Antropofagia* (8pg.) 500 exemplares por 140\$000 capa duas cores. Que tal? Assim acho que não morre não. Somos 5 pra vacaria e toca pouco pra cada.”³⁵ Semanas depois, chegou a anunciar que a edição iria para a tipografia naquela data em que escrevia a carta, 26/8/28. Semelhantemente a Fusco, Enrique de Resende parecia esperançoso em lançar mais uma *Verde* no final de 1928; contudo, tinha consciência de que seria um número de despedida, como demonstra sua carta a Peixoto:

Meu caro Peixoto. Parece incrível. Mas é verdade. Somente agora é que posso lhe agradecer o *Meia-Pataca* [...]. // Espero o mais depressa possível para combinarmos uma festa-tipo-escandalosa-moderno-embasbacante, e também o sexto e último número – tipo enterro – da *Verde*. Nº formidável o que está na gaveta!³⁶

Todavia, nenhum outro número da revista saiu do prelo até 1929.

No segundo semestre de 1928, o Grupo Verde lançou seu segundo livro, *Meia-pataca*, de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto.³⁷ O livro chegou a Mário de Andrade com a seguinte dedicatória:

Mário / perdoa a gente não ter agradecido, / há mais tempo, *Macunaíma* / que você mandou com tanta / afeição. Mas é que nós temos an- / dado por aqui de serviço. Principal- / mente agora com essa saída inopor- / tuna do *Meia-pataca*. Pois é, o bi- / cho saiu e vai aqui pra você, como / a mais pequenininha prova do / enorme bem que nós te queremos. / Depois disso tudo, vamos chegando / não sem deixar primeiro pra você / o nosso abraço do tamanho de um bonde. / Francisco I. Peixoto / Guilhermino Cesar / Rio. XI.8.28 / Silvio Romero – 19.

³³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/4/28, AMA, IEB-USP.

³⁴ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/5/28, AMA, IEB-USP.

³⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 21/7/28, AMA, IEB-USP.

³⁶ Enrique de Resende a Francisco Inácio Peixoto, sem data, AFIP, AMLB-FCRB.

³⁷ ANEXO D.

A correspondência não registrou a opinião do escritor paulista sobre o livro. Possivelmente, as impressões foram transmitidas a Peixoto pessoalmente, quando Mário de Andrade passou pelo Rio de Janeiro a caminho do Nordeste. Fusco referiu-se ao encontro em carta de dezembro de 1928: “Peixoto veio do Rio agorinha e me contou que vocês vadiaram um bocadinho juntos: coisa que me deu muita inveja e ciúme dele. Contou mais que você gostou do *Meia-pataca* e isso me alegra muitíssimo.”³⁸

Em fevereiro de 1929, Fusco escreveu a Mário de Andrade, que voltara da viagem: “Deixei pra mandar o livrinho agora de propósito, minha vida, com receio de que o seu pessoal tocasse ele por Norte.”³⁹ Tratava-se de *Fruta de conde*,⁴⁰ primeiro livro individual do mineiro e terceiro lançado pelo grupo. Ao longo do ano anterior, Fusco remeteu versos ao escritor paulista, solicitando a opinião dele; também chegou a anunciar que a obra já estaria sendo composta. Mário de Andrade advertiu o moço de que não deveria ter pressa em lançar livros e que precisaria de mais trabalho de pesquisa estética. Apesar da aparente concordância, o rapaz deu ao público a antologia e expediu um exemplar ao escritor paulista, com dedicatória que pareceu responder à advertência: “Ao meu querido Mário com / a promessa de que só cairei / noutra si tiver alguma novidade / pra contar / Fusco / Janº de 1929 / Cataguases.”

Ao opinar sobre o livro, o autor de *Macunaíma* identificou o brasileirismo acentuado dos versos. As palavras de Mário de Andrade ecoam o aviso do ano anterior sobre a mocidade do poeta mineiro e a necessidade de trabalhar mais as composições:

O livro não achei ruim não. Consultando bem fundo no meu sentimento nem posso dizer que não devesse ser publicado. Tem muito verso bom dentro e algumas poesias quando a gente acaba de ler (pelo menos eu) murmura “é bonito”. Agora: alguma coisa dessas que iluminam de supetão, ou um desses poemas completos em integralidade fundo e forma, isso não achei nenhum. Nem mesmo o “Fazenda”, talvez a coisa mais completa que você fez até agora. No geral o que sucede com os poemas de vocês moços, é isso mesmo: falta totalidade de criação, tudo tão completo, tão legítimo, fundo e forma, que a gente não imagina o “si eu fosse fulano tirava essa expressão, este verso, etc”. Eis aí.⁴¹

Em 10 de janeiro de 1929, morreu Ascânio Lopes. Os rapazes começaram a preparar o número em homenagem ao amigo, tencionando inaugurar uma nova fase da revista. Quatro

³⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 31/12/28, AMA, IEB-USP.

³⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, fevereiro de 1929, AMA, IEB-USP.

⁴⁰ ANEXO D.

⁴¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 26/3/29, Acervo de Rosário François Fusco.

meses depois, Fusco avisou ao escritor paulista: “*Verde* em homenagem ao nome de Ascânio hoje já está pronta. Sairá dia 10.”⁴²

Na *Verde* nº1 da segunda fase, não existiam anúncios. A capa não teve bordas e molduras. Apareciam apenas o nome da revista em verde, sem subtítulos, e os nomes de Enrique de Resende, Martins Mendes, Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco. Havia a indicação do número “1” em verde, anunciando o início de uma nova fase. As páginas centrais continham três poemas inéditos de Ascânio Lopes, e a maioria dos outros textos eram homenagens, inclusive o editorial de Enrique de Resende no começo da revista. De Belo Horizonte, participaram Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes; de São Paulo, Mário de Andrade e Alcântara Machado; de Pernambuco, Ascenso Ferreira; e da Bahia, Carlos Chiacchio. Também se incluiu uma nota de Graça Aranha, e José Américo de Almeida, da Paraíba do Norte, enviou a “Mensagem ao Grupo Verde”. Outrossim, havia a transcrição de um trecho extraído de livro de Tristão de Athayde, um artigo do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés, um desenho da argentina María Clemencia e um retrato da artista em desenho, feito pela também argentina Norah Borges, irmã de Jorge Luís Borges.

A iniciativa de lançar a revista em homenagem ao companheiro morto foi elogiada por Mário de Andrade em crônica no *Diário Nacional*, na qual também lamentou a perda de Ascânio Lopes: “E os amigos por isso aproveitaram enquanto a ferida sangrava pra lançar esta *Verde* que, no fundo, é esse sorriso incompetente, ‘Pobre Ascânio Lopes’, com que nós, os companheiros dele, não nos conformamos com a desilusão que ele nos deu.”⁴³

Um mês depois da edição da revista, saiu *13 Poemas*, de Martins Mendes, a última publicação do grupo. Peixoto remeteu um exemplar ao escritor paulista. O volume levava a dedicatória: “Para o Mário / com a simpatia / do / Martins Mendes / Catags. 4.6.929.”

Enrique de Resende, em sua *Pequena história sentimental de Cataguases*, considerou que a morte do amigo desencadeou o fim do grupo e da revista, a qual não poderia continuar sem o companheiro “que tombara”: “Ascânio morreu no dia 10 de janeiro de 1929, e com ele morreu a *Verde*. O número de maio daquele ano é póstumo. Foi editado *in memoriam* do companheiro morto.”⁴⁴

Além do falecimento de Ascânio Lopes e da dificuldade financeira de sustentar a revista, a correspondência entre Mário de Andrade e Rosário Fusco revelou mais um fator que

⁴² Rosário Fusco a Mário de Andrade, maio de 1929, AMA, IEB-USP.

⁴³ ANDRADE, Mário de. “Ascânio Lopes”, *Diário Nacional*, 30/5/29. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org., introd. e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 115.

⁴⁴ Enrique de Resende, *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1969, p. 112.

levaria ao encerramento da publicação: a discórdia entre Fusco e Francisco Inácio Peixoto em julho de 1929. Fusco escreveu a Mário de Andrade, referindo-se ao desentendimento:

Um simples pretexto de orientação literária (adivinhou!) e ele – záz – se aproveita para descarregar seu despeito sobre mim, dizendo que nada fiz por *Verde*, que não valho coisa alguma, que não precisa de mim (eu preciso dele?) que o seu mal foi ter me dado muito importância (pedi-lhe alguma coisa?) mais isso, mais aquilo, tudo besteira que escrita assim parece nada, porém que ouvidas no tom com que as ouvi significam muita coisa.⁴⁵

Na carta seguinte, deu a notícia de seu desligamento do grupo: “Sabe que caí fora da revista? Pois caí.”⁴⁶ O grupo não teve como continuar sem o seu “epistoleiro”.

Após a aventura de 1927, o sonho do lançamento de mais uma fase da *Verde* reuniu, novamente, Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar e Enrique de Resende, em 1940. Como na primeira vez, Fusco tentou arregimentar colaboradores. É o que demonstrou a carta que enviara a Peixoto:

Ainda ontem falei com o Enrique sobre a *Verde*. Com os possíveis colaboradores também falei (Meier, Mário de Andrade, Orris Soares, Astrojildo Pereira, Jorge de Lima, etc.) a todos, ao que pude concluir, estão dispostos a escrever. O que me parece um pouco esquisito é não dispormos, mesmo agora, de início, de um pequeno capital para pagar as colaborações. Os tempos são diferentes e comparar este 1940 ao distante 1927 me parece insensatez. Todos eles estão acostumados (num hábito de quase dez anos) a receber pelo que escrevem, de modo que, depois de dizer que escrevem, perguntam, sistematicamente se as colaborações são pagas.[...] Já fiz o plano (espelho) da revista e lhe mandarei antes do fim da semana, juntamente com o desenho que não tive tempo de cobrir à tinta. Mas, por favor, pense nestas coisas que lembro e escreva a respeito.⁴⁷

Peixoto manteve, em seus arquivos, o esboço de Fusco para a nova edição da revista *Verde*, feito à mão. A capa traria: “VERDE/ Outubro de 1940 / 3ª Fase / 1”. Na folha a seguir, viria o expediente, abaixo do qual se leria:

Esta revista, que agora aparece em sua 3ª fase, foi fundada em 1927, em pleno modernismo literário. Reaparecendo, agora, 13 anos depois, suas intenções e seus propósitos continuam os mesmos, isto é, servir às letras mineiras, e, pois, às letras do país.

Na página subsequente, haveria: “VERDE / Direção de / Francisco Inácio Peixoto / Redatores / Guilhermino Cesar * Enrique de Resende * Rosário Fusco / 1 / 3ª Fase / Redação

⁴⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [julho de 1929], AMA, IEB-USP.

⁴⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, julho de 1929, AMA, IEB-USP.

⁴⁷ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 12/11/40, AFIP, AMLB-FCRB.

e Administração / Rua Cel. Vieira, 63 / Cataguases / Minas – Brasil”. Na última folha do esquema, apareciam as propostas de seções.

Guilhermino Cesar, com sua experiência em jornais e revistas, também ajudou Francisco Inácio Peixoto a planejar essa nova fase. No arquivo de Guilhermino Cesar preservou-se o orçamento feito, em 1939, para as três possibilidades de tamanho da publicação. Contudo, a revista não logrou vir a lume. Tratava-se de novos tempos: os amigos eram autores conhecidos no meio literário, cujas linhas eram bem pagas; os rapazes eram senhores formados, casados e com emprego fixo – não eram mais verdes.

3.2.1. O livro que não saiu das cartas

Outra contribuição para o trabalho de reconstrução da história do Grupo Verde com o auxílio da documentação reunida nesta pesquisa é a descoberta do projeto *Codaque*, que teria sido a estreia poética de Fusco em livro. O empreendimento não se realizou, e os primeiros originais perderam-se, de acordo com depoimentos do próprio autor. No entanto, as cartas, único registro da obra, ficaram e trouxeram discussões estéticas entre Mário de Andrade e Rosário Fusco, versões dos poemas e informações sobre vários estágios do processo de elaboração da coletânea.

Em 22 de outubro de 1927, um mês após o início da troca de cartas, Fusco enviou poemas a Mário de Andrade e pediu uma avaliação: “Aí vão dez poemas que eu pretendo enfeixar num volume com desenhos de Pedro Nava ou Delpino Jr. Se você gostar e achar mesmo que esse negócio merece publicação – me devolva os versos com um prefácio seu.”⁴⁸

Na carta seguinte, Fusco revelou o título do projeto, provavelmente inspirado no livro *Kodak*, de Blaise Cendrars, reunindo composições que buscavam descrever uma imagem ou uma situação momentânea, como uma fotografia. Mário de Andrade não conservou, em seu arquivo, os dez poemas; supõe-se que foram devolvidos ao autor juntamente com a resposta, na qual o escritor paulista analisava os versos. Essas notas revelaram que a configuração inicial do livro contava com 11 textos (e não com dez, como indicou Fusco), cujos títulos seriam: “Paisagem número 1”, “Cinema”, “Rio de Janeiro”, “Versos à minha amada”, “Belo

⁴⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 22/10/27, AMA, IEB-USP.

Horizonte”, “Jornal do interior”, “Desinfetante”, “O Poema do meu amor”, “Juiz de Fora”, “Madrigal” e “Partida”.

A carta de Mário de Andrade, que acompanhou as anotações, trouxe a seguinte ressalva: “veja as notas. São sinceras, mas não sei se estão certas. Se lembre sempre que falo em nome da minha Verdade [...]”.⁴⁹ De fato, o escritor apontou os poemas de que gostara e os de que não gostara. Contudo, o mais interessante dessas observações reside no fato de partirem de reflexões que demonstraram o comprometimento com o que se acreditava estar no cerne do projeto estético modernista: a estilização literária da fala brasileira. Em “Versos a minha amada”, o escritor paulista comentou o excesso de pronomes em alguns versos, o que prejudicava a “naturalidade da fala brasileira”. Em “Jornal do interior”, a ortografia adotada por Fusco para o verbo “aporrinhar” foi questionada por não corresponder ao “natural brasileiro”; o crítico ainda alertou: “Tome cuidado que nessa coisa de abasileiramento da nossa fala, muita vez a gente quer ser mais realista que o rei, e perde tempo.”⁵⁰

As imagens utilizadas por Rosário Fusco em alguns poemas também foram estudadas nas notas. Mário de Andrade lançou mão dos apontamentos para compor o artigo “Da metáfora (carta a Rosário Fusco)”, divulgado no *Diário Nacional*, em 20 de novembro de 1927. Esse texto em formato de missiva replicou os comentários já enviados ao rapaz. Sobre “Rio de Janeiro”, o escritor paulista comentou:

A realidade exterior comoveu tanto você que declanchou um entusiasmo virgem, um movimento eminentemente lírico e você ficou ingênuo e sem inteligência. Você então quis descrever e vai descrever o estado interior de você caracterizando-o pela imagem. Imagem que a gente não pode verificar que está certa senão porque é sugestiva. Ela sugere um estado psicológico (a gostosura sempre inédita do Rio) por outro estado psicológico (piá que veste roupa nova) muito comovente e que todos já viveram.⁵¹

O crítico explicou que o poeta corria perigo de cair no vazio ao criar uma metáfora e fazer um poema exclusivamente dela. Além disso, censurou a prática de fazer textos a partir de uma única imagem, à qual se confere a validade de poema.

Fusco desejava que Mário de Andrade escrevesse o prefácio para o livro planejado, mas supôs que não teria a solicitação atendida quando se deparou com as extensas observações do paulista sobre os poemas. Todavia, o autor de *Pauliceia desvairada* aceitou redigir a abertura do livro e aproveitou a ocasião para indicar a necessidade de Fusco estudar

⁴⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 24/10/27, ARF, AMLB-FCRB.

⁵⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, notas sem data [24/10/27], Acervo Rosário François Fusco.

⁵¹ ANDRADE, Mário de. “Da metáfora (carta a Rosário Fusco)”, *Diário Nacional*, São Paulo, 20/11/27, p. 9, Biblioteca Nacional.

e aprimorar-se. Essa foi a primeira entre as muitas ocasiões em que Mário de Andrade tentou fazer seu jovem amigo notar que o talento e a vontade de agir precisavam ser acompanhados de formação:

Não tenho medo absolutamente de apresentar você mesmo se você só trouxesse matéria ruim por enquanto por causa do que prevejo pra depois. Inteligente está claro que você é. Lirismo se percebe que tem. O presente não é nada pelo que você pode fazer no futuro e tenho esperança que fará. Tudo depende de trabalhar agora, e tomar com seriedade essa brincadeira luminosa da arte.⁵²

Ao saber que o escritor paulista dispusera-se a assinar a apresentação, Fusco passou a limpo seus poemas, retirando alguns e incorporando outros. *Codaque*, em nova versão, foi reenviado a Mário de Andrade. Graças a isso, os dez poemas que comporiam o “livro de vistas”, como o definiu Rosário Fusco em carta ao escritor paulista, puderam ser conhecidos: “Desinfetante”, “Paisagem nº2”, “Juiz de Fora”, “Madrigal”, “Bahia”, “Belo Horizonte”, “Rio de Janeiro”, “Jornal de interior”, “Sala de gente pobre” e “Leopoldina”.

Em novembro de 1927, Fusco agradeceu a Mário de Andrade a “Apresentação” recebida e afirmou ter gostado. Esse texto foi publicado na *Verde* nº4, com o subtítulo: “que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente”. Provavelmente, o poeta mineiro tentava fazer propaganda de seu livro ao antecipar a divulgação do prefácio. Nessa apresentação, Mário de Andrade utilizou a ideia já expressa em carta a Fusco: não se negava a prefaciar o livro uma vez que os versos, apesar de demonstrarem ser de um jovem poeta, previam uma literatura de qualidade que o autor realizaria com mais maturidade e estudo. Observe-se o seguinte excerto:

Não tenho dúvidas em apresentar estes instantâneos de Rosário Fusco [...]. O livro de Rosário Fusco é assim um mapa caridoso e sugestivo. [...] Isso já se percebe principalmente porque o mapa de Rosário Fusco não é que nem o de agora, só linhas, só cores, só nomes de pagos não. É que nem aqueles mapas de dantes. Dum lado ou mesmo no meio da geografia está vivendo um elefante uma palmeirinha um templo ilustre. Poemas como “Rio de Janeiro”, “Madrigal”, “Jornal de interior”, “Bahia”, não indicam apenas ideologicamente a margem que o futuro reserva pros nossos prazeres. Já é princípio de viagem. O que se enxerga inda não é coisa propriamente nova não. Mas é fecunda e já comove bem.⁵³

⁵² Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/11/27, Acervo de Rosário François Fusco.

⁵³ ANDRADE, Mário de. “Apresentação / que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente”. *Verde* nº4, Cataguases, novembro de 1927, p. 10. V. ANEXO E.

O debate em torno da ilustração de *Codaque* é relevante, pois mostra o entusiasmo de Fusco. Depois da resposta de Mário de Andrade, aceitando prefaciá-lo, o poeta cataguasense escreveu:

Estou muito alegre com você, sabe! Por uma porrada de coisas, mas principalmente por V. ter gostado do projeto *Codaque*. Eu queria fazer uma coisa puxada compreende! Capa de Tarsila apresentação de você e desenhos do Nava ou do Delpino. Acho, porém, que isso é vontade de segurar o mundo com a mão... Talvez eu mesmo ilustre os troços. Que tal?⁵⁴

Mário opinou que o mineiro deveria mesmo pedir as ilustrações a Pedro Nava. Mais uma vez, o escritor paulista chamou atenção para que, tanto no desenho quanto na poesia, Fusco aprimorasse sua técnica, além de estudar e trabalhar. Não obstante, sempre incentivara o rapaz: “acho mesmo que como você fala, você está querendo abraçar o mundo com as mãos. Ou com os braços. Continue assim.”⁵⁵

Do mesmo modo que na correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira,⁵⁶ quando se colocou em foco o desejo da cumplicidade do interlocutor, Fusco reivindicou, abertamente, a participação do escritor de *Pauliceia desvairada* no projeto do livro *Codaque*: “Vou mandar datilografar o livro de novo e depois de amanhã então ele seguirá pra você. Junto 1 verso novo que estou querendo botar no *Codaque*. Vale a pena resumo? E que tal a ‘paisagem n° 2’?”⁵⁷ Em outra missiva, comunicou:

– Mando-lhe dois versos novos. Já sei que V. vai dizer que estou influenciado pelo Cendrars. Mas não por mal não. Porque acho que no meio disso tudo tem qualquer coisa que é bem minha... // Porque isso foi ‘sentido’. // Mande opinião a respeito.⁵⁸

Fusco contou com a colaboração de Mário de Andrade, considerando o amigo, em certa medida, coautor da obra. Em 25 de novembro de 1927, escreveu: “– e sobre a capa do *Codaque* o que V. resolveu? // Amanhã aparecerei por aí pra te aporrinhar com meia dúzia de versos macetes. // Que tal os últimos mandados? “Jaz-band”, “Croniqueta” e etc.”.⁵⁹ Dois dias depois, retomou a conversa:

Aí vai o esquema do *Codaque*, Mario, pra você ver e retocar no que achar [paulificante]. // O tamanho do baita e a disposição dos troços é esta mesmo.

⁵⁴ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

⁵⁵ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

⁵⁶ Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/IEB, 2001.

⁵⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 10/11/27, AMA, IEB-USP.

⁵⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/11/27, AMA, IEB-USP.

⁵⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/11/27, AMA, IEB-USP.

// Em branco o quadrado pros desenhos. // Não tenho capa. Se for possível cave uma aí com Dona Tarsila.⁶⁰

Mário de Andrade sugeriu a Fusco o descarte de dois dos poemas que entrariam no livro porque lembravam poemas de outros autores modernistas. O rapaz, contudo, saiu em defesa da originalidade de seus versos e testemunhou as circunstâncias da criação. Em 28 de outubro, afirmou não conhecer, antes de escrever o seu texto, “Poema elétrico”,⁶¹ citado por Mário de Andrade em *A escrava que não é Isaura*:

“O poema do meu amor” – V. que não me conhece pessoalmente, Mário, há de fazer um juízo bem ruinzinho da gente. Mas digo a V. com toda sinceridade: estes versos foram feitos há muito tempo. Antes da época em que eu li a *Escrava*. A gente aqui da *Verde* sabe disso.⁶²

Além disso, em carta escrita entre 15 e 25 de novembro, Fusco garantiu que seu “Sala de gente pobre” seria anterior ao poema “Família”,⁶³ de Carlos Drummond de Andrade:

Quanto ao “Sala de gente pobre” não concordo com V. porque aquilo é verso de dezembro de 1925 – época em que comecei a escrever. / Foi publicado aqui no jornal da terra em janeiro mais ou menos. / Não quero com isso ofender o nosso meu querido Carlos mas talvez até que ele tenha copiado o meu...⁶⁴

O “projeto *Codaque*” ocorreu no começo da trajetória literária de Fusco, quando também houve o início da correspondência com Mário de Andrade, período de conquista e

⁶⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/11/27, AMA, IEB-USP.

⁶¹ O “Poema elétrico”, de Luis Aranha, citado por Mário de Andrade em *A escrava que não é Isaura*, utiliza termos da Física para falar das sensações despertadas pela mulher desejada: “Querida, / quando estamos juntos / vem do teu corpo para o meu um jato de desejo / que o corre como eletricidade... // Meu corpo é o pólo positivo que pede... / teu corpo é o pólo negativo que recusa... // Si um dia eles se unissem / a corrente se estabeleceria / e nas fagulhas desprendidas / eu queimaria todo o prazer do homem que espera...” (ARANHA, Luis. “Poema elétrico” apud ANDRADE, Mário de. *Obra imatura: Há uma gota de sangue em cada poema; Primeiro andar; A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Martins / Itatiaia, 1980, p. 211.)

⁶² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 28/10/27, AMA, IEB-USP.

⁶³ O poema “Família”, de Carlos Drummond de Andrade, foi acolhido em seu primeiro livro, intitulado *Alguma poesia*, com publicação em 1930. “Família” consta do caderno de poemas escritos à mão pelo poeta de Itabira com o título *Minha terra tem palmeiras* que foi enviado a Mário de Andrade em 1926. Pouco tempo depois do envio de “Sala de gente pobre”, Fusco mandou também “Serão interior” (com a carta de 7/12/27), como um dos textos que comporiam os *Poemas cronológicos*. Novamente é possível flagrar semelhanças com um poema do itabirano. Desta vez, com “Infância”, que também fazia parte do *Minha terra tem palmeiras* e foi acolhido em *Alguma poesia*. Drummond escreveu: “[...] Eu sozinho menino entre mangueiras / lia a história de Robinson Crusoe, / comprida história que não acaba mais. // No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu / chamava para o café. [...]” (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 1ª edição, Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930, Biblioteca de Plínio Doyle, AMLB-FCRB.) E Fusco apresentou os versos: “[...] Eu sozinho – entre livros de estudo – / lia as viagens maravilhosas de Sindbad... // Depois parava um pouquinho, / mamãe chamava pro café das oito, [...]”. É possível imaginar que a semelhança não escapara a Mário de Andrade, contudo Fusco, além de já ter feito defesa enfática de sua originalidade na ocasião de “Sala de gente pobre”, datou “Serão interior” de 1925.

⁶⁴ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [entre 15 e 25/11/27], AMA, IEB-USP.

consolidação da amizade por meio das missivas. É possível imaginar que a defesa da originalidade desses poemas, verdadeira ou inventada, seja uma tentativa de autoafirmação perante o “novo amigo”. De qualquer forma, o compartilhamento da gênese desse projeto literário deixou a esfera privada e silenciosa em direção ao diálogo epistolar.⁶⁵

3.2.2. “E viemos pregar as ideias novas da Nova-Arte.”⁶⁶

Ao longo da década de 1920, as revistas tornaram-se polos de arregimentação, experimentação e discussão, bem como espaços que testemunharam cisões e embates em torno de questões artísticas e literárias. Cecília de Lara chamou atenção para a continuidade das publicações em torno das quais os modernistas se agrupavam⁶⁷ – quase como em uma corrida de revezamento: começando pela *Klaxon*; passando pela *Revista do Brasil* (direção de Paulo Prado), *Estética* e *A Revista*; chegando à *Terra Roxa e outras terras*, *Verde* e *Revista de Antropofagia*. A autora referiu-se a uma movimentação no campo intelectual em que disputas em torno de interpretações de nacionalismo e modernismo e da capacidade de arregimentar, orientar e influenciar a literatura refletiam na mobilização dos participantes para o lançamento e a manutenção dos periódicos.

Vale a ressalva de que outras revistas de grupos também modernistas, como, por exemplo, a *Novíssima* ou a *Festa*, participaram das movimentações no mundo literário, embora agregassem intelectuais que defendiam formas diferentes de pensar o nacional e o moderno. Nessa perspectiva, os periódicos em conjunto formariam um painel de construção

⁶⁵ José-Luis Diaz (2007), em “Qual genética para as correspondências?”, afirma que a carta pode ser vista como um documento exterior ao “*dossier* de arquivos”, compondo a história de elaboração de uma obra; pode igualmente pertencer à “gênese em diálogo” e “em colaboração”. Diaz chama a atenção para as estratégias de *mise en scène* vigentes no relato da gênese literária em cartas. Nas palavras do autor: “às vezes, devemos desconfiar da gênese ‘exibicionista’, mais ou menos inventada e encenada...”. (DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética, nº15, 2007, p. 125.)

⁶⁶ “Apresentação”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 9.

⁶⁷ Cf. LARA, Cecília de. “A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas”. *A Revista*, edição fac-símile. São Paulo: junho de 1978; LARA, Cecília de. “Verde e o ‘fenômeno’ Cataguases”. *Verde*, edição fac-símile (suplemento). São Paulo, dezembro 1978; DE LUCA, Tânia Regina. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

coletiva do movimento, independentemente da curta duração, da simplicidade e da aparente falta de valor de cada um deles isolados.

Nas disputas pela produção e pela manutenção dessa “cadeia” de que a *Verde* também fez parte, revelaram-se novos adeptos (como os rapazes de Cataguases), realinharam-se antigos atores (como Mário de Andrade), e consolidaram-se relações (como entre o autor de *Clã do jabuti* e os verdes). Cabe explorar o debate sobre a posição dos verdes em relação ao que percebiam como modernismo, principalmente porque isso foi o objeto de algumas passagens da correspondência com Mário de Andrade.

No texto “Apresentação”, publicado na *Verde* nº1, os verdes declararam que pregariam as “ideias novas da Nova-Arte”. Percorrendo os números da revista, é possível identificar os princípios norteadores, do ponto de vista dos moços de Cataguases, da renovação literária a que desejavam se associar. Nos textos sobre as obras literárias e o momento intelectual, dois elementos são predominantes: o nacionalismo crítico e a liberdade de pesquisa estética.

Sobre o nacionalismo, o texto da abertura pronunciou-se: “Abrasillear o Brasil – é o nosso risco.”⁶⁸ O primeiro editorial de Enrique de Resende declarou: “Hoje contamos o que é nosso com palavras nossas.”⁶⁹ No afã de reafirmar o nacionalismo do grupo, o Manifesto negou a própria formação intelectual de seus componentes: “Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.”⁷⁰ Ao mesmo tempo, os textos literários dos rapazes do grupo mostraram que o nacionalismo por eles esposado não tinha sentido ufanista ou xenófobo, mas de redescoberta de origens, em uma proposta de trazer, para a literatura, os elementos vivos que compunham a língua, além dos costumes e da história da própria terra, país, região, cidade, bairro, rua.

O poema “Descoberta do Brasil”, de Ascânio Lopes, foi exemplar do nacionalismo dos verdes, pois voltou ao tema do descobrimento, relevante para a história do país, partindo da realidade local, empregando o cômico, sem deixar de ser crítico, a fim de mostrar a cultura do povo de sua terra:

Programa:

- 1) Foguetões.
- 2) Alvorada pela Banda Musical 3 de maio.
- 3) Missa com sermão obrigatório e leilão no final para as obras da igreja.
- 4) Passeata do batalhão escolar e sessão cívica no grupo local.
- 5) À noite, na sede do Grêmio Literário Cultores das Letras, o sr. Pacífico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta.

⁶⁸ “Apresentação”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 9.

⁶⁹ RESENDE, Enrique de. “A cidade e alguns poetas”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 10.

⁷⁰ “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo: 1978, folha avulsa.

6) Fogos de artifício. Nota: Haverá foguetes de lágrimas.⁷¹

No mesmo sentido é o poema “Festa da bandeira”, de Rosário Fusco, que apresentou esse “doutor Arlindo França”:

Depois que os meninos cantaram
O “salve lindo pendão da esperança”
O professor doutor Arlindo França
Descobriu o retrato de Camões e disse
Que ele foi um grande poeta português
Autor do URUGUAY – o mais belo
Poema da língua portuguesa

Meninos bateram palmas e o coronel Sinfrônio
Elogiou o “estilo quente” do orador...

Seu Nicolas farmacêutico falou com titio
Que o seu França é um homem “preparado”
– a mais viva esperança do Brasil...⁷²

Os verdes indagaram qual era sua situação diante das ideias vanguardistas vindas da Europa, as quais estavam carregadas de determinados valores, tais como progresso, civilização, atraso e desenvolvimento, e se fundamentavam em pressupostos como, por exemplo, urbanização e desenvolvimento tecnológico. Além disso, o grupo questionou sua posição diante das movimentações artísticas paulistas e cariocas. Perceberam, então, que a realidade local também era a realidade brasileira. A isso, somou-se terem notado que o interior, guardando as devidas proporções, também vivia processos de modernização. Poderiam, por conseguinte, juntar-se aos artistas e aos escritores que pregavam uma nova arte para uma nova realidade urbana, assim como fizera Enrique de Resende, em seus “Cantos da terra verde (2)”:

[...]
É a cachoeira, a acachoar, zoando e retumbando, no seio virgem da floresta virgem.
E, além, são águas, que se refreiam, que se represam,
e é a luta esplêndida de mil cavalos imaginários
nos canos grossos,
nos tubos longos,
pelas turbinas a dentro – num turbilhão.

E, então, lá no alto, à luz do dia, apoteoticamente,
as fabricas gemem,
o teares cantam,
as serras guincham,

⁷¹ LOPES, Ascânio. “Descoberta do Brasil”, *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 22.

⁷² FUSCO, Rosário. “Festa da bandeira”, *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 18.

– e, à noite, como que num milagre, é a cidadela
toda esplendente de alampadários.⁷³

É possível afirmar que a defesa que os verdes fizeram da literatura nacional passava por uma produção literária que observava a própria região. A geração modernista de Cataguases desenvolveu uma rebeldia a seu modo e exerceu uma atitude crítica referente à tradição intelectual local. Guilhermino Cesar explicou o nacionalismo dos rapazes da zona da mata e tentou diferenciá-lo do regionalismo que marcaria o romance após 1930:

Nós teríamos que ser mineiros, nós queríamos captar, digamos aquilo que havia de característico na nossa terra, mas o espírito regionalista não [...]. Nós procurávamos, assim por exemplo, descobrir em Cataguases alguma coisa interessante através da qual nós nos ligássemos ao mundo; mas nós não queríamos ser regionalistas. // O regionalismo naquela época estava ligado a uma posição política.⁷⁴

Acrescenta-se que, apesar de tudo, a *Verde* não se fechou às novidades vanguardistas estrangeiras e à experiência literária de outros grupos brasileiros. O grau de valorização do intercâmbio ficou claro em um artigo de Ascânio Lopes, que, em outubro de 1927, tocou em um ponto crucial para o movimento antropofágico de Oswald de Andrade, em 1928: “trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por ele”.⁷⁵ Ascânio Lopes ponderava sobre a questão da dependência cultural, talvez porque, na zona da mata mineira, o problema da importação passiva cultural era duplo: vinha tanto do estrangeiro quanto das grandes cidades, como a capital do estado e a capital federal.

Certamente, os verdes não tinham o conhecimento mais atualizado sobre as vanguardas europeias, em comparação a Mário de Andrade e outros modernistas que viviam nas capitais ou que viajaram pela Europa. Entretanto, pelo que demonstraram suas cartas e seus textos na revista, perceberam a importância da renovação artística e literária que esses movimentos desencadearam no velho continente e, posteriormente, no Brasil. Esses rapazes tentaram participar dessa renovação e rejeitaram a cópia e a “assimilação passiva”, ao mesmo tempo em que aproveitaram as novas possibilidades estéticas na construção de obras que tomavam como ponto de partida a observância de sua região e de seus costumes. Todavia, a *Verde* não se deixou levar pelo nacionalismo ufanista. São provas disso: o olhar crítico a

⁷³ RESENDE, Enrique de. “Cantos da terra verde (2)”, *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 20.

⁷⁴ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara, 1981, p. 222.

⁷⁵ LOPES, Ascânio. “A hora presente”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 17.

respeito da própria história, a receptividade da participação de outros grupos internacionais e o desejo de diálogo possibilitado por meio da correspondência.

O outro elemento que compunha a noção cataguasense de renovação da literatura era a liberdade. Em textos da revista e no Manifesto, foi possível flagrar os verdes defendendo a liberdade no sentido de não adesão a escolas, vanguardas ou vertentes anteriores a eles. Na *Verde* nº1, “É preciso paz na arte moderna”, de Rosário Fusco, exemplificou essa ideia: “Na arte moderna não há *escolas*, nem nada. Portanto, cada um pra si.”⁷⁶ Ao fixar isso, Fusco assumiu uma postura vanguardista tal qual Mário de Andrade em seu “Prefácio interessantíssimo”, em *Pauliceia desvairada*, no qual fundou e destruiu seu “Desvairismo”, propondo: “Em arte: escola + imbecilidade de muitos para vaidade dum só.”⁷⁷ Em novembro de 1927, dois meses depois da primeira *Verde*, o Manifesto apresentou uma passagem no mesmo sentido: “Queremos é demonstrar apenas a nossa independência no sentido escolástico, ou melhor, “partidários”. [...] Somos o que queremos ser [...].”⁷⁸

Tanto o texto de Fusco, que vem logo depois do editorial do número de estreia da revista, quanto o Manifesto são documentos que deveriam demonstrar o posicionamento do grupo e demarcar diferenças que, de algum modo, os individualizasse dentro do campo literário. Por isso, os dois textos trazem frases de efeito e alardeiam a não filiação estética do grupo. No entanto, a produção literária dos verdes, principalmente os poemas, não corroborou com tal posicionamento. Desde o início, ficou clara a conexão da *Verde* com a vertente que Tristão de Athayde chamou primitivista: “Tudo pau-brasil até a raiz dos cabelos.”⁷⁹ De fato, quando pretenderam pedir colaboração externa para a revista, enviar poemas para a crítica e pedir orientação estética, recorreram a Mário de Andrade, Alcântara Machado, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, como provam as correspondências.

Contudo, ainda assim, é possível dizer que a liberdade é um elemento que compunha a noção cataguasense de literatura moderna. Trata-se da liberdade que se relaciona à rejeição dos academicismos e que reserva ao escritor a decisão de usar os recursos que desejar, sem predeterminação de escola ou vertente, em sua busca pela construção de uma literatura nova e brasileira. Quem explicou isso, na *Verde*, foi seu diretor, no primeiro editorial:

⁷⁶ FUSCO, Rosário. “É preciso paz na arte moderna”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 11.

⁷⁷ ANDRADE, Mário de. “Prefácio Interessantíssimo”. *Poesias completas (de Pauliceia desvairada a Café)*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 35.

⁷⁸ Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo: 1978, folha avulsa.

⁷⁹ ATHAYDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Vida literária: Gente de amanhã”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22/1/28, p. 4, Biblioteca Nacional.

De entre os muitos bens que nos trouxe o modernismo, sobressai, é certo, a liberdade com que sonhávamos.
 Daí o abandonarmos tudo que pudesse subjugar-nos o espírito, – como são os cânones de toda espécie.
 E com a liberdade veio o amor a todas as coisas belas.⁸⁰

Esse sentido de liberdade é passível de verificação nos textos do grupo. Entre os poemas estampados na revista, encontra-se, mais que o emprego de vários estilos e recursos técnicos distintos, a utilização criativa da herança cultural local, nacional e internacional. Fusco, por exemplo, dispôs dessa liberdade para compor “Madrigal”, que pareceu nascer de uma livre associação de ideias com o uso dos elementos mais diversos. O texto citou nomes de atrizes do cinema norte-americano e brasileiro, misturados a certa exclamação da linguagem oral e agregou a imagem do sonho de consumo masculino da época, o “Forde último modelo”. A soma de todos esses elementos líricos montou a cena de um menino que brincava: “[...] A Bebê Daniels, a Póla Negri / A Nita Naldi, a Margarida Max (eta patriotismo!) / *elas* todas, todas *elas* moram dentro de você... / A questão é a gente querer / Meu amorzinho barato meu carro Forde / último modelo [...]”⁸¹

Do mesmo Fusco, há “Rio de Janeiro”, composto de apenas dois versos, levando o leitor a duvidar se realmente estaria diante de um poema, caso não fosse o texto profundamente lírico: “Os meus sentidos são um menino / que veste um vestido novo.”⁸²

Há um terceiro sentido para a liberdade quando se trata dos verdes: a liberdade de expressão, que talvez até se referisse a certa incompreensão inicial das disputas internas do modernismo brasileiro. Essa liberdade apresentara-se na abertura para a diversidade de colaborações tanto dos verdes quanto dos de fora. Peixoto, em depoimento sobre o grupo, afirmou que o material publicado não passava por qualquer seleção:

Não havia seleção. O que havia era o seguinte: Nós mandávamos a colaboração para a redação. Lá acompanhávamos a composição que era manual, a impressão e, impressa a revista, saíamos todos, satisfeitos mostrando o produto de nosso bestunto.⁸³

Por isso, sem qualquer explicação, a *Verde* trazia, misturados a poemas experimentais, textos que ainda estavam presos ao amor romântico ou estampava o irreverente poema a quatro mãos de Mário e Oswald de Andrade, com a mesma naturalidade que publicara um

⁸⁰ RESENDE, Enrique de. “A cidade e alguns poetas”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 10.

⁸¹ FUSCO, Rosário. “Madrigal”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 11.

⁸² FUSCO, Rosário. “Rio de Janeiro”, *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 16.

⁸³ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara, 1981, p. 198.

texto de duas páginas, em prosa empolada, no qual se louvava o fundador da cidade de Cataguases. A edição mais representativa dessa deliciosa miscelânea de vertentes é a primeira da segunda fase, que agregou “Indireta”, de Alcântara Machado, texto que detectou o nacionalismo reacionário de alguns escritores modernos; a transcrição de um artigo de Carlos Chiacchio, crítico baiano ligado a grupo que valorizava a herança simbolista; a homenagem de Graça Aranha a Jackson de Figueiredo; e a nota comemorativa do centenário de José de Alencar. Afinal, como afirmou Fusco em “É preciso paz na arte moderna”: “Cada um que rompa o matagal com o seu machado!”⁸⁴

3.2.3. *Verde* aos olhos dos verdes

“Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...”, revelava o Manifesto do Grupo Verde de Cataguases sobre a pouca receptividade da cidade às experiências literárias modernistas que os rapazes empreendiam. Contudo, antes disso, os verdes já sentiam a necessidade de defender e valorizar a revista aos olhos dos cataguasenses, para que se vendessem os anúncios na publicação. O prestígio familiar do poeta e engenheiro Enrique de Resende, que fora muito valioso perante o comércio de pequena cidade no início da venda de espaço nas páginas da *Verde*, somente durou até que o “gosto literário duvidoso” da publicação fosse denunciado pelo Conselheiro B.B. Tornou-se, então, difícil obter anunciantes para a *Verde*.

O jornal *Cataguases*, mantido pela prefeitura, era o principal veículo da cidade na época e reservava espaço para a “Coluna dos novos”, em que os verdes apareceram antes e durante a edição do periódico modernista. Entretanto, o órgão oficial não deu notícias que apontassem a boa repercussão da revista *Verde* nas cidades grandes, como, por exemplo, São Paulo e Belo Horizonte – fato que motivaria o comércio local a anunciar na revista.

Ascânio Lopes tentou mudar a situação e assinou artigo no *Cataguases*, em outubro de 1927, defendendo e valorizando o Grupo Verde perante a cidade, ao mostrar que o município tinha um grupo de vanguarda literária justamente porque se modernizara. Também equiparou a luta para a renovação literária executada pelos verdes com o movimento que implantara o modernismo brasileiro, comparando Cataguases a cidades grandes que já possuíam uma literatura moderna:

⁸⁴ FUSCO, Rosário. “É preciso paz na arte moderna”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 11.

É fato que um grupo de rapazes bem intencionados procura dar nova feição à poesia – e só a essa –, pondo-a mais aos moldes do modernismo brasileiro; mas a esses, afoga-os a indiferença ambiente.

Mas, necessariamente, a luta que estão travando com a modorra da inteligência e com o comodismo e com a forma consagrada, há de trazer mais facilidade para os que virão depois; aliás em campo menor, uma repetição da luta de implantação do futurismo, que causou ou facilitou a aparição do modernismo brasileiro.⁸⁵

O artigo pode ser considerado o primeiro depoimento de um dos verdes sobre a ação dos rapazes. Em 1939 e 1940, quando se articulava uma terceira fase da *Verde*, a correspondência entre Enrique de Resende e Francisco Peixoto registrou a opinião do antigo diretor:

A *Verde* é uma revista de responsabilidade na vida intelectual do país: já está na Antologia e em livros de autores importantes. // Confio, entretanto na sua diretriz e estou certo de que você levará a coisa a bom termo. // [...] Acho que vamos entrar numa nova fase espiritual. Se a *Verde* Primeira liderou a de 1927-1929, a *Verde* Segunda poderá marcar a fase atual.⁸⁶

Enrique de Resende, que havia se preocupado em relatar, nos editoriais da *Verde* 1 e 4, a formação do grupo, voltou a contar a história da aventura modernista às margens do riacho Meia-pataca em um dos capítulos da sua *Pequena história sentimental de Cataguases*, lançada em 1969. Traçou um panorama da arte e da literatura no início do século na Europa e, depois, no Brasil, para, então, chegar a Cataguases, cujo movimento seria parte da onda transformadora vanguardista. O autor não se preocupou em trazer as datas e os detalhes de cada número e misturou memórias a informações sobre a repercussão do lançamento e sobre as colaborações ilustres. Guiado pelas recordações, conta histórias curiosas:

De uma feita, quando o pequeno jornaleiro da *Verde*, anunciando a saída do terceiro número, se aproximou de conhecido figurão da cidade, oferecendo-lhe um exemplar, respondeu-lhe o conspícuo, como que tomado de ira: – Não leio besteiras. Assisti à cena, com indizível prazer. Nesse dia convenci-me de que estava aberto o caminho da *Verde*, e para sempre. Ela começava a irritar.⁸⁷

Passados 42 anos do lançamento da revista, o depoimento de Enrique de Resende não somente expressou o orgulho de ter participado do movimento literário, como também algum acanhamento por causa das ações mais “cabotinas” do grupo. Os nomes dos colaboradores mais ilustres foram citados, e exigiu-se a transcrição da quadra de Blaise Cendrars, “Aux

⁸⁵ LOPES, Ascânio. “Cataguases”, *Cataguases*, 9/10/27, apud RUFFATO, Luiz. *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 127.

⁸⁶ Enrique de Resende a Francisco Inácio Peixoto, 27/11/40, AFIP, AMLB-FCRB.

⁸⁷ RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia, 1969, p. 104.

jeunes gens de Catacazes” (*Verde* nº3), e do poema a quatro mãos de Mário e Oswald de Andrade, “Homenagem aos homens que agem” (*Verde* nº4). Ao mesmo tempo, Enrique de Resende não escondeu o embaraço com a extravagância modernista de ter publicado um manifesto agressivo em papel verde berrante. Justificou a ação com o cabotinismo natural dos jovens: “O diabo, entretanto, é que essa ‘inquietação dos púberes’ contagiou os mais velhos do grupo, e daí a razão por que a estes lhes faltou a necessária autoridade para refrear os mais jovens.”⁸⁸

O antigo diretor não atribuiu a um participante específico a ideia da fundação da revista ou a escolha do nome dela, somente narrou a circunstância em que a *Verde* nascera:

Naquele ano de 1927, alguns jovens – bem jovens ainda – cervejando certa noite no bar do Fonseca, e, ao mesmo tempo, equacionando problemas de literatura e estética, entenderam de fundar a *Verde*, assim batizada porque verde quer dizer mocidade, e mocidade é insurreição.⁸⁹

Enrique de Resende concluiu a narração, acrescentando que a maioria dos participantes do grupo continuara escrevendo mesmo após o encerramento do periódico. Enumerou os livros publicados pelos amigos e, no fim, citou nomes de poetas cataguasenses de novas gerações que se inspiravam na ação corajosa dos verdes.

Em 1967, o *Suplemento literário do Minas Gerais* preparou edição comemorativa dos 40 anos da *Verde*, na qual se transcreveram poemas e trechos do Manifesto. Essa edição trouxe uma pequena biografia de cada participante e o depoimento de Rosário Fusco. Para o verde, a primeira vitória dos rapazes foi publicar poemas na carioca *Para Todos*. A partir daí, surgira a ideia de fundar uma revista. Fusco também explicou que a maior acolhida para a iniciativa veio por parte dos modernistas de São Paulo:

Em lugar, porém, de nos ligarmos ao grupo do Rio ou de Belo Horizonte, ligamo-nos ao grupo de São Paulo: Mário de Andrade, Paulo Prado e Oswald de Andrade, que deram apoio à nossa ideia de fundar uma revista dentro dos moldes do modernismo. Foi em 1925 que escrevi ao Mário, recebendo logo depois uma carta dele, estimulando e fazendo ver a importância do movimento.⁹⁰

Ao longo do depoimento, Fusco confundiu-se com as datas: marcou o início de sua correspondência com Mário de Andrade em 1925, quando, na realidade, fora em setembro de

⁸⁸ RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia, 1969, p. 110-111.

⁸⁹ Ibidem, 1969, p. 100.

⁹⁰ FUSCO, Rosário. “Depoimentos sobre a Verde”, *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7/1/67, p. 2.

1927, e apontou o lançamento do Manifesto antes da revista, quando dois números da *Verde* já estavam na rua na época em que elaboravam o documento. Todavia, isso não desvalorizou o testemunho, pois o verde acrescentou outras informações relevantes, como, por exemplo, o estabelecimento do começo das atividades dos rapazes. Fusco acreditava que a primeira congregação fora em torno do jornal *Mercúrio*.

Alguns anos mais tarde, o escritor mineiro voltaria a falar sobre a *Verde*, porém de forma menos positiva. Em entrevista publicada em *O Pasquim*, em 1976, afirmou: “*Verde* é folclore e os seus representantes, um episódico (embora pra Cataguases, lisonjeiro mas não identificado) equívoco.”⁹¹ O pessimismo do autor expandiu-se ao próprio Movimento Modernista, apontado apenas como uma “onda nacional inconsequente”.

Na década de 1970, aproximava-se o cinquentenário da revista. A correspondência de Francisco Inácio Peixoto demonstrou que alguns pesquisadores se interessavam pela *Verde*. A escritora belorizontina Laís Correa Araújo pediu ajuda ao cataguasense para escrever sobre o modernismo mineiro: “Olha, onde anda o seu prometido depoimento sobre a *Verde*?”⁹² O professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Delson Gonçalves Ferreira, também recorreu aos arquivos de Peixoto para organizar o livro em homenagem ao centenário de Cataguases e ao cinquentenário da *Verde*, mas a publicação não vingou e suas anotações serviram de base para uma edição especial do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, de setembro de 1977, com o título “Cataguases 100 anos de letras e arte; 50 de modernismo e 10 de poema-processo”. De acordo com as cartas trocadas entre Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar, o primeiro deles parecia não acreditar no valor da *Verde* para os estudos literários. Guilhermino Cesar tinha opinião contrária e tentou argumentar com o amigo em carta de 1974:

V. precisa acabar com esse pessimismo. *Verde* é coisa séria, meu caro senhor. Estou aqui cheio de perguntas sobre ela, V., Fusco, Ascânio. Em São Paulo, da última vez, a gente do Instituto de Letras da USP queria saber tudo sobre nossas verdices. Paulo Emílio escreveu sobre a Phebo e Humberto uma tese. Uma sirigaita da Bahia anda me atropelando, em busca de informes sobre *Meia-pataca*. Foi *Verde* uma coisa séria. Sério é tudo que a gente acha que é (imito a definição de conto dada pelo Mário de Andrade). Qual a revistinha de moços, antes ou depois, que deixou esse rastro? Diga, seu merda. Diga!⁹³

⁹¹ BRANCO, Joaquim e WERNEK, Ronaldo. “Rosário Fusco: ‘O escritor brasileiro é um supercamêlo’”. *O Pasquim*, 19 a 25/3/76, p. 12.

⁹² Laís Correa Araújo a Francisco Inácio Peixoto, 12/2/72, AFIP, AMLB-FCRB. A escritora foi responsável pelo artigo “A poesia modernista em Minas”, publicado no livro *O modernismo*, organizado por Afonso Ávila (Ed. Perspectiva). Contudo, o trabalho comenta, de maneira acessória apenas, a produção dos rapazes de Cataguases.

⁹³ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 8/1/74, AFIP, AMLB-FCRB. “O que é conto? Alguns dos

É razoável supor que seja por causa da opinião de Peixoto que ficara, a cargo de Guilhermino Cesar, o texto de abertura da edição fac-similar da revista *Verde*, em 1978. No início de 1977, as cartas trocadas entre os dois registraram planos para a reedição fac-similar da revista:

Andei perguntando aos editores de cá, fiz cálculos, e cheguei à conclusão de que a coisa não ficará muito dispendiosa. Será uma vergonha que os grandes industriais daí não nos façam essa reverência... Que será, afinal, em benefício da terra. Nós é que não seremos os beneficiados diretos; eu, pelo menos, tão desligado daí, já não sei se o rio Meia-pataca é um mijo de Prometeu ou uma invenção do Pedro Dutra.⁹⁴

Contudo, até o final daquele ano, a revista não fora lançada. Em dezembro de 1977, Guilhermino Cesar informou ao amigo que, em visita a trabalho ao IEB-USP, soubera que José Mindlin, com o patrocínio da Metal Leve S.A., faria uma edição fac-similar da *Verde*, com base na coleção completa existente na Biblioteca de Mário de Andrade. Em outra carta, contou os detalhes:

Há muito tempo o dr. José Mindlin, ex-secretário da Secretaria da Cultura, Tecnologia e Recreação, do estado de SP, esteve aqui em casa e me pediu que escrevesse algo para a reedição, que pretende fazer, de *Verde*. Fiz corpo mole. E disse a ele que só o faria se V. também escrevesse a respeito. Em resposta, ele me disse que havia tratado do assunto, em Belo Horizonte, com o Abílio Machado e que este ficara de falar a V. Como em minha estada V. me dissesse que estava preparando algo, quero agora saber em que pé está o seu trabalho. É preciso que V. escreva algo!!! Uma rapariga da Univ. de SP, decerto sua conhecida, pois já publicou muita coisa sobre o Modernismo, D. Cecília de Lara, vai fazer um estudo geral sobre o pessoal de *Verde*. Quer o Mindlin, porém, que nós dois escrevamos alguma coisa. Disse-me que os fotolitos já estão prontos.⁹⁵

A edição saiu em 1978, com um texto assinado apenas por Guilhermino Cesar. Contudo, essa apresentação trouxe a transcrição de um depoimento de Peixoto. Guilhermino Cesar explicou que eram quatro os fatores que contribuíram para a formação do grupo e a adesão ao modernismo: (i) o Ginásio, com as aulas de português de Cleto Toscano; (ii) a participação dos rapazes no Grêmio Literário, aos domingos; (iii) as ideias sobre o modernismo, trazidas de Belo Horizonte por Ascânio Lopes; e (iv) os livros vindos do Rio de Janeiro, trazidos pelo colega João Luiz de Almeida. Guilhermino Cesar também rememorou

escritores do inquérito se têm preocupado com este inábil problema de estética literária. Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto.” (ANDRADE, Mário de. “Contos e contistas / 13-IX-38”. *O empalhador de passarinho*. 3ª ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 5.)

⁹⁴ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 6/6/77, AFIP, AMLB-FCRB.

⁹⁵ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, [1978], AFIP, AMLB-FCRB.

as diversas leituras dos rapazes, citou publicações anteriores em que os verdes apareceram e lembrou que a aventura da edição da revista se desdobrou no lançamento de livros. Guilhermino não deixou de mencionar a ação de Fusco, colocando os verdes em contato com vários escritores de vanguarda, inclusive estrangeiros.

Os depoimentos de Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar sobre a aventura modernista foram anexados à dissertação de mestrado sobre a *Verde*, de Kátia Bueno Romanelli, defendida em 1981, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Peixoto, industrial próspero do ramo de tecidos em Cataguases, concedeu entrevista à pesquisadora em janeiro de 1981 e deixou escapar que, como Enrique de Resende, sentia acanhamento pela participação na aventura quando jovem:

[...] a única observação é o meu pasmo diante do interesse achado por uma coisa que para nós, hoje, pelo menos para mim, não tem importância nenhuma, pelo contrário, é causadora de grandes vergonhas. Eu falo por mim. Já disse que o Guilhermino me censura. Não sei se porque eu estou mais perto do local do crime e que vejo as coisas de um outro ângulo [...]. Eu estou convencido de que tudo não tem nenhuma importância, mas o Guilhermino é uma criatura esplêndida, incapaz de agredir.⁹⁶

O depoimento de Guilhermino Cesar, realizado no IEB-USP, em 1977, procurou valorizar a ação do grupo. Esse verde não somente continuou produzindo literatura, mas também fez carreira acadêmica e lecionava, há vinte anos, Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Provavelmente, devido a isso, seu testemunho, além trazer lembranças da época da revista, foi mais explicativo em relação ao direcionamento estético do grupo. Para ele, a construção de uma literatura brasileira era um dos objetivos:

Instintivamente, formávamos um grupo pelo seguinte: o abasileiramento da literatura para nós era, digamos assim, um *mot d'ordre*. Nós víamos a necessidade de nos abasileirar. Nós só entendíamos a literatura brasileira como um produto de mestiçagem. Quer dizer, este ponto de partida foi tão profundo que mais tarde, em 1929, eu, o João Dornas Filho e o [Achilles] Vivacqua fundamos em Belo Horizonte uma revista chamada *Leite Criôlo* [...]. Por isso nos ligamos muito a Mário, nos ligamos muito a São Paulo, porque nós achávamos que a posição de São Paulo era a que mais nos tocava, e tínhamos uma certa repugnância por aquele tipo de literatura neonietzscheana do nosso amigo Graça Aranha, e daquele espiritualismo meio posticho da revista *Festa* [...].⁹⁷

⁹⁶ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara, 1981, p. 199-200.

⁹⁷ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado

Apesar do ceticismo de um e da confiança do outro, os depoimentos encontram muitos pontos convergentes que ajudaram a esclarecer a história do movimento e da revista. Peixoto elucidou a escolha do nome da revista:

Não sei se a sra. chegou a notar a predominância do verde, vinda do Ronald e de outros poetas. Era tudo verde. O próprio Fusco tinha um livro chamado Verde. Não o publicou. E foi o Fusco que deu nome de Verde à revista projetada pelo Ascânio, por ele, pelo Enrique.⁹⁸

Enquanto Guilhermino Cesar explicou o significado do nome: “Porque imaturo, que está em começo, juvenil. [...] engraçado, há uma predominância do ‘verde’ nas edições daquela época.”⁹⁹

Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar declararam que receberam bilhetes de Ascânio Lopes, pedindo para acrescentar seus nomes como signatários do Manifesto. Enquanto Guilhermino Cesar comentou a preocupação programática de Ascânio Lopes, Peixoto mostrou as circunstâncias da redação do documento: “Foi assinado por todo o grupo. Era preciso fazer número. Foi redigido, na mesa de um Café Fonseca que existia em Cataguases, pelo Fusco, pelo Enrique e pelo Ascânio.”¹⁰⁰

Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar citaram, mais uma vez, o Grêmio como ambiente onde nascera o interesse pela literatura moderna. Guilhermino Cesar, seguindo a mesma ideia de seu texto na edição fac-similar, acrescentou à agremiação literária outros fatores que levaram os moços de Cataguases ao modernismo. Como já citado: a excelência das aulas de português do Ginásio e a ação de amigos que estudavam fora de Cataguases.

Segundo os cálculos de Francisco Inácio Peixoto, saíam 500 exemplares da revista por edição, ao passo que Guilhermino Cesar fora mais preciso quanto à distribuição:

Em Cataguases vendia dois número talvez, ou nenhum, porque o Fusco dava revista para todo mundo. Em Belo Horizonte ele mandava 20 exemplares para mim, eu punha na Livraria Francisco Alves, vendia assim 8, 10, 12, às vezes 20. [...] [Em São Paulo] É o futuro editor, quer dizer, José Olympio é que aguentava a *Verde* e expunha, porque era o caixeiro da Casa Garraux, se interessava por essas coisas, veja que engraçado. // No Rio, o Peixoto corria

apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara, 1981, p. 209.

⁹⁸ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, p. 192.

⁹⁹ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, p. 224.

¹⁰⁰ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, 1981, p. 196.

casa por casa, botando aquilo nas livrarias, poucos se interessavam por aquilo. Mas mandávamos a revista para todo o mundo, de graça.¹⁰¹

Os dois verdes recordaram a dificuldade de conseguir anúncios, que ocupavam as primeiras e últimas páginas da revista. Guilhermino Cesar rememorou que a exceção era o anúncio de seu pai, dono de farmácia e inventor de um vermífugo: “Esse era talvez o anúncio dado com mais amor porque era o anúncio que o meu pai dava vendo que o filho publicava lá.”¹⁰² Vale registrar que o Vermífugo Cesar era um dos anúncios mais divertidos da revista. Afinal, para comprovar a eficiência do remédio, o farmacêutico colocou a foto de um menino de família importante na cidade e afirmou que a pobre criança, após uma dose do medicamento, “expeliu mais de 500 lombrigas, ficando alegrezinho, sadio e forte como se vê”.¹⁰³

Os anúncios “tirados à força” do comércio da cidade comprovam o que ambos os verdes mencionaram em relação à dificuldade local de compreender e aceitar a revista e a ação do grupo. Sobre isso, Peixoto também afirmou: “Nunca existiu público em Cataguases. [...] Nem tomavam conhecimento da gente como ainda hoje não tomam. Cataguases é uma cidade muito burra.”¹⁰⁴ Guilhermino Cesar acrescentou: “Não havia campo, em Cataguases, para surgir, nem mesmo para perdurar algum tempo, um grupo modernista. [...] Porque Cataguases ainda continua sendo uma cidade muito atrasada.”¹⁰⁵

Os jovens verdes de Cataguases já eram, passado meio século da aventura, senhores, cujos depoimentos estavam sujeitos aos vacilos da memória e às nuances nos relatos, acarretados pela distância, pelas experiências de vida e pelas variantes momentâneas. Dessa forma, certas informações precisaram ser comparadas com as de outras fontes, como as cartas. Por exemplo, Guilhermino Cesar afirmou a existência de um primeiro grupo, formado por ele, Fusco, Peixoto e Ascânio Lopes. Ora, os dois últimos realmente poderiam ser amigos, mas não se congregaram em torno do jornal *Mercúrio*. Os colaboradores dessa primeira experiência, em 1926, foram Fusco, Camilo Soares e Oswaldo Abritta. Entre os três, Camilo Soares foi o único que não publicou sonetos metrificados, mas era, conforme o depoimento de

¹⁰¹ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara, 1981, p. 218.

¹⁰² Ibidem, 1981, p. 217.

¹⁰³ *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 27.

¹⁰⁴ PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, 1981, p. 196.

¹⁰⁵ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *Op. cit.*, 1981, p. 208.

Peixoto, defensor da métrica e membro do grêmio que se converteu tardiamente ao modernismo.

Nesse sentido, Enrique de Resende apareceu como um eterno simbolista cooptado pelo grupo, quando, na realidade, as cartas trocadas entre os rapazes, em 1927 e 1928, demonstraram que o engenheiro era um dinamizador das atividades modernistas dos verdes, programando eventos no clube e planejando publicações. Ascânio Lopes ganhou uma aura especial, uma vez que as melhores ideias foram atribuídas a ele, a ponto de Guilhermino afirmar a Peixoto, em carta de 1977: “A mão de Ascânio está em tudo.”¹⁰⁶ Sua morte precoce pareceu criar um mito.

Reconhecer os limites dos relatos desses participantes é tão necessário como reconhecer o valor deles na reconstrução da história do Grupo Verde, na identificação da atividade de cada um dos rapazes e na análise da integração da revista ao Movimento Modernista brasileiro. São, outrossim, largamente consultados nos trabalhos de pesquisa sobre a *Verde* – e mesmo nesta tese, cujo foco é a correspondência.

3.2.4. Depois da *Verde*

Depois de 1930, a revista e o grupo não mais existiam, e o contato epistolar dos sete correspondentes mudou. A razão disso é a dissolução da ideia de grupamento, pois não mais havia reunião em torno de um objetivo comum. Os rapazes concentravam suas energias em outros projetos, como, por exemplo, Guilhermino Cesar, que se engajava na edição de *Leite Criôlo*, revista literária de Belo Horizonte. A dispersão e a mudança de interesses podem resumir a passagem para uma nova fase do diálogo epistolar entre Mário de Andrade e os rapazes de Cataguases, de onde quase todos se foram.

O ritmo da troca de cartas diminuiu bastante, o que não impediu, entretanto, que os mineiros ainda acompanhassem as publicações de que o amigo paulista estivesse à frente, como ocorreu em 1931, época em que Mário de Andrade dirigira, com Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado, a *Revista Nova*. Os rapazes procuram ajudar, como evidenciou a missiva de Guilhermino Cesar a Peixoto:

¹⁰⁶ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 5/3/77, AFIP, AMLB-FCRB.

[...] você recebeu Revista Nova? Publicação notável, Xico; nós estamos na obrigação de trabalhar pela dita. Arranjarei assinaturas aqui e hoje mesmo escrevi ao Mário, que é amigo sincero e se lembra da gente sempre e sempre.¹⁰⁷

Apenas o diálogo epistolar entre Fusco e Mário de Andrade durou até 1941, contudo, em ritmo menor do registrado entre 1927 e 1928. A ligação mais forte com Fusco foi reconhecida pelo próprio escritor paulista em 1930:

Nos tempos de literatura quem me ligou mais a si, foi você. Agora nos tempos de vida também continua o mesmo e está claro que a vida de você me interessa, mesmo que você viva daqui pra todo o sempre longe de todas as preocupações artísticas. O bom mesmo de todas essas lutas, arrancadas e fantasias artísticas que se tem, é que mesmo quando elas passam, ficam as almas, sobrepairantes a tudo quanto é efemeridade e você me ficou mesmo muito e penso constante em você.¹⁰⁸

Até 1931, foram comuns notícias dos exames escolares de Fusco como justificativa pelo atraso das cartas. A primeira ida de Fusco ao Rio de Janeiro documentou-se nas cartas de 1932:

Nunca tinha ido ao Rio e a cidade foi uma decepção para mim. O meu Rio é infinitamente mais de belo. Também me horrorizou certos camaradas que fiquei conhecendo pessoalmente. Que coisa notável o prestígio da distância! Aliás – foi ótimo o passeio: me ensinou a breicar um pouco mais a minha extraordinária capacidade de admirar. Nunca vi gente tão cabotina, tão sem elegância moral. Viva o mineiro – com ou sem bonde, não tem importância.¹⁰⁹

As missivas de 1932 também guardaram a história da malograda edição de *Belazarte*, de Mário de Andrade, em Cataguases. Fusco e mais um amigo da cidade, José Spinola Santos, fundaram uma editora, e o escritor paulista foi convidado a editar um livro:

[...] faremos uma edição de 1000 *Malazarte*¹¹⁰ e partiremos os lucros da venda – descartada a edição e material de propaganda. Agora, os livros que você precisar serão descontados na parte do lucro que tocar para você. – Pode mandar os originais que logo começaremos a composição. As provas irão à medida que a composição caminhar. É grande o livro? // Acho conveniente ajeitar a coisa para dar, no máximo, 200 páginas – em papel [Branco] – 24 kg. // Temos conversado. Escreva falando mais qualquer coisa e mande os originais.¹¹¹

¹⁰⁷ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 19/4/31, AFIP, AMLB-FCRB.

¹⁰⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/3/30, Acervo Rosário François Fusco.

¹⁰⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 16/2/32, AMA, IEB-USP.

¹¹⁰ Trata-se de *Contos de Belazarte*, coletânea que reuniu textos da série “Crônicas de Malazarte”, escrita por Mário de Andrade para a revista carioca *América Brasileira*, entre outubro de 1923 e julho de 1924.

¹¹¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/2/32, AMA, IEB-USP.

O autor aceitou a proposta e mandou os originais. As cartas seguintes registraram discussões sobre a diagramação e a escolha do papel. Contudo, antes que as provas estivessem completas, Mário de Andrade desistiu da empreitada e alegou que não se permitiria editar um livro durante a Revolução Constitucionalista de 1932, principalmente fora de São Paulo:

A verdade é um Brasil que historicamente se levantou contra S. Paulo. E o momento dessa verdade é que os paulistas têm que sofrer todas as consequências dessa realidade. E entre as consequências está o coração magoado e a altivez desesperadamente ferida. Só e exclusivamente por isso não me ficara bem publicar um livro no Brasil agora. Sentindo a pulsação da minha gente, incorrendo necessariamente nessa pulsação, recusando me isolar egoisticamente no individualismo do intelectual por ser confundível no momento com a psicologia do *viveur*, do aproveitador, do traidor ou de qualquer outro gênero de semvergonhice, não posso encarar a publicação dum livro meu agora no Brasil, senão como traição. E não posso negar que essa publicação feita em Minas, no Rio Grande, ou em Pernambuco, agravaria aos olhos da minha gente, a feiúra da traição. Só por isso, acredite, é que retiro o livro. E retiro tristemente por fazer isso a vocês, meus amigos, gente boa.¹¹²

Dessa vez, o livro não ficou somente nas cartas. *Belazarte* saiu pela Editora Piratininga, de São Paulo, em 1934. Nesse mesmo ano, Mário de Andrade também publicou *Música, doce música*. Ao receber o volume, Fusco escreveu agradecendo e comentando o título:

[...] recebi, sábado de tarde, o *Música, doce música*, título ótimo para um *blue*, principalmente – não digo porque lembre o *home sweet home* de Ruskin, mas indo ao cinema, ontem, verifiquei que o título ficava lindo em inglês. Num desenho de Walt Disney, camundongo Mickey – que bancava o Romeu – cantava para a Julieta um *blue* chamado *Music sweet music* – que a camundonguinha secundava no refrão. Fabuloso.¹¹³

Sobre sua transferência para a capital federal, Fusco expôs o estranhamento aos costumes cariocas, deixando aparecer a confissão de ter abandonado um amor em Minas. Dois anos depois, as cartas de 1934 trouxeram a notícia do casamento do mineiro.

Até 1935, observações literárias, planos de livros, notícias de trabalhos em jornais, estudos e doenças tomaram conta da correspondência, como quando Mário de Andrade contou que se dedicava a terminar o primeiro volume sobre danças dramáticas, do livro sobre folclore musical nordestino *Na pancada do ganzá*.¹¹⁴

¹¹² Mário de Andrade a Rosário Fusco, 15/11/32, ARF, AMLB-FCRB.

¹¹³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/7/34, AMA, IEB-USP.

¹¹⁴ Trata-se do livro planejado *Na pancada do ganzá*. O material recolhido por Mário de Andrade recebeu edição póstuma, organizada por Oneyda Alvarenga, que seguiu as partes definidas pelo autor: *Música de feitiçaria no Brasil, Danças dramáticas do Brasil, Os cocos, As melodias do boi e outras peças*.

A correspondência com Fusco, em 1935, noticiou a entrada de Mário de Andrade para o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. O poeta de *Remate de males* relatou a dificuldade de se adaptar à burocracia da máquina pública:

Imagine só um total inocente da vida prática e da burocracia, já bem firmado na sua personalidade, jogado de supetão num mundo totalmente ignorado dele, e violento mundo. E não pra obedecer, mas pra mandar. Mandar dentro dum protocolo numa hipersensibilidade doentia, dentro numa burocracia arregimentada e espertíssima, dentro de centenas e centenas de leis municipais totalmente ignoradas. Foi nisso que me vi de supetão.¹¹⁵

Na metade da década de 1930, a periodicidade das mensagens trocadas entre Rosário Fusco e Mário de Andrade diminuiu. É razoável supor que a amizade “carteadeira” tornou-se presencial em alguns momentos, até que Mário de Andrade mudou-se, também, para a capital federal, e a correspondência foi interrompida possivelmente pelo convívio. Morando na mesma região, apenas foi necessário escrever a Mário de Andrade em 1940, em um curto bilhete, para solicitar a apreciação do livro de um amigo. A última mensagem de Fusco a Mário de Andrade, atualmente conhecida, é de 1942:

Já lhe telefonei, hoje, várias vezes. Deixando recado. Quero que V. – não se molestando comigo – transfira o nosso jantar de hoje para um almoço amanhã. Ao meio dia, irei ao [hotel] para buscá-lo, caso não tenha compromisso inadiável.¹¹⁶

O próprio Mário fez questão de retomar o velho hábito das cartas, quando voltou para São Paulo:

Fuscoide,
estou indignado com você e lhe peço o favor de ficar indignado comigo também. Pois você não me arranja uma duplicata do *Amiel* nunca posto à venda [...]. // Em compensação saí definitivo do Rio, estou morando de novo nesta rua Lopes Chaves, 546 (tome nota da mudança da numeração), estou bem e estou feliz e nem lhe dei satisfação, não comuniquei, nada. Fique indignado comigo que eu fico indignado com você e agora façamos as pazes senvergonhas e putifeitas da verdadeira amizade, então? // [...] Que novo livro está com ele no prelo? (viva a sintaxe!). // Eu também. Tenho um sobre música já se imprimindo e em preparo dois: um de crítica literária e outro, crônicas. [...]. // Lembranças pra Ada e pras intriguinhas e rivalidadezinhas do Rio-[Nu]. Conte grandes exageros da minha felicidade pessoal e desculpe se puder esta carta leviana. É apenas pra começar um reatamento de relações, se vós quiserdes. // Mas te quero muito do-peitemente, // Mário¹¹⁷

¹¹⁵ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/3/35, Acervo Rosário François Fusco.

¹¹⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/4/42, AMA, IEB-USP.

¹¹⁷ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/3/41, Acervo de Rosário François Fusco.

3.3. “Abraços da turma”¹: correspondência e sociabilidade intelectual

Em junho de 1928, partiu da rua Lopes Chaves, em São Paulo, residência de Mário de Andrade, um bilhete a caminho de Cataguases. Era uma mensagem que tinha no cabeçalho os nomes de três rapazes do Grupo Verde: “Guilhermino / Peixoto / Fusco / Gente: / Um abraço de saudade e inveja de ver os três no café do Fonseca e eu não. Paciência.”²

A reunião e o estudo das cartas trocadas entre Mário de Andrade e os seis jovens escritores de Cataguases mostraram que, muitas vezes, Mário se dirigiu a um destinatário no plural. Trata-se de um curioso diálogo epistolar, que com frequência ultrapassou a comunicação entre duas pessoas para se tornar o contato de um indivíduo com um grupo.

Na década de 1920, no Brasil, foi possível observar vários grupos de escritores e artistas em busca de novos rumos para a arte e a literatura. Esses agrupamentos, marcados por afinidades estéticas e ideológicas³, eram comumente estudados no Movimento Modernista brasileiro, recebendo o nome da cidade em que residiam ou nomes mais específicos, definidos pelo próprio grupo, ou, ainda, levando a denominação da publicação em torno da qual se reuniam. Dessa forma, os estudos sobre o Movimento Modernista paulista utilizam, de acordo com os intelectuais envolvidos e o período de estudo, “grupo modernista de São Paulo”, “grupo de Klaxon”, “grupo Anta”, “grupo de Antropofagia” etc. Em Belo Horizonte, era comum chamar a turma com a qual Drummond se reunia na Confeitaria Estrela de “grupo Estrela”. Em Cataguases, os rapazes receberam a designação da revista: Grupo Verde. Eles próprios costumavam se identificar como “verdes”.

Acrescenta-se que os intelectuais brasileiros de vanguarda estavam em interação mesmo não morando na mesma cidade. Vale lembrar que, no início do século XX, as novas formas de transporte e os novos meios de comunicação (sistemas telegráfico, telefônico, ferroviário, de envio de notícias pelas agências de imprensa, organização do correio) facilitaram e aceleraram a circulação de pessoas e ideias. Por meio de viagens e por carta conseguiram estabelecer uma rede de sociabilidade intelectual – com fios puxados, inclusive para fora do país.

¹ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, 12/6/29, AMA, IEB-USP.

² Mário de Andrade a Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco, 2/6/28, FGC, IEL-RS.

³ Jean-François Sirinelli (2001), no estudo “Os intelectuais”, analisou a possibilidade de se colaborar para a construção de uma história política francesa a partir da observação dos grupos de intelectuais. Ele destacou que os intelectuais se agrupam em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades que fundam uma vontade e um gosto de conviver, em outras palavras, constitui-se uma sociabilidade intelectual. (SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 231-269)

O espaço social no qual circulam os produtores de obras culturais, onde códigos e valores eram estabelecidos, foi o que Pierre Bourdieu denominou campo intelectual.⁴ O que caracterizou os autores no interior do campo intelectual foi o domínio de um capital cultural, que direcionou os dispositivos de percepções da realidade, as visões de mundo e do indivíduo, neste espaço de produção de bens simbólicos. A atividade intelectual, na dimensão do campo, foi legitimada por um conjunto de posições, posturas e visões socialmente construídas e compartilhadas, que se desdobram em práticas culturais e comportamentos.

Os verdes, com sua revista e seus livros, tornaram-se produtores culturais e passaram a circular e interagir no campo intelectual da década de 1920. Em face da renovação artística e literária que ocorria no Brasil, eles assumiram uma postura que os aproximou dos modernistas: foram combativos, sem abandonar a alegria e o humor; foram nacionalistas, mas sem recusar a produção estrangeira. Não se furtaram a participar das disputas e dos conflitos inerentes ao campo intelectual do momento – como se viu anteriormente, por exemplo, no debate crítico entre os verdes e o grupo de *Festa*.

As publicações do Grupo Verde circularam não só por Belo Horizonte, São Paulo e pelo Rio de Janeiro, mas também chegaram via correio a diversas partes do país, alcançaram diferentes grupos de escritores interessados em literatura de vanguarda e receberam colaborações deles.

3.3.1. “Gente da *Verde* não pode dá pra trás.”⁵

“Gente da *Verde*”, “verde” ou “verdinho” eram como se intitulavam os rapazes de Cataguases desde que a ideia da revista começou a ganhar corpo. Mas chegaram até o ponto de se reconhecerem como grupo porque houve um processo anterior de formação da sociabilidade, vinculando os jovens escritores de Cataguases.

Jean-François Sirinelli procurou identificar elementos que dariam estrutura ao meio intelectual. Ele acreditou que uma revista, por exemplo, conferia uma estrutura ao campo intelectual, porque seu funcionamento envolvia adesões, pelas amizades, pela fidelidade que arrebanhou e pela influência que exerceu, mas também envolvia exclusões advindas de

⁴ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

⁵ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 16/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

posições tomadas, debates e cisões. Para Sirinelli, ela era considerada um observatório da sociabilidade de um microcosmo intelectual: “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.”⁶ O ensaísta acrescentou a importância dos manifestos e abaixo-assinados que permitiram a identificação dos participantes reunidos por uma causa ou um movimento.

A revista *Verde* é, de fato, um elemento concreto em torno do qual os rapazes de Cataguases se congregaram. Tanto que no texto de abertura do primeiro número não faltaram frases de autoapresentação – como “Somos novos.”⁷ – e declarações de propósitos.

Os textos editoriais também apresentavam os envolvidos na aventura verde. No primeiro número, Enrique de Resende, diretor do periódico, historia a formação do grupo:

E eis que uma bela tarde me apareceu Rosário Fusco – poeta de uma sensibilidade estranhíssima, cujos versos cheirando às mais profundas raízes que se afinam no seio moreno da terra brasileira, souberam abrir na minha simpatia um lugar que é hoje bem seu. // Depois, pelas mãos de Fusco, veio Camilo Soares Filho – inteligência revoltada, espírito desalinhavado, cheio de grandes exageros, é certo, mas não menos brilhante que o primeiro. // E agora, pelas mãos de Camilo, veio vindo Francisco Inácio Peixoto – poeta dos poemas simples [...]. // Formando este pequeno grupo, [...] outros mais apareceram, dois deles conhecidíssimos entre nós: Antônio Martins Mendes e Guilhermino Cesar. // Finalmente à citação juntaremos os nomes de Fonte-Boa e Oswaldo Abritta, criadores de coisas comoventes e belas, que completam o quadro luminoso dos que hoje aparecem em *Verde* [...].⁸

No editorial do quarto número, o diretor retomou a narração dos primórdios da *Verde* e mostrou que, em dezembro de 1927, a revista já era elemento de integração não só dos jovens de Cataguases, mas de modernistas de várias regiões. Os verdes, no terceiro mês da publicação, passavam a integrar a rede de sociabilidade intelectual modernista: “Sai o terceiro número. Alguns críticos, o que ainda mais nos embarçou, consideraram *Verde* a melhor revista literária moderna no Brasil, pelo fato de haver congregado num só grupo todos os grupos modernistas de valor do País.”⁹

O texto “A descoberta de Cataguases”, de Ribeiro Couto, na *Verde* nº5, sinaliza justamente a integração do grupo ao Movimento Modernista brasileiro: “Nós, porém, que

⁶ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 249.

⁷ “Apresentação”. *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 9.

⁸ RESENDE, Enrique de. “A cidade e alguns poetas”, *Verde* nº1, Cataguases, setembro de 1927, p. 10-11.

⁹ RESENDE, Enrique de. “Verde, Poemas cronológicos e outros poemas”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 7.

vivemos pela vastidão anexa do país (residindo em outros ramais ferroviários) nós sabemos – em segredo – que *Verde* integrou Cataguases na realidade nacional atingível.”¹⁰

Na mesma revista, Peregrino Júnior lançou a ideia de que o grupo da *Verde* deveria ser considerado a quarta corrente do Movimento Modernista brasileiro, caso fosse adotado o critério de distinção suposto por Tasso da Silveira. O crítico, na *Festa* nº2, define a presença de quatro grupos modernistas: o primeiro, o grupo do Rio de Janeiro, com Ronald de Carvalho, Renato Almeida e Graça Aranha; o segundo, o grupo de São Paulo, com Oswald de Andrade e Mário de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque e Alcântara Machado; e o terceiro, o grupo de *Festa*, com o próprio Tasso, Andrade Muricy e Cecília Meireles. Peregrino Júnior também cita o bom relacionamento do grupo com vanguardistas de outras regiões:

Entretanto, quem quiser aceitar a “terceira corrente” do senhor Tasso da Silveira, para ser justo, terá que incorporar a nosso movimento de vanguarda uma corrente mais: a “quarta corrente”, que estaria constituída pelo grupo da *Verde*, de Cataguases (Minas). [...] Além disso, os rapazes de Cataguases têm, sobre os de *Festa*, uma vantagem apreciável: se encontram menos atados aos preconceitos partidários.¹¹

Em novembro de 1927, com o lançamento do terceiro número da revista, os mesmos nove poetas referidos no editorial da primeira tiragem assinaram o Manifesto do Grupo Verde de Cataguases, que eles fizeram circular pela cidade e enviaram para outros modernistas com os quais se correspondiam. No Manifesto, cheio de frases de efeito, defenderam a renovação literária com base na liberdade e no nacionalismo. Foi instigante observar que a parte inicial do texto trouxe justamente uma afirmação deles como grupo independente de escritores de vanguarda. O texto ainda esclareceu que a reunião em torno das ideias modernistas não prejudicou as liberdades individuais:

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.
Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto.

¹⁰ COUTO, Ribeiro. “A descoberta de Cataguases”, *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1927, p. 10.

¹¹ PEREGRINO JÚNIOR. “El vanguardismo en el Brasil”. *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1927, p. 15. “Empero, quien quisiera aceptar la “tercera corriente” del señor Tasso da Silveira, para ser justo, tendrá que incorporar a nuestro movimiento de vanguardia una corriente más: la “cuarta corriente”, que estaría constituida por el grupo de la VERDE, de Cataguases (Minas). [...] Después de esto, los muchachos de Cataguases tienen, sobre los de la FIESTA, una ventaja apreciable: se encuentran menos atados a los prejuicios partidarios.”

Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

[...]

Mas não pense ninguém que pretendemos dizer que somos – os daqui – todos iguais.

Somos diferentes. Diversíssimos até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topográfica faz com que tenhamos, é fato, uma visão semelhante do conjunto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Daí a união do Grupo Verde. Sem prejuízo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.¹²

Tratava-se de uma autoafirmação e até mesmo de uma exibição de força do grupo – por isso essas afirmações do Manifesto não contradizem o desejo de integração já exposto. O tom estava ao gosto dos manifestos vanguardistas da época: agressivo, com desdém da opinião do público e com promessas de lutar pela glória da *Verde*.

Esses elementos concretos, revista e Manifesto, de fato, mostravam a existência de um meio intelectual, em que a literatura estava no centro das atenções, porque existiam a produção de textos literários e a discussão sobre a renovação que o Modernismo trazia. A *Verde*, o Manifesto e – acrescente-se aqui – os quatro livros de poemas editados no período favoreceram a aproximação dos rapazes de Cataguases. A revista chegou a servir de elemento agregador de intelectuais de vários grupos, inclusive.

3.3.2. “Peixotinho, meu benzinho. Você tá bão mesmo?”¹³

O engajamento à literatura moderna e a edição da *Verde* favoreceram a união dos rapazes, propiciaram o diálogo com Mário de Andrade e fizeram de Cataguases um dos pontos de convergência da rede de sociabilidade intelectual modernista. As brincadeiras, a intimidade e a cumplicidade na correspondência entre os verdes mostraram que, antes de formarem o Grupo Verde, a amizade cresceu juntamente com a afinidade literária, na Cataguases de 16 mil habitantes do início do século XX.

Os arquivos de Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar guardaram cartas trocadas entre os rapazes que comporiam o grupo desde 1926. Nessa época,

¹² Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo, 1978, folha avulsa.

¹³ Oswaldo A Britta a Francisco Inácio Peixoto, [1928], AFIP, AMLB-FCRB.

Fusco ainda se esforçava para fazer letra bonita, pedindo a Guilhermino, presidente do Grêmio Literário Machado de Assis, a publicação de um soneto seu no *Estudante*, jornalzinho da instituição:

Sr. crítico literário do
Estudante.
 Tomo a liberdade de enviar-lhe um sonetinho – “colaboração” –, para o seu jornal.
 Se o meu trabalho, merecer a atenção de V. S. na “Caixa” (como espero) faço votos pra que o julgue com severidade.
 E sou muito grato.
 Rosário Fusco
 XXVI¹⁴

O gosto pela literatura ajudaria a quebrar o protocolo e, em pouco tempo, seria o próprio Guilhermino quem escreveria: “Fusco: Hoje estou em casa. Se quiseses vir dar um dedo de prosa e rachar umas taquaras literárias ficará contente o / Guilhermino”¹⁵

Os rapazes que compunham o Grupo Verde pertenciam a uma mesma faixa etária, o mais jovem era Rosário Fusco, o qual, em 1927, tinha 17 anos, e o mais velho era Enrique, 28. Quase todos foram colegas no ginásio de Cataguases e participaram do Grêmio Literário Machado de Assis. A amizade e o gosto pela literatura aproximaram esses jovens cataguasenses, que tiveram seus laços ainda mais apertados pelo “engajamento” ao Movimento Modernista e pela aventura de editar a *Verde*. Guilhermino Cesar, no texto de abertura da edição fac-similar da *Verde*, referiu-se ao grupo: “Éramos, a maioria dos responsáveis pelo seu lançamento, uma turma unida. Discutíamos, sem parar, água vai ou não vai, mas no geral o trilho de um era o de todos, no concernente ao Modernismo, uma religião de nossa juventude.”¹⁶

Guilhermino Cesar, em outro depoimento sobre a revista, mencionou a aproximação dos componentes do grupo:

[...] um grupo único em Cataguases. E as gentes de lá diziam:
 – São uns doidos, aí, que fazem poesia, que tocam suas músicas malucas...
 Daí nós tomamos consciência da necessidade de nos agruparmos mesmo. A amizade já tinha feito o primeiro trabalho, a identidade literária tinha feito o segundo.¹⁷

¹⁴ Rosário Fusco a Guilhermino Cesar, 1926, FGC, IEL-RS.

¹⁵ Guilhermino Cesar a Rosário Fusco, 1/1/27, ARF, AMLB-FCRB.

¹⁶ CESAR, Guilhermino. “Os verdes da *Verde*”. Coleção da revista *Verde* (Suplemento). Edição fac-similar. São Paulo, 1978, sem página.

¹⁷ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

No mesmo testemunho, ao mencionar o contato com Mário de Andrade, afirmou: “o Mário, por exemplo, não podia mandar um exemplar para cada um, em uma cidadezinha só. Então, ele mandava um exemplar só para todos. Uma coisa engraçada, quer dizer, a consciência de grupo foi se firmando, graças a essa própria deficiência do meio.”¹⁸

A pouca simpatia da imprensa da capital federal para com os poetas adeptos do “futurismo” (termo que se tornou uma forma pejorativa de referência aos escritores modernos), assim como a reação negativa da Academia Brasileira de Letras perante a conferência “Espírito moderno”, de Graça Aranha em 3 de junho de 1924, deram ânimo a quem tivesse coragem de protestar contra a literatura institucionalizada. Guilhermino descreveu como reagiram os rapazes:

Formou-se um bando favorável a Graça Aranha e outro bando contra Graça Aranha. Foram discussões terríveis, pescoções, raspavam a cara dos outros, puxavam o cabelo, porque era Grêmio Literário de aluno, chamado Grêmio Literário Machado de Assis. Eu fui presidente durante 2 anos, foi uma das grandes “glórias” da minha vida. Todos os domingos ele realizava uma sessão solene [até] 1 hora da tarde. Os alunos só saíam do ginásio depois da sessão do Grêmio Literário. [...] Um era obrigado a fazer o discurso do dia, outro apresentava um tema; havia dois críticos designados com antecedência para tomar conhecimento daquilo que iam discutir na outra sessão e criticar a obra anterior. E com esta brincadeira, nós formamos um círculo de pessoas [...]. Nós discutíamos todos os problemas, as revistas, os jornais que líamos, os recortes, nós levávamos tudo para lá. O Grêmio era nosso caldeirão literário.¹⁹

Em 1927, juntou-se ao grupo Enrique de Resende, cujo apoio encorajava e dava segurança aos rapazes. Em depoimento sobre o grupo, Peixoto contou que ele e seus companheiros de grêmio esperavam sentados, em frente à casa do engenheiro em Cataguases, pelos comentários por escrito dos poemas enviados. Peixoto guardou uma dessas cartas:

Você está aí. O Fusco. O Camilo. Mas, o mais engraçado é que vocês não fazem só número, não. Vocês são poetas mesmo, ali na piririca, como diria o Manoel Bandeira, entre golfadas de sangue rubro. Primeiro foi o Fusco. Eu pensei que era troça. Sério. Pensei mesmo. Troça? – Marquei o bicho com lápis vermelho de ponta rombuda, bem marcado, traço grosso. Depois o Camilo. Mesmo lápis. Mesma ponta rombuda. Mesmo traço grosso. Agora, você. Puxa! É engraçado. Eu nunca pensei... Dois anos e tanto sem nada escrever – um único verso! – amaldiçoando a esterilidade esterilíssima de

Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 211.

¹⁸ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 215.

¹⁹ *Ibidem*, 1981, p. 214-215.

minha terra – e agora, sem mais nem menos, de um só tiro, 3 poetas a cantarem coisas novas, novíssimas lá pra dentro do meu ouvido bestificado. // Não sou autoridade (e Deus me livre de que o seja algum dia) mas vou fazer o que você pede: dizer quais os versos que marquei dos que ontem me mandou.²⁰

Na edição de 7 de setembro de 1927, data do cinquentenário da cidade, o jornal *Cataguases*, publicação oficial da prefeitura, trouxe na coluna “Notas Sociais” o programa de atividades artísticas denominado “Hora moderna”, organizado por Enrique de Resende, com várias atividades nos salões do Comercial Clube. O jornal felicitou o engenheiro pela ideia e desejou “aos que tomarem parte na original *soirée* artística um sucesso incomum”.²¹ Guardando as devidas proporções, é possível imaginar que “Hora moderna” tenha sido equivalente ao que foi a Semana de Arte Moderna para a vanguarda de São Paulo, em 1922, ano do centenário da independência do Brasil. Três dos verdes pediram o comparecimento de Peixoto. O primeiro foi Rosário Fusco:

Você vem em Julho? Então venha mesmo. Eu, você, Henrique, Camilo e Delpino [ilegível] (porque o Delpino vem aqui em Julho) vamos fazer uma Hora Literária-artística e musical no salão do clube. O Henrique que propôs o negócio. E eu aceitei. E o Camilo aceitou. E o Delpino aceitou. E você tem que aceitar.²²

Oswaldo Abritta avisou ao amigo: “O dia 7 aqui é que promete ficar pesado!”²³ E Martins Mendes relatou a animação da turma: “Dia 7 vamos ter um bruto festão aqui. V. não vem?”²⁴

Na segunda metade de 1927, os rapazes de Cataguases já se sentiam um grupo de escritores modernistas suficientemente forte para a empreitada de uma revista. Estavam unidos e criam que tinham algo a acrescentar ao movimento.

A correspondência entre eles no mês de setembro de 1927, quando o primeiro número da *Verde* foi lançado, mostrou a articulação da turma. Guilhermino avisou a Peixoto: “Diário de Minas: de 20 do mês passado (sábado) noticiou assim a futura publicação da revista *Verde*: [...] Pelo Ascânio, soube que o noticiarista foi o Carlos Drummond.”²⁵ Francisco Inácio Peixoto escreveu a Fusco: “Ando doidinho pra ver a nossa revista. Que sucesso, hein?”²⁶ E

²⁰ Enrique de Resende a Francisco Inácio Peixoto, [1927], AFIP, AMLB-FCRB.

²¹ “Notas Sociais”. *Cataguases*, 7/9/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 43.

²² Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 5/6/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²³ Oswaldo Abritta a Francisco Inácio Peixoto, 23/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁴ Martins Mendes a Francisco Inácio Peixoto, 24/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁵ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 2/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁶ Francisco Inácio Peixoto a Rosário Fusco, 20/9/27, ARF, AMLB-FCRB.

Christophoro Fonte-Boa mostrou a ansiedade do grupo: “Recebeste então a capa da *Verde* e que [ilegível], não é? Todos aqui tamos esperando ela ansiosos. Por esses 5 dias. No máximo. Mas 5 dias, quando a gente espera valem anos.”²⁷

3.3.3. “Nós da trupe”²⁸

Fernando Correa Dias, em *O movimento modernista em Minas*, observou que foi importante para a formação do grupo Estrela todos conviverem em Belo Horizonte na década de 1920. Durante o período de maior efervescência do Grupo Verde, alguns dos seus componentes mais participativos deslocavam-se entre as capitais (Belo Horizonte e Rio de Janeiro) e Cataguases, pois iniciavam seus cursos universitários.

Entretanto, as viagens tiveram consequências positivas. A primeira delas foi a criação de oportunidade de leitura de livros recém-editados. Guilhermino Cesar contou que eles aproveitaram bastante até as viagens de amigos que nem eram ligados à literatura modernista, como por exemplo, João Luiz Almeida: “Ia ao Rio com frequência, para fingir que estudava, e de lá nos trazia, na sua mala, todas as novidades que podia adquirir. Por seu intermédio, Peixoto, Fusco e eu conhecemos quase tudo que de expressivo publicavam os modernos.”²⁹

O primeiro dos verdes a estudar fora da cidade foi Ascânio Lopes, que, em 1925, passou a cursar Direito em Belo Horizonte. Guilhermino rememorou a ação de Ascânio, trazendo novidades para a zona da mata mineira: “A *Revista*, primeira publicação do Modernismo no Brasil-Central, entrando em Cataguases pela mão de Ascânio Lopes, nos convenceu que a Capital existia também acima e fora da administração e da política.”³⁰ Mais tarde, Guilhermino foi estudar na capital mineira, enquanto Francisco Inácio Peixoto rumou para o Rio de Janeiro. Eles também se transformaram em “fornecedores” de livros e revistas. Fusco fez encomendas a Peixoto:

Então você comprou o *Coração verde*? Veja o preço disso pra mim. Eu quero oferecer um exemplar deste livro encantador pro Henrique.[...] // Você já leu *Estética*? *Estética* é a revista ultramoderna dirigida por Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Veja se você consegue cavar um nº

²⁷ Christophoro Fonte-Boa a Francisco Inácio Peixoto, 26/9/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁸ Oswaldo Abritta a Francisco Inácio Peixoto, 23/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

²⁹ CESAR, Guilhermino. “Os verdes da *Verde*”. Coleção da revista *Verde* (Suplemento). Edição fac-similar. São Paulo, 1978, sem página.

³⁰ Ibidem, 1978, sem página.

dela pra nós. Qualquer número serve. Você já leu a *Revista*, de Belo Horizonte? Eu tenho isso cá. O Guilhermino me mandou 2 ns. Me mandou de Belo Horizonte.³¹

Peixoto respondeu a Fusco, explicando o atraso dos pedidos. A carta desvelou outra consequência positiva dessas viagens, quando colocaram os rapazes em contato com outros modernistas.

Só ontem é que tirei do correio as sete pilas que você me enviou. O *Coração verde* já tá comprado. Seguirá daqui pras tuas mãos somente depois de amanhã. Isto porque eu quero passar ainda uma vista por ele. Você consente, não? // Tenho bancado o safado com você: não indaguei de nada que você me pediu, nem tão pouco comprei os livros e revistas encomendados por você. // [...] Mais uns dias e você terá tudo o que pediu. // Assisti a um recital outro dia. Não gostei muito não. Vou botar dentro desta o programa procês ler. // [...] O Manuel Bandeira viajou dias atrás juntinho de mim no bonde. Ele tava lendo *Fábulas de Fedro*. Cheguei a ler até a dedicatória que o autor fez pra ele. // Namorei o bicho até a hora em que desci cá em casa. Acho que ele desconfiou do namoro. Fiquei besta, rapaz, de conhecer o poeta=tísico.³²

É razoável supor que o contato com as mais recentes publicações de vanguarda e com os próprios modernistas das capitais foi uma das mais importantes causas da adesão dos rapazes ao movimento.

Contudo, para o grupo, o maior ganho com o afastamento espacial de alguns componentes pela necessidade de estudar foi o estabelecimento de uma correspondência entre eles. Via correio, não era mais preciso estar lado a lado para se sentirem participantes do grupo. A correspondência tornou-se suporte para a sociabilidade intelectual verde. A troca de cartas entre eles, ao longo de 1927, tem muitas referências à ideia de grupo.

Oswaldo Abritta escreveu a Francisco Inácio:

porque afinal de contas o que nós precisamos é manter uma certa correspondência (Ocê compreende; nós da troupe) Acabo de receber uma carta do Guilhermino, toda maluca. Aqui vai tudo no mesmo. O Henrique sempre animado com a revista. Domingo sai também o *Jazz band*, jornaleco doido, arranjo do Fusco com o Manoelzinho Silveira. [...] Fique sabendo que o negócio aqui tá cutuba... O Modernismo está grassando como uma epidemia. O mais importante é que o Alberto Agostini já tá doido pra entrar pro Modernismo. Já perguntou até quanto é que se paga!³³

Duas cartas seguidas de Martins Mendes mostraram a mesma referência ao grupo. Em 24 de agosto: “A turma aqui continua firme. Unida e boa.”³⁴ E em 30 de agosto: “A sua

³¹ Rosário Fusco a Francisco Inácio Peixoto, 5/6/27, AFIP, AMLB-FCRB.

³² Francisco Inácio Peixoto a Rosário Fusco, 20/9/27, ARF, AMLB-FCRB.

³³ Oswaldo Abritta a Francisco Inácio Peixoto, 23/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

³⁴ Martins Mendes a Francisco Inácio Peixoto, 24/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

‘Ingenuidade’ que o *Para Todos* publicou causou sucesso. Eu gostei dela um pedaço. Parabéns pelo FURO. O Henrique ficou muito satisfeito. Mais uma vitória pr’a turma. [...] Abraços da turma pra V.”³⁵

3.3.4. “Fusco é que é o epistoleiro cá de casa.”³⁶

Mário de Andrade, em 1932, ao analisar o Grupo Verde, afirmou que ele “teve uma ação muito mais ‘interestaduada e fecunda’”.³⁷ Isso se justifica com uso da correspondência pelos verdes, jovens acostumados a estabelecer e manter laços e vínculos por meio de cartas e que sabiam ser a correspondência um instrumento que permite tomar parte de um movimento, mesmo geograficamente distante.

Ao observar as estratégias da escrita epistolar, Angela de Castro Gomes demonstrou que as cartas, por sua linguagem próxima da expressão oral, ao simular o diálogo, propiciam o estabelecimento de relações pessoais e a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas.³⁸ Isso é extremamente relevante para o Grupo Verde de Cataguases, já que foi por meio da correspondência que eles se inseriram na rede de sociabilidade intelectual que se estabeleceu no Modernismo brasileiro.

O estudo universitário nas capitais permitiu alguma integração dos verdes com escritores de outras regiões, todavia a força da correspondência realizou a sociabilidade em grande escala. Sobre isso é o depoimento de Guilhermino:

Eu ia para Belo Horizonte, passava um mês já estava doido voltar a Cataguases e o Peixoto também. [...] Cataguases passou a ser para nós a meta, e a *Verde* começou a crescer. Começou porque enquanto nós viajavamos e éramos pontos de ligação com os amigos de outros estados, o Fusco ficava em Cataguases no batente, a escrever para todo mundo [...]. Fusco mexeu com todo mundo.³⁹

³⁵ Martins Mendes a Francisco Inácio Peixoto, 30/8/27, AFIP, AMLB-FCRB.

³⁶ Enrique de Resende a Mário de Andrade, abril/1928, AMA, IEB-USP.

³⁷ ANDRADE, Mário de. “Cataguases”, *Diário Nacional*, São Paulo, 10/7/32. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org., introd. e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 550.

³⁸ GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.

³⁹ CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p. 214.

Nesse sentido, foi determinante também o contato dos verdes com o autor de *Macunaíma*, importante dinamizador da rede de sociabilidade intelectual modernista. Quando os rapazes da *Verde* escreveram a Mário de Andrade, o paulista já era uma referência em arte moderna no Brasil. Antes de se corresponder com os cataguasenses, iniciara importante troca de cartas com Manuel Bandeira (desde 1922) e com Carlos Drummond de Andrade (desde 1924) – expoentes da geração de poetas, artistas e intelectuais modernistas que desejavam pensar novos rumos para a produção estética brasileira. A este último, Mário de Andrade confessa: “Eu sofro de gigantismo epistolar.”⁴⁰

3.3.5. “Escreve pra gente, sim?”⁴¹

Seis dos nove fundadores da *Verde* escreveram a Mário de Andrade, que aos poucos percebeu o caráter de grupo dos seus correspondentes de Cataguases. A primeira carta é de Rosário Fusco. Ele não dá a entender que existia um agrupamento, somente afirma que estava acompanhado do já “consagrado” Enrique.

Outro trecho mostra que Fusco escrevia a outros modernistas em franca tentativa de integrar a rede de sociabilidade intelectual modernista:

“Se você já tá aporrinhado com estas palavras ocas vá se entender com o Alcântara. Ele é que é o culpado disso tudo. Disse que V. me responderia e etc. Tá ouvindo? // Olha cá, meu boníssimo Mário: // Tenho a lamentável mania de pedir. Agora mesmo acabo de dar uma facada no Alcântara e no Oswald.”⁴²

O próximo verde a escrever a Mário de Andrade foi Camilo Soares no final de outubro de 1927. Sua primeira carta tinha linguagem tão coloquial quanto à de Fusco e era cheia de expressões de grande entusiasmo. Provavelmente pela repercussão positiva da *Verde* e também por receber respostas de literatos a quem escrevera. Camilo Soares imaginava que Mário de Andrade já o conhecia por seu texto na *Verde* nº1: “Eu sou o tal do ‘Matias Qualquer’. Um rapaz moço. Que faz versos e outras besteiras. Acho que você já me conhece.”⁴³ Em seguida, transmite um recado de Fusco, demonstrando proximidade com

⁴⁰ Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 10/11/24, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*, 2002, p. 52.

⁴¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 4/1/28, AMA, IEB-USP.

⁴² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

⁴³ Camilo Soares a Mário de Andrade, outubro/27, AMA, IEB-USP.

outro correspondente de Mário de Andrade: “O Fusco manda perguntar a você se recebeu a *Codaque*? Ele recebeu a *Pauliceia desvairada*. Eta troço bão!”⁴⁴ Camilo Soares dá notícias da revista e deixa ainda mais claro para Mário de Andrade que, mais que amigos, ele e Fusco, juntamente com Enrique, participavam da turma que editava a revista: “O 2º número da *Verde* vai sair. Troço prá riba de porcaria. Coisa puxada.”⁴⁵

Camilo também faz referência a outros modernistas, dando provas de sua integração: “Você gostou do ‘Matias Qualquer’? O Alcântara mandou jogar aquilo fora. O Ronald falou que ali se vê a mesma frescura que no ‘Pedromalazarte’. E você, o que que fala?”⁴⁶

A resposta de Mário de Andrade para Camilo Soares já leva em consideração a proximidade dos dois verdes: “Agorinha mesmo recebi uma carta do Rosário Fusco protestando contra a minha incúria de responder. Respondi de bate-pronto e me lembrei de que você que inda há mais tempo que ele me escreveu.”⁴⁷ Ao analisar o poema de Soares, Mário de Andrade pede que ele leia a carta enviada ao outro mineiro: “Aquela história de ‘O dia coloca na boca da noite etc.’ peça pro Rosário Fusco as notas que mandei sobre *Codaque* e você verá o que penso dessas imagens chiques. É o mesmo caso do ‘Desinfetante’ do Fusco.”⁴⁸

A essa altura, Mário de Andrade já havia percebido que, com seus correspondentes de Cataguases, a carta deixara de ser um elemento particular entre duas pessoas para ser algo compartilhado pelo grupo. Na quarta carta de Mário de Andrade a Fusco, entre 10 e 15 de novembro de 1927 (havia pouco mais de um mês da primeira missiva enviada por Fusco), o escritor paulista utilizou elementos discursivos que mostraram estar ele em comunicação com o remetente coletivo, em plena consciência de que suas mensagens passavam de mão em mão: “Já falem, mandem contar os livros meus que vocês possuem aí que mando os outros. Nem me lembro mais qual o que eu mandei, foi *Pauliceia* ou a *Escrava*. [...] A respeito colaboração da gente, nunca me recusarei para vocês porém não acho que vocês devem se sacrificar. Primeiro vocês.”⁴⁹

⁴⁴ Camilo Soares a Mário de Andrade, outubro/27, AMA, IEB-USP.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Mário de Andrade a Camilo Soares, 24/10/27, Acervo Antonio Carlos Secchin.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, [ant. 10/11/27], Acervo de Rosário François Fusco.

Em 14 de novembro de 1927, Fusco avisa a Mário de Andrade: “Eu li a carta batuta que V. escreveu ao Camilo”. E mostra, ao comentar o tema dela, que estava participando da conversa. Termina anunciando: “O Camilo manda dizer que amanhã escreverá.”⁵⁰

O próximo verde a dar partida à conversa epistolar com Mário de Andrade foi Enrique de Resende. O rapaz iniciou a correspondência já falando pelo grupo: “Você, afinal de contas, tem sido um camaradão. Quando levantamos a ideia da fundação da *Verde* nunca supusemos que vocês daí aderissem tão facilmente. Vou confessar: *Verde* saiu como que para nós mesmos.”⁵¹

Enrique de Resende mostra que participava da “conversa” e tornou mais evidente a circulação das missivas pela turma: “Agora uma coisa. A razão maior desta carta é o agradecimento que venho trazer a você pelas suas referências em cartas ao Fusco e ao Camilo, e em nota no *D. Nacional*, ao meu 1º ‘Canto da terra verde’.”⁵²

Resende mencionou o nome de Ascânio Lopes, dando a entender ao correspondente que o poeta também era participante do grupo: “Mesmo porque o Fusco, o Ascânio e eu, a título de movimentarmos o negócio cá em Minas, pretendemos publicar livros agora. O seu prefácio pro Fusco é uma coisa notável. Gostei. Gostamos. Gostaram.”⁵³

A última parte da citação se refere ao prefácio que Mário de Andrade escreveu para o livro de poemas *Codaque*, planejado por Fusco. Esse três tempos verbais de gostar usados pelo poeta devem ser olhados mais de perto. Inicialmente, Enrique afirmou ter pessoalmente gostado. Na segunda forma, falou pelo grupo no qual ele acreditava ter posição de organização e liderança. Na terceira forma, deu notícia da repercussão do artigo entre os que se correspondiam com os rapazes da *Verde*.

A carta de Enrique de Resende não tinha a linguagem tão coloquial quanto a primeira de Fusco e a de Camilo Soares, contudo é a única que trouxe escusas pelo tom de proximidade e deu como justificativa para a “intimidade” o fato de Mário de Andrade já estar se correspondendo com os outros rapazes: “E compreenda, bem, meu caro Mário, a intimidade desta minha primeira carta. / É que você também já é de casa e seria bárbaro se eu viesse tratando você por aí abaixo com cerimônias.”⁵⁴

⁵⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/11/27, AMA, IEB-USP.

⁵¹ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 23/11/27, AMA, IEB-USP.

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

Fusco se despediu do poeta de *Losango caqui*, dois dias depois, em 25 de novembro, ao avisar: “Lembranças do Henrique.”⁵⁵

Ascânio Lopes é o quarto a escrever a Mário de Andrade, ainda em novembro de 1927. Sua primeira mensagem não passou de um bilhete com poemas. Pareceu que Lopes não sentiu necessidade de se estender. Talvez ele acreditasse que, por ter seu nome em todas as edições da *Verde* e em cartas dos amigos, já estivesse suficientemente apresentado:

Mário Andrade
Um abraço camarada.
Vão uns poemas para V. Diga qualquer coisa a respeito.
Me escreva; aguentarei firme o tranco.
Do
Ascânio
Cataguases, novembro de 1927.
Não repare a camaradagem e preguiça de escrever uma carta explicativa longa.
A.⁵⁶

No final de dezembro de 1927, Rosário Fusco decidiu mandar para Mário de Andrade uma foto, na qual figuravam ele próprio, Enrique de Resende e Francisco Inácio Peixoto.

Foi a primeira citação do nome de Peixoto na correspondência. Essa informação é curiosa, pois o rapaz escreveu sua primeira carta a Mário de Andrade logo em seguida ao envio desta fotografia. A missiva de Peixoto, escrita posteriormente a 18 de dezembro, foi uma afirmação de componente do grupo, uma reivindicação de sua posição de participante da conversa:

Mário.
Estou aqui com o Fusco na redação da *Verde*. Todos os dias ele vive me atazanando os ouvidos para eu escrever a você.
Hoje me resolvi. Sabe por quê? Porque você mandou livro – *Clã do Jabuti* – para toda a turma menos para mim. Fiquei com ciúmes. Muito naturalmente. Que diabo! Então você não sabe que eu sou verde também ou não liga para mim? Ah peste!
Não posso me demorar mais.
Antes que me esqueça: muito prazer e muita honra em conhecer o Mário Cabral de Andrade descobridor dos rapazes verdes.
Me queira bem.
Francisco I. Peixoto⁵⁷

O poeta de *Clã do Jabuti* possivelmente viu o nome de Peixoto nas *Verdes* nº1 e nº2 e no Manifesto, mas só tenha se preocupado em expedir o livro para os quatro que já o haviam

⁵⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/11/1927, AMA, IEB-USP.

⁵⁶ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, novembro/27, AMA, IEB-USP.

⁵⁷ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, [post. 18/12/27], AMA, IEB-USP.

procurado por carta. Em 3 de janeiro de 1928, Mário pediu a Fusco: “Pergunte pro Peixoto se já mandei meu livro pra ele. Ando tão afobado que não tomei nota e não sei se mandei ou não.”⁵⁸ Por fim, o livro chegou a Peixoto, por intermédio de Fusco, com dedicatória:

Francisco I. Peixoto, / Aqui vai o livro dado / com todo o coração. Que / desculpe do esqueci- / mento desastrado. Sou / assim mesmo. Feliz- / mente que você não / desconfiou como é cos- / tume de mineiro. Nes- / te livro tem duas falhas graves. Não falei no / noturno sobre a descon- / fiança do mineiro e / não botei fumo na len- / da do Baú. Esta falha / quem me lembrou foi o Ascânio e morri de / raiva. / Com um abraço / do / Mário de Andrade / S. Paulo. 14 Jan.⁵⁹

Rosário Fusco encerrou a carta com data estimada de 8 de janeiro de 1928 pedindo um livro para mais um componente da turma: “Aí vai um bilhete do Guilhermino. Quer um *Clã com a sua amizade*.”⁶⁰ Trata-se da primeira referência na correspondência ao nome de Guilhermino Cesar, o último a escrever a Mário. Entretanto, a primeira carta dele guardada no arquivo do escritor paulista tem data presumida pelo assunto como posterior a 14 de março de 1928. Nessa mensagem, Guilhermino Cesar afirmou fazer parte da conversa e desejou ser um “correspondente declarado”:

Conheço muitas cartas suas e sei mais ou menos como você encara a vida do artista no Brasil. Eu quero ter uma pessoa, Mário de Andrade, que me diga as coisas com sinceridade. (E você é de uma sinceridade que me faz bem). Tenho necessidade de um amigo como você. Com os requisitos de Mário de Andrade, só mesmo você, diabo.⁶¹

A mensagem foi encerrada com notícias da movimentação do grupo para conseguir músicas folclóricas e modinhas pedidas pelo amigo de São Paulo. Em duas linhas, explicou por que a colaboração demorava: “O Fusco está fazendo exame. // Batemos perna atrás do Pierre até cansar. Mas encontramos o safado.”⁶²

Na teia que compunha esse diálogo epistolar, a ideia de que Mário de Andrade se correspondia com um grupo em Cataguases foi reforçada pelos muitos recados, abraços e lembranças. Acrescenta-se às passagens já citadas a despedida de Fusco, em 6 de fevereiro de 1928: “O Henrique e o Peixoto vão escrever e mandam lembranças. Eu mando o meu coração.”⁶³ Em 14 de março de 1928, Fusco agradeceu, em nome do grupo, o oferecimento da

⁵⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 3/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

⁵⁹ V. ANEXO H.

⁶⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [8/1/28], AMA, IEB-USP.

⁶¹ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, [post. 14/3/28], AMA, IEB-USP.

⁶² Ibidem.

⁶³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 6/2/28, AMA, IEB-USP.

fotografia tirada em Iquitos: “recebi careta gozadíssima tipo mulato cataguasense que nem eu e o Peixoto. Brigado por ela, diabo! Foi um espanto danado na redação *Verde*.”⁶⁴

A percepção de que os jovens formavam um grupo tornou-se explícita em cartas assinadas por mais de um verde. A primeira carta coletiva, em janeiro de 1928, tinha mensagens de Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco e Enrique de Resende, com desenhos. Eles utilizaram como suporte a prova tipográfica de uma ilustração de María Clemencia.

A segunda carta coletiva tem o período presumido entre 18 e 31 de março de 1928 e está assinada por Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto. O primeiro comunicou o envio de poemas: “Aí vão uns troços Mário. / EUREKA! / (Diz o Guilhermino que já posso gritar assim... / NÃO SEI SI POSSO NÃO! PORÉM...)”⁶⁵. Peixoto, por sua vez, pede de volta um artigo: “Seu Mário. / Não se esqueça de mandar pra mim o artigo que foi pra você ver.”⁶⁶

Mais duas cartas coletivas foram enviadas em 1929. Uma foi em março e continha mensagens de Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto e Enrique de Resende. Os três amigos, que nessa época trabalhavam no lançamento da edição em homenagem a Ascânio Lopes e que deveria abrir uma nova fase da revista, reclamaram da diminuição do recebimento de missivas de Mário:

Mário ingrato. Já te mandei livro e abraço de chegada. Por que não escreve?
Por pirraça só ou está de fato zangado comigo?

Mário ingrato, outra vez:
Cadê as tuas promessas? Nem pra me escrever um cartãozinho... [ilegível]!
Me abrace.
Peixoto

Um abraço do
Henrique de Resende⁶⁷

A última carta coletiva foi remetida certamente depois de 22 de maio de 1929, período em que os rapazes preparavam o segundo número da segunda fase, que não foi publicado. A carta tinha uma parte assinada por Peixoto, outra por Guilhermino e um bilhete final sem assinatura, na caligrafia de Rosário Fusco. A parte de Guilhermino trazia uma passagem que iluminou o momento da redação da mensagem, pois três dos verdes reuniram-se a fim de escrever a Mário. Era a declaração aberta de situação que devia ter sido corriqueira: “Peixoto e Fusco estão aqui comigo. Peixoto está esperando (sujeito impertinente!) a coleção da

⁶⁴ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/3/28, AMA, IEB-USP.

⁶⁵ Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, [entre 18 e 31/3/28], AMA, IEB-USP.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto e Enrique de Resende a Mário de Andrade, [março/29], AMA, IEB-USP.

Klaxon prometida e o Fusarca vai ao Correio toda tarde buscar a resposta sua. E nós todos pedimos a V. que envie colaboração pro 2º número da *Verde*.”⁶⁸

Mário também exibiu francamente o endereçamento das mensagens ao grupo em fevereiro de 1928, ao elaborar uma resposta à carta escrita conjuntamente: “Gente / Recebi carta coletiva e prova desenho María Clemencia. Ótimo. Melhor que o outro recebido e agradecido.”⁶⁹

Em 13 de fevereiro de 1928, Mário dirigiu-se, no cabeçalho da carta, a Peixoto e Fusco: “Pois mato dois coelhos duma porrada só embora de coelhos só tenham a velocidade.”⁷⁰ Na carta, examinou criticamente poemas dos dois amigos: “Esta observação serve pros dois como aliás pra todos os moços de hoje que estão fazendo poesia. Não só aqui como em toda parte. Digam se não é verdade: não é verdade que vocês fazem dessa história do verso livre uma coisa fácil da gente fazer?”⁷¹

A mensagem seguinte que foi para Cataguases, apesar de ter sido endereçada inicialmente a Rosário Fusco, conversou também com Ascânio e Enrique de Resende, os três autores de *Poemas cronológicos*: “Estou seriamente impressionado com os *Poemas cronológicos*. É uma estreia mais que auspiciosa e já falei, Nossa Senhora do Brasil que beije vocês. // Abraços fraternos pros três.”⁷²

Por fim, observou-se que, mais que se dirigir ao grupo, Mário algumas vezes se incluiu no grupo, especialmente quando fez críticas severas à revista. Exemplo disso foi a mensagem a Enrique de Resende, na qual tece considerações sobre a pouca qualidade dos textos em prosa da *Verde* nº4. Já no final da carta, que é presumivelmente de janeiro de 1928, Mário noticiou: “P. Prado me falou que mandou um pedacinho pra *Verde*. Dei upas! de alegria. É uma vitória feliz pra gente.”⁷³

Outro exemplo foi a carta de 3 de janeiro de 1928, em que respondeu à reclamação de Fusco por ele não ter citado os verdes na crítica do número 3: “Mas eu também me considero um bocado ‘verdinho’ vocês deixam?”⁷⁴

3.3.6. “Mário de Andrade, amigo velho”⁷⁵

⁶⁸ Rosário Fusco, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, [post.22/5/29], AMA, IEB-USP.

⁶⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, [fevereiro/28], ARF, AMLB-FCRB.

⁷⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto, 13/2/28, AFIP, AMLB-FCRB.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Mário de Andrade a Rosário Fusco [Ascânio Lopes e Enrique de Resende], 25/2/28, ARF, AMLB-FCRB.

⁷³ Mário de Andrade a Enrique de Resende, [janeiro/28], Acervo de Rosário François Fusco.

⁷⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 3/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

A correspondência reunida dos sete escritores, entre 1927 e 1929, mostrou que, de ambos os lados, houve a apropriação, na escrita epistolar, de elementos da expressão oral e a simulação do diálogo presencial como estratégias de aproximação e criação de um ambiente de amizade.

José-Luis Diaz, em “Qual genética para as correspondências?”, recordou que, a partir de Madame de Sévigné (1626-1696), ganhou força a concepção de que a carta deveria ser uma forma de escrita espontânea.⁷⁶ Tal concepção teria sido largamente acolhida no romantismo, período em que a escrita “espontânea” se somaria à valorização da emoção. Atualmente, uma forma predominante de entendimento da escrita epistolar leva em consideração a necessidade de adoção de linguagem que, ao apropriar-se de elementos da linguagem oral, aproxima os correspondentes na emulação do diálogo presencial.

Angela Gomes chamou a atenção para o fato de que as marcas do relacionamento que se estabeleceu entre os correspondentes estavam na própria carta:

A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo. Uma relação – de amizade, de amor, de trabalho – que pode ser percebida pelas transformações ocorridas nas formas de tratamento e despedidas, bem como pelo próprio volume das cartas.⁷⁷

A mensagem inicial de Rosário Fusco a Mário de Andrade era tão irreverente que chegou a inspirar anedota, mas o que ela tentou criar foi a aproximação: “Meu querido Mário, // Mando pra você, com esta carta e um abraço, toda a minha amizade também. Não mando a minha admiração e a minha simpatia porque você já é dono dessas duas coisas há muito tempo. Taí?”⁷⁸

No mesmo sentido, são interpretadas as exclamações entusiasmadas de Camilo Soares em outubro de 1927: “IP! / IP! / IP! / URRRA! / Quem foi que disse que minha avó era burra!”⁷⁹ O tom de conversa se repetiu nas primeiras cartas dos outros rapazes da *Verde*.

⁷⁵ Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/27, AMA, IEB-USP.

⁷⁶ DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. nº15, 2007, p. 119-161.

⁷⁷ GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 21.

⁷⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP.

⁷⁹ Camilo Soares a Mário de Andrade, outubro/27, AMA, IEB-USP. Ao comparar esta a uma carta de CS a FIP no mesmo mês de outubro de 1927, notou-se que esse bordão exprimiu o entusiasmo do rapaz pela boa recepção da *Verde* e por chamar a atenção de modernistas de outros grupos: “Hip! / Hip! / Hip! / Urra! / Quem

Ascânio e Peixoto começaram por bilhetes, apenas Enrique de Resende assumiu um tom mais formal.

Os verdes exploraram o vocabulário característico do diálogo presencial ao longo da correspondência. Em carta de Francisco I. Peixoto, encontra-se o exemplo: “Chii... levei esse tempo todo a pensar e não falei sobre o *Clã*.”⁸⁰ Nas primeiras cartas de Fusco a Mário de Andrade era evidente o uso do recurso para chamar a atenção do interlocutor, com o intuito de provocar a resposta e manter o contato: “E trate de me responder logo – LOGO. / Ouviu?”; “Me escreva. Tá ouvindo?”; “Amanhã conversaremos devagarinho”; “Credo! Nem é bom falar nisso”.⁸¹ Fusco estabeleceu um ambiente tão forte de conversa com o escritor paulista que, na parte final de uma das cartas de 1927, fez uso de versos populares que obrigam os participantes a ficarem calados: “falei falei falei cadê utilidade? Era uma vez a vaca vitória, cagou na panela, três a mexê, três a comê, três a lambê, quem fala primeiro come tudo... Pois eu comi.”⁸²

Seria possível supor que o recorrente emprego de elementos orais na escrita epistolar fosse a extensão, para os domínios da carta, das propostas modernistas de renovação literária e estética. Ao tratar-se de correspondência de escritores, não é possível desprezar que o mesmo instrumento utilizado para a carta foi o usado para a sua expressão artística.⁸³ Então, na carta, a escrita transita muitas vezes entre o discurso literário e o prosaico, o que transforma o documento em território da criação. Sabe-se, portanto, que uma das bandeiras do Modernismo era a recusa de formas literárias rebuscadas, as quais excluía expressões linguísticas cotidianas e a oralidade. Mas esta não é a única justificativa.

A utilização desses elementos característicos da conversa face a face colaboraram na construção de uma proximidade almejada pelos verdes. Esse trabalho de estreitamento de laços ficou ainda ostensivo nas solicitações de amizade, principalmente nas fórmulas de despedidas. Camilo Soares pediu, em outubro de 1927: “Seja sempre bom pra mim. Quero a sua amizade. Pronto.”⁸⁴ Enrique de Resende se despediu: “Você mande cá na gente”⁸⁵. Rosário Fusco escreveu, em novembro de 1927: “Escreva e fique gostando de mim porque

foi que disse que minha avó era burra?/ Xico meu Xico sou um bicho agora de otimismo e até já aprendi a rezar outra vez./ [...] xxx / Recebi carta do Guilherme. / Do Martins. / Do Ribeiro / E ontem do Menotti Del Picchia, me dizendo que ia mandar a *Toda Nua* para mim. / Tem letra horrível esse diabo. / xxx / [...] / A *Verde*, boa não é? / E que formidável aquele conto: ‘O Estranho Caso de seu Matias’. / EH?” (Camilo Soares a Francisco Inácio Peixoto, outubro/27, AFIP, AMLB-FCRB)

⁸⁰ Francisco I. Peixoto a Mário de Andrade, 26/1/28, AMA, IEB-USP.

⁸¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27; 4/10/27; 8/11/27; 15/11/27, AMA, IEB-USP.

⁸² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/9/27, AMA, IEB-USP.

⁸³ MORAES, Marcos Antônio de. “Epistolografia e Crítica Genética”. *Crítica Genética / Artigos*, p. 31.

⁸⁴ Camilo Soares a Mário de Andrade, outubro/27, AMA, IEB-USP.

⁸⁵ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 25/12/27, AMA, IEB-USP.

cada vez mais eu fico gostando de você”⁸⁶. Francisco I. Peixoto também desejou: “Me queira bem.”⁸⁷ E Ascânio Lopes propôs: “Deixe-me sempre pro fim. Mas manda de vez em quando uma carta pro amigo certo.”⁸⁸

Também nos vocativos, nas formas de tratamento empregadas ao escritor paulista, é bastante evidente a construção da amizade. Logo na primeira carta de Camilo Soares, o autor de *Macunaíma* é “Mário batuta” e “Mário amigo”; na segunda, já é “Mário de Andrade, amigo velho”. Rosário Fusco revezou as fórmulas “Meu querido Mário” e “Mário amigo”. Ascânio Lopes e Francisco I. Peixoto utilizaram, preferencialmente, o primeiro nome do autor. Enrique de Resende e Guilhermino Cesar foram mais conservadores e utilizaram “Mário de Andrade”. Em contrapartida, os verdes assinaram majoritariamente como em seus textos literários, com nome e sobrenome – com exceção de Rosário Fusco que, nos bilhetes mais apressados, por ocasião da edição da revista, rabiscou o sobrenome.

O autor de *Amar, verbo intransitivo* se dirigiu aos seus jovens correspondentes com nome e sobrenome, a mesma forma como eles se assinavam. A exceção é Rosário Fusco, com quem, entre os verdes, Mário de Andrade instituiu maior interlocução epistolar. Inicialmente, usou “Fusco”; em um momento crítico do diálogo, no qual Mário de Andrade recusou-se ser redator da *Verde*, ao mencionar a morte inevitável da revista, surgiu a forma de tratamento “Rosário”. A partir daí, Fusco teve seu nome ludicamente transformado, como prova de amizade já estabelecida: “seu Fusco”, “Fusquinho”, “Fusco do céu”, “Fuscoide”.

Nas cartas de Mário de Andrade, o gracejo camarada com o nome dos destinatários tornou-se índice de aproximação, de trato íntimo. Dessa forma, Manuel Bandeira transformou-se em Manu e Drummond em Carlico.⁸⁹ Tratava-se da construção discursiva da proximidade: “Os traços aparentemente externos à mensagem, como o chamamento e a assinatura do remetente, firmam um contrato de amizade. [...] A passagem da assinatura ‘Mário de Andrade’ para o ‘Mário’ em rabisco ligeiro quase de rubrica também marca os laços de fraternidade conquistados pelo destinatário”⁹⁰

⁸⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [post. 27/11/27], AMA, IEB-USP.

⁸⁷ Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, [post. 18/12/27], AMA, IEB-USP.

⁸⁸ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, 2/1/28, AMA, IEB-USP.

⁸⁹ Cf.: ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. intro. e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000; e ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Carlos Drummond. *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota e Silviano Santiago; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.

⁹⁰ MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007, p. 78.

Na própria assinatura, o autor de *Pauliceia desvairada* manteve o nome e sobrenome nas primeiras cartas aos rapazes de Cataguases. Entretanto, já na terceira carta a Rosário Fusco, novembro de 1927, passou a assinar “Mário”, usualmente seguindo a fórmula de despedida “ciao”⁹¹; por fim, assinava apenas “M”.

Na primeira carta de Mário de Andrade a Rosário Fusco estavam presentes elementos recolhidos do falar brasileiro, como, por exemplo, “si” e “pra”. Trazer elementos característicos da língua como é falada no Brasil para a escrita foi uma questão relevante para o paulista naquele momento. Isso pode ser observado em seus comentários a respeito dos poemas do mineiro: “‘Que você fala pra mim’; um despropósito de pronomes inúteis e nada brasileiros, no 5º, 6º e 13º versos o ‘eu’ não só é inútil como prejudica a naturalidade falada das frases.”⁹²

No momento em que começou a corresponder-se com os moços de Cataguases, Mário de Andrade finalizava seu romance/rapsódia *Macunaíma*. A distância entre a língua escrita e falada foi criticada com ironia no capítulo IX “Carta pras Icamiabas”: “Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra.”⁹³

Nesse sentido, a busca de uma nova linguagem literária, mais brasileira, passava para Mário de Andrade pela aproximação do falar do povo. Seus textos, incluindo suas cartas, traziam expressões que assinalavam o momento de busca da expressão nacional e experimentalismo linguístico que acolheram a expressão oral (“pra”, “pro”, “quedê”; “si”, “quasi” e frases iniciadas por pronome oblíquo).

O prolongamento na carta das propostas de uma nova forma de escrita literária, ao apropriar-se o experimentalismo seria uma percepção válida para observar a linguagem utilizada nas cartas do escritor paulista. Entretanto, salta aos olhos na leitura da coletânea de mensagens trocadas entre o autor de *Macunaíma* e os rapazes cataguasenses o quanto a existência de elementos da expressão oral contribui para a criação de um ambiente de amizade e para a superação da distância também por parte do correspondente de São Paulo.

⁹¹ Sobre essa forma de se despedir em carta, Manuel Bandeira perguntou a Mário em outubro de 1924: “Que é ciao? Adeus italiano?...” (Manuel Bandeira a Mário de Andrade, [ant. 10/10/24], ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. intro. e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000, p. 130)

⁹² Mário de Andrade a Rosário Fusco, 24/10/27, Acervo de Rosário François Fusco.

⁹³ *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXº siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988, p. 84.

3.3.7. Afinal eu sou já bem mais velho que você, tenho mais vida... Tomo por isso dessas liberdades rituais de ensinador.⁹⁴

Sophia Angelides, em *Carta e Literatura – Correspondência entre Tchekhov e Gorki*, explicou que, na primeira metade do século XVIII, na Rússia, a carta se deslocou para o centro da literatura.⁹⁵ As cartas de Púchkin, Viázemski, A. I. Turguêniev e de seu grupo literário eram escritas com intenção de publicação, lidas em voz alta e passadas de mão em mão nos círculos íntimos. Apesar de serem diversificadas, constituíam uma espécie de campo experimental para inovações estilísticas e o exercício da linguagem oral.

Alguma comparação desse grupo russo com o Grupo Verde, no que concerne à correspondência, talvez possa ser feita. As cartas de Mário também circulavam nas mãos dos componentes do Grupo Verde. Contudo, não podemos afirmar que foram escritas com a intenção de divulgação, pois o autor de *Pauliceia desvairada* algumas vezes se declarou contra a publicação de suas mensagens. Porém, para os verdes, suas cartas continham críticas a poemas, exposições de ideias esclarecedoras sobre questões que estavam na ordem do dia para os modernistas, principalmente sobre o nacionalismo e a linguagem buscada nesse novo momento literário. Acrescenta-se que eram escritas em uma linguagem cheia de “camaradagem”, fato que deixava os rapazes à vontade para darem prosseguimento ao diálogo.

Além disso, de vez em quando, Mário de Andrade lançava na carta um pouco de prosa à moda de *Macunaíma* a fim de dar “mais sabor” ao diálogo. Dessa maneira, ele elevava a correspondência a um ambiente de experimentação literária, o qual despertava ainda mais o interesse dos cataguasenses:

Eu aqui, naquela já sabida de você: das 6 madrugada até 24 e trinta, às vezes além, trabucando, trabucando. Quando deito, olho esperto de fadiga, sem possibilidade pra dormir, tou febreiro, cama se imoraliza todinha, gemendo, gemendo de meu tremor. Até penso em coisas. Depois o Pai do sono vem afinal, me engole. Quatro, três horas durmo e pronto, trrelem-tremlem-trem, despertador e a vida mesma.⁹⁶

Enquanto na Rússia do século XVIII as cartas ganharam estatuto literário por permitirem uma liberdade de escrita maior que a literatura da época, para os verdes, a

⁹⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/28, AFR, AMLB-FCRB.

⁹⁵ ANGELIDES, Sophia. *Carta e Literatura – Correspondência entre Tchekhov e Gorki*. São Paulo: Edusp, 2001.

⁹⁶ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 14/10/28, Acervo de Rosário François Fusco.

liberdade formal modernista também se estendeu para a escrita epistolar, mas, independentemente do espaço de experimentação, cartear era absolutamente necessário até para existência do próprio grupo.

Paralelamente, para Mário de Andrade, a correspondência também se tornou instrumento valioso. Fortemente comprometido com o ideário modernista, ele acolhia os que desejavam tomar parte da renovação, como os verdes. Em 1924, contava à Tarsila: “Em Minas, no Norte, Pernambuco, Paraíba, tenho amigos que estou paubrasileirando.”⁹⁷

Em *Orgulho de jamais aconselhar*, Marcos Antonio de Moraes analisou a correspondência de Mário de Andrade e identificou que o escritor paulista teria aproveitado ao máximo das possibilidades que o gênero epistolar lhe oferecia: “A conversação realizada pela correspondência de Mário fundamentava a propagação do ideário modernista, bem como dos movimentos culturais e políticos que, de certo modo, foram por ele sustentados. Mário criará uma rede de comunicação jamais vista até aquele momento na história literária brasileira.”⁹⁸

O autor propôs que a carta, para Mário de Andrade, foi o lugar privilegiado para a celebração do diálogo, com intenção de criar uma ambiência de amizade. Nesse espaço, desenvolveu com mais força o seu trabalho de convencimento intelectual. Tinha consciência do poder fecundante de suas palavras, da força de sua argumentação que carregava um saber militante; tinha consciência de que a sua proposta de discussão intelectual reservava para o interlocutor um árduo convívio, com momentos em que defeitos e pontos fracos eram trazidos à tona e expostos para reflexão. Toda essa engrenagem faria parte de um “projeto pedagógico” que englobava a demonstração de como exprimir conceitos e exercer a (auto)crítica.

Mário de Andrade procurava envolver seu interlocutor em uma atmosfera de aproximação: “‘Presença’ e ‘ausência’ são os dois lados de um mesmo procedimento epistolar que intenta a emulação do diálogo real e que se completa com a exploração das possibilidades semânticas dos verbos ‘falar’, ‘dizer’ e ‘conversar’.”⁹⁹

Na correspondência de Mário de Andrade com os verdes, os verbos ligados à expressão da oralidade estavam presentes. Em carta a Camilo Soares, escreveu: “a gente pode

⁹⁷ Mário de Andrade a Tarsila do Amaral, 1/12/24. In: ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. Org., introdução e notas de Aracy Amaral. – São Paulo: Edusp, IEB-USP, 2001, p. 89.

⁹⁸ MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007, p. 101.

⁹⁹ Id., 2007, p. 99.

falar que aquilo é ruim...” e mais adiante “Eu posso falar bem isso”¹⁰⁰. Ao dirigir-se a Rosário Fusco: “Você me fala numa carta”¹⁰¹.

Ao favorecer a construção do sentido de proximidade, essencial na realização de seu projeto epistolar, Mário de Andrade se colocava como quem conversasse despreocupadamente, ao lado de quem o escutasse. “Esse ‘mostrar-se’ na carta poderia significar para ele um modo de eliminar distâncias.”¹⁰²

Mário de Andrade fazia-se presente aos verdes, ao partilhar com eles seu cotidiano, como, por exemplo, em carta a Ascânio Lopes: “Estou picego hoje com um terçol dos demônios me doendo muito.”¹⁰³ Quando dirigiu-se a Fusco, escreveu: “Meu pensamento agora está meio longe da boa educação, gente. Perdido em pelo menos três trabalhos que estão me fazendo dar topada na rua, tomar bonde que vai em vez do que vem, etc. com mentira e tudo. Uma coisa é certo: ando com o corpo roxo de machucaduras.” Em outra carta ao mesmo jovem, deixou entrever-se fisicamente: “são meio-dia, já me barb[eei] cortei cabelo, tomei banho, fiz ginástica, me vesti, escrevi com esta a 8ª carta e última do dia, faz sol, é meio-dia... Noite de music-hall...”¹⁰⁴

Além disso, o autor de *Pauliceia desvairada* se dispunha a ler e analisar o material enviado pelos moços de Cataguases. Como amigo “próximo”, queria opinar e participar do empreendimento literário deles. A Camilo Soares, escreveu: “Estou sempre às ordens pro que você quiser.”¹⁰⁵ A Rosário Fusco asseverou: “E aqui estou pra prefaciá-lo o que você quiser.”; “Vá trabalhando e não se esqueça da gente. Estou sempre às ordens pra tudo e não tenha medo de me caceteá-lo, já falei.”¹⁰⁶ A Ascânio Lopes pediu: “Me escreva sempre”.¹⁰⁷

A invenção de um ambiente de conversa entre amigos, que estavam lado a lado, a comentar os textos uns dos outros, explicita, no caso dessa correspondência, o “projeto epistolar de caráter didático” de Mário de Andrade. O escritor rompia com a frieza e a distância da escrita para que ela se tornasse a expressão da amizade e pudesse, assim, favorecer seu projeto para a formação do interlocutor. Como exemplo, cita-se a resposta a Fusco, em 1927, que perguntara a Mário se o amigo o achava “poeta mesmo”:

¹⁰⁰ Mário de Andrade a Camilo Soares, 24/10/27, Acervo de Antonio Carlos Secchin.

¹⁰¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁰² MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007, p. 95.

¹⁰³ Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/1/28, FGC, IEL-RS.

¹⁰⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/3/28 e 14/10/28, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁰⁵ Mário de Andrade a Camilo Soares, 24/10/27, Acervo de Antonio Carlos Secchin.

¹⁰⁶ Mário de Andrade a Rosário Fusco, novembro/27 e 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁰⁷ Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/1/28, FGC, IEL-RS.

O modernismo brasileiro estaria muito além da sua já enorme vitória, não fosse o poder de frouxos que se meteram nele e não aguentaram o tranco. Por que que não aguentaram? É fácil de perceber. Principiar é trabalho leviano que qualquer ombro de piá carrega porém em seguida a gente percebe que não pode ficar nessa promessa de menino-prodígio, que tem mesmo de ir além e sobretudo ir mais profundo e que-dê estudo, que-dê base, que-dê treino e fôlego para isso? Não se tem e não se tem coragem pra começar. Então se faz o que a maioria fez, cai na pândega, não escreve mais, desdenha e caçoa da poesia e da arte, banca o superior, enfim fazem um dilúvio de coisas que não conseguem esconder a realidade: são frouxos, não aguentaram o tranco. Se ausculte bem primeiro, veja sem ilusões se você é mesmo fatalmente artista. Se é, continue. Se não é, vá ser carroceiro, chofer, corupiê, ladrão, mas seja vitalmente uma realidade, isso é que importa.¹⁰⁸

Mário de Andrade expôs na resposta a necessidade de estudar e definiu a importância do aprimoramento. Sublinhou igualmente o perigo da adesão irresponsável ao Modernismo e chamou a atenção para que a renovação artística e literária pretendida com o movimento não seria o resultado de uma brincadeira de rapazes ou da extravagância de um grupo de escritores. Esse cuidado de Mário de Andrade é compreensível, dado o entusiasmo desabusado com que os cataguasenses encararam a publicação da *Verde* e ao considerar-se a percepção, por parte de Mário de Andrade, de que as ideias modernistas na época do lançamento do primeiro número da revista não estavam completamente claras para os mineiros.

Possivelmente os mesmos motivos levaram Mário a escrever a Fusco a maior carta da correspondência, de 21 de setembro de 1928. Na primeira parte, Mário de Andrade analisou, minuciosamente, poemas de Fusco. O paulista também comparou produções recentes próprias com as do mineiro. No exercício de interpretação e crítica, o autor da carta encontrou espaço para desenvolver largamente a questão da estilização da língua falada brasileira na literatura. As considerações ultrapassaram questões formais e estéticas, ao chegarem ao direcionamento do rapaz dentro do mundo literário.

Você no estilo que está empregando em versos está forçando a nota que nem eu. Isso tem dois defeitos. Um de pouca importância porque passa, é ficar parecendo comigo por demais. Outro mais importante é que não vejo precisão de você moço já de outra geração mais livre e com caminhos mais abertos estar fazendo um sacrifício de si mesmo. Bastou o meu. [...] Você gosta da “Manhã”, pois então siga a lição dela e não as pesquisas anteriores ou posteriores que não passam de valores morais. Tanto no “Este verso vai molhado”, como no outro poema sobre a cidade de você, você força a nota da língua e se percebe bem a intenção de fazer brasileirismos vocabulares e sintáticos a todo momento. Deixe isso pra mim que muito já sofro na vaidade pela precariedade das minhas obras e transitoriedade delas.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, [ant.8/11/27], ARF, AMLB-FCRB.

¹⁰⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/1928, ARF, AMLB-FCRB.

Outros assuntos apareceram, como a opinião de Mário de Andrade sobre dois críticos que haviam escrito a respeito de obras suas e como a avaliação de “Vitória-régia”, colaboração proposta à revista *Verde*. Por fim, indicou como o ponto principal da carta a observação de que acreditava no desenvolvimento de Fusco: “É aqui que está o caso mais importante desta carta. Não é propriamente a prosa de você que está com sintoma de melhoramento, Rosário. É você todinho que está mudando e a meu ver melhorando muito.”¹¹⁰ Contudo, é possível apontar outro trecho como o mais relevante da carta. Trata-se de passagem que ganhou contornos a advertência:

Você inda está no tempo da burrada, não faz mal, faça burradas à vontade. Porém por detrás da burrada eu já percebo uma fatalidade de homem forte se manifestando. Dantes não. Eu percebia apenas o brilho fuquefuque do rapaz. Isso podia muito bem dar em gente tipo da verdamarela. E isso eu não queria pra poder estimar você no homem forte quanto quero bem no amigo.¹¹¹

Certamente não escapou a Mário de Andrade dois eventos que devem ter motivado essa mensagem. O primeiro deles foi o recebimento do “Poema para Cassiano Ricardo”, em carta de Enrique de Resende, em agosto de 1928. O homenageado foi um dos escritores que formulou, com Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, o ideário verde-amarelo, cuja marca era um nacionalismo ufanista e conservador. O outro possível motivo foi a visita de universitários cariocas a Cataguases, no feriado de 7 de setembro, da qual participou Cardillo Filho, que, em seus textos na revista *Festa*, declarava simpatia aos ideários do grupo Anta.

Cabe lembrar ainda que, no final do mês de agosto, Rosário Fusco afirmava que “por um pouquinho que eu ia gostando” de um artigo sobre *Clã do Jabuti* de Chiacchio, crítico baiano adverso à proposta lírica de Mário de Andrade. No artigo citado por Fusco, o crítico julgou que o escritor paulista “simula a loucura em arte, mas não simula bem. Ou antes simula arte inferior, que nos deixa indiferentes às suas criações, enquanto poéticas [...]”.

Apesar de pedir, no final da carta, desculpas por aconselhar e tomar liberdade de “ensinador”, é razoável supor que Mário de Andrade tenha se esforçado para colocar em funcionamento todas as suas estratégias epistolares a fim de influir no direcionamento estético do rapaz.

3.3.8. Um canto de *Macunaíma* na zona da mata mineira

¹¹⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/1928, ARF, AMLB-FCRB.

¹¹¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/1928, ARF, AMLB-FCRB.

Ao lado do ponto de vista que observou Mário de Andrade como intelectual movido por um ideal e comprometido com o Modernismo, pode ser válida a percepção de que o autor de *Pauliceia desvairada* também desejou divulgar sua obra em um veículo que lhe pareceu adequado naquele momento. No auge do burburinho das atividades do Grupo Verde de Cataguases, no número 3 da revista *Verde*, Mário de Andrade fez aparecer, pela primeira vez, um caso de *Macunaíma*. O “Caso da Cascata”, excerto do capítulo IV, intitulado Boiúna Luna, saiu na página 12 da edição de novembro de 1927.

Esse trecho da rapsódia surgiu, assim, antes do lançamento da primeira edição do livro, que chegou às livrarias em 29 de julho de 1928. A publicação do excerto ambicionava, certamente, divulgação da obra, com o propósito de instigar a leitura e testar a recepção do romance.¹¹²

Mário de Andrade já obtivera repercussão positiva de seu poema “Rondó do Brigadeiro”, divulgado na *Verde* nº2. Acrescenta-se que ele próprio havia articulado colaborações para o número seguinte da revista. Então, sabia que o “Caso da Cascata” sairia justamente em uma das edições mais ricas em participação externa ao grupo, ocorreria no momento que a publicação já era conhecida por modernistas de várias regiões do país e atingira expressiva distribuição.

A correspondência de Mário de Andrade e Fusco trouxe referências à colaboração. A carta de Fusco, posterior a 16 de novembro de 1927, revelou que o autor de *Macunaíma* mandou o texto duas vezes, por achar que a primeira cópia havia sido extraviada pelo correio: “Você mandou outro ‘Caso da Cascata’. Não faz mal não. Fico com ele pra mim.”¹¹³ O poeta mineiro elogiou o conto no início de dezembro daquele ano: “Puxa! Que gostosura danada no ‘Caso da Cascata’! Cada vez que eu leio aquele troço fico gostando mais ainda.”¹¹⁴ O próprio Mário de Andrade afirmou gostar do trecho da rapsódia, em carta a Rosário Fusco: “Ao passo que você pode perguntar pro Manuel Bandeira se não é fato que reputo o ‘Caso da Cascata’ o

¹¹² Mais dois excertos de *Macunaíma* precederam o lançamento do livro, ao saírem em periódicos. Ambos foram publicados em junho de 1928, muito próximos à chegada da obra às livrarias. Um saiu na *Revista de Antropofagia* (ano 1, número 2, p. 3). Trata-se do primeiro capítulo quase todo: do início até o momento em que Macunaíma jurou vingança porque não recebeu parte da carne da anta caçada, encerrando o texto com um “Etc.” Na aludida revista da vanguarda de São Paulo, o texto recebeu o título “Entrada de ‘Macunaíma’” e foi ilustrado com desenho da argentina María Clemencia. Outro fragmento é o capítulo VII, com o título modificado de “Macumba” para “Macunaíma”, na edição do dia 4 de junho de 1928 do *Diário Nacional*, jornal editado em São Paulo e para o qual Mário de Andrade escrevia. O texto veio com ilustração de Delpino Jr. e a observação “romance folclórico a sair”.

¹¹³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [16/11/27], AMA, IEB-USP.

¹¹⁴ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [7/12/27], AMA, IEB-USP.

melhor passo de estilo que jamais escrevi. Pode ser que não seja porém o que vale é a intenção.”¹¹⁵

O diálogo epistolar de Mário de Andrade e Fusco registrou o esforço do escritor paulista para arcar com os custos da publicação de *Macunaíma*. Percebe-se que Mário acreditava em seu livro, a ponto de endividar-se para que ele fosse tirado do prelo. O autor também parecia convicto do lugar que *Verde* assumira como veículo divulgador de uma forma de pensar a renovação literária com a qual tinha afinidade, tanto que assumiu compromissos financeiros com a revista.

Agora falando de mim: careço de saber o que vocês resolvem. Prometi mandar uma quota mensal pra *Verde*, mandei duas duma vez e não mandei mais. // Só justifico-me porque *Verde* não tem saído. Quase tenho abusado da amizade de vocês. É que também ando numa pinda desgraçada. Ganho regularmente porém minhas despesas são enormes. Só de livraria me vi este mês de maio acabando com uma dívida de perto de dois contos! E as quotas mensais pra publicação de *Macunaíma* são de oitocentos paus! Está claro que tive de me arranjar com livrarias e casas de música pra esperarem parte do pagamento nos meses que vêm.¹¹⁶

Na conferência de 1942, “O Movimento Modernista”, Mário de Andrade citou, de forma genérica, o Grupo Verde para exemplificar a estabilização de uma consciência criadora nacional no Modernismo com a descentralização intelectual e a integração cultural nacional por meio da integração com grupos do interior: “O movimento modernista, pondo em relevo e sistematizando uma ‘cultura’ nacional, exigiu da Inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases.”¹¹⁷

Mário de Andrade construiu *Macunaíma* aproveitando grande variedade de elementos culturais brasileiros, provenientes das fontes mais diversas (como lendas indígenas, música popular, personagens folclóricos de regiões diferentes etc.). A mistura está no nível semântico e textual. Na segunda edição, de 1937, o próprio Mário definiu como rapsódia o gênero da obra. Sendo assim, é canto, poesia, mas também é prosa, narrativa, que acolhe em sua construção diversos tipos de texto. Telê Ancona Lopez analisou o livro: “Esta rapsódia recolhe e integra, no estilo, como se sabe as vozes e as ‘frases’ de todas as camadas da sociedade e de todas as regiões do Brasil; a língua antiga, os estrangeirismos, os barbarismos, a gíria, tudo enfim que está no povo, até as referências literárias.”¹¹⁸

¹¹⁵ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/11/1928, ARF, AMLB-FCRB.

¹¹⁶ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo de Rosário François Fusco.

¹¹⁷ ANDRADE, Mário de. “O Movimento Modernista”. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 248.

¹¹⁸ LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Rapsódia e Resistência”. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la

A mistura lexical e a variação de discursos também podem ser vistas no capítulo Boiúna Luna. No “Caso da Cascata”, o foco narrativo se transferiu do contador, cantador, rapsodo, para a cascata/Naipi, que é um mito ameríndio e, como tal, tem sua fala marcada por uma linguagem diferente da do narrador.

Em *O Tupi e o Alaúde*, Gilda de Mello e Souza chamou a atenção para o fato de que inclusive as personagens foram compostas hibridamente, com a fusão de elementos, e a aproximação de referências a universos culturais distintos, como, por exemplo, na construção da Boiúna: “figuras resultantes da fusão de entidades diversas, como por exemplo a Boiúna, que ora é a Cobra Preta, ora é Capei a Lua.”¹¹⁹

No “Caso da Cascata”, ocorreu a aproximação de personagens do imaginário popular, provenientes de regiões geográficas distantes: a Catarata de Iguaçu (Sul) e a Boiúna amazônica (Norte). O desrespeito às distâncias geográficas foi explicado pelo próprio autor no prefácio de 1926 não acolhido no livro:

Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo em que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea; um concerto étnico nacional e geográfico.¹²⁰

No ensaio “Rapsódia e Resistência”, Telê Ancona Lopez explicou que o espaço “desgeograficado” obedeceu somente à lógica da verossimilhança. Isso é notado, como, por exemplo, nas enumerações na forma de embolada nordestina, que traz peixes, árvores e animais de regiões e ecossistemas diferentes, mas pertencentes à América Latina: “Grava-se, deste modo, um espaço brasileiro que se alonga em latino-americano [...], comparecendo em toda a plenitude, sem o tom pitoresco dos limites regionais, no ‘desgeograficar’ de Mário.”¹²¹

Mário de Andrade “desrespeitou” literariamente a geografia, ao reunir elementos de regiões diversas nas enumerações. Paralelamente, *Verde* nº3 agregou escritores de muitos estados brasileiros e também colaborações estrangeiras. Como se também desejasse desrespeitar os limites geográficos, tornou-se uma publicação do movimento e deixou de ser o veículo de divulgação da produção apenas do Grupo Verde. O escritor constatou a amplitude que a revista atingiu, em artigo no *Diário Nacional*, alguns anos depois: “*Verde* conseguiu a

Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988, p. 275.

¹¹⁹ SOUZA, Gilda de Mello e. *O Tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 34.

¹²⁰ Fac-similar do Prefácio de 19/12/1926, anexo à edição crítica. ANDRADE, Mário de. *Op. cit.*, 1988, p. 356.

¹²¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Rapsódia e Resistência”. In: ANDRADE, Mário de. *Op. cit.*, 1988, p. 276.

um só tempo centralizar e arregimentar o movimento modernista do Brasil, coisa que *A Revista*, de BH, não conseguiu. [...] *A Verde* chamava às armas.”¹²²

Verde, além de inserção entre os diversos agrupamentos de modernistas espalhados pelo Brasil e até entre alguns modernistas da América Latina, também trazia no plano das ideias condições de receber trecho de *Macunaíma*. Nota-se que a escolha do “Caso da Cascata” não pode ter sido aleatória. Trata-se de trecho representativo do movimento de “desgeograficar” – além de ser ligado a elemento determinante para a trama, ser episódio de forte lirismo e ter atingido estilo apreciado pelo autor. Mário de Andrade enviou como colaboração o texto do caso que funde a lenda de Naipi ou catarata de Iguaçu com da Boiúna amazônica para que fosse publicado na zona da mata mineira e de lá alcançasse modernistas de todo o país. É razoável supor até mesmo que o autor desejava, para divulgar sua rapsódia, utilizar o mesmo princípio de sua composição, o mesmo movimento de desgeograficar, a mesma busca da “entidade nacional”.

3.3.9. Conjunto x unidade

Os jovens de Cataguases, ao lançarem *Verde*, certamente vislumbraram a possibilidade de utilização do capital social adquirido na aventura para se inserirem na rede de sociabilidade intelectual modernista.¹²³

Uma vez estabelecido o diálogo com Mário de Andrade, cabe investigar o que cada um dos verdes esperava dele. Os rapazes calculavam o peso da colaboração do escritor modernista no periódico e, principalmente, o valor da opinião favorável que pudessem obter dele.

É possível delinear peculiaridades dos diálogos travados entre Mário e cada um dos seis verdes com quem se correspondeu.

¹²² ANDRADE, Mário de. “Cataguases”, *Diário Nacional*, São Paulo, 10/7/32. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org, introd. e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 550.

¹²³ Em *Intelectuais à brasileira*, Sérgio Miceli observou as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, inclusive na forma literária no início do século XX. O sociólogo demonstrou a formação e expansão do campo intelectual brasileiro e abordou as relações entre os intelectuais e a classe dirigente, bem como as estratégias utilizadas para alcançar as posições criadas nos setores público e privado. Para o autor, os intelectuais dependiam das redes de relações sociais e familiares, das possibilidades de fazer valer o capital de relações sociais para evitar um rebaixamento social. (MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Cia das Letras, 2001)

3.3.10. Fuscoide e o Maluco Adorável¹²⁴

Duas circunstâncias singularizaram o contato de Rosário Fusco e Mário de Andrade no período da *Verde*. A primeira delas foi o encontro de um moço com energia criativa, vontade de realização e desejo de aprender com Mário de Andrade, que realizava verdadeira cruzada pela propagação do ideário modernista. O escritor paulista propusera-se a dialogar com os moços, ao admitir como positiva e natural a “influência” do mestre sobre o discípulo. Nesse sentido, avalia-se o ponto de vista defendido pelo escritor paulista no artigo publicado no *Diário Nacional* de 9 de abril de 1929 e transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase:

Não é possível a gente conceber a formação dum espírito sem influências, fruto unicamente de Cataguases como existe influência dos moços de Cataguases leis de psicologia.[...] // E se um ou dois moços de Cataguases numa ou noutra poesia ficaram exatinhamente o escritor paulista escrevendo, quero saber só que importância tem isso! Esses moços tal e qual todos os moços do mundo, têm que sofrer a lei da espera.¹²⁵

Fusco sabia que era moço em idade e intelectualmente, tanto que, na primeira carta a Mário de Andrade, não se intitulou poeta, mas um “fazedor de versos”. E anunciou que, se recebesse resposta de sua carta, enviaria “uns versos – amostras”. Logo na segunda carta, os versos seguem para Mário, com um pedido de apreciação. Com a terceira carta, seguem mais versos e o pedido de um prefácio do destinatário. Seria uma grande estreia ter seu primeiro livro associado ao nome de um autor modernista já reconhecido como Mário de Andrade. Fusco admitiu: “Estou com uma baita vontade de aparecer.”¹²⁶

O escritor paulista atendeu aos apelos de Fusco e examinou os poemas remetidos, em notas, as quais considerava opiniões pessoais:

Quanto aos versos de você, veja as notas. São sinceras, mas não sei se estão certas. Se lembre sempre que falo em nome da minha Verdade e que se dou minha opinião franca não aconselho nada. Faça o que quiser, resolva como quiser, não fico zangado por isso. Só te peço que não ponha paixão na resolução, seja sincero pra consigo mesmo e até severo. É a maneira mais rápida da gente ser feliz e andar sossegado.¹²⁷

¹²⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/3/41, Acervo Rosário François Fusco e Rosário Fusco a Mário de Andrade, 28/10/27, AMA, IEB-USP.

¹²⁵ ANDRADE, Mário de. “Influências”, *Diário Nacional*. São Paulo, 9/4/1929. Texto transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase. Cataguases, maio de 1929, p. 23.

¹²⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [ant. 22/10/27], AMA, IEB-USP.

¹²⁷ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 24/10/27, ARF, AMLB-FCRB.

Fusco aceitou as ponderações de Mário de Andrade e assumiu a condição de aprendiz:

Tudo o que V. disse está muito direitinho e eu concordo com você. Porque você falou em nome da sua VERDADE. E eu aceito o que você disse em nome da Minha SINCERIDADE. // Já estou me modificando o mais que puder. // Você vai ver que em breve faço coisa boa mesmo.¹²⁸

O mineiro demonstrou estar consciente da dimensão pedagógica que se estabeleceu na troca epistolar, ao manifestar sua adesão ao processo de aprendizado: “Te agradeço – Mário. Vá me ensinando sempre. Seja meu mestre, quase pai espiritual. Na literatura a gente aprende a vida. E quem aprende a vida assim como V. – sabe viver. / Eu quero aprender a viver, sim! – Mário.”¹²⁹

A expressão “pai espiritual” chamou a atenção, pois, ainda em novembro, o Grupo Verde lançou seu Manifesto, no qual afirmava sua independência dos outros grupos: “Não temos pais espirituais”. A correspondência de Fusco mostrou que essa foi apenas mais uma frase de efeito do Manifesto. O jovem de Cataguases continuou solicitando a opinião do amigo acerca de sua produção literária, assim como pedindo ajuda para o desenvolvimento de seus projetos.

Entretanto, é preciso afastar a ideia de discípulo submisso. Fusco rebateu algumas proposições de Mário de Andrade, como na ocasião em que o escritor paulista sugeriu que ele não deveria se apressar em publicar seu segundo livro de poemas *Fruta de conde*. O volume foi editado, não obstante a admoestação.

Outra circunstância de questionamento ocorreu quando Mário de Andrade apontou a perceptível presença da dicção poética do pernambucano Ascenso Ferreira na obra de Fusco.

Voltando ao Ascenso. Se os meus versos são produtos de outros sujeitos como você acha são produtos de todo o pessoal do Norte e não do Ascenso sozinho como você quer. // Eu não submeto meus versos só à opinião de você e do Alcântara. Não. Critico eles também. Com um pouquinho de camaradagem como é natural. Pra falar com franqueza desafiado tudo quanto é respeito humano: nunca achei um troço meu ruim. Acho tudo muito bonito e muito parecido com o dos outros. No valor dele como realização de poesia só –.¹³⁰

Outra faceta individual desse contato foi o desejo de contribuir com Mário de Andrade, fosse por gratidão ao muito que o escritor ajudou na construção da *Verde*, ou por sentir-se em débito com o amigo que se mostrava disposto a analisar seus textos e conversar sobre o que lhe afligia, ou, ainda, pelo desejo de se aproximar do outro ao conquistar sua

¹²⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 28/10/27, AMA, IEB-USP.

¹²⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/11/27, AMA, IEB-USP.

¹³⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/1/28, AMA, IEB-USP.

gratidão. Entre 1927 e 1929, Fusco buscou ajudar Mário de Andrade em suas pesquisas de música folclórica / regional e também se tornar um elo do amigo com escritores da América Latina.

No final de 1927, Fusco avisou que recebeu desenhos da artista plástica argentina María Clemencia e que mantinha contato com o uruguaio Ildefonso Pereda Valdés. Mário de Andrade, então, pediu o endereço do escritor: “Me mande sem falta e logo endereço do Pereda Valdés. Quero mandar *Clã* pra ele. Inda não o conheço não.”¹³¹ Com o endereço, Fusco enviou livros. Na biblioteca de Mário de Andrade, encontra-se o exemplar de *La Guitarra de los negros*, de Pereda Valdés, com dedicatória aos cataguasenses: “A Rosário Fusco / a Camilo Soares, mis dos / amigos de [Cataguases] / [Ilegível] [Ilegível] / El autor”.

Pouco depois, Fusco remeteu a Mário de Andrade desenho de María Clemencia. Na coleção de artes plásticas do escritor, há duas gravuras da artista: *Deserto* (1928), nanquim sobre papel, e *Paisagem com balão* (1927), aquarela sobre papel, em que se flagra a seguinte dedicatória: “Para los poetas Rosario Fusco – Ascanio Lopes y Camilo Soares. María Clemencia 1927.”

Em fevereiro de 1928, o poeta de Minas começou a reenviar para Mário de Andrade revistas que recebia de seus correspondentes. A primeira teria sido *La Campana de Palo*.

Em março de 1928, Mário de Andrade avisou que faria um estudo sobre a literatura modernista argentina para publicar no *Diário Nacional*. Fusco pareceu decidido a auxiliar o crítico a entrar no circuito vanguardista do país vizinho. O poeta mineiro pediu, nas cartas ao amigo, que enviasse *Clã do Jabuti* para Jorge Luis Borges e Norah Borges, assim como para o crítico Zum Felde. Em contrapartida, enviou a Mário de Andrade desenho de Norah, *Paisaje de Montevideo*, e ofereceu-lhe também revistas: “Se não tiver *Proa* fale que eu tenho algumas me sobrando e pra você não faço questão.”¹³² Por ocasião do lançamento do *Macunaíma*, Fusco lembrou ao autor: “Espero livros pro Pereda Valdés, Jorge Luis Borges e R. prometidos.”¹³³

Patrícia Artundo, em *Mário de Andrade e a Argentina*, assinalou Rosário Fusco como uma rota alternativa para o intercâmbio entre o escritor paulista e os vanguardistas do país vizinho.¹³⁴ Entretanto, a autora mostrou que aquilo que realmente marcou o “encontro” de Mário de Andrade com a Argentina foi um evento anterior à ação do mineiro. Teria sido a

¹³¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 3/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

¹³² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/4/28, AMA, IEB-USP.

¹³³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 17/8/28, AMA, IEB-USP.

¹³⁴ ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: Edusp, 2004.

presença dos escritores argentinos Luis E. Soto e Pedro J. Vignale em São Paulo, no começo de 1926. De acordo com a ensaísta, os escritores argentinos vieram motivados pelo ideal de voltar os olhos para o próprio continente. Além disso, desejavam transpor as barreiras da língua e provocar uma aproximação.

Fusco também encaminhou a Mário de Andrade a revista mensal peruana *La sierra – Órgano de la juventud renovadora andina*, por acreditar que o amigo gostaria da partitura publicada no número: “Vou mandar também – doutra vezada – um número de *La Sierra* do Peru com uma música asteca interessantíssima pra você gozar bem, abancado no seu pianinho da rua Lopes Chaves...”¹³⁵ Na revista *La Sierra* (Lima – Peru) nº19, de julho de 1928, pode ler-se o bilhete de Fusco para Mário na capa: “Ver Aclla Huasi / (dança incaica) / Ler artigo de / Julio Estavillo. / Pro Mário / Fusco.” O periódico traz ainda versos de Fusco e Guilhermino Cesar.

Os bilhetes de Fusco, escritos nas revistas enviadas a Mário, testemunham a partilha de leituras. Em *Síntesis* nº15 (revista mensal portenha de arte, ciência e letras), a carta está na página de abertura da revista e a comunicação completa-se ao longo das partes que Fusco julga serem interessantes para o amigo de São Paulo. Na primeira página, encontra-se a mensagem:

Pra Mário de Andrade / irmãozinho meu / Fusco. // Vai carta depois. Espere. Ildefonso falou bonita- / mente dos poetas daí: você – Guilherme, Bopp e / etc. Me prometeu mandar conferência e cantigas. / Mandando segue logo. / Recebo duas *Síntesis* cada mês: uma de Norah / Borges e outra da redação – desde maio / tenho duplicatas porisso mando sempre, não quer? / Estou recolhendo músicas cada uma que / só vendo Boi Barroso e Engenho Novo / andam de braço dado por aqui também. / Achei muita graça porque o Ascenso e / Leonardo me disseram que Minas é nordeste. / Acho que é mesmo. // Cataguases – agosto 928.

Na folha seguinte, que traz o serviço da publicação, Fusco registra: “Quando é que a gente poderá arranjar uma coisa como esta por aqui, heim?” No início do artigo de César Arconda, puxa seta do nome do artigo e escreve: “Pedaço dum / artigo publicado na / *Gaceta*. Fala o que / achou da amostra”; e no rodapé: “V. críticas dele na *Gaceta Literaria*. / Mandarei nºs breve.”

Na capa de *Criterio*, de 4 de outubro de 1928 (revista mensal portenha), Fusco anota: “Recebeu carta e as músicas? / Mande contar. / Fusco / 14 – 10 – 928”

A correspondência indica o envio também das revistas *La Gaceta del Sur* (jornal mensal de Rosário – Argentina de arte e literatura) e *Martín Fierro* (periódico quinzenal

¹³⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 27/5/28, AMA, IEB-USP.

argentino de arte e crítica livre). Em agosto de 1928, Fusco julga por bem explicar-se para o amigo:

Eu não estou ficando ibero-americanista não, Mário, Deus me livre disso. Na verdade que eu tenho amigos que gostam bem da coisa porém não participo da comunhão de ideias deles não. Correspondo com o Pereda, Nicolas, Norah e etc. porém eles também tem uma raiva danada disso como prova leia os artigos do Pereda em *La Pluma* de Montevideu. – Já mandei *Síntesis* nº prometido mais *La Sierra* e outra *Proa* bem interessante. Fale logo o que acha dos artigos do Jorge Luis.¹³⁶

Ser “ibero-americanista” para Mário de Andrade não parecia um rótulo positivo, pois significava eliminar as diferenças e especificidades de cada país, principalmente do Brasil. Em relação a Fusco, a preocupação era exatamente ignorar as diferenças. No primeiro número de *Verde*, o pequeno artigo de Fusco, “É preciso paz na arte Moderna”, além de defender a liberdade de criação e pesquisa na busca de uma literatura brasileira nova, abrigou a declaração do autor de que não entendia as divergências entre os modernistas, ou seja, revelou a sua ingenuidade, por não perceber que nem todas as vertentes literárias da época eram, de fato, renovadoras. Ao redistribuir as revistas recebidas, Fusco favorecia o intercâmbio entre autores da América do Sul. Contudo, não dava provas nas cartas de que estivesse compreendendo claramente as diferenças de propostas estéticas e políticas entre os diversos grupos modernistas.

Fusco também buscou contribuir com os estudos musicais de Mário de Andrade. No princípio, a brincadeira; o moço pediu a Pierre Teothônio da Silva, maestro da cidade, que musicasse poemas de Mário de Andrade, o “Coco do major”, de *Clã do Jabuti*, e “Rondó do brigadeiro”, estampado na *Verde* nº2. Em carta de janeiro de 1928, Fusco explica: “O ‘Coco do major’ por si já é uma toada gostosíssima.” Comunica na carta seguinte: “O Pierre prometeu (ele mesmo) arranjar uma toada bem puxada pro ‘Brigadeiro’. / Isso no cavaquinho é bem bom.”¹³⁷

Ao perceber o interesse musical do grupo, Mário de Andrade pede ajuda para suas pesquisas:

Vocês dois, Ascânio e Você, falam em aboios que escutaram por aí. Por acaso vocês se lembram das notas desses aboios? Peçam pro músico do grupo registrá-los, sem compasso (em geral esses gritos não têm compasso), tomando a semínima por unidade de batida e marcando os acentos com o sinal ^. URGENTEMENTE. E também se vocês souberem alguma modinha, alguma toada, algum desafio, registrem isso e me mandem.

¹³⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 26/8/28, AMA, IEB-USP.

¹³⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 9/1/28 e 11/1/28, AMA, IEB-USP.

URGENTEMENTE. Fui convidado pra apresentar trabalho musical folclórico na Exposição Internacional de Arte Popular de Praga este ano. Vou enviar um trabalho útil de registo de melodias populares brasileiras creio que “Cinquenta elementos melódicos do Brasil”, com comentários e introdução. Coisa urgente, não esqueçam. De Minas só tenho uma cantiga inédita. Quero mais e se vier de vocês boto no livro. Mas tenho urgência. Registrem só a melodia sem harmonização.¹³⁸

Fusco atende ao pedido do amigo. Com a ajuda de Pierre, coleta músicas da região de Cataguases. Em março, indica o envio de algumas melodias: “Gostou das toadas. Amanhã vai aboios e versos das músicas se quiser **ESCREVA LOGO E DIGA SINCERAMENTE** se gostou que fico alegre!”¹³⁹

Mário de Andrade responde, agradecido:

Não esqueça os aboios e também você prometeu uma berceuse (acalanto) que não veio.// Sinceramente: gostei muito da contribuição. [...] // E cantigas de trabalho, cantigas de remeiros pra remar, de mineiros, de pedreiros, pregões de vendedores ambulantes, toada de carregadores de pianos, cantigas infantis de roda ou não, desafios, não se esqueça que tudo serve. Tudo é elemento de estudo e merece fixação.// Insisto porque percebo em vocês aí de Cataguases esta mesma força sadia de trabalho, de ação eficiente que eu tenho. Você nem imagina que poder de cartas tenho escrito pedindo melodias. Porém ninguém não se importa! Vamos a ver se agora aparecendo os frutos, vou ser mais marupiar! // Por tudo isto você pode ter certeza que estou cada vez mais chegado com vocês daí. Toca pra frente, canaiada!¹⁴⁰

A correspondência, ao longo de 1928, registrou o envio das composições musicais populares *Dança do caroco*, *Jabirá*, *Cará*, *Zé pum*, *Sô Mané Joaquim*, *Itororó*, *O rio está cheio*, *Pagode* e *Ditado da casa caiada*. As quatro primeiras foram aproveitadas no *Ensaio sobre música brasileira*, lançado por Mário de Andrade no final de 1928. O livro traz, em nota, o agradecimento do autor a Rosário Fusco e Pierre.

3.3.11. Camilo Soares e Mário de Andrade

Camilo Soares começou a escrever a Mário de Andrade pouco depois do lançamento do primeiro número da *Verde*, animado tanto pela boa receptividade da revista como pela disposição de Mário de Andrade em dialogar com Fusco. Camilo Soares deixou transparecer sua expectativa do contato com o escritor paulista: “Sou um novato. Novatinho. Pouquíssimo

¹³⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 25/2/28, ARF, AMLB-FCRB.

¹³⁹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, [ant. 9/3/28], AMA, IEB-USP.

¹⁴⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 9/3/28, Acervo Rosário François Fusco.

conhecido. Preciso de propaganda, você não acha? Posso contar com o seu apoio?”¹⁴¹ Igualmente, desejou angariar a boa vontade de Mário de Andrade para com seus versos: “Olha, Mário, ninguém pode se queixar da vida como eu. Tive uma infância mais calma que o governo Rolinha. Doente. Minha mãe morreu cedo. Fui criado em casa de outros. Judiaram comigo.”¹⁴²

Mário de Andrade apontou a necessidade de modificações dos poemas enviados. Entretanto, já na segunda carta, Camilo Soares defendeu a não correção de seus textos. E, na terceira carta, insistiu neste ponto:

Quanto a corrigir versos isso para mim é questão fechada. Você não me convence. O Martins de Oliveira já me cantou isso muitas vezes. O Henrique também. É um costume velho. Bom costume. Nunca hei de ser um poeta forçado. Porque nunca forcei a mim mesmo. O que é ruim para que modificar? Joga-se fora. Sou assim.¹⁴³

Entretanto, Mário de Andrade conservou em seu arquivo poemas de Camilo, entre os quais, “A aleijadinha da cadeira de rodas” (encaminhado com a carta de 29/10/27) e uma segunda versão dele com o título “A menina da cadeira de rodas” (enviado depois de 29/10/17). Além do título, Camilo mudou “alma-zinha” para “almazinha” e “Deus-do-céu” para “Deus do céu”; tirou a vírgula do penúltimo verso e acrescentou a palavra “todos” ao último verso. Mário de Andrade ainda guardou outros textos do jovem poeta, os quais contêm marcas de mais de uma etapa de escritura, mesmo em uma só versão, que comprovam que ele teria, por fim, modificado seus versos, apesar de enfatizar nas cartas que era refratário a isso.

As missivas de Camilo Soares para Mário de Andrade tornaram-se esparsas depois do rompimento do mineiro com os outros rapazes do Grupo Verde, perdendo a animação inicial. Não se tornaram mais formais, porém passaram a ser mais reflexivas. Desde o princípio, as mensagens de Camilo Soares mencionavam infortúnios familiares, mas depois expressavam, de modo mais contundente, melancolia, descrédito na vida, alguma autopiedade, além de mostrarem a insatisfação profissional do jovem. Esse tom de tristeza muitas vezes é acompanhado de justificativas, como, por exemplo, a morte da mãe durante sua infância, o suicídio do pai em 1929, a necessidade de trabalhar e as dificuldades financeiras.

3.3.12. Enrique de Resende e Mário de Andrade

¹⁴¹ Camilo Soares a Mário de Andrade, 29/10/27, AMA, IEB-USP.

¹⁴² Camilo Soares a Mário de Andrade, [post. 29/10/27], AMA, IEB-USP

¹⁴³ Camilo Soares a Mário de Andrade, [post. 29/10/27], AMA, IEB-USP

Na correspondência com Mário de Andrade, Enrique de Resende tratou majoritariamente da *Verde*. Nas cartas do engenheiro, apareceram agradecimentos pelo envio de colaborações e de ajuda financeira, assim como pela publicação de notícias sobre a revista.

Da mesma forma que a maioria dos demais cataguasenses, Enrique mandou versos para avaliação de Mário de Andrade. A pesquisa não localizou a carta que seria a primeira de Mário de Andrade a Enrique de Resende, mas parece que ela traria observações sobre poemas do moço. Isso pode ser inferido a partir da mensagem do início de dezembro de 1927, quando Resende agradeceu a camaradagem e a franqueza a respeito dos seus textos:

Mas voltemos a sua carta. Eu compreendi, penetrei perfeitamente no que V. disse a respeito de minha técnica. // Compreendido, porque, como ficou dito aí pra trás, eu já pensava assim também, sem saber, embora, explicar o que pensava. A diferença que existe entre os outros de cá e mim é que eles são mais ariscos, são mais charlestonizados, mais mários, mais oswalds, mais bandeiras do que eu. – E olhe: eu ficarei onde estou. Cada macaco no seu galho, não é? Creio que poderei realizar alguma coisa no meu gênero, com a minha rítmica e a minha maneira de sentir.¹⁴⁴

Enrique de Resende pareceu não acreditar que pudesse modificar sua forma de fazer versos. Embora tivesse aceitado as alterações propostas por Mário de Andrade nas composições remetidas. O poema “Senzala”, por exemplo, passou pelas modificações recomendadas antes de sua divulgação.

3.3.13. Ascânio Lopes e Mário de Andrade

As seis cartas de Ascânio Lopes a Mário de Andrade apresentaram variações significativas. As duas primeiras são bilhetes, transparecendo o entusiasmo com a movimentação do grupo dos verdes e o desejo de participar da conversa com o escritor modernista. As duas cartas seguintes são de “outro” Ascânio: um moço que morava em Belo Horizonte, estudava Direito, trabalhava em uma repartição pública e em um jornal oficial do governo para se sustentar e, de vez em quando, “se metia a estudar assuntos graves” – como escreveu Alcântara Machado no necrológio do rapaz, na *Revista de Antropofagia*.

¹⁴⁴ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 13/12/27, AMA, IEB-USP.

Na carta de janeiro de 1928, escreveu sobre Mário de Andrade: “Mas o que mais admiro em V. é a franqueza e a amizade e os conselhos que dá a todos os novos que tributam a V. uma amizade admirativa e creem sinceramente na firmeza de sua mão [guiadora] inteligente.”¹⁴⁵ Em outra, de 13 de maio de 1928, desejou estabelecer uma discussão teórica sobre o artista e os traços definidores do estilo de cada escritor. Ascânio Lopes encerrou a mensagem pedindo para ser “aprendiz” de Mário e não “discípulo”. Ou seja, coloca-se no lugar daquele que é principiante e aprende com alguém mais experiente um ofício ou uma arte, e não de um seguidor de doutrinas.

Compreende-se que o desejo de Ascânio Lopes, expresso no contato epistolar com Mário de Andrade, era estabelecer um debate literário de alto nível (não apenas sobre textos, como também sobre estética), em que o principiante iria desenvolver-se no diálogo com o mais experiente, porém com liberdade para defender as próprias ideias.

Esta pesquisa logrou recuperar uma carta de Mário de Andrade a Ascânio Lopes. Esboço de outra missiva do autor paulista pode ser flagrada no rodapé da própria carta de Lopes, de março de 1928. Nesse rascunho se lê:

Frase que grifei: frg.3: [sic] também falei em minha carta que um fulano burro (o que quer dizer possuindo só defeitos) ou de pouco ou falso poder criador, era logo abandonado porque não podia interessar, “ênfatizar-se” com a gente. O sujeito que só possui defeitos é abandonado peremptoriamente e não entra em linha de conta. Porém o que de fato não precisei foi dos defeitos de que falava. Tem defeito e defeito. Osvaldo tem o defeito de não ler nada. Acho que deve continuar nele. Quando lê e se mete escrevendo sob influências de leituras só vendo que [ilegível], que chateza e quanta besteira. Há defeitos psicológicos que caracterizam um fulano. Agora os defeitos provenientes de falta de metier, esses não adiantam pra personalidade psicológica de ninguém. Porque entre metier, artefacção, ofício e técnica, vai uma distância vasta.¹⁴⁶

Nas duas últimas mensagens do conjunto, um novo tema entrou em pauta. Ascânio Lopes partilhou a notícia de sua saúde debilitada, mas não assumiu a postura de vítima. Voltou a ser o moço de Cataguases envolvido com a edição da revista, pedindo a opinião de Mário sobre as mudanças de formato.

3.3.14. Francisco Inácio Peixoto e Mário de Andrade

¹⁴⁵ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, 2/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁶ Nota de Mário de Andrade no corpo da carta de Ascânio Lopes a Mário de Andrade, 13/3/28, AMA, IEB-USP.

Francisco Inácio Peixoto admite a pouca disposição de escrever a Mário de Andrade. Decerto, sabia que o diálogo com o escritor paulista obrigava a uma postura ativa de pensar a respeito dos próprios textos e do momento literário. O desejo de postergar esse contato desejado, mas trabalhoso, estava em pelo menos três cartas. Na carta de março de 1928, Peixoto mostrou a atitude negligente: “Todos os dias eu faço vesperar pra escrever a você. Mas não tem jeito não. Por causa da preguiça que é muita”. Na carta seguinte, expressou o constrangimento da demora em responder: “Estou até sem jeito nenhum de responder sua carta do mês de março.”¹⁴⁷

Mesmo assim, Peixoto teve a expectativa de que o contato com Mário de Andrade o ajudasse a desenvolver-se literariamente: “Rapaz, não tenho escrito nikel. Você precisa me ensinar um modo bom pra eu perder essa imbecilidade em que eu estou há uma porrada de tempo. // Quero ver se publico um livro ainda este ano, mas primeiramente vou submeter o bicho a sua apreciação.”¹⁴⁸

O rapaz lançou, no final de 1928, com Guilhermino Cesar o livro *Meia-pataca*. Não há registro na correspondência de que o livro realmente tenha sido submetido a Mário de Andrade. Apenas dois poemas de Peixoto foram conservados nos arquivos do autor de *Macunaíma*: “Maria Lavadeira” e “Ciúme”.

Peixoto, da mesma forma que Fusco, mandou fotografias a Mário de Andrade. Fusco enviou fotografias da turma e dele próprio; Peixoto, da cidade: “Mando hoje 2 vistas pra você: uma de Cataguases do tempo da onça outra de Cataguases como está hoje. Veja se você consegue gostar da minha terra.”¹⁴⁹

3.3.15. Guilhermino Cesar e Mário de Andrade

O único que não enviou textos para apreciação de Mário de Andrade foi Guilhermino Cesar, ao contrário de sua intenção declarada na sua primeira carta. Guilhermino começou a

¹⁴⁷ Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, 18/3/2[8] e 6/5/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁸ Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, 6/5/28, AMA, IEB-USP.

¹⁴⁹ Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, 18/3/28, AMA, IEB-USP. Entretanto, na série Fotografia no Arquivo de Mário de Andrade no IEB, havia apenas uma foto com indicação de ser de Cataguases: Foto 1927 746, AMA, IEB-USP. V. ANEXO J.

corresponder-se com o escritor paulista bem depois dos outros verdes. A troca de cartas só foi intensificada por ocasião da criação da revista *Leite Criôlo*, em Belo Horizonte. Mas, mesmo assim, a interlocução epistolar entre eles não teve longa duração.

O que individualizou essa correspondência foi a tentativa, por parte de Guilhermino Cesar, de desfazer qualquer mal-entendido em relação à participação dele e dos amigos de *Leite Criôlo* na *Revista de Antropofagia*.

A *Revista de Antropofagia* foi lançada em 1º de maio de 1928, trazendo o Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade. Teve duas fases: a primeira “dentição”, editada de maio de 1928 a fevereiro de 1929, em dez números mensais; a segunda, de março a agosto de 1929, encartada no *Diário de São Paulo*. Na primeira fase, dirigida por Alcântara Machado, a revista é eclética e recebe colaboração de várias regiões, inclusive dos rapazes da *Verde*. Na segunda fase, o tom é mais polêmico e radical contra qualquer possível recaída no passadismo, embora não tenha perdido o humor. Mário de Andrade e Alcântara, considerados antropófagos importantes na primeira fase, foram alvos de duras críticas na segunda.

A revista *Leite Criôlo* foi fundada em Belo Horizonte, em 13 de maio de 1929. Os textos de seus três criadores na capa do número inaugural particularizaram um dos aspectos do hibridismo cultural brasileiro: o das heranças negras na “sensibilidade nacional”.

Guilhermino Cesar, logo após o lançamento do primeiro número de *Leite Criôlo*, apressou-se em pedir a colaboração do amigo paulista para a iniciativa e em afirmar que a revista não tinha vínculos com a *Antropofagia*. É natural que Guilhermino Cesar, como um dos verdes, se solidarizasse com Mário de Andrade e se afastasse da *Revista de Antropofagia*, em um momento em que o escritor era recorrentemente ridicularizado. Além disso, a esta altura, já deveria ser de conhecimento dos mineiros o rompimento entre Mário e Oswald de Andrade. O rapaz escreveu a Mário de Andrade:

o Peixoto e o Fusco teve [sic] um jeitinho de perguntar o que eu acho da antropofagia agora. Francamente que eu não penso nada e só sei dizer que a rapaziada de Minas não está querendo aderir, embora já tenha havido até promessa de escanchar, em público e por carta, se a adesão não brotar de qualquer maneira. A gente acha isso feio à de beça e fica de lado espiando.¹⁵⁰

A explicação de Guilhermino Cesar fez-se necessária porque, no dia 1º de maio de 1928, foi publicado, na *Revista de Antropofagia*, texto de Achilles Vivacqua com a indicação “Especial para nós – da Sucursal da ‘Antropofagia’ em Minas Gerais (Lagoa Santa)”. Tal fato deu a entender que o grupo de *Leite Criôlo* estava filiado ao da *Antropofagia*. Agravava a

¹⁵⁰ Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, 15/5/29, AMA, IEB-USP.

situação o mesmo número da *Antropofagia* estampar nota irônica sobre o texto de Mário de Andrade, “Monólogo dum elefante do Circo Sarrasani”, para a série Mês Modernista do jornal carioca *A Noite*.

Em abril, *Leite Criôlo* foi anunciada na *Revista de Antropofagia* nº10, segunda fase, como iniciativa do “Clube de antropofagia de Minas Gerais”: “Isso é a prova de que Minas não é só Cataguases. E em Belo Horizonte, ninguém olha com simpatia para esses transbordamentos líricos de Mário de Andrade pela meninada serelepe.”

Guilhermino Cesar buscou explicar a situação aos verdes de Cataguases, já que a nota poderia trazer contrariedade aos colegas. Em maio de 1929, escreveu a Francisco Inácio:

Um belo dia apareceu o Dornas aqui em casa dizendo que o Bopp pedira pra ele umas coisas, tendo mandado Feira Lit. com um pedaço de *Cobra* e propondo ao Dornas uma sucursal da Antrop. aqui em B. Horiz., coisa já proposta ao Carlos e até ao João Alphonsus, que não responderam nada. Os paulistas tentaram até pagar 200\$¹⁵¹ pro pessoal movimentar a suc. Ninguém aceitou, está claro. Mas em vista de tanta fornicção, inda mais fortalecida por um tal de Clóvis de Gusmão, o Achilles caiu sem sentir com colaboração. Vai os homens do *Diário de São Paulo* sapecam: “Suc. do posto de antrop.” Coisa que parece a quem está de fora um sinal de “ora, está muito bem”. Depois resolvemos lançar *Leite Criôlo* (quanto à história da semelhança de sua carta, falarei depois) e os paulistas, ou melhor: o sr. Clóvis propôs à gente rotular o coitado assim: Suc. do clube de antrop. Ninguém foi na onda. O Dornas resolveu arrolhar o homenzinho, e como este tinha vindo com uma conversa comprida, dizendo que *O Jornal* e o *Para Todos* estão nas mãos dos mineiros, pedindo mesmo um manifesto (a que me opus) e uma entrevista sobre o criolismo pro *O Jornal* e o *Diário de S. Paulo*, Dornas mandou, mais de safadeza, e – até hoje. Tudo era lábia pra segurar o povo na taba deles. Passado algum tempo eu peço informação de S. Paulo e o Sr. Clóvis vem retratado em duas palavras duas. Quer dizer: gente que não nos convém. Depois é besteira de Oswald e Bopp estarem com essa rivalidadezinha. Oswald já estava ficando esquecido, precisava fazer barulho e focalizar o seu nome, vai arranja essa besteira contra Mário e Alcântara, os quais a gente pode não seguir cegamente, mas é obrigado a aplaudir. Dois homens que trabalham como sabem trabalhar e estão mesmo modificando a atmosfera da nossa gente de letras.¹⁵²

Mário de Andrade chegou a mandar poema para ser publicado por *Leite Criôlo*. As poucas cartas trocadas em 1929 entre Guilhermino e o escritor paulista tratavam tanto do periódico de Belo Horizonte quanto da segunda fase da *Verde*. A revista de Cataguases só conseguiu lançar um número naquele ano e *Leite Criôlo* teve continuidade, ocupando meia página do jornal *Estado de Minas*, por 18 edições entre 2 de junho e 19 de setembro de 1929. Os rapazes da *Verde* e da *Leite* não assinaram mais textos na *Antropofagia*.

¹⁵¹ 200\$000: duzentos mil-réis.

¹⁵² Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 27/5/29, AFIP, AMLB-FCRB.

3.3.16. Tensões no diálogo: “Espero carta de você me explicando esse negócio bem direitinho”¹⁵³

Embora a ambiência de amizade tenha sido almejada tanto da parte dos rapazes do Grupo Verde de Cataguases quanto de Mário de Andrade, o diálogo dos sete escritores não deixou de ter momentos de tensão, divergências e pedidos de esclarecimentos.

Admitir que cada um dos sete missivistas teria expectativas e interesses próprios é presumir que, mesmo epistolar, a conversa estaria transpassada por pontos de tensão. Rosário Fusco foi o maior adesista das novidades do movimento modernista e se mostrou entusiasmado ao dialogar com Mário de Andrade, principalmente pela disposição do escritor em comentar seus textos e opinar acerca de seus projetos literários. Mesmo assim, não aceitou tudo passivamente. Camilo Soares e Enrique de Resende não aderiram ao jogo didático marioandradiano, mas modificaram seus versos, em resposta às exigências do escritor. Peixoto não demonstrou disposição para debates com o paulista. Ascânio quis um debate livre, mas não teve tempo de aprofundá-lo. E Guilhermino ficou tão envolvido em tocar as revistas, que apenas pôde encontrar em Mário um colaborador ilustre.

Uma questão que poderia ter suscitado instabilidades seria a própria natureza do contato epistolar, já que, em muitos momentos, houve dúvidas sobre o recebimento pelo destinatário do material enviado. Foram complicadores da trama, mas que não chegaram a prejudicar a construção do diálogo: as demoras na redação das respostas ou a lentidão do correio; a ansiedade ou a despreocupação de esperar o recebimento de resposta antes da remessa de uma nova mensagem.

Contudo, entre todos os momentos que expuseram a fragilidade dessa amizade “carteadeira”, os mais graves foram os que envolveram a *Verde*. O primeiro deles está relacionado aos pronunciamentos de Mário de Andrade sobre a revista no *Diário Nacional*.

Em anexo à carta a Fusco, no início de novembro de 1927, Mário de Andrade remeteu a notícia de 25 de outubro de 1927, na qual divulgou a *Verde* nº1, em sua coluna no *Diário Nacional*. O mineiro agradeceu a nota e o recorte. Outros artigos do escritor paulista saíam no mesmo periódico. Ainda em 20 de novembro, estampou “Da metáfora (carta aberta a

¹⁵³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 22/10/27, AMA, IEB-USP.

Rosário Fusco)”; em 18 de dezembro de 1927, assinou resenha, com enfoque na *Verde* nº3, lançada no final de novembro. Este último texto elogiou a publicação cataguasense, mas a pouca atenção do crítico aos poetas “da casa” causou contrariedade. Mário não apenas deixou de citar os poemas dos verdes, como também insinuou que a juventude que os caracterizaria justificava as partes fracas da revista: “a parte teórica, críticas, manifestos, ensaios é o fraco da revista [...] Mas carece lembrar que esses rapazes donos da *Verde* dançam ainda na sala dos dezoito anos.”¹⁵⁴ Rosário Fusco protestou:

Porque, Mário, nas críticas que você faz da *Verde* cita só as coisas dos rapazes de fora? Há muito tempo que estou notando isso mas estou calado. Agora achei que já era desaforo já. Puxa! Você precisa falar na gente de casa também. Mesmo a gente não prestando. Mesmo pra meter o pau... // Espero levar uma porrada de esculhambações na crítica do nº4, ouviu?¹⁵⁵

Enrique de Resende também escreveu para demonstrar insatisfação com a nota de Mário de Andrade. Em sua carta, ficou ainda mais evidente que os rapazes que sustentavam e trabalhavam na revista o mês inteiro tinham a expectativa de ver seus nomes citados. Mesmo o comentário negativo para eles seria uma oportunidade de atenção:

Mas é preciso uma pequena advertência. Você toca em todo mundo, menos na gente. Ora, você compreende perfeitamente que o que nós queremos, com isso, não é o seu elogio no jornal. É a sua crítica. Você fala na *Verde em geral*, nalguns dos seus colaboradores mais tacos, mas não faz apreciação sobre os demais. E isto é necessário para quem está, como nós, no começo da dança. Sobretudo partindo a apreciação de quem parte.¹⁵⁶

Em carta de janeiro de 1928, o autor de *Macunaíma* explicou sua intenção de demonstrar a variedade da revista. Argumento consensual, pois o próprio Fusco muitas vezes pediu a Mário de Andrade que arrumasse colaboração com seus amigos e Enrique de Resende, na própria carta em que reclamou da nota sobre *Verde*, agradeceu a Mário de Andrade por ter conseguido colaboração de Guilherme de Almeida. Mário de Andrade esclareceu:

Não tenho aqui as notas que escrevi sobre *Verde* porém foi imaginando que já repetira muito o nome de vocês que na terceira não falei neles. Pra interessar pela variedade o público. Fiz isso conscientemente e não porque

¹⁵⁴ ANDRADE, Mário de. “Livros – D. Cayafa Soca; ‘Verde’ revista moderna N. 3; ‘Festa’ nos. 1, 2 e 3”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/1927, p. 11, Biblioteca Nacional.

¹⁵⁵ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 18/12/27, AMA, IEB-USP.

¹⁵⁶ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 25/12/27, AMA, IEB-USP.

não gostasse dos poemas do grupo mais legitimamente de *Verde*, isto é, vocês.¹⁵⁷

A busca de contato epistolar com escritores de vanguarda de diversos grupos foi um empreendimento que Rosário Fusco pôs em execução antes de começar a se corresponder com o escritor paulista. Mário de Andrade dinamizou o trabalho de colocar o Grupo Verde em contato com outros modernistas. Em carta de novembro de 1927, sugeriu a Fusco que enviasse a revista a dois escritores do Rio Grande do Sul e disse que ele mesmo mandaria a revista para o Norte: “Vou mandar *Verde* que está comigo sobrando, para Humaitá, pleno rio Madeira, lá no fundo do Norte.”¹⁵⁸

É razoável supor que Mário de Andrade, na notícia dada no *Diário Nacional*, desejasse mostrar o quanto a publicação estava integrada à rede de sociabilidade intelectual que se formou durante o movimento modernista. Inclusive esse seria um ponto positivo da *Verde* e realçaria sua diferença em relação à revista *Festa*. A revista mensal carioca saía desde outubro de 1927 e tinha à frente Tasso da Silveira e Andrade Murici, caracterizando-se pela revalorização da herança poética simbolista e por defender a aliança entre a arte e a religiosidade. Esse direcionamento estético afastava os escritores que mantinham *Festa* dos modernistas paulistas e cataguasenses, que, inclusive, duvidavam do “verdadeiro modernismo” daqueles autores. Vale recuperar que *Verde* e *Festa* fomentaram alterações críticas. Em resposta à crítica “A Enxurrada”, de Tasso da Silveira, em *Festa* nº4, de janeiro de 1928, Francisco Inácio Peixoto, na *Verde* nº5, assinou “Mestre Tasso, otimista impenitente”.

A “implicância” dos verdes com a revista do Rio de Janeiro começou desde o seu aparecimento. Em carta a Mário de Andrade, Camilo Soares escreveu: “Recebi estes dias uma macetíssima revista carioca, do tamanho de um bonde, e vagabunda como um bonde da cantareira. *Festa* é uma revista do Tasso. Porcaria. O Murici chato como um chato sai a toda hora como número obrigatório para encher buraco.”¹⁵⁹ Na *Verde* nº3, de novembro de 1927, apareceu a nota de Ascânio Lopes sobre *Festa* nº2: “O melhor da revista é o título que ocupa uma página inteirinha, livrando-nos de muita prosa macete do sr. Andrade Murici.”¹⁶⁰ Na *Verde* nº4, de dezembro de 1927, Rosário Fusco opinou sobre *Festa* nº3: “*Festa* veio bem milhorzinha desta vez. Noto, porém, nos escrivinhadores da revista aquela preocupação

¹⁵⁷ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 3/1/28, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁵⁸ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 10/11/27, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁵⁹ Camilo Soares a Mário de Andrade, [post. 29/10/27], AMA, IEB-USP.

¹⁶⁰ LOPES, Ascânio. *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 26.

velhíssima de mostrar que já leram muitos senhores de nomes encrencados. A eterna mania de arrotar cultura, com citações paulificantes de sujeitos mais paulificantes ainda.”¹⁶¹

O desacordo não impediu que Tasso publicasse em *Festa* nº8, de março de 1928, resenha imparcial de *Poemas cronológicos*, e essa crítica fosse reproduzida na *Verde* nº5, no Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio: “Alguns são poemas da ‘realidade presente’, e são os que mais me satisfazem: a capacidade de sentir a ‘realidade presente’ marca o poeta. Outros são cantigas de saudade. E de saudade saudosista: não me agradam.”¹⁶²

Contudo, quando Mário de Andrade escreveu sobre *Verde* nº3, em dezembro de 1927, a oposição entre as duas publicações ainda não era tão viva quanto àquela entre o grupo de *Festa* e os modernistas paulistas. Na segundo número da revista carioca, Tasso, a propósito da publicação dos *Estudos*, de Tristão de Athayde, assinou artigo sobre as duas vertentes de renovação literária identificadas pelo crítico: uma seria de Graça Aranha e outra primitivista, formada por Mário e Oswald de Andrade. Ao analisar a segunda corrente, disparou contra o amigo dos verdes:

Mário e Oswald de Andrade; dois prosadores de talento (quando não escrevem em cassange), que resolveram renovar a... poesia brasileira... // [...] Prosadores reformando a poesia (os sonetos parnasianos do sr. Mário de Andrade são o atestado mais patente de sua incapacidade poética) só poderiam dar o resultado que aí vemos. A blague. A jocosidade de mau gosto. A ausência completa do sentimento do ritmo, que só os verdadeiros poetas possuem. O pastiche, de coisas europeias e passadas. E ainda: a bolshevicação da língua. A desfiguração dos nossos mais característicos sentimentos, a absoluta exclusão do pensamento sério e sincero. Em suma: a renovação mais às avessas e menos brasileira que se pudesse desejar.¹⁶³

A resposta do autor de *Remate de males* veio no texto “Festa nº1, 2 e 3 – Rio de Janeiro”, estampado no mesmo dia e na mesma página do *Diário Nacional* em que estava a notícia sobre *Verde* nº3. O artigo de Mário, apesar de louvar a iniciativa de publicar a revista e de elogiar a parte de poesia, mostra o apagamento do grupo frente ao outros movimentos de renovação:

Talvez mesmo devido às preocupações de ordem espiritual e um pouco abstrata que o animam, tem um grupo de literatos no Brasil, que vai passando por demais na sombra. Esse grupo afinal resolveu chamar a atenção do brasileiro leitor, para ele e está publicando uma revista, *Festa*.

¹⁶¹ FUSCO, Rosário. “Festa n.3”, *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 25.

¹⁶² SILVEIRA, Tasso da. *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] 1927, p. 11 do Suplemento.

¹⁶³ SILVEIRA, Tasso da. “Renovação, a propósito de um livro de Tristão de Athayde”, *Festa* nº2, Rio de Janeiro, novembro de 1927, p. 6.

Fez muito bem. Se mais ou menos ele vivia na sombra, não se pode culpar disso os que viviam chamando atenção, conseguindo um momento quase monopolizar a preocupação literária brasileira.¹⁶⁴

Mário de Andrade não deixou de apontar que as propostas estéticas do grupo passavam ao largo da renovação literária do movimento modernista e acrescentou que a revista fora aceita com simpatia graças à utilização dos recursos empregados pelas publicações modernistas anteriores, como *Klaxon*, *Estética*, *A Revista* e *Terra Roxa e outras terras*. Manuel Bandeira, em carta a Mário de Andrade de janeiro de 1928, refere-se a esse artigo: “O ‘gordinho sinistro’ (Augusto Schmidt) me contou que o grupo da *Festa* ficou satisfeito com a sua notícia crítica. Achou exatamente o que você me disse dela: simpática. Aí está uma simpatia que eu não queria pra mim: antes ser agredido!”¹⁶⁵

O tom entusiasmado do artigo sobre *Verde* nº3 chegou a contrastar com o do texto apresentado na mesma página sobre a revista carioca:

O número três da revista *Verde* veio positivamente brilhante. Todo um grupo de escritores novos aparece nele, felizes de escrever prosa ou verso, se dando bem dentro do Brasil. É um número duma alegria e duma ingenuidade prodigiosa. Esses moços de Cataguases estão realizando deveras um milagre. São tão corajosos, tão impetuosos e tão felizes que acabam dinamizando o mundo. Devem descender na certa do bataclânico e jazzbândico barão das Catas Altas, com ramal pela Chica da Silva. // Este número aliás tornou a revista... (será cataguasense que se diz?) mineira, internacional.¹⁶⁶

Verde realmente tinha propostas estéticas muito próximas às defendidas pelo grupo que participou de *Klaxon* e de *Terra Roxa e outras terras*. Além disso, a revista cataguasense era a prova da penetração das ideias modernistas no interior do país. Acrescenta-se que a aproximação de escritores modernos de várias regiões do Brasil e até mesmo internacional demonstrava a amplitude do movimento e, por isso, sua força. O apoio de Mário de Andrade ao Grupo Verde tinha muito de estratégico em favor da difusão e consolidação de sua proposta estética para o Movimento Modernista. São as tomadas de posição estéticas e políticas que indicam as lutas e movimentações do campo intelectual nesse momento. Contudo, os verdes, ao manterem a revista, queriam, mais que dar apoio, participar como agentes. Daí o mal-estar provocado pela omissão de seus nomes.

¹⁶⁴ ANDRADE, Mário de. “Livros – D. Cayafa Soca; ‘Verde’ revista moderna N. 3; ‘Festa’ nos. 1, 2 e 3”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/1927, p. 11, Biblioteca Nacional.

¹⁶⁵ Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 10/1/28, In: *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. intro. e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000, p. 373.

¹⁶⁶ ANDRADE, Mário de. “Livros – D. Cayafa Soca; ‘Verde’ revista moderna N. 3; ‘Festa’ nos. 1, 2 e 3”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/1927, p. 11, Biblioteca Nacional.

Em virtude desse sentido estratégico de dar continuidade à revista *Verde*, Mário de Andrade lamentou o fato de os rapazes de Cataguases, a partir de 1928, darem prioridade à publicação de livros e diminuírem a periodicidade da revista. A primeira carta de Enrique de Resende a Mário de Andrade já deixa transparecer o desejo de publicação de livros. Enrique de Resende imaginava que, ao contrário do que aconteceu, seriam os livros e não as revistas que tornariam peregrino o movimento realizado em Cataguases. Isso ficou bem claro na carta enviada por Enrique de Resende a Guilhermino Cesar, ao explicar seus planos editoriais para o grupo:

Anunciei, sem o seu consentimento, na minha crônica de abertura do último nº da *Verde*, o aparecimento de seus poemas em livro, com o Martins Mendes. Foi só para anunciar movimento. É do que precisamos. Terei prazer se vocês levassem avante o que registrei. Mesmo que *Verde* dure pouco tempo, (o que não espero) com a publicação de livros durante a sua existência o movimento cataguasense se firmará – e nós ficaremos marcados no movimento geral.¹⁶⁷

Em 1928, saíram dois livros do grupo, *Poemas cronológicos*, de Fusco, Enrique de Resende e Ascânio Lopes, e *Meia-pataca*, de Peixoto e Guilhermino; *Verde* teve apenas um número. Ao longo do ano, a correspondência com Mário de Andrade registra os planos do grupo em promover a reforma da revista para que ela não morresse. Ascânio Lopes sugeriu a diminuição do tamanho do periódico, e Mário de Andrade aconselhou que fosse dada prioridade aos escritores do próprio Grupo Verde. Fusco reagiu: “Esse negócio da revista ficar menor e só publicar gente de casa é que não há meios pra mim concordar. Acho que só os de casa dão um ar danado de monotonia pra coisa e nós queremos justamente o contrário muito barulho é que é.”¹⁶⁸ O escritor paulista explicou sua opinião:

Eu penso mas é que vocês se devem conservar numa primeira plana absoluta dentro da revista. Que publiquem uma coisa de fora do Brasil ou de outra cidade brasileira está justo. Tanto penso assim que continuei mandando a colaboração minha. Porém minha opinião é que no caso de carecer tirar alguma coisa vocês estão na obrigação até moral de sacrificar os de fora, vocês nunca.¹⁶⁹

No início de 1929, os rapazes desejavam lançar uma segunda fase. Fusco publicou nova coletânea de poemas, *Fruta de conde*, e o grupo se preparava para editar *13 Poemas*, de Martins Mendes. Mário de Andrade, ao receber o livro do Fusco, notou a brasilidade dos versos, porém, mais uma vez, apontou a necessidade de amadurecimento da produção do

¹⁶⁷ Enrique de Resende a Guilhermino Cesar, 8/1/28, FGC, IEL-RS.

¹⁶⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 26/8/28, AMA, IEB-USP.

¹⁶⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 13/9/28, Acervo de Rosário François Fusco.

grupo pelo estudo e defendeu a continuidade da revista: “É principalmente nisso que vocês careciam de dar tempo ao tempo. Mas não querem e não tenho coragem nenhuma pra garantir que fazem mal. Eu pessoalmente é que preferia vendo vocês continuarem botando o milagre *Verde* pra frente em vez de livros publicando.”¹⁷⁰ Ao que pareceu, Mário de Andrade acreditou ser positivo o lançamento de livros, tanto que, no artigo sobre os *Poemas cronológicos*, afirmou: “Essa história da gente ficar poeta bom nas revistas é tão vago, tão diluído, tão sem corpo!... E um benefício enorme de exemplo já veio dos *Poemas cronológicos*”.¹⁷¹ No mesmo sentido, o escritor paulista usou como exemplo o fato dos verdes lançarem livros para incentivar a movimentação dos rapazes de Belo Horizonte, especialmente Carlos Drummond de Andrade. O que ele lamentava era o aparente desinteresse do grupo pela revista, pois a considerava veículo importante dentro do Modernismo.

O destino da *Verde* foi o assunto de maior tensão da correspondência. Em 1928, a dificuldade em manter a publicação resultou no longo intervalo entre as edições do número 4 e do 5. Fusco, pelo fato de acreditar no peso que o nome de Mário de Andrade dava à revista, e ao mesmo tempo, com o desejo de agradar-lhe, convidou-o para participar da revista como redator. Mário de Andrade não aceitou o convite alegando que isso poderia sugerir que ele estava à frente do grupo, o que resultaria em prejuízo para a imagem do grupo, o qual perderia sua independência. O escritor paulista aproveitou o momento para tornar clara a situação da revista:

E agora reflitamos um bocado sobre a situação de *Verde*. Qual é de fato? Imagino que a pior possível. Vocês sem dinheiro pra sustentá-la, os anunciantes não querendo mais bancar o trouxa. Assinatura ninguém não quer nem por amizade. Também fica feio a gente pedir assinatura pra uma coisa que não pode assegurar que saia o ano todo de assinatura, não é mesmo? Venda avulsa quase nula ou nula. *Verde* é um fruto de ilusão, como *Klaxon*, como *A Revista*, como *Estética*. Vocês carecem principiar matutando na possibilidade de matar *Verde*. Eu imagino que isto que falo vai doer feito relhada. Me desculpe se doer porém é a amizade mesmo que me obriga a falar assim. [...] Paguem dívidas se houver e pronto. Agora: se fizerem questão de *Verde* aparecer [segunda fase], conservo minha promessa, entro no número dos marchantes a 10\$000, como 5 marchantes, isto é, mandarei 50\$000 mensais.¹⁷²

¹⁷⁰ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 26/3/29, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁷¹ ANDRADE, Mário de. “Livros / Jorge Fernandes – Livro de poemas; Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*; Brasil Pinheiro Machado – *Quatro poemas*; Paulo Mendes de Almeida – *Cartazes*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/1928, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 11 do Suplemento.

¹⁷² Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo de Rosário François Fusco.

Certamente, foi duro para o grupo ver Mário de Andrade desnudar a morte iminente da revista, da aventura que os transformava em escritores de vanguarda. Em resposta à carta, Rosário Fusco tentou demonstrar ao amigo que as finanças não estavam tão mal, que ainda era possível manter a revista. Fusco tributou o convite que fizera à amizade, ao apreço por Mário de Andrade. Foi o mesmo motivo alegado por Fusco quando desejou fazer um número da *Verde* em homenagem ao poeta de *Clã do jabuti*.

Uma revista que se pretendia internacional não poderia dedicar-se exclusivamente a um autor. Isso desanimaria todo o trabalho de divulgação e colaboração que era feito – com a ajuda de Mário de Andrade, inclusive. O rompante de Fusco se explicou: em março de 1928, Mário de Andrade estava bastante animado com a colaboração musical enviada pelos rapazes de Cataguases. A carta de agradecimento incluía livros e fotografia. Fusco parece ter se contagiado com a animação de Mário de Andrade e deu a ideia de dedicar um dos números ao escritor paulista. Ainda acrescentou: “O pessoal já anda falando mal de mim aqui por causa do meu rabicho com você. Isso tudo não deixa de ser safado mas é duma gostosura superior, não acha! Eu e o Guilhermino achamos...”¹⁷³

Mário de Andrade precisou ter bastante habilidade para contornar a situação. Primeiramente, a recusa não poderia ofender amigos empenhados em ajudá-lo mandando toadas e músicas folclóricas. Também não poderia afastar os rapazes que publicavam a única revista exclusivamente literária do momento, alinhada com as propostas de renovação literária dos modernistas que, outrora, reuniram-se em torno de *Terra Roxa*. Então, Mário de Andrade alegou constrangimento em ser homenageado e se adiantou, ao prever o melindre do mineiro: “Você é tão desconfiado que vai pensar de certo que quero falar que isso me prejudicava por *Verde* não prestar. Não é nada disso. Simplesmente: homenagem não é meu gênero e eu sofria, palavra.” Em seguida, aproveitou a oportunidade para sugerir ao rapaz a necessidade de estudo e desenvolvimento estético, algo já assinalado algumas vezes e com que Fusco concordara. Por fim, Mário de Andrade procurou apagar a alusão ao “rabicho” de Fusco, ao lançar mão do discurso da amizade entre amigos que convivem e trabalham juntos:

De homenagem eu só compreendo mesmo esta amizade vasta e chegadinha que abandona todas as vaidades e esquece sem desconhecer todos os defeitos e agencia a vida comum num trabalho em que todos entram, como uma memória de amigo entra no sossego da gente: sensação de mão grande pesando no ombro e bom-dia. A gente solta um palavrão pra desabafo e gosta mais da vida ainda. Desista pois da ideia de homenagem. Ela me fazia sofrer e me deixava esgueto.¹⁷⁴

¹⁷³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/3/28, AMA, IEB-USP.

¹⁷⁴ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/3/28, ARF, AMLB-FCRB.

Para dirimir qualquer mal-entendido, Mário de Andrade ainda enviou, com a mesma carta, poema inédito para a apreciação dos verdes. Não é colaboração para a *Verde*, é a atenção ao pedido antigo de Fusco, de ter material original do escritor paulista para abrir debate crítico. Todo o exercício de Mário de Andrade não foi suficiente para desfazer a desconfiança de Fusco:

Você não quer saber de homenagens e tem muita razão. É a coisa mais chata deste mundo e até nem sei aonde eu estava com a cabeça naquela horinha. Perdão. Pensei no caso devagarinho e estou com vergonha de você – palavra! Me deu por vencido e envergonhado gostosamente embora não tenha deixado de banda a desconfiança com que você mesmo adivinhou. Achei suas palavras mucadinho irônicas e elas¹⁷⁵ me fizeram sofrer. Pra que negar? Porém nada disso tem importância pra mim. E pra você também, principalmente.¹⁷⁶

A desconfiança dos mineiros em relação à amizade de Mário de Andrade deixou suas marcas ao longo da correspondência. Ascânio Lopes iniciou a segunda mensagem dirigida ao escritor, expondo sua impressão: “Estou na dúvida se que V. quer ou não ser camarada. / V. disse pro Henrique que ia me escrever e até hoje não chegou a nada.”¹⁷⁷ Fusco, pela vez dele, desabafou: “Ninguém agradeceu *Poemas cronológicos*!... E você nem uma notinha no *Diário* como de costume! Isso tudo é uma falta de interesse que faz desconfiar a gente embora mineiro ande sempre desconfiado de qualquer jeito.”¹⁷⁸

Na carta em que se recusou a figurar como redator da *Verde*, Mário de Andrade aproveitou para protestar contra a desconfiança de sua amizade:

Vocês daí são tão desconfiados, mas tão TÃO mesmo que é muito difícil a gente comentar as coisas com vocês por causa do medo em que se fica de pisar no cachorrinho de vocês. Olhe, Rosário Fusco, deixa de bobagem duma vez por todas. Eu sou amigo certo de você e de todos daí. Nunca mais, como na penúltima carta, não desconfie de mim que isso é simplesmente estragar o gosto da nossa vida normal e andar com arrufinhos de namoro de esquina. Quando você não entender uma coisa que eu falar ou procedimento meu, pergunte que explico. Não desconfie que isso comigo é positivamente besteira.¹⁷⁹

A suspeição ganhou contornos surpreendentes, em relação ao envio de livros ao grupo. A motivação de Francisco Inácio Peixoto para iniciar sua correspondência com Mário foi não ter recebido do autor um exemplar do *Clã do Jabuti*. O exemplar acabou seguindo com uma

¹⁷⁵ Rasura: palavra “elas” escrita sobre outra ilegível.

¹⁷⁶ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 5/4/28, AMA, IEB-USP.

¹⁷⁷ Ascânio Lopes a Mário de Andrade, dezembro/27, AMA, IEB-USP.

¹⁷⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 14/3/28, AMA, IEB-USP.

¹⁷⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo Rosário Françoise Fusco.

dedicatória adivinhando a “desconfiança do mineiro”. Na carta seguinte, Peixoto afirmou: “Quem foi que te falou que eu não desconfiei? Desconfiei sim. Não fosse eu mineiro...”¹⁸⁰

Na metade de 1928, Mário de Andrade lançou *Macunaíma*, mas demorou a remeter exemplares aos amigos de Cataguases e, quando o fez, enviou-lhes sem dedicatória. Fusco reclamou:

Eu já andava alarmado – desconfiado da amizade de você, Mário. *Verde* já tinha seguido desde 3 de agosto, cartas também já (tudo registrado) *Diários Nacional e de Minas* já haviam anunciado aparecimento do livro... Enfim *Macunaíma* batuta chegou muito apressado agorinha porém me alegrou tanto que você nem imagina. [...] Não se esqueça da minha dedicatória PELA VOLTA DO CORREIO, FAÇO QUESTÃO: seguro morreu de velho...¹⁸¹

Pouco depois Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto publicaram *Meia-pataca*. Guilhermino conservou, em seu arquivo, carta de Peixoto com lista de escritores correspondentes que deveriam receber a coletânea de poemas. Entre eles, destacam-se Carlos Drummond e João Alphonsus, de Belo Horizonte; Alcântara Machado e Paulo Prado, de São Paulo. Também há indicação de remessa para livrarias, jornais e revistas.

Guilhermino Cesar notou a falta do nome de Mário de Andrade na lista: “Ao Mário você deve oferecer já e no oferecimento agradecer *Macunaíma*. V. sabe como é que digo.”¹⁸² Guilhermino Cesar estava preocupado em assegurar que o amigo de São Paulo recebesse o livro com dedicatória e agradecimento, pois sabia que Peixoto estava desconfiado da falta de interesse de Mário de Andrade pelos escritores de Cataguases devido a um mal-entendido. No mês anterior, Peixoto havia escrito a Guilhermino Cesar com queixas do “desprezo” do autor de *Macunaíma*, que havia mandado seu livro sem dedicatória:

Preste atenção no profundo desprezo do Mário nos oferecendo *Macunaíma* sem dedicatória e na alfinetada “elegantíssima” do seu Rosário. Ainda sou eu quem vai homenagear o Mário? Uma PORRA! [...] Por que o Mário não fez como o Alcântara que nem mandou o livro? Não seria muito mais delicado?¹⁸³

A explicação de Guilhermino Cesar para o mal-entendido veio em duas cartas. Na primeira:

Você está variado, rapaz! Sua carta me faz triste. Como é que as coisas veredaram assim no seu espírito, palavra que me assusto. Sua careta pro Mário não tem nem um pingo assim de razão. *Macunaíma* eu o recebi do

¹⁸⁰ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 26/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁸¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 17/8/28, AMA, IEB-USP.

¹⁸² Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 27/10/28, AFIP, AMLB-FCRB.

¹⁸³ Francisco Inácio Peixoto a Guilhermino Cesar, [agosto/28], FGC, IEL-RS.

Fusco. Traz a dedicatória pro Henrique, você, Ascânio, Pierre e eu. [Demonstração] de amizade certa, como sempre. Mandarei pra você ler o livro. É ótimo e tenho certeza que sua desconfiança passará.¹⁸⁴

E poucos dias depois, escreveu em outra carta: “*Macunaíma* eu explico. Ascânio me contou que o Mário mandou primeiramente 3 vols. sem dedicatória com a nota: dedicatória vai depois. Este que está com você é a dedicatória de todos. Compreende? Fique com ele, pois. Não queira mandar pra ninguém não”.¹⁸⁵

Ao que parece, as explicações de Guilhermino Cesar convenceram Peixoto. Mário de Andrade realmente recebeu o livro verde rapidamente, pois em sua biblioteca há o exemplar do *Meia-pataca* com dedicatória de Francisco Inácio Peixoto, datada de 8 de novembro de 1928.¹⁸⁶

Outro momento delicado desse diálogo vale ser dissecado: refere-se à dissidência de Camilo Soares, evento polêmico no grupo, que contaminou a correspondência dos verdes com Mário de Andrade.

Martins Mendes, Oswaldo Abritta e Christophoro Fonte-Boa – três signatários do Manifesto do Grupo Verde que não se corresponderam com Mário de Andrade e que apareceram bem menos que os outros seis na revista – se afastaram da publicação sem que tivessem rompido com o grupo. São duas as justificativas para a pouca participação: estavam mais ligados à construção de suas vidas profissionais que às atividades literárias e mantiveram uma linha intensamente lírica em seus poemas, que, na maioria, não refletiam a liberdade formal vanguardista. Mas o caso de Camilo Soares foi realmente uma cisão.

Depois da leitura do conjunto de mensagens, é razoável supor que Mário de Andrade escreveu uma carta a Fusco, atualmente desaparecida, na qual mencionou o pedido do poeta verde ao argentino Pedro Juan Vignale de ter um poema incluído na coletânea de poesia moderna brasileira que este estaria organizando. A resposta de Fusco foi furiosa:

Quem mandou troços pra ele só si foi o Camilo Soares e não eu. E é preciso que ele não confunda CAMILO com FUSCO que não duas pessoas distintas e uma só verdadeira: ANTIPATIA! (Entenda) // Você quer saber duma coisa: esse Vignale é um merda muito grande. Isso é que ele é. Quem escreve coisas como “Sentimento de Germana”, com a idade toda que ele tem, NÃO TEM VERGONHA NA CARA! Com perdão da amizade que você pode ter pra ele. E outra: nunca escrevi pro Ronald NÃO senhor. [...] Só mandei versos pro Ildefonso Falcão, na Argentina, A PEDIDO dele.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 12/9/28, AFIP, AMLB-FCRB.

¹⁸⁵ Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 2/10/28, AFIP, AMLB-FCRB.

¹⁸⁶ V. ANEXO D.

¹⁸⁷ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/1/28, AMA, IEB-USP.

Ao expressar raiva, Fusco mencionou a produção dos vanguardistas argentinos, a fim de mostrar ao escritor paulista que estava inteirado das publicações portenhas e que podia atestar a qualidade dos próprios poemas com base na comparação com aquilo que lia do país vizinho: “Pegue se quiser o número 45/46 de *Martin Fierro*. Cheiro de bagaceira e muita merda de argentino mesmo. Ramon Gómez de la Serna é batuta. Ricardo Guirlandes [sic] do *Dom Segundo Sombra* foi batuta. Evar Mendez é batuta. Mas em compensação Norah Langes é merda. Molinari é merda. Marechal é merda.”¹⁸⁸

Fusco mostrou-se incomodado porque o autor da carta a Vignale era Camilo Soares, colega de grupo com quem se havia desentendido no final de 1927. Em sua resposta, Mário de Andrade parece querer desviar o assunto para um ponto em que os dois estavam em consenso, evitando atrito:

E pode haver também outra intenção que nem a que eu tive mandando coisas internacionais pra *Verde*. Minha intenção foi simplesmente internacionalizar a revista dando assim importância pra ela dentro do Brasil. É incontestável que os versos do Fingerit por exemplo nem são sublimes nem representativíssimos da Argentina. De vocês daí já saiu coisa muito melhor que aquilo. O importante é mostrar que a revista reúne colaboração estrangeira. Pelo menos eu achei que isso era importante. Se vocês não acham falem com franqueza.¹⁸⁹

Na mensagem de resposta, Rosário Fusco estava mais calmo e afirmou não discordar de Mário de Andrade sobre a “universalização” da *Verde*. Fusco contou ao amigo de São Paulo sua versão do incidente, deixando de referir-se ao assunto nas mensagens seguintes. Camilo Soares não relatou a briga em carta ao escritor paulista. Por fim, Enrique de Resende tranquilizou Mário de Andrade em relação à discórdia entre os verdes: “Quanto à história do Camilo – é meninice. Bobagens de moços de 18 anos com talento...”¹⁹⁰ Mário de Andrade procurou manter-se neutro, ao enviar carta a Camilo Soares aos cuidados de Enrique de Resende. Contudo, Camilo Soares além de afastar-se do grupo, parece ter se desmotivado a continuar a correspondência com Mário de Andrade. Apenas mais cinco cartas do rapaz, bem posteriores ao esfacelamento do grupo, foram recebidas pelo escritor paulista.

3.3.17. Dimensões da sociabilidade: Antônio Alcântara Machado e Carlos Drummond de Andrade

¹⁸⁸ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/1/28, AMA, IEB-USP.

¹⁸⁹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 2/2/28, Acervo de Rosário François Fusco.

¹⁹⁰ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 1/1/28, AMA, IEB-USP.

É instigante perceber, nas cartas de Rosário Fusco a Mário de Andrade a ideia de que, em São Paulo, a união dos modernistas seria tal qual a dos verdes. Fusco faz recomendações de abraços, manda lembranças e recados, como em 4 de outubro de 1927: “Diga ao Oswald pra escrever.”¹⁹¹ Alcântara Machado é um dos mais lembrados e citados. Fusco constantemente manda saudações a Alcântara, como nesta mensagem: “E dê um abraço no Alcântara por minha conta e risco.”¹⁹² Em carta do final de 1927, pediu, sem qualquer cerimônia, que Mário de Andrade conseguisse ilustrações de Tarsila do Amaral para seu livro *Codaque*. Em 1930, Fusco, que acreditava ser comum endereçar uma missiva a mais de uma pessoa, escreveu uma carta para dois destinatários, Mário de Andrade e Alcântara Machado, rememorando os tempos da *Verde*.

Rosário Fusco talvez imaginasse que as cartas circulassem pelo grupo paulista de mão em mão e pediu discrição de Mário de Andrade quando perguntou sobre o interesse de Alcântara em manter correspondência: “Pra uso interno: o Alcântara gosta da gente mesmo? Não sei por que escrevo pra ele e não tenho resposta! Puxa! Já estou ficando puto da vida!...”¹⁹³

Antônio de Alcântara Machado teve presença marcante na correspondência dos verdes. Antes mesmo de escrever a Mário de Andrade, Rosário Fusco dirigiu-se a Alcântara, informando a fundação da revista. A receptividade foi grande: “Não estranhei a sua ousadia, Rosário Fusco, porque sou pela ousadia. Aliás você não foi ousado escrevendo-me. E vivo de braços abertos. Atire-se neles portanto. Hoje mesmo lhe enviarei meus livros com a dedicatória pedida.”¹⁹⁴ Com as boas-vindas, Alcântara mandou endereços de modernistas paulistas, entre eles o de Mário de Andrade. A carta também indicou uma série de jornais para onde a nova revista deveria ser enviada, como ao *Correio Paulistano*, aos cuidados de Menotti Del Picchia, e ao *Diário Nacional*, aos cuidados de Couto de Barros.

Uma semana depois da primeira carta, Alcântara escreveu novamente e enviou mais endereços a Fusco, com a notícia de que Sérgio Milliet se comprometera em mandar colaboração e realizando a análise de poemas de Fusco. Seus conselhos incluíam não enfeitar o poema: “Apresente-o nuzinho. Nada de literatura.”¹⁹⁵

¹⁹¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 4/11/27, AMA, IEB-USP.

¹⁹² Rosário Fusco a Mário de Andrade, 28/10/27, AMA, IEB-USP.

¹⁹³ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 7/12/27, AMA, IEB-USP.

¹⁹⁴ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 21/9/27, ARF, AMLB-FCRB.

¹⁹⁵ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 26/9/27, ARF, AMLB-FCRB.

Por meio de Alcântara, chegaram à revista *Verde* as colaborações de Couto de Barros (a crítica “A propósito do *Brás, Bexiga e Barra Funda*”, publicada na *Verde* nº2), de Yan de Almeida Prado (artigo “Arte e artifício”, *Verde* nº2) e de Prudente de Moraes, neto (conto “Aventura”, na *Verde* nº3).

Fusco também confiou a Alcântara seus planos de lançar o livro de poemas *Codaque*. Como Mário de Andrade, Alcântara insistiu na necessidade de Fusco estudar: “sobre seu livro. Construa-o aos poucos. Nada de pressa. Você é menino ainda. / Leia (a propósito de linguagem) o que o Tristão de Athayde escreveu na crônica de *O Jornal* de domingo em que fala do Mário e deste amigo seu: diferença entre escrever brasileirismos e escrever brasileiro.”¹⁹⁶

Diferentemente do autor de *Macunaíma*, Alcântara, além de tratar de questões estéticas, preocupou-se em dar orientações que melhorassem o aspecto material da revista. Ao avisar do recebimento da *Verde* nº2, Alcântara indicou:

Já lhe disse que o segundo número está bem bom. É preciso pois tão somente menos poesia e ter mais cuidado com a revisão. O aspecto material não está mau. // Não gosto da cercadura – [desenho] – da capa. Tire-a que ficará melhor. O sumário “Neste número da *Verde*” é redundante. Não ponha nada. Ou ponha só: Sumário.¹⁹⁷

E sobre o número 3, também fez considerações no mesmo sentido:

O aspecto material prosperou. Eu se fosse você ainda simplificaria mais um bocado. Enfeia-o muito deseinho tipográfico. Na capa além da margem verde bastaria um quadrado preto encerrando o sumário. Não dois como agora. Nos paralelepípedos que ladeiam o título arranque os pontinhos :: :: ::. As letras bastam. Tire também os traços desenhados que separam os artigos. O que está entre o conto do Alphonsus e a poesia do Camilo (décima página) é horroroso. Para que separação? Para esse fim bastam os títulos. Mas querendo separar ponha um traço e mais nada. Uma linha como se diz em língua tipográfica. // Desculpe a intromissão em cousa com a qual não tenho nada, absolutamente nada que ver. Mas a *Verde* é tentativa tão gostosa que a gente fica assim com uma vontade louca de ser colaborador dela.¹⁹⁸

Por ocasião da publicação de texto de Achilles Vivacqua na *Revista de Antropofagia*, a qual gerou a desastrada associação de *Leite Criôlo* à *Antropofagia*, Alcântara escreveu a Guilhermino Cesar em resposta ao pedido de colaboração para o novo periódico modernista:

Recebi sua carta – Guilhermino Cesar – e o jornalzinho. Já já não posso enviar cousa alguma. Nem tempo nem veia. A que existe mal chega para o

¹⁹⁶ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 14/10/27, ARF, AMLB-FCRB.

¹⁹⁷ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 11/11/27, ARF, AMLB-FCRB.

¹⁹⁸ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 5/12/27, ARF, AMLB-FCRB.

gasto obrigatório. A iniciativa está claro que a aplaudo vivamente. Mas peço a você o favor de não mexer com os antropófagos do *Diário de S. Paulo*. Deixe os tais apodrecerem sozinhos. O que há de melhor a fazer é uma conjuração de silêncio. Ataque literário a gente contraria. Expressão de mau caráter não. Faça como lhe digo que não se arrependerá. Clóvis de Gusmão é um amazonense cretino. Só isso.¹⁹⁹

Alcântara Machado também era um dinamizador da rede de sociabilidade intelectual modernista. Além dos endereços e das colaborações de terceiros que mandou à revista, fez a intermediação para que *Verde* fosse vendida em uma livraria de prestígio em São Paulo: “Mande imediatamente: 20 exemplares de cada um dos números já aparecidos (1, 2 e 3) à Casa Garraux. Do número 4 em diante passe a enviar 50 exemplares. É como estou lhe dizendo.”²⁰⁰

Assim, o diálogo epistolar dos verdes com Alcântara também foi determinante para que os rapazes tomassem parte do movimento modernista brasileiro. Alcântara, como Mário de Andrade, certamente reconheceu na animação dos moços de Cataguases uma oportunidade de trazer novo fôlego ao movimento depois da morte de *Terra Roxa*, em setembro de 1926. Além disso, *Verde* mostrava que o Modernismo já era realidade no interior. O apoio de Alcântara ao grupo também parecia ter muito de cálculo na divulgação e consolidação das propostas modernistas da vertente “klaxista”, como é possível ver em carta a Fusco: “Vou providenciar quanto às colaborações. Não esmoreçam pelo amor de Deus. Neste momento a esperança moderna do Brasil em matéria de publicidade é toda *Verde*. [Assim] deve ser.”²⁰¹

Dessa forma, também é possível entender a defesa da *Verde* que Alcântara fez em carta a Prudente de Moraes, neto:

Soube pelo Tristão que você, o Bandeira e o Rodrigo estavam com a sinistra intenção de publicar um manifesto contra a *Verde*. Naturalmente vocês ficaram como toda a gente indignados contra a maneira besta com que aquela rapaziada (16 a 17 anos) redigiu o primeiro número: a língua, a preocupação modernista, a ortografia, a agressividade chulé, as asneiras e o resto. Mas eu adotei outra atitude. Escrevi a eles dizendo: vocês escrevem pedra, pensam pedra, são modernistas pedra. Não valem um tostão. No fundo o esforço é ótimo. Tratem de melhorar, pois o pensamento é o estilo. Cresçam bem primeiro. Depois apareçam bem devagarzinho. É o que eles têm feito. O segundo número da revista é a prova. Para essa obra de catequese não posso dispensar o seu concurso. Está claro.²⁰²

¹⁹⁹ Antônio de Alcântara Machado a Guilhermino Cesar, 20/5/29, FGC, IEL-RS.

²⁰⁰ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 14/12/27, ARF, AMLB-FCRB.

²⁰¹ Antônio de Alcântara Machado a Rosário Fusco, 11/11/27, ARF, AMLB-FCRB.

²⁰² Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto, 21/11/27, In: *Pressão afetiva e aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto, 1925-1932*. org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano; Lemos; EDUC, 1997, p. 103.

Na *Verde*, Alcântara divulgou “O aventureiro Ulisses” (conto, *Verde* nº2); “O Filósofo Platão” (conto, *Verde* nº4); artigo sobre *Poemas cronológicos* divulgado na *Revista de Antropofagia* de maio de 1928 (*Verde* nº5); e “Indireta” (conto/comentário, *Verde* nº1 da segunda fase).

Os verdes encontraram oportunidade de defender o escritor paulista no terceiro número de *Verde*, na seção Bilhetes. O primeiro “bilhete” é de Rosário Fusco para Alcântara Machado, e o segundo é de Ascânio Lopes para Couto de Barros. Os dois textos dialogam com o texto de Couto de Barros publicado na *Verde* nº2 sobre o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado. Couto de Barros, apesar de elogiar, afirmou que somente quem conheceu São Paulo poderia compreender integralmente o livro, pois este não era descritivo. Fusco e Ascânio Lopes reagiram, como se a avaliação de Couto de Barros tivesse depreciado o livro do amigo, e saíram em defesa de Alcântara Machado.

Era de se esperar que a menor ressalva a um livro de Alcântara Machado provocasse reação nos verdes. Rosário Fusco abriu seu texto afirmando que não gostou de alguns pontos da carta do Couto de Barros e, sem esclarecer esses pontos, começou sua crítica. Fusco argumentou que Alcântara apresentava uma “visão cinematográfica” em seus contos, pois, como uma câmera, colocava-se diante da cena sem impregnar a narração de sentimentalismo. O bilhete encerrou-se com a afirmação de que não havia quem escrevesse tão bem como Alcântara, acrescentando, em seguida, a ressalva de que apenas Mário de Andrade seria tão bom quanto ele.

Ascânio Lopes associou o livro de Alcântara a uma fita de cinema. Ele afirmou que não seria necessário conhecer São Paulo, pois, por meio do livro é possível conhecer a cidade, mas “sem letreiros e sem apreciações de propaganda da vida paulista”²⁰³

Carlos Drummond de Andrade é outro nome recorrente na correspondência entre Mário de Andrade e os rapazes da *Verde*. Tanto Ascânio Lopes quanto Guilhermino Cesar se tornaram amigos do poeta de Itabira quando estudaram Direito em Belo Horizonte. Enrique de Resende também mantinha bom contato com Drummond desde 1924, pelo menos. Naquele ano, o engenheiro recebeu de Drummond um livro de presente. Trata-se de *Memórias sentimentais de João Miramar* com a dedicatória: “Ao meu caro Henrique / de Resende / ofereço este livro / do Oswald. / Carlos Drummond / BHorizonte Nov. 924 / Endereço do / Oswald: Hotel Termi / nus – S. Paulo”²⁰⁴.

²⁰³ LOPES, Ascânio. “Para Couto de Barros – São Paulo”, *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 19.

²⁰⁴ O exemplar encontra-se na biblioteca de Francisco Inácio Peixoto, mantida por sua família em Cataguases.

Em carta de 1927, Enrique de Resende escreveu a Drummond, anunciando o lançamento de uma revista exclusivamente literária, e pediu a colaboração e benevolência com a publicação que aparecia no interior: “Vocês não se riam dela, hein!”²⁰⁵ Ao que parece, Drummond achou positiva a ideia, pois, no *Diário de Minas*, em 20 de agosto de 1927, foi divulgada uma nota não assinada sobre *Verde*:

Ainda agora, de Cataguases, a culta cidade da Mata, vem-nos a notícia de que está para surgir, ali, uma revista exclusivamente literária: *Verde*. O nome já é uma indicação feliz de brasilidade – *Verde* é o sentimento da nossa terra, do nosso meio, é todo o ideal modernista. Nome feliz – fundamente sugestivo, este. // À frente da publicação figuram Henrique de Resende, Rosário Fusco e Antônio Mendes, três moços agudos, modernos, inteligentes. // Não é possível garantir que *Verde* triunfará. Todos nós sabemos como é difícil manter uma revista em Minas, e ainda mais puramente literária. Não importa. O que importa é que *Verde* seja interessante e *Verde* promete ser interessante.²⁰⁶

Na revista de Cataguases, Drummond estampa “Sinal de apito” (poema, *Verde* nº1); “Quadrilha” (poema, *Verde* nº3); “Convite ao suicídio” (poema, *Verde* nº4); e “Ascânio Lopes na Rua da Bahia” (artigo, na *Verde* nº1 da segunda fase). Em carta de novembro de 1927 a Rosário Fusco, Drummond se referiu, com animação, ao segundo número de *Verde* e lamentou não ter mandado texto para a edição. Aproveitou a ocasião para enviar um poema seu e outro de Pedro Nava (“Ventania”, *Verde* nº3), avisando que seguiria com a próxima mensagem um conto de João Alphonsus (“Oxycyanureto de mercúrio”, *Verde* nº3). Sobre a própria colaboração, o poeta explicou:

Vocês talvez torçam o nariz: verso... Mas paciência, filhos, é o que há. Eu queria escrever para a *Verde* algumas notas de crítica mas estou convencido sinceramente que prosa não foi feita para esta pena. E muito menos crítica. Nunca chego a dizer mais que os outros dizem, e quase sempre digo menos. Nessas condições, preferi rasgar minha prosa e crer na eternidade.²⁰⁷

De acordo com as cartas guardadas por Fusco, outras notas acerca da revista saíram no *Diário de Minas* e foram remetidas a Cataguases com explicação sobre os pseudônimos usados: “I” seria João Alphonsus e “Antonio Crispim”, Drummond. Em 1929, quando Enrique de Resende escreveu a Drummond a fim de pedir-lhe colaboração para o número

²⁰⁵ Enrique de Resende a Carlos Drummond de Andrade, [ant. 7/9/27], ACDA, AMLB-FCRB.

²⁰⁶ “O momento literário em Minas / Cataguases vai ter uma revista de boas letras”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20/8/27, p. 1, Hemeroteca da Biblioteca Luiz de Bessa. O trecho foi transcrito em carta de Guilhermino a Peixoto, seguido da explicação de que Drummond seria o autor, de acordo com informação de Ascânio Lopes (Guilhermino Cesar a Francisco Inácio Peixoto, 2/9/27, AFIP, AMLB-FCRB)

²⁰⁷ Carlos Drummond de Andrade a Rosário Fusco, 5/11/27, AFR, AMLB-FCRB.

especial dedicado a Ascânio Lopes, o poeta de Itabira ofereceu ajuda financeira para a edição. Mas o engenheiro recusou-se e explicou:

É uma homenagem que nós de casa pretendemos prestar à memória do querido Ascânio. Demais seria abusar da generosidade de vocês. *Verde* realmente necessita do auxílio de todos aqueles que gostam dela. Mas quanto a este número o caso muda de figura. Não sei se você está me entendendo. Enfim, agradeço-lhe muito a sua oferta.²⁰⁸

A disposição com que Carlos Drummond de Andrade começou a trocar cartas com Rosário Fusco lembrou a receptividade com que Mário de Andrade iniciava correspondência com os moços que lhe mandavam versos.

Li gostei e tomei nota de seu nome. Depois disso tenho lido outras coisas suas. Umas ruizinhas, outras regulares e outras boas. Continuo tendo uma bruta esperança em V., e é em nome de uma amizade que nem por ser fundada num princípio de solidariedade espiritual é menos séria e digna de apreço, que eu peço a V, Rosário Fusco, que não destrua nunca essa esperança. Ou essa confiança. Falo de igual pra igual, porque não posso ser muito mais velho do que V., e afinal a sua geração é a geração deste seu criado obrigado. E V. tem o direito de me fazer um apelo idêntico – a mim e aos meus companheiros de turma – que estamos ameaçando fazer coisas sérias há uns bons quatro anos, e até agora nickles.²⁰⁹

Nessa mesma carta, Drummond apontou o caminho certo para um rapaz que buscava críticas para seus poemas e orientação literária, ao indicar a receita: “V. está numa fase de procura intensa que é cheia de inquietações, eu sei. Vou lhe dar uma receita que é infalível nessas noutras aperturas: Use Mário de Andrade. É o melhor remédio do mundo. E não falha nunca.”²¹⁰ Rosário Fusco transcreveu para Mário de Andrade a recomendação do itabirano e deixou transparecer uma ponta de desconfiança: “Gostei da receita. Embora ela me pareça um tanto irônica. Me explico: esse use aí, a meu ver, parece que quer dizer: copie, decalque etc. Não sei se tou errado. Mas acho que não tou não.”²¹¹

Drummond não esclareceu o sentido de sua “fórmula”, mas a carta não pareceu irônica e, sim, receptiva. É possível imaginar que Drummond, quando se deparou com as cartas de Fusco, tenha se lembrado de si próprio ao tomar a iniciativa de escrever a Mário de Andrade em 1924, ocasião em que mandou um artigo sobre Anatole France e deixou claro o desejo de troca intelectual fecunda: “eu desejo prolongar aquela fugitiva hora de convívio com seu claro espírito. Para isso utilizo-me de um recurso indecente: mando-lhe um artigo meu que você

²⁰⁸ Enrique de Resende a Carlos Drummond de Andrade, 1/3/29, ACDA, AMLB-FCRB.

²⁰⁹ Carlos Drummond de Andrade a Rosário Fusco, 12/9/27, AFR, AMLB-FCRB.

²¹⁰ Carlos Drummond de Andrade a Rosário Fusco, 12/5/27, AFR, AMLB-FCRB.

²¹¹ Rosário Fusco a Mário de Andrade, 4/10/27, AMA, IEB-USP.

lerá em dez minutos.”²¹² Drummond fez a sugestão ao moço, pois tinha conhecimento da fertilidade do contato com Mário. O pedido de ajuda ao poeta paulistano para *A Revista* fez lembrar o de Fusco para *Verde*, apesar da diferença de tom:

Outra coisa que te peço é furtar de vez em quando uma de tuas páginas às revistas do Rio e São Paulo e mandá-la para os amigos necessitados de Minas. Não tenho vergonha de pedir porque sei que me absolverás com a tua bondade. Arranje também entre os seus amigos daí, Tácito Rubens de Moraes, etc., qualquer coisa para *A Revista*. E o Oswald? Não tenho o seu endereço atual, por isso não lhe peço colaboração diretamente.²¹³

Encontra-se na correspondência de Drummond com Fusco a resposta para curioso boato que fez os rapazes de Cataguases imaginarem que os modernistas de São Paulo visitariam a zona da mata, repetindo a “caravana paulista” de 1924:

Vou lhe contar o caso do Oswald. Ele me mandou um telegrama assim: “Sinal apito talvez faça geração correr mais depressa. Peço transmitir gratidão rapazes Cataguases e informar si há hotel lá.” Respondi imediatamente dizendo que o hotel tal (o nome agora não me lembro; foi um amigo que me indicou), de Cataguases, era o melhor do mundo. Isso foi em outubro. Até hoje o Oswald não apareceu aí? Então não aparece mais. É o tipo do [apeico].²¹⁴

No final de 1927, os rapazes de Cataguases lançaram livros de poemas, além da revista. Fusco convidou Drummond para lançar um livro pela editora da *Verde*:

– Vamos conversar sério agora?
– Então vamos.
Por que você não edita também um livrinho aqui, Carlos amigo? Um volume de 70 páginas. Bom papel; 480\$000 (500 ex.) !
Ponha reparo no preço pense nisso direitinho e escreva.²¹⁵

Drummond não respondeu por carta a Fusco sobre a proposta, mas a correspondência do itabirano com Mário de Andrade mostrou que chegou a pensar em aceitar.

Apesar do contato epistolar cordial de Drummond com Fusco e Enrique de Resende, as alusões ao Grupo Verde na correspondência do itabirano com Mário de Andrade foram poucas e demonstraram desagrado com as publicações. Em bilhete, sem data, mas possivelmente de 1927, Mário perguntou: “Não está gostando da *Verde* mesmo?”²¹⁶ Apenas

²¹² Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 28/10/24, In: *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002, p. 133.

²¹³ Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 28/10/24, Id., 2002, p. 40.

²¹⁴ Carlos Drummond de Andrade a Rosário Fusco, 19/12/27, ARF, AMLB-FCRB.

²¹⁵ Rosário Fusco a Carlos Drummond de Andrade, 22/12/27, ACDA, AMLB-FCRB.

²¹⁶ Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, [1927], In: *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos*

em carta de janeiro de 1928, Drummond referiu-se ao grupo. Primeiramente, contou que fora convidado para editar coletânea de poemas em Cataguases, usando um epíteto para a cidade que talvez fosse irônico: “(capital literária de Minas Gerais)”. Referiu-se, possivelmente, ao aparecimento de livros de vanguarda na pequena cidade da zona da mata mineira, enquanto a capital do Estado de Minas Gerais não tinha qualquer livro ou revista modernista. Depois demonstrou admiração pelo prolongamento das atividades dos verdes:

Que que você me diz desse admirável grupinho de Cataguases, que está revolucionando as Minas Gerais com a sua revista? Eu fiquei bobo, seu compadre. Nunca pensei que eles dessem três números, quanto mais quatro. A coisa promete continuar, e agora eles vão botar na rua os *Poemas cronológicos*, onde deve haver coisas bem boazinhas. Deposito esperanças no Rosário Fusco e no Camilo Soares, ambos meninos, mas com algumas qualidades já marcadas. O Ascânio, esse é mais nosso de Belo Horizonte, embora nascido em Cataguases; aqui estuda e trabalha. O Henrique, sinceramente não acredito no seu modernismo de adesão.²¹⁷

Em sua resposta, Mário de Andrade sugeriu que Drummond aceitasse o convite para publicar livro pela editora da *Verde*. Lançou uma rápida visada sobre o grupo e ressaltou o quanto era interessante a atividade dos rapazes:

Quanto ao admirável que você dá ao pessoalzinho de Cataguases, acho certíssimo o qualificativo. Deram um quinau mãe nos modernistas todos do Brasil e são de fato interessantes. Na poesia. Estou de acordo: os mais interessantes e com possibilidade de ficarem interessantíssimos são o Fusco o Soares e o Ascânio. O Henrique, não posso ajuizar do que você me afirma dele. Acredito na adesão dele como acredito na minha, na de você, na de Ronald, que afinal das contas fomos todos adesistas.²¹⁸

A opinião de Mário de Andrade, de que os verdes estavam dando lição nos modernistas ao manterem a revista e depois a equiparação de Enrique de Resende a si próprio e a Drummond (como “adesista”), pode ser interpretada como mais uma forma de chamar a atenção do itabirano para a necessidade de mais ação por parte do grupo de Belo Horizonte. Desde algum tempo, as cartas de Mário de Andrade endereçadas ao itabirano continham perguntas sobre os modernistas belorizontinos e, principalmente, incentivos para que eles levassem adiante a ideia de uma antologia que reunisse textos de Drummond, Pedro Nava, Emílio Moura e João Alphonsus. No final de 1927, Mário de Andrade protestou contra a falta de iniciativa do grupo:

Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade. Org. Lélia Coelho Frota; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002, p. 303.

²¹⁷ Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 2/1/2[8], Id., 2002, p. 306.

²¹⁸ Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 21/1/28, Id., 2002, p. 310.

É uma infâmia vocês abandonarem a ideia da Antologia. Fiquei furo da vida. Isso não se faz. é indecente. Publiquem em papel de jornal, em papel higiênico, em qualquer papel, se quiserem faço um subscrição pra publicar o livro de vocês mas com mil milhões de cachimbos apagados, publiquem!²¹⁹

Pouco tempo depois, saíram os *Poemas cronológicos*, de Enrique de Resende, Fusco e Ascânio Lopes. Mário de Andrade dessa vez escreveu a Pedro Nava, usando o lançamento do livro com exemplo e incentivo:

O livro está bom deveras, é manifestação duma força que eu não esperava. Estou com gana de escrever um artigão pro *Diário Nacional* sobre “Nova Escola Mineira”, acho que faço mesmo. Mas o que queria falar é isso: quando que vocês aí de belo-horizonte criam vergonha nessa cara! Não tem jeito mesmo de vocês publicarem livro! Coragem, gente!²²⁰

Drummond só veio a tocar no assunto do livro dos verdes, com Mário, cinco meses depois e, assim mesmo, avaliou negativamente a coletânea de poemas: “Uma palavrinha sobre o Grupo Verde de Cataguases, que parece ter azulado depois da publicação dos *Poemas cronológicos*. Não gostei nada desses poemas, tão artificiais e copiados, até os do Ascânio, que insisto ser o mais forte do pessoal.”²²¹

Verde nº5, lançada na metade de 1928, não trouxe a participação dos rapazes de Belo Horizonte nem no Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março, abril e maio. Enrique de Resende comunicou a Mário de Andrade a pouca disposição dos belorizontinos em colaborar com *Verde*:

Como você já deve ter notado os rapazes de Belo Horizonte não colaboram mais. Não sabemos por quê. O Guilhermino Cesar, que estuda Direito em Belo Horizonte informa que eles estão meio enciumados. Mas enciumados de quê? Criançada, talvez. O certo, porém, é que isto amola a gente. Podíamos fazer aqui um movimento mineiro, mas este se resume apenas no de Cataguases agora, que demonstra apenas esforço; sem ter podido marcar ainda, infelizmente.

Na época do lançamento da *Verde*, Drummond já tinha algum destaque entre os escritores modernistas. O próprio Mário de Andrade afirmou isso ao poeta: “Você está tomando uma posição muito particular e muito balizada entre os modernos. Aqui em São

²¹⁹ Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 26/10/27, In: *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002, p. 298.

²²⁰ Mário de Andrade a Pedro Nava, 25/2/28, In: ANDRADE, Mário de. *Correspondente Contumaz: Cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. ed. preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 101.

²²¹ Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, 10/7/28, Id., 2002, p. 327-328.

Paulo se respeita com muito interesse o nome de você.”²²² Ao sentirem a projeção do escritor mineiro, era natural que os jovens de Cataguases procurassem entrar em contato com ele antes mesmo de escreverem aos paulistas – ainda mais Drummond sendo amigo de Ascânio Lopes. Tudo leva a crer que a postura inicial de Drummond foi mesmo de ajuda ao grupo. Isso pode ser constatado na disposição dele em auxiliar Ascânio Lopes e Guilhermino Cesar a procurar anúncios para a *Verde*, como mostra carta de Lopes a Fusco: “Não tenho tempo de arranjar anúncios, pois estou trabalhando das 7 da manhã às 4 da tarde. Quando posso sair o comércio já está fechado (6 horas). Entretanto, vou dar uma batida com o Guilhermino e o Carlos.”²²³

As cartas dos cataguasenses conservadas por Drummond no seu arquivo, bem como as respostas, preservadas por Fusco, Enrique de Resende e Peixoto, não registram desentendimentos entre os grupos modernistas de Cataguases e Belo Horizonte. Supõe-se que a volta de Ascânio Lopes doente para a cidade da zona da mata, em 1928, tenha afastado os belorizontinos por inexistência do elo que a convivência sustentava e, somado a isso, ocorresse a falta de ação dos rapazes do Estrela – algo de que Mário de Andrade reclamava na correspondência com Drummond e Nava, em 1927 e 1928.

²²² Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 21/1/28, In: *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002, p. 309.

²²³ Ascânio Lopes a Rosário Fusco, [dezembro/27], ARF, AMLB-FCRB.

4. Considerações finais: “com abraço pra tutti quanti”¹

Pouco depois que fundaram a revista *Verde* (1927-1929), os moços do Grupo Verde de Cataguases tomaram a iniciativa de escrever a Mário de Andrade pedindo colaboração, sugestões e leitura crítica dos poemas. Mário de Andrade, por sua vez, sustentando o diálogo com os jovens escritores, incentivou a iniciativa, enviando, para a publicação, textos próprios e de outros modernistas, encaminhando livros e indicações de leitura, criticando e comentando os poemas, aconselhando em relação à revista e colocando os verdes em contato com outros grupos de vanguarda. A pesquisa *Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases* propôs-se a reunir e a estudar a correspondência do escritor paulista com os poetas desse grupo mineiro.

A tese dividiu-se em duas partes para contemplar os dois objetivos do projeto. A primeira parte apresenta a seleta de cartas anotada, representativa da interlocução do criador de *Macunaíma* com o Grupo Verde no período de edição da revista. A coletânea reúne 122 mensagens do período de 1927 a 1930, colhidas entre as 207 missivas encontradas ao longo da pesquisa no Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP); nos arquivos de Francisco Inácio Peixoto, de Rosário Fusco e de Enrique de Resende, sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB); no Fundo Guilhermino Cesar do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (IEL-RS); e em outros acervos particulares. As 122 cartas foram transcritas, atualizando-se a ortografia, ordenadas cronologicamente e anotadas para que fossem, hoje, quase um século depois de sua realização, melhor compreendidas. Com o mesmo intuito, anexou-se à seleta um conjunto de documentos citados ao longo do diálogo – entre os quais, estão escritos divulgados na *Verde*, o Manifesto, textos sobre a revista e sobre o grupo, publicados no *Diário Nacional* por Mário de Andrade, assim como fotografias.

O Estudo, dividido em três capítulos, vem a ser a segunda parte da tese. O primeiro capítulo focalizando os Verdes, a revista *Verde* e Mário de Andrade se propôs a apresentar os sete correspondentes. Essa passagem do trabalho aspirou a oferecer ao leitor, dentro do possível, um panorama do que os participantes do diálogo epistolar haviam escrito até 1927, suas atuações na revista *Verde* e a percepção de cada um deles sobre o momento literário que

¹ Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/9/28, ARF, AMLB-FCRB.

viviam. Uma breve narração da história da cidade de Cataguases e a descrição da situação urbana e econômica do município na segunda década do século XX colaboraram para a compreensão mais ampla da formação do grupo. Esse capítulo ainda exibiu outras iniciativas nos estudos literários de abordagens do Grupo Verde de Cataguases, fazendo ver que ainda não fora contemplada a troca de cartas dos componentes do agrupamento com Mário de Andrade.

O segundo capítulo do Estudo (“*Verde é o nome da baita*”) tencionou verificar em que medida a correspondência reunida colabora na construção da história do Grupo Verde de Cataguases. A leitura crítica da seleta lança luz em passagens pouco conhecidas do percurso do grupo modernista. Alguns participantes, muitos anos depois, tentaram rememorar as ações da vanguarda cataguasense, mas deixaram lacunas que a coletânea de cartas vem ajudar a preencher.

Além disso, o estudo da seleta é particularmente instigante no que se refere à história das publicações do Grupo Verde. A revista foi o que levou os rapazes a escrever ao autor de *Pauliceia desvairada*. Informações relativas a cada uma das seis edições da *Verde* foram observadas ao longo da troca de missivas, bem como debates a respeito do direcionamento estético da publicação e notícias das dificuldades financeiras no empreendimento do projeto editorial. As cartas reunidas também tratam do Manifesto do Grupo Verde e dos projetos literários que deram ao público *Poemas cronológicos*, *Meia-pataca* e *Fruta de conde*. Nas 122 mensagens reunidas, foi possível recuperar *Codaque*, que seria o primeiro livro de Rosário Fusco, e conhecer os planos do poeta mineiro para o volume. Ainda encontrou espaço, nesse capítulo, a rápida avaliação da correspondência entre Mário de Andrade e Rosário Fusco após 1930.

O terceiro capítulo (“Abraços da turma”: correspondência e sociabilidade intelectual) procurou examinar em que medida a correspondência foi importante para a formação do Grupo Verde de Cataguases, permitindo, inclusive, que eles existissem como agrupamento de vanguarda. Nessa seção, defendeu-se que a troca de cartas com Mário de Andrade foi determinante para que os rapazes de Cataguases passassem a fazer parte da rede de sociabilidade intelectual que se formou durante o Movimento Modernista brasileiro. Por isso, abriu-se espaço, nessa parte do estudo, para a identificação das estratégias discursivas utilizadas pelos sete correspondentes, a fim de que as cartas favorecessem o sentido de proximidade e superassem o afastamento geográfico e a falta de contato face a face. A investigação dessa correspondência dos verdes com o escritor paulista não desprezou a ocorrência de interesses e expectativas individuais na atividade epistolar. Igualmente,

pretendeu-se desnudar os momentos de tensão na troca de cartas, concluindo que os mais relevantes envolveram a *Verde* (rumos, continuidade e divulgação). Por fim, o capítulo trouxe à baila o contato dos verdes com Carlos Drummond de Andrade e com Antônio de Alcântara Machado. Drummond também se correspondia com o autor de *Macunaíma*, e Alcântara convivia pessoalmente com este em São Paulo. O poeta de *Alguma poesia* e o escritor de *Brás, Bexiga e Barra Funda* foram largamente citados ao longo do diálogo reunido neste trabalho. Foi possível perceber que a ligação a esses dois modernistas contribuiu, quase tanto quanto interagir com Mário de Andrade, para a participação dos cataguasenses no movimento de renovação da literatura e da arte.

Drummond e os verdes; Alcântara Machado e os moços de Cataguases; os modernistas argentinos e os poetas da *Verde*. São muitos os fios da rede de sociabilidade intelectual modernista.

Esta pesquisa, analisando criticamente “amizade carteadeira” que uniu Mário de Andrade e os Verdes, tencionou oferecer uma contribuição original aos estudos do modernismo. Com base na reunião da correspondência do autor de *Macunaíma* com Ascânio Lopes, Camilo Soares, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar e Rosário Fusco – material pela primeira vez coligido –, ambicionou-se ter apresentado uma nova perspectiva de estudo sobre os verdes, suscitando uma reavaliação da rede de sociabilidade intelectual modernista e fornecendo novos elementos para a construção da história dessa vertente mineira do movimento de renovação da literatura e da arte na década de 1920.

5. Bibliografia e fontes primárias de pesquisa

5.1. Obras de Mário de Andrade

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Acompanhada de textos do autor. Estudo e edição revista por Telê Porto Ancona Lopez. 16ª ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas Ltda., 1944.

_____. “Arte – A questão do verso livre – I”, *Diário Nacional*, São Paulo, 20/3/28, p. 2.

_____. “Arte – A questão do verso livre – II”, *Diário Nacional*, São Paulo, 22/3/28, p.2.

_____. “Ascânio Lopes”, *Diário Nacional*, São Paulo, 30/5/29. In: _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 115-116.

_____. “Casa de Pensão”, *Diário Nacional*, São Paulo, 11/4/29, In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 83-84.

_____. “Cataguases”, *Diário Nacional*, São Paulo, 10/7/32. In: _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 549-550.

_____. *Compêndio de história da música*. São Paulo: Cupolo, 1929.

_____. *Contos novos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo / Klick Editora, 1997.

_____. “Críticos, que Gente!”, apud MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007, p. 212.

_____. “Da metáfora (Carta a Rosário Fusco)”, *Diário Nacional*, São Paulo, 20/11/27, p.9.

_____. *Ensaio sobre música brasileira*. São Paulo: I. Chiarato e Cia., 1928.

_____. *Entrevistas e depoimentos: Mário de Andrade*. Organizadora Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

_____. “Livros – D. Cayafa Soca; ‘Verde’ revista moderna N. 3; ‘Festa’ nos. 1, 2 e 3”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/27, p. 11.

_____. “Livros e livrinhos – ‘Verde’, revista moderna”, *Diário Nacional*, São Paulo, 25/10/27, p. 2.

- _____. “Livros / Jorge Fernandes – Livro de poemas; Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*; Brasil Pinheiro Machado – *Quatro poemas*; Paulo Mendes de Almeida – *Cartazes*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 11 do “Suplemento relativo aos meses de fevereiro, março abril e maio de 1928”.
- _____. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)
- _____. *O baile das quatro artes*. 3^a ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975.
- _____. *Obra imatura: Há uma gota de sangue em cada poema; Primeiro andar; A escrava que não é Isaura*. 3^a ed. São Paulo: Martins / Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- _____. *O empalhador de passarinho*. 3^a ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- _____. “O Movimento Modernista”. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 231-258.
- _____. *Os contos de Belazarte*. Estabelecimento do texto: Telê Ancona Lopez. São Paulo: Círculo do Livro.
- _____. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- _____. *O turista aprendiz*. Prep. por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/SCCT, 1976.
- _____. *Poesias completas (de Paulicéia Desvairada a Café)*. São Paulo: Círculo do Livro.
- _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org., introd. e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- _____. “Taxi - Influências”, *Diário Nacional*. São Paulo, 9/4/29, p. 6. Texto transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase. Cataguases, maio de 1929, p. 23.
- SENNA, Homero (org.). *O mês modernista: Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Martins de Almeida, Mário de Andrade, Prudente de Moraes Neto*. Estabelecimento de texto, comentários e notas de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

5.2. Sobre Mário de Andrade

- ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: Edusp, 2004.

ATHAYDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Macunaíma”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9/9/28, p. 4.

CHIACCHIO, Carlos. “Modernista e Ultramodernistas / XII / Clã do Jaboti / (conclusão)”, *O Globo*, 6/8/28, p. 7.

FONSECA, Aleiton. *O arlequim da Pauliceia: imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *A Imagem de Mário de Andrade: fotobiografia de Mário de Andrade*. Seleção de textos e introdução de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento: Livroarte Ed., 1984.

_____. “Rapsódia e Resistência”. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

_____. “Vontade / Variante”. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Macunaíma e a ‘entidade nacional brasileira’”. In: _____. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxo do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 188-209.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

5.3. Obras de integrantes do Grupo Verde

ABRITTA, Oswaldo José. *Versos de ontem e de hoje*. Belo Horizonte, Speed Editora, 1999.

CESAR, Guilhermino. *Origens da Economia gaúcha (o boi e o poder)*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005.

_____. *Sul*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.

FUSCO, Rosário, “Bahia”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/1927, p. 11.

[FUSCO, Rosário]. *Jaz-Band*, Cataguases, 28/8/27.

_____. *A.S.A.: Associação dos solitários anônimos*. Posfácio Fábio Lucas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Fruta de conde*. Cataguases: Editora Verde, 1929.

_____. *Introdução à experiência estética*. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

LOPES, Ascânio. “Cataguases”, *Cataguases*, 9/10/27, apud RUFFATO, Luiz. *Os ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 127.

_____. “Cataguases”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6/3/27, p. 2. E *Cataguases*, 20/3/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 40-42.

Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Coleção da revista *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo: 1978, folha avulsa.

MENDES, Antônio Martins e MENDES, Luis Antônio Martins. *Pedra Redonda*. Florianópolis: Editora Lunardeli, 1948.

MENDES, Martins. *13 Poemas*. Cataguases: Editora Verde, 1929.

PEIXOTO, Francisco Inácio. CESAR, Guilhermino. *Meia-Pataca*. Cataguases: Editora Verde, 1928.

_____. *Francisco Inácio Peixoto em prosa e poesia*. Apresentação, organização e notas de Luiz Ruffato. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.

RESENDE, Enrique. “Notas de Cataguases”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7/4/29, p. 2.

_____. “Notas de Cataguases”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28/4/29, p. 3 e 12.

_____. *Cofre de charão*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Renato Americano, 1933.

_____. *Turris eburnea*. Editora Monteiro Lobato & Cia., 1923.

RESENDE, Enrique de. LOPES, Ascânio. FUSCO, Rosário. *Poemas Cronológicos*. Cataguases: Editora Verde, 1928.

SOARES, Camilo. “Festa matinal”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, 22/10/27, p. 36. Disponível em : <www.jotacarlos.org>. Acessado em: 1/9/10.

_____. *O soldado Nicolau*. São Paulo: Edições Porta de Livraria, 1970 (Série Poesia 8).

5.4. Sobre o Grupo Verde

“O momento literário em Minas / Cataguases vai ter uma revista de boas letras”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 20/8/27, p. 1.

“Publicações”, *Diário Nacional*, São Paulo, 10/11/27, p.4.

“Publicações”, *Diário Nacional*, São Paulo, 2/10/27, p. 2.

“Publicações”, *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30/12/27, p. 9.

ABRITTA, Luiz Carlos. *Um homem plural: a vida de Oswaldo Abritta*. Belo Horizonte: Sografe, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Contribuindo”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5/5/29, p. 4.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. “A Poesia Modernista de Minas”. ÁVILA, Affonso (org.). *O Modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 179-192.

ATHAYDE, Tristão de (Alceu Amoroso Lima). “Gente de amanhã”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22/1/28, p. 4.

BRANCO, Joaquim e WERNEK, Ronaldo. “Rosário Fusco: ‘O escritor brasileiro é um supercamelô’”. *O Pasquim*, 19 a 25/3/76, p. 10-15.

BRANCO, Joaquim. “Minas antropofágica”. *Recr(e/i)ações críticas*. Cataguases: Fundação Orneo Junqueira Botelho, 1999, p. 11-14.

_____. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

CESAR, Guilhermino. “Depoimento de Guilhermino Cesar sobre a *Verde* – BA 1977”, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara, 1981, p. 208-226.

_____. “Os verdes da ‘Verde’”. *Verde*. edição fac-símile (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

CONSELHEIRO B.B. (nome verdadeiro não encontrado), “Verde”, *Cataguases*, 20/11/27, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 81.

COSTA, Levy Simões. *Cataguases Centenária: dados para sua história*. Cataguases, MG, 1977.

DOYLE, Plínio. “Verde (Extraído de ‘História de revistas e jornais literários’)”. *Verde*. edição fac-símile (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

- FERREIRA, Delson Gonçalves. *Ascânio Lopes: Vida e Poesia*. Belo Horizonte: Difusão pan-americana do livro, 1967.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Perspectiva / Edusp, 1974.
- GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de. *Antologia da poesia mineira: fase modernista*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1946.
- HOHLFELDT, Antonio. “Guilhermino Cesar: Intelectual por excelência, pesquisador sul-rio-grandense por opção”. In: CESAR, Guilhermino. *Origens da Economia gaúcha (o boi e o poder)*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005, p. 5-18.
- LARA, Cecília de. “Verde e o ‘fenômeno’ Cataguases”. *Verde*. edição fac-símile (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.
- MAMEDE, Anice. *Aspectos surrealistas em O Agressor, de Rosário Fusco*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.
- MARQUES, Fabrício. “Os Ases de Cataguases”. *Palavra* nº13, maio 2000.
- OLIVIERI, Alcione Lúcia Abreu. *Incursões na Biblioteca de Francisco Inácio Peixoto*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.
- PEIXOTO, Francisco Inácio. “Entrevista de Francisco Inácio Peixoto”. *Totem* nº12, Cataguases, 05/04/79, apud BRANCO, Joaquim. *Passagem para a modernidade: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases (Década de 1920)*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002, p. 63.
- _____. “Entrevista e depoimento”, 16/1/81, apud ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Cecília de Lara. 1981, p.192-207.
- RESENDE, Enrique de. *Pequena História Sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1969.
- ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Profa. Dra. Cecília de Lara. 1981.
- RUFFATO, Luiz. “O homem, o contista, o viajante, o poeta”, In: PEIXOTO, Francisco Inácio. *Francisco Inácio Peixoto em prosa e poesia*. Apresentação, organização e notas de Luiz Ruffato. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008, p. 19-43.
- _____. *Ascânio Lopes, todos os possíveis caminhos*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2005.

- _____. *Os Ases de Cataguases: uma história dos primórdios do modernismo*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.
- SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta. *O movimento modernista verde, de Cataguases*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2008.
- SILVA, Luiz Gonzaga da. *Tradição e Ruptura no Itinerário Poético de Camilo Soares: o Solar e o Noturno*. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientação: Prof. Dr. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, 2004.
- Suplemento Literário do Minas Gerais*, "Ainda o centenário de Cataguases", Belo Horizonte, 10/9/77.
- Suplemento Literário do Minas Gerais*, "Cataguases 100 anos de letras e arte; 50 de modernismo e 10 de poema-processo", Belo Horizonte, 3/9/77.
- Suplemento Literário do Minas Gerais*, "Mário de Andrade, Minas e os mineiros", Belo Horizonte, 8/6/68.
- Suplemento Literário do Minas Gerais*, "Rosário Fusco e os 40 anos da *Verde*", Belo Horizonte, 7/1/67.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

5.5. Correspondência

- ANDRADE, Mário de. *71 Cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. São Paulo: Livraria São José, [1968].
- _____. *Carta aos Mineiros*. Org. Eneida Maria de Souza e Paulo Schmidt. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- _____. *Cartas a Rosário Fusco*. Exemplar único, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB-FCRB).
- _____. *Correspondente Contumaz: Cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. ed. preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Organização, introdução e notas de Lélia Coelho Frota. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, Mário de; AMARAL, Tarsila do. *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. Org., introdução e notas de Aracy Amaral. – São Paulo: Edusp, IEB-USP, 2001.

- ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Carlos Drummond. *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota e Silviano Santiago; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.
- ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. introd. e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000.
- ANDRADE, Mário de; CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Pesquisa documental, iconográfica, estabelecimento de texto e notas (organizador) Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.
- ANDRADE, Mário de; LISBOA, Henriqueta. *Correspondência Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. Org., introdução e notas Eneida Maria de Souza; transcrição dos manuscritos Maria Sílvia Ianni Barsalini. São Paulo Editora Petrópolis: Edusp, 2010.
- ANDRADE, Mário de; SABINO, Fernando. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas: Fernando Sabino, Mário de Andrade*. Organização de Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ANDRADE, Mário de; SOTO, Luis Emílio. “Correspondência”. In: ARTUNDO, Patrícia Maria. *Mário de Andrade y la Argentina*. Tese apresentada ao Programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Jorge Schwartz, 2001.
- Catálogo eletrônico da Série Correspondência de Mário de Andrade*. Coordenação de Marcos Antonio de Moraes, Tânia Maria Longo dos Santos e Telê Ancona Lopez. São Paulo: IEB-USP; VITAE, 2000.
- MACHADO, Antônio de Alcântara; MORAES NETO, Prudente de. *Pressão afetiva e aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto, 1925-1932*. org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano; Lemos; EDUC, 1997.

5.6. Sobre o gênero epistolar

- ANGELIDES, Sophia. *Carta e Literatura – Correspondência entre Tchekhov e Gorki*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BECKER, Colette. “Le discours d’escorte: l’anotation et ses problèmes (à propos de La correspondance de Zola)”, In: FRANÇON, André; GOYARD, Claude (org.). *Le correspondance inédites*. Paris: Economica, 1984, p.117-129. Trad. de Cláudio Hiro. (texto não publicado)
- BEM, Jeanne. “O estatuto literário da carta” (Le statut littéraire de la lettre). In: FRANÇON, André; GOYARD, Claude (orgs.). *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984. Trad. de Cláudio Hiro. (texto não publicado).

- DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. nº15, 2007, p. 119-161.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.
- LOPEZ, Telê Ancona. “Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 275-285.
- MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e Crítica Genética”. *Crítica Genética / Artigos*, p 30-32.
- _____. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “De amantes, escritores, filósofos...” In: *Teresa Revista de Literatura*. Área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, nº 8/9, São Paulo: ed.34, 2008, p. 395-399.
- ROQUETTE, J.I. “Das Cartas”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 266-300.
- SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.
- Teresa Revista de Literatura*. Área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, nº8/9, São Paulo: ed.34, 2008.

5.7. Sobre o Modernismo

- AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22: entre vaia e aplausos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

DIAS, Fernando Correia. “Gênese e expressão grupal do modernismo em Minas”. ÁVILA, Affonso (org.). *O Modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. *O movimento modernista em Minas, uma interpretação sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

HELENA, Lúcia. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*, 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

LARA, Cecília de. “A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas”. *A Revista*, edição fac-símile. São Paulo: junho de 1978.

MARTINS, Wilson. *O modernismo – Vol. VI*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

5.8. Edições fac-similares

A Revista. Introdução Cecília de Lara. Edição fac-similar. São Paulo: Metal leve S.A., 1978.

Estética: 1924/1925. Apresentação Pedro Dantas. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.

Festa (1927-1929). Apresentação por Leodegário A. de Azevedo Filho. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: ed. PLG-Comunicação: Inelivro, 1980.

Klaxon. Introdução Mário da Silva Brito. Edição fac-similar. São Paulo: Livraria Martins Editora, Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1972.

Revista de Antropofagia. Introdução Augusto de Campos. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve S.A., 1976.

Terra Roxa e outras terras. Introdução Cecília de Lara. Edição fac-similar. São Paulo: Livraria Martins Editora, Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1977.

Verde. Introdução Cecília de Lara. Edição fac-similar. São Paulo: Metal leve S.A., dezembro de 1978.

Mercúrio: mensageiro dos novos tempos; um jornal de transição para o Modernismo em Cataguases (1925-1927). Joaquim Branco, Felipe Fritiz e Roberto Júlio (org.). Cataguases: Funcec, 2008.

Leite Criolo (Suplemento do Estado de Minas). Amílcar Vianna Martins Filho, Cleber Araújo Cabral (organizadores); Fernando Correia Dias (prefácio); estudo crítico de Miguel de Ávila Duarte. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

5.9. Bibliografia complementar

“De belas artes / Lasar Segall”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, 7/1/28, p. 36-37.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma poesia*, 1ª ed., Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*, 1ª ed. Paris: Sans Pareil, 1925.

Atlas da História Universal The Times que circula com o jornal *O Globo* – Empresa Jornalística Brasileira Ltda. Rio de Janeiro: 1995.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 (Coleção estudos, 20).

BROCKMEIER, Ralf; CAZALÀ, Béatrice (edit.). *Larousse Dicionário de iniciação: Francês-português / português-francês*. Paris, Lisboa: Larousse, Didáctica Editora, 1997.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fortes, 2005.

CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Waldir, org. *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Apresentação de Maria Alice Barroso. Brasília: MEC/INL, 1973-1980.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante (diret.). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2ª ed. rev. ampl. atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001 (volumes 1 e 2).

DE LUCA, Tânia Regina. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ELIA, Sílvio. “Sobre a crítica genética”. *Confluência* (Liceu Literário Português), nº9, Rio de Janeiro: 1º semestre de 1995.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: _____. *O que é um autor?*. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 2ª ed. Portugal: Vega - Passagens, 1992, p. 129-160.

HOUAISS, Antônio (editor). *Dicionário inglês-português*. Ismael Cardim, coeditor; Peônia Vianna Guedes...[et al.], redatores. 16ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (Comp.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3ª ed. ver. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- NAVA, Pedro, *Beira-mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, V. 5.
- ROCHA, Clara. *Máscaras de Narciso – Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.
- SANTIAGO, Silviano. “Paulistas e Mineiros”. In: _____. *Vale quanto pesa: Ensaaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 183-192.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*, 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 231-269.

5.10. Cartas não publicadas

Acervo de Antonio Carlos Secchin.

Acervo de Rosário François Fusco.

Arquivo Carlos Drummond de Andrade, Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (ACDA, AMLB-FCRB).

Arquivo Francisco Inácio Peixoto, Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AFIP, AMLB-FCRB).

Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP).

Arquivo Rosário Fusco, Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (ARF, AMLB-FCRB).

Fundo Enrique de Resende, Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (FER, AMLB-FCRB).

Fundo Guilhermino Cesar, Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (FGC, IEL-RS).

5.11. Dedicatórias em livros e revistas

Biblioteca de Francisco Inácio Peixoto, mantida por familiares em residência que pertenceu ao autor em Cataguases.

Biblioteca de Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP).

5.12. Fotografias e desenhos

Acervo de Rosário François Fusco

Acervo Maria Lúcia de Resende.

BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de (org.). *Coleção Mário de Andrade: Artes plásticas*. Apresentação José Mindlin. 2^a ed. rev. e ampl. São Paulo, IEB-USP, 1998.

Série Fotografias, Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP).

5.13. Websites

Biblioteca da Faculdade de Letras UFMG / Minas Gerais / Suplemento Literário: <www.lettras.ufmg.br/websuplit>.

Biblioteca Nacional - hemeroteca digital: <<http://hemerotecadigital.bn.br>>.

Biblioteca Nacional de Espanha – hemeroteca digital: <<http://hemerotecadigital.bne.es>>.

Condomínio do Edifício Prédio Martinelli: <www.prediomartinelli.com.br/historia.php>.

J. Carlos em revista: <www.jotacarlos.org>.

Anexos: “e lá vão mais troços”¹

Anexo A- Lista de todas as cartas recuperadas ao longo da pesquisa.

Remetente	Destinatário	Data	Acervo	Seleta
RF	MA	25/9/27	AMA, IEB-USP	1
RF	MA	4/10/27	AMA, IEB-USP	2
RF	MA	[ant. 22/10/27]	AMA, IEB-USP	3
CS	MA	[ant. 24/10/27]	AMA, IEB-USP	4
RF	MA	22/10/27	AMA, IEB-USP	5
MA	RF	24/10/27	ARF, AMLB-FCRB	6
MA	CS	24/10/27	Acervo Prof. Dr. Antonio Carlos Secchin	7
RF	MA	28/10/27	AMA, IEB-USP	8
CS	MA	29/10/27	AMA, IEB-USP	9
CS	MA	[post. 29/10/27]	AMA, IEB-USP	10
MA	RF	[ant. 8/11/27]	ARF, AMLB-FCRB	11
RF	MA	8/11/27	AMA, IEB-USP	12
RF	MA	8/11/27	AMA, IEB-USP	13
MA	RF	[ant. 10/11/27]	ARF, AMLB-FCRB	14
RF	MA	10/11/27	AMA, IEB-USP	15
RF	MA	[11/11/27]	AMA, IEB-USP	16
RF	MA	14/11/27	AMA, IEB-USP	17
RF	MA	[14/11/27]	AMA, IEB-USP	18
RF	MA	15/11/27	AMA, IEB-USP	19
RF	MA	15/11/27	AMA, IEB-USP	20
MA	RF	[entre 10 e 15/11/27]	Acervo de Rosário François Fusco	21
RF	MA	[16/11/27]	AMA, IEB-USP	22
MA	RF	[entre 15 e 20/11/27]	Acervo de Rosário François Fusco	23
RF	MA	[post. 16/11/27]	AMA, IEB-USP	24
ER	MA	23/11/27	AMA, IEB-USP	25
RF	MA	25/11/27	AMA, IEB-USP	26
RF	MA	27/11/27	AMA, IEB-USP	27
RF	MA	[post. 27/11/27]	AMA, IEB-USP	28
AL	MA	nov./27	AMA, IEB-USP	29
RF	MA	7/12/27	AMA, IEB-USP	30
ER	MA	13/12/27	AMA, IEB-USP	31
AL	MA	dez./27	AMA, IEB-USP	32
RF	MA	[post. 18/12/27]	AMA, IEB-USP	33
FIP	MA	[post. 18/12/27]	AMA, IEB-USP	34
MA	RF	23/12/27	Acervo de Rosário François Fusco	35
ER	MA	25/12/27	AMA, IEB-USP	36
RF	MA	29/12/27	AMA, IEB-USP	37
RF	MA	[post. 29/12/27]	AMA, IEB-USP	38
ER	MA	1/1/28	AMA, IEB-USP	39

¹ Enrique de Resende a Mário de Andrade, 13/12/27, AMA, IEB-USP.

AL	MA	2/1/28	AMA, IEB-USP	40
MA	RF	3/1/28	Acervo de Rosário François Fusco	41
RF	MA	4/1/28	AMA, IEB-USP	42
RF	MA	8/1/28	AMA, IEB-USP	43
RF	MA	[8/1/28]	AMA, IEB-USP	44
MA	ER	[jan./28]	Acervo de Rosário François Fusco	45
RF	MA	9/1/28	AMA, IEB-USP	46
RF	MA	11/1/28	AMA, IEB-USP	47
CS	MA	13/1/28	AMA, IEB-USP	48
RF	MA	[post. 16/1/28]	AMA, IEB-USP	49
MA	AL	21/1/28	FGC, IEL-RS	50
MA	RF	21/1/2[8]	Acervo de Rosário François Fusco	51
RF	MA	24/1/28	AMA, IEB-USP	52
FIP	MA	26/1/28	AMA, IEB-USP	53
RF	MA	[jan./28]	AMA, IEB-USP	54
FIP-RF- ER	MA	[jan./28]	AMA, IEB-USP	55
MA	RF	2/2/28	Acervo de Rosário François Fusco	56
MA	RF	[1928]	ARF, AMLB-FCRB	57
RF	MA	6/5/28	AMA, IEB-USP	58
MA	FIP-RF	13/2/28	AFIP, AMLB-FCRB	59
MA	RF	25/2/28	ARF, AMLB-FCRB	60
RF	MA	[post. 25/2/28]	AMA, IEB-USP	62
MA	RF	[post. 25/2/28]	ARF, AMLB-FCRB	62
RF	MA	[ant. 9/3/28]	AMA, IEB-USP	63
MA	RF	9/3/28	Acervo de Rosário François Fusco	64
AL	MA	13/3/28	AMA, IEB-USP	65
RF	MA	14/3/28	AMA, IEB-USP	66
GC	MA	[post. 14/3/28]	AMA, IEB-USP	67
FIP	MA	18/3/28	AMA, IEB-USP	68
MA	RF	23/3/28	ARF, AMLB-FCRB	69
RF-FIP	MA	[entre 18 e 31/3/28]	AMA, IEB-USP	70
MA	FIP	31/3/28	AFIP, AMLB-FCRB	71
RF	MA	5/4/28	AMA, IEB-USP	72
ER	MA	[abr./28]	AMA, IEB-USP	73
RF	MA	30/4/28	AMA, IEB-USP	74
FIP	MA	6/5/28	AMA, IEB-USP	75
RF	MA	27/5/28	AMA, IEB-USP	76
AL	MA	28/5/28	AMA, IEB-USP	77
MA	GC-FIP-RF	2/6/28	FGC, IEL-RS	78
RF	MA	[ant. 8/5/28]	AMA, IEB-USP	79
AL	MA	[jun./28]	AMA, IEB-USP	80
MA	RF	8/6/28	Acervo de Rosário François Fusco	81
RF	MA	13/6/28	AMA, IEB-USP	82
RF	MA	21/6/28	AMA, IEB-USP	83
MA	RF	25/6/28	ARF, AMLB-FCRB	84
RF	MA	27/6/28	AMA, IEB-USP	85
RF	MA	29/6/28	AMA, IEB-USP	86
RF	MA	13/7/28	AMA, IEB-USP	87
RF	MA	21/7/28	AMA, IEB-USP	88

RF	MA	[1928]	AMA, IEB-USP	89
RF	MA	17/8/28	AMA, IEB-USP	90
ER	MA	19/8/28	AMA, IEB-USP	91
RF	MA	26/8/28	AMA, IEB-USP	92
MA	RF	[post. 26/8/28]	ARF, AMLB-FCRB	93
MA	RF	13/9/28	ARF, AMLB-FCRB	94
RF	MA	16/9/28	AMA, IEB-USP	95
MA	RF	21/9/28	ARF, AMLB-FCRB	96
RF	MA	30/9/28	AMA, IEB-USP	97
MA	RF	14/10/28	Acervo de Rosário François Fusco	98
RF	MA	[out./28]	AMA, IEB-USP	99
FIP	MA	2/12/28	AMA, IEB-USP	100
RF	MA	30/12/28	AMA, IEB-USP	101
RF	MA	6/1/29	AMA, IEB-USP	102
MA	RF	17/[2/29]	ARF, AMLB-FCRB	103
RF	MA	[fev./29]	AMA, IEB-USP	104
RF-FIP-ER	MA	[mar./28]	AMA, IEB-USP	105
MA	RF	26/3/29	Acervo de Rosário François Fusco	106
ER	MA	[post. 11/4/29]	AMA, IEB-USP	107
RF	MA	[14]/4/29	AMA, IEB-USP	108
RF	MA	[ant. 10/5/29]	AMA, IEB-USP	109
GC	MA	15/5/29	AMA, IEB-USP	110
FIP	MA	22/5/29	AMA, IEB-USP	111
FIP-GC-RF	MA	[post. 22/5/29]	AMA, IEB-USP	112
RF	MA	[post. 30/5/29]	AMA, IEB-USP	113
MA	GC	[post. 30/5/29]	FGC, IEL-RS	114
GC	MA	12/6/29	AMA, IEB-USP	115
RF	MA	[jul./29]	AMA, IEB-USP	116
RF	MA	[post. jul./29]	AMA, IEB-USP	117
GC	MA	3/11/29	AMA, IEB-USP	118
RF	MA	dez./29	AMA, IEB-USP	119
MA	GC	27/12/29	FGC, IEL-RS	120
RF	MA	jan./30	AMA, IEB-USP	
MA	RF	22/1/30	ARF, AMLB-FCRB	
RF	MA	11/2/30	AMA, IEB-USP	
MA	RF	21/3/30	Acervo de Rosário François Fusco	121
RF	MA	mar./30	AMA, IEB-USP	
RF	MA	23/6/30	AMA, IEB-USP	
RF	MA	dez./30	AMA, IEB-USP	
RF	MA	dez./30	AMA, IEB-USP	122
CS	MA	[1930]	AMA, IEB-USP	
FIP	MA	24/2/31	AMA, IEB-USP	
FIP	MA	3/10/31	AMA, IEB-USP	
MA	FIP	[post. 3/10/31]	AIFP, AMLB-FCRB	
RF	MA	7/10/31	AMA, IEB-USP	
RF	MA	16/10/31	AMA, IEB-USP	
FIP	MA	30/10/31	AMA, IEB-USP	
MA	RF	17/12/31	ARF, AMLB-FCRB	

RF	MA	6/1/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	16/2/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	25/2/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	27/2/32	AMA, IEB-USP
MA	RF	4/3/32	ARF, AMLB-FCRB
RF	MA	7/3/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	14/3/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	15/3/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	25/3/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	31/3/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	14/4/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	28/4/32	AMA, IEB-USP
FIP	MA	18/5/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	26/5/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	3/6/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	11/6/32	AMA, IEB-USP
CS	MA	[1932]	AMA, IEB-USP
CS	MA	[1/7/32]	AMA, IEB-USP
RF	MA	4/7/32	AMA, IEB-USP
RF	MA	23/10/32	AMA, IEB-USP
MA	RF	25/10/32	ARF, AMLB-FCRB
RF	MA	30/10/32	AMA, IEB-USP
MA	RF	15/11/32	ARF, AMLB-FCRB
RF	MA	28/11/32	AMA, IEB-USP
MA	RF	[1932]	ARF, AMLB-FCRB
RF	MA	2/1/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	26/1/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	13/2/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	23/6/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	12/7/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	25/8/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	23/12/33	AMA, IEB-USP
MA	RF	24/12/33	Acervo de Rosário François Fusco
RF	MA	26/12/33	AMA, IEB-USP
RF	MA	1/2/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	16/4/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	27/4/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	14/5/34	AMA, IEB-USP
MA	RF	[22/5/34]	ARF, AMLB-FCRB
MA	RF	23/5/34	Acervo de Rosário François Fusco
RF	MA	24/5/34	AMA, IEB-USP
FIP	MA	25/5/34	AMA, IEB-USP
MA	RF	5/6/34	Acervo de Rosário François Fusco
RF	MA	17/7/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	24/7/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	30/7/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	6/8/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	[post. 6/8/34]	AMA, IEB-USP
RF	MA	28/8/34	AMA, IEB-USP
MA	RF	12/9/34	Acervo de Rosário François Fusco

RF	MA	16/10/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	[ant. 6/12/34]	AMA, IEB-USP
RF	MA	6/12/34	AMA, IEB-USP
RF	MA	4 e 7/1/35	AMA, IEB-USP
RF	MA	12 e 26/2/35	AMA, IEB-USP
RF	MA	15/3/35	AMA, IEB-USP
MA	RF	21/3/35	Acervo de Rosário François Fusco
RF	MA	28/3/35	AMA, IEB-USP
RF	MA	8/5/35	AMA, IEB-USP
RF	MA	18/5/35	AMA, IEB-USP
MA	RF	1/6/35	Acervo de Rosário François Fusco
RF	MA	1/7/35	AMA, IEB-USP
MA	RF	6/7/35	Acervo de Rosário François Fusco
MA	RF	31/8/35	Acervo de Rosário François Fusco
ER	MA	29/9/3[5]	AMA, IEB-USP
RF	MA	[jun./40]	AMA, IEB-USP
MA	RF	21/3/41	Acervo de Rosário François Fusco
GC	MA	16/2/42	AMA, IEB-USP
RF	MA	14/4/42	AMA, IEB-USP
CS	MA	6/8/44	AMA, IEB-USP
CS	MA	sem data	AMA, IEB-USP

Anexo B- Capa da *Verde* nº1, setembro de 1927.

Anexo D- Livros da Verde Editora.

D- a) RESENDE, Enrique de; FUSCO, Rosário; LOPES, Ascânio. *Poemas cronológicos*. Cataguases: Verde Editora, 1928, Biblioteca do IEB-USP.

D- b) CESAR, Guilhermino; PEIXOTO, Francisco Inácio. *Meia-pataca*. Cataguases: Verde Editora, 1928, Biblioteca do IEB-USP.

D- c) FUSCO, Rosário. *Fruta de conde*. Cataguases: Verde Editora, 1929, Biblioteca do IEB-USP.

D- d) MENDES, Antônio Martins. *13 Poemas*. Cataguases: Verde Editora, 1929, Biblioteca do IEB-USP.

Anexo E- Participações de Mário de Andrade na *Verde*.

E- a) ANDRADE, Mário de. "Rondó do Brigadeiro". *Verde* nº2, Cataguases, outubro de 1927, p. 11.

Outubro 1927

VERDE

11

RONDÓ DO BRIGADEIRO

(dos Poemas de Campos do Jordão)

O brigadeiro Jordão
Possuiu êstes latifúndios
Dos quais o metro quadrado
Vale hoje uns nove mil reis...
Puxa! que homem felizardo
O brigadeiro Jordão...
Tinha casa tinha pão
Roupa lavada e engomada
E terras... Qual terras! Mundos
De pastos e pinheirais!...
Que troças em perspectiva...
Nem pensava em serrarias
Nem fundava sanatórios
Nem gado apascentaria!
Vendia tudo por oito
E com a bolada no bolso
Ia no largo do Arouche
Comprar aquelas pequenas
Que moram numa pensão...

Mas não são minhas as terras
Do brigadeiro Jordão...

MARIO DE ANDRADE

E- b) ANDRADE, Mário de. "Caso da Cascata". *Verde* nº3, Cataguases, novembro de 1927, p. 12.

CASO DA CASCATA

DO LIVRO «MACUNAÍMA»

... E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela. Assim:

Não vê que chamo Naipi e sou filha do tuxaua Mexô-Mexoitiqui nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rede e enlaçar meu corpo mais molengo que embirossú. Porém quando alguém vinha eu dava dentadas e contapês por amor de experimentar a força dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbaticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo força de homem pra servir, a suinara cantou manházinha nas jarras de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as flores caíram nos ombros soluçando do moço Titçatê, guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correção de sacassaia viera na taba e devorara até o silêncio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas junto dele e veio com elas pra rede da minha ultima noite livre. Então mordeu Titçatê.

O sangue espirrou na munheca mordida porém o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipi serviu Titçatê.

Depois que brineámos feito doidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê, meu vencedor me carregou no ombro, me jogou na ipêigara abicada num esconderijo de aturiás e frechou por largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as águas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna ali.

Titçatê não podia mais remar desfalecido sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revirou fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. É aquela uma que está lá em baixo, lá! É aquele mururê tão lindo que se enxerga bracejando nágua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida que meu frio de cascata regelou.

Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre na gruta si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro Titçatê.

MÁRIO DE ANDRADE.

Poemas cronologicos

VERDE — EDITORA

DE HENRIQUE DE RESENDE, ROSÁRIO FUSCO, ASCANIO LOPES.
A APARECER BREVEMENTE

E- c) ANDRADE, Mário de. "Apresentação / que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente". *Verde* nº4, Cataguases, novembro de 1927, p. 10.

APRESENTAÇÃO

que Mario de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco — CODAQUE — a sair brevemente.

O costume de mais velho apresentar mais moço é uma das tais organizações pernósticas da sociedade. Não se acomoda bem com a minha curiosidade religiosa da vida pela qual pra mim é só o futuro que pode melhorar o presente. Não sei de nenhuma religião que se baseie no presente ou no passado... É por isso que toda esperança possui muito de redenção e é um estado franco de religiosidade.

Me sujeitando por pedido de Rosário Fusco, mineirinho de 17 annos, a essa praxe de apresentar o livro dêle, confesso que isso me deslumbra como a chegada da velhice. Hoje aliás não tenho medo mais não da velhice e acho bobagem tudo o que andamos falando mal dela por aí. Um tempo isso até virou cacoete: tudo o que a gente não gostava punha na velhice e tudo o que era boniteza punha na mocidade. Foi uma espécie de despeito pela aurora com que a gente, os iniciadores da nossa literatura moderna, procurámos escapar daquela companhia de passado que pagara absinto pra nós nos primeiros tempos de literatura. Pra mim tudo isso tem valor mais não e já pus reparo que a boca-da-noite com menos vibração e mais serenidade é talequal a araiada.

Não tenho dúvida em apresentar estes instantaneos de Rosário Fusco embora não seja livro que marque. E' o defeito das fotografias de codaque mandadas revelar na cidade... Só quinhentos reis cada filme, cada cópia duzentão. Sucede que o pessoal lá

do negocio não sofrendo amor pelo que a gente fez, revela afobado e não deixa secar direito. Nem bem passam oito meses a foto vai descolorindo, as imagens ficam desmerecidas, perdem a força no papel.

Ou por outra: O livro de Rosário Fusco marca sim mas tem dois gestos dum livro marcar. Uma obra-de-arte marca feito viagem ou feito mapa geográfico. Si a gente vai numa cidade e ela é batuta nunca mais esquece a tal. Si a gente assunta uma carta geográfica feito eu antes de ir no Amazonas, já se comove bem imaginando nos gostos que terá na viagem. O livro de Rosário Fusco é assim um mapa caridoso e sugestivo. Que gostosura! que iluminações que a gente vai ter passeando por esses rincões nomeados no papel de cores vivas!... Muita gostosura.

Isso já se percebe principalmente porque o mapa de Rosário Fusco não é que nem os de agora, só linhas, só cores, só nomes de pagos não. E' que nem aqueles mapas de dantes. Dum lado ou mesmo no meio da geografia está vivendo um elefante uma palmeirinha um templo ilustre. Poemas como Rio de Janeiro, Madrigal, Jornal de Interior, Baía, não indicam apenas ideologicamente a margem que o futuro reserva pros nossos prazeres. Já é principio de viagem. O que se enxerga inda não é coisa propriamente nova não. Mas é fecunda e já comove bem.

MARIO DE ANDRADE.

I N T E R I O R N U M E R O 1

Sob a lampada cariciosa...
Sob a paz adormecida e amiga..

o bom sorriso

a cela do Senhor

o socego...

e o sapo jururú
para adormecer a criança.

M a r q u e s R e b e l l o.

E- d) MARIOSWALD. "Homenagem aos homens que agem". *Verde* nº4, Cataguases, dezembro de 1927, p. 9.

Dezembro 1927

VERDE

9

HOMENAGEM

aos Homens que Agem

Tarsila não pinta mais
Com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguazes

Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem
Com tinta Verde
Cataguazes

Brecheret
Não esculpe mais
Com plastilina
Modela o Brasil
Com barro Verde
Cataguazes

Villa Lobos
Não compõe mais
Com dissonancias
De estravinsqui
NUNCA!
Ele é a mina Verde
Cataguazes

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Forde Verde
Os azes
De Cataguazes

Poema de MARIOSWALD

(do livro inedito "Oswaldario dos Andrades")

E- e) ANDRADE, Mário de. "Présentation de la jeune fille (Dolour)". *Verde* n°5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 12.

PRÉSENTATION DE LA JEUNE FILLE

En introduisant dans notre boîte-à-surprise les primeurs d'un chansonnier inédit je tiens à affirmer d'abord que je n'invite personne à faire le voyage de cette jeune-fille. Il y a dans certaines manifestations de notre époque un médiévalisme subtil. Plaissons nous à imaginer les femmes enfermées toute leur vie dans une chambre. Ou bien ces barons qu'ayant raté le loup, s'amputaient la main coupable. Dans la parade des sports humains il faut faire place à l'équipe des gestes d'orgueil dont la secrète beauté n'est qu'une reconnaissance de lumière. Est-ce que l'ombre peut bifurquer les êtres verticaux sans la prémisses du soleil? Et je plains les homens dont l'amour est tellement matrimonial qu'ils croient à l'inutilité de l'ombre.

J'ai choisi pour vous révéler la musique raffinée de Dolour, deux morceaux extraits de l'Exercice ou Prétexte Surréaliste ou Surtexte Réaliste. Surtexte Réaliste... Voici des mots qui ont des valeurs de trompette. Ils sont si métalliques qu'ils me donnent la saveur de l'exactitude. Dolour a frappé juste. Son Exercice, d'une si psychologique intensité, d'un si haut lyrisme, d'une homogénéité qu'on ne peut comparer qu'à celle de la banane, est un monoplan fidèle dans lequel Dolour survole ses passés imaginaires. Il lui fallait choisir entre le ruisseau et le confessionnal... Dolour choisit le ruisseau. Même si l'on écarte Wagner de la route, peut-on nier les murmures de la forêt?

Après ses dernières vacances, Dolour muscla son visage dans les traits d'une Minerve et se mit à écrire. Je n'attends pas le second acte. Je ne crois même pas à sa possibilité. Dès que le passé commence réellement d'exister la musique se tait à la cruche des violons rimbaldiens.

Car j'insiste sur la musicalité de ces morceaux. Essayez de les qualifier. Ils peuvent se festonner seulement de ces vagues qualificatifs psychologiques propres à l'art musical. On peut dire qu'ils sont intenses, ou gracieux, ou calms, ou dramatiques. Mais personne n'arrivera à déceler la réalité intellectuelle qui se cache, ou n'existe même pas, derrière les vagues d'harmonie.

Mais faut-il bien savoir qu'un inconnu commanda à Mozart son Requiem? N'épini-

glez jamais les chevelures! Vous resterez entomologiste. Rêves, larmes, courages, révoltes, Dolour les a réalisés dans un surtexte allé. C'est de la poussière. Mais une poussière d'or.

MARIO DE ANDRADE

I

Faire le canton en extase, faire le centaure en Chamounix, faire le quasi en évantail cache tout, une seule loupe augmentera l'eau de Javel comme fortin de tes fonctions d'amadou. La douche d'automne a fait sa carrière presque veuve d'une amare sure et délicate. C'est presque mieux de glisser, de picoter, de réduire, rotir, protester, clamer la futilité diminutive, que d'annihiler les conventions célestines. Sans intervention des ciseaux rithmiques, se plonger sans fatuité dans l'horloge à concurrence concentrique. Pour les roses de midi on doit s'efforcer à une conclusion liberticide.

À l'alliquot pour toujours!

II

Les ballets font fureur, ainsi les hippocampes sautent comme des rames en attendant l'ondine iris. Tout un monde de radio-laires viendra s'exercer dans un triomphe quinqué. Les valérianes feront cent à l'heure espérant un calme absolu pour surprendre les ballets des syngnathes. Hippocampes—vous qui fûtes la lutte des flots et qui maintenant maintenez une révolution agenda, semez les argonautes qui comptent parmi vous en m'envoyant quelques cypri-nes en coquille. Laissez les littorines sommeiller sept années rampantes. Hippocampes—vous qui attendez les étoiles astéries des cieux lointains, qui supplantent les madrépores féroces, qui maintenez une amitié absolue avec les syngnathes compagnes d'enfance, vous qui jusqu'à présent avez soutenu votre race intacte sans évolution, cherchez maintenant à soutenir cette danse hippique dont vous connaissez si bien les vérités au fond d'une mer de légumes.

DOLOUR (D. A.)

E- f) ANDRADE, Mário de. “Livros / Jorge Fernandes – Livro de poemas; Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes – *Poemas cronológicos*; Brasil Pinheiro Machado – *Quatro poemas*; Paulo Mendes de Almeida – *Cartazes*”. *Diário Nacional*, São Paulo, 15/4/28, p. 11. Texto transcrito na *Verde* nº5, Cataguases, janeiro [junho] de 1928, p. 11 do Suplemento.

Os rapazes de *Verde* tiveram o bom gosto de se fazerem em livro. Hoje quem quiser pode atacá-los, elogiá-los etc., e citar por onde. Essa história da gente ficar poeta bom nas revistas é tão vago, tão diluído, tão sem corpo!... E um benefício enorme de exemplo já veio dos *Poemas cronológicos* pois outros poetas mineiros do grupo de Belo Horizonte já estão anunciando uma *Antologia* também.

Uma coisa em que não sei se já puseram reparo... Hoje eu cito um livro do Paraná, outro de Minas, outro do Rio Grande do Norte. Duns tempos para cá o desprestígio literário do Rio de Janeiro está se tornando muito grande. Já o modernismo nasceu em São Paulo, agora os livros aparecem por aí tudo sem batismo de Corte... Não me parece que o sintoma seja bom não, sob o ponto de vista da nossa unidade política porém como essa unidade pouco me incomoda nas minhas ideias e sentimentos humanos, essa descentralização me dá o gosto alegue de uma batalha de flores: recebo manacás, flores de ipê, de mururê, de maracujá, de todos os lados. Isso é bom que dói.

É extraordinário como o livro define uma pessoa. Embora a maioria das peças de *Poemas cronológicos* já fosse conhecida minha, assim unidas essas poesias me deram uma impressão de força atual maior das que eu pensava. Sei bem que sobretudo Rosário Fusco e Ascânio Lopes são ainda esperanças, porém é incontestável que já saíram da sombra materna do viveiro, já espigaram pra cima da cova e já sustentam nas folhas o bafejo bravo do sol. Isso não parecia quando a gente topava com eles virando a esquina das revistas. Essa apresentação de força atual séria me parece a melhor grandeza dos *Poemas cronológicos*.

Dos três poetas do livro, o mais completo, o mais poeta² é incontestavelmente Henrique de Resende. Também esse, embora novo, já tem passado. Os outros dois ainda são mais líricos que poetas, quero dizer, ainda não estão igualados, não. E a impulsão lírica vale mais que a factura.

Henrique de Resende ex-parnasiano, já tem mais arte. E também mais artifício. Quando se não quando lhe escapam da autocrítica certos processos fáceis de sonoridade e de expressão:

“no seio bruto da pedreira bruta³”

ou

“se despenha no desespero do des[pe]nhadeiro⁴”

Também pela seriação dos poetas a gente percebe que a poesia dele sai um bocado de encomendada. Assim como quem diz: acho que devo fazer uns poemas sobre os sintomas do progresso de Minas.

Então escreve sobre as Estradas de Rodagem, as Minas, as Lavouras, as Cidades. Isso me enquizila como um despeito. Desejei danadamente fazer uma “Meditação no Amazonas” para contrabalançar com o “Noturno” e o “Carnaval” no *Clã*. Não houve meios de sair. Parecia... Mas empregando os processos de Henrique de Resende, palavra que saía.⁵ Só que Henrique de Resende não só pratica bem os processos dele como vai além deles. No “Solar que foi dos meus avós” principalmente, a nobreza ondulante dos versos, uma simplicidade objetiva muito discreta e até enérgica (“a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus

² Na *Verde*, a palavra “poeta” está em itálico.

³ Na *Verde*, as palavras “bruto” e “bruta” estão em itálico.

⁴ No *Diário Nacional*, lê-se “des-/nhadeiro”. Correção com base na versão publicada da *Verde*.

⁵ Na *Verde*, há mudança de parágrafo depois deste ponto final.

avós”) na descrição e na evocação dá por vezes uma força impressionante pra os versos. Reunindo todas as qualidades em “Senzala”, Henrique de Resende apresenta o melhor poema do livro.

Quanto à Ascânio Lopes e Rosário Fusco, estão seus vinte anos na experiência. A experiência deles é a infância de que os desentocou a inquietação do lirismo. Vivem maquinando com a infância e com o passado. Aliás carece dizer de passagem por enquanto que esses poetas mineiros em geral estão adquirindo um cacoete que por ser cacoete fatiga bem: a evocação da infância. Um saudosismo desses é perigoso, gente. A banalidade infantil é muito importante pra o indivíduo já feito não tem dúvida. Nós todos temos que sofrer⁶ nossas infâncias por toda a vida. Só que essa formalidade, que cada um sofre por si, dificilmente comove os outros em arte quando é assim descrita objetivamente. Ou a gente inventa lorotas trágicas que nem as de Copperfild ou por sistema de claro-escuro disfarça a banalidade do real e deforma que nem no *Ateneu*, no *João Miramar* ou no *Dedalus*. Em todo caso o “Poema de minha tristeza” de Rosário Fusco tem notações que por serem verdadeiras me comovem muito.

Nunca mais vi vovô lendo jornais na varanda...

Só ele, coitado, trabalhava...

E também o “Ambiente de infância” de Ascânio Lopes é um banal burguês quase sutil e bem apanhado na noção final:

“Mamãe quase deixou que eu brincasse de navio,

Mas a titia velha e rabugenta

Disse que eu não estava chorando

E que a vidraça estava pingada d'água da chuva”

Os três poetas manifestam as tendências tão variadas com que está se enriquecendo a literatura moderna do Brasil. Não tem nem um que manifeste porém imitação serviu, graças a Deus. Seguem preferências, provam que possuem poetas de cabeceira. Coisas que não há razão que me faça considerar defeito embora eu considere que de cabeceira só possam se legitimar Hermes Fontes, Rui Barbosa e o “Secretário dos amantes”.

Henrique de Resende mais tradicional, Ascânio Lopes mais familiar, Rosário Fusco mais desabusado, inquieto, botando o pé na fogueira pra poder afirmar depois que fogo queima de verdade. Nessa mão de três dedos dos *Poemas cronológicos*, Henrique de Resende é o pai de todos, Ascânio Lopes é o mata-piolho, Rosário Fusco é o fura-bolos. Os três: gente que subirão muito se quando a força do homem chegar, não barganharem o lirismo disponível da flor pelos caraminguás da vida curta nossa.

⁶ Na *Verde*, a palavra “sofrer” está em itálico.

E- g) ANDRADE, Mário de. "Vitória-régia". Verde nº1 da segunda fase, Cataguases, maio de 1929, p. 2.

VERDE

"MOYSÉS SALVADO DE LAS AGUAS"

Linóleum de MARIA CLEMENCIA

VITORIA-REGIA

Rio Negro, 7 de JUNHO

Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até a bulha dos cacauês despenca do ar e afunda nela. Pois é nessas lagoas que as vitórias-regias param, calmas, tão calmas! desterradas na felicidade.

Eu vi as vitórias-regias da lagoa do Amanium...

Feito bolas de cachaço engruvilhadas espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas sabidas, abrindo a placa redonda se apniam nua e escondem nela a malvadeza dos espinhos. Tempo chegado os botões chofram também pra fora dagua. São ouriços espinhentos em que nem inseto pousa. E assim vivem e espigam esperando a manhã de serem flor.

Afinal numa arraiada o botão da vitória-regia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branqueando a calma da lagoa. Petalas petalas vão aparecendo brancas brancas em porção, em pouco tempo do dia a flor enorme abre um mundo de petalas petalas brancas, petalas brancas e perfuma os ares indolentes. Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve de enebriar sentido forte. A gente rema e pega a flor. Pois então as sepalas espinhentas mordem danadas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também espinhento ninguém não pode pegar, carece corta-lo com a pague e enquanto a flor boia nua agarrar pelas petalas para porêr já estragando um boado.

Então a gente limpa o caule dos espinhos e pode cheirar a flor. Mas aquele aroma gostoso que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é fugitivo e dá náuseas, cheiro ruim.

Já então a vitória-regia principia roseando toda. Rosea rosea fica toda cor-de-rosa, chamando de longe com o cheiro gostoso, bonita cada vez mais. E assim, Vive o dia inteiro e sempre mudando de cor. De rosea vira encarnada e ali pela boca-da-noite ela amolece envelhecida as carreiras de petalas roxas.

Em todas essas cores a vitória-regia, a grande flor, é a flor mais perfeita do mundo, mais bonita e mais nobre, é sublime. E' bem a forma suprema dentro do aspeto de flor.

Noite chegando a vitória-regia roxa toda roxa já quasi no momento de fechar outra feita e morrer, abre afinal com um arranco de velha as petalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre e lá do coração nupcial da grande flor, inda estontendo pelo ar vivo, mexemexe remelento de polem, nojento, um bando repugnante de bezouros cor-de-chá.

E' a ultima contradição da flor sublime...

Os nojentos partem num zumbido mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor da Amazonia, mais bonita que a rosa e que o lotus, encerra na noite enorme o seu destino de flor.

MARIO DE ANDRADE

E- h) ANDRADE, Mário de. “Taxi - Influências”, *Diário Nacional*. São Paulo, 9/4/29, p. 6. Texto transcrito na *Verde* nº1 da segunda fase. Cataguases, maio de 1929, p. 23.

Henrique de Resende, pelo número de domingo d' *O Jornal*, teve um jeitinho de perguntar se eu estava de acordo com ele a respeito da possível influência exercida por um escritor paulista sobre os poetas modernos de Cataguases. Estou.

O que eu censuro é Henrique Resende estar perdendo tempo com mesquinha tamanha. Isso não é assunto com que a gente se amole em jornal. Simplesmente porque não tem importância nenhuma. Não é possível a gente conceber a formação dum espírito sem influências, fruto unicamente de Cataguases como existe influência dos moços de Cataguases leis de psicologia. Quanto à originalidade, se historicamente ela é duma importância capital na evolução das artes, ela não tem nenhum valor conceitual na verificação da obra-prima. E pensando no dilúvio de espíritos que nem bem surgiram, desapareceram já, sem dar o que prometiam ao movimento moderno brasileiro, tenho certeza que pra muitos foi a vaidade pífia de originalidade que os desarmou. Se calaram por uma deficiência que era falsa!

Existe influência do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguases como existe influência dos moços de Cataguases sobre esse escritor paulista. Maior do que imaginam, muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacoetes gramaticais. Essa influência recíproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadeiras, cheias de sinceridades, até brutas certas feitas. Foi isso que o mundo não pôde ver e não gozou.

Porém o que o mundo não viu e podia ver é que também o escritor paulista andou muito estudando os criadores de *Verde*. Catou neles os boleios sintáticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando ocasião chegou, andou tudo empregando nos escritos dele.

E se um ou dois moços de Cataguases numa ou noutra poesia ficaram exatrinamente o escritor paulista escrevendo, quero saber só que importância tem isso! Esses moços tal-e-qual todos os moços do mundo, têm que sofrer a lei da espera. Se continuarem influenciados toda a vida, serão nulidade. Se fizerem originalidade à força[,] se cabotinizarão. Talvez movimentem um bocado a túnica da nossa Musa porém não será por isso que lhe darão um pensamento a mais. Têm que esperar que nem eu mesmo esperei me debatendo num estreitíssimo *Primeiro Andar*. E outros cubículos inda mais inconfessáveis...

Anexo F- ANDRADE, Mário de. “Livros – D. Cayafa Soca; ‘Verde’ revista moderna N. 3; ‘Festa’ nos. 1, 2 e 3”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/27, p. 11, Biblioteca Nacional.

O número três da revista *Verde* veio positivamente brilhante. Todo um grupo de escritores novos aparece nele, felizes de escrever prosa ou verso, se dando bem dentro do Brasil. É um número duma alegria e duma ingenuidade prodigiosa. Esses moços de Cataguases estão realizando deveras um milagre. São tão corajosos, tão impetuosos e tão felizes que acabam dinamizando o mundo. Devem descender na certa do bataclânico e jazzbandico barão das Catas Altas, com ramal pela Chica da Silva.

Este número aliás tornou a revista... (será cataguasense que se diz?) mineira, internacional. Vem nela um poema vibrante de Ildefonso Pereda Valdés, muito bonito, inspirado por essa brasileirinha cantora, Germana Bittencourt, que está fazendo furor no Prata. Também Blaise Cendrars colabora com uma quadrinha de regular bom-humor. Aliás todo o número está excelente, variadíssimo, com um mundo de figuras diferentes e fortes. João Alfonsus está escrevendo prosa da boa em contos muito vivos. Oswald de Andrade publica uma página admirável de [ilegível] e invenção sobre *Os Esplendores do Oriente*. Mais ou

menos na mesma direção Prudente de Moraes Neto, publica uma aventura que é um primor de estilo. Pedro Nava publica uma “Ventania” que desde muito considero magistral. Carlos Drummond de Andrade está cada vez mais seguro de si. Se “Quadrilha” não tem a pureza e a força impressionante do “Sinal de apito”, é duma gostosura anedótica deliciosa. Sergio Milliet tem na “Religião” um dos seus momentos mais intensos de emoção lírica. E assim vai o número numa riqueza de cousas interessantes e nomes por conservar. Não posso enumerar todos.

A parte teórica, críticas, manifestos, ensaios é o fraco da revista. Muita falta de informação esclarecida, de seleção firme, muita afirmativa afobada. Mas carece lembrar que esses rapazes donos da *Verde* dançam ainda na sala dos dezoito anos. O maxixe já está bem requebrado porém às vezes sai fora do compasso. No fim dá tudo certo, garanto.

F- a) FUSCO, Rosário, “Bahia”, *Diário Nacional*, São Paulo, 18/12/27, p. 11, Biblioteca Nacional.

Bahia

Bahia lá de longe
De casas quadradas
Coloniais
Berrando gritando
Entre coqueirais,

De mulatas de bronze
Fogosas burlescas
De saias vermelhas
E xales iguais,
De ancas rebolando
Tremendo tentando...

Bahia
Assanhada mulata
Gorducha peituda
Com peitos de coco,
De pernas cambotas
Carnudas e tortas
E de dedos enormes
Pisando no chão...

Bahia
De cuscuz e quitutes
De broas de milho
Azedas e cruas...

Bahia
Colônia samoa dentro do Brasil!
Bahia, capital São Salvador!

Rosário Fusco

—

Rosário Fusco – Jovem poeta mineiro. Faz parte da revista *Verde* de Cataguases. Tem no prelo um livro de estreia, *Codaque*, versos.

Anexo G- RESENDE, Henrique de. *Turris eburnea*. Editora Monteiro Lobato & Cia., 1923. Biblioteca da Fazenda do Rochedo (Acervo José Resende).

Anexo H- Livros de Mário de Andrade para os verdes, biblioteca de Francisco Inácio Peixoto.
H- a) *Clã do jaboti*.

H- b) Ensaio sobre música brasileira.

43

Batuque. Jabirá CATAGUAZES (Minas Gerais).

$\text{♩} = 100.$

f *pp* *f* *pp* *f*

pp *f* *pp* *f*

p *f* *p* *f* *p* *f*

ff sempre

1. 2.

1. 2.

O refrão inicial traz verso obrigado:

O quebra-quebra Jabirá
Eu quero vê quebrá!
Óh quebra aqui, quebra acolá!
Quarqué goito é quebrá!

As toadas e danças, principalmente na zona da Leopoldina, seguem sempre este prelúdio tradicional:

44

Batuque

Dança do Caroço

CATAGUAZES (Minas)

$\text{♩} = 72.$

A dan-ça do Ca-ro-ço É a dan-ça do meu bem A dan-ça do Ca-ro-ço É a dan-ça do meu bem Cor-re, dan-ça-dô cor-re, dan-ça-dô Cor-re que a po-li-cia e-ven! Cor-re dan-ça-dô cor-re dan-ça-dô Cor-re que a po-li-cia e-ven!

A dança do Caroço
É a dança do meu bem
Corre, dançadô, corre, dançadô,
Corre, que a polícia evem!

Batuque

Cará

CATAGUAZES (Minas)

$\text{♩} = 92.$

Botei meu cará no fogo,
Maria pra vigia,
Maria mexeu mexeu,
Deixô o cará queimá.

Eu quero salá, eu quero
Na carrilha do "dão"
As moça de Catagunis
Não anda de pé no chão

No nordeste chamam de "carretilha" aos refrões em metro mais curto dos "martelos".

Quadrilha

MARAJÓ.

$\text{♩} = 112.$

Tatú é Caboclo do Sul

Toada.

GOIAZ.

$\text{♩} = 100.$

Ta - tú é cabo.clo do .sul, Pei.xe - boi é barão de Pa . rá, Pei.xe - boi é do fun.do do

Pouco menos. $\text{♩} = 96$

rio, Mu.la.ta bo.ni . ta é da ban.da de lá. Man . dei chamar Ge.ne . ro . sa, Não

me qui . ze.ram man.dar; Man . dei chamar Ma.ri . qui.nha Dom-dom Sau.da . des quer me ma . tar!

Tatú é caboclo do sul,
Peixe-boi é barão de Pará,
Peixe-boi é do fundo do rio,
Mulata bonita é da banda de lá.

Mandei chamar Generosa,
Não me quiseram mandar;
Mandei chamar Mariquinha,
—Dom-dom—
Saudades quer me matar!

Zé Pum

Toada.

CATAGUAZES, (Minas).

$\text{♩} = 58$

Zé Pum! Zé Pum! É na linha do Zé Pum! Por cau . sa dessa cri . ou.la Eu in.da dô na cara dum!

Zé Pum! Zé Pum!
É na linha do Zé Pum!
Por causa dessa crioula
Eu in da dô na cara dum!

H- c) Remate de males e Belazarte.

Anexo I- Fotografias de Mário de Andrade para os verdes.

I- a) “Iquitos, 22-VI-27” (AMA, IEB-USP, foto nº306). Imagem da foto retirada de: LOPEZ, Telê Porto Ancona. *A imagem de Mário: Fotobiografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Edições Alimbramento: Livroarte Ed, 1984, p. 98.

I- b) Retrato de Mário de Andrade, Acervo de Rosário François Fusco.

Anexo J- Fotografias dos verdes para Mário de Andrade.
J- a) foto nº802, AMA, IEB-USP.

Não pense você, Mário de Andrade,
que sou tão feio assim não...
Sou uma criatura ali muito
bonitinha como v. vê nos fotos. (!)
Trago mais ou menos "Nais". (!)
Está codigando o daí tirado quando
Pereiro, Henrique e eu lavamos a
bonitinha, vendi pra uma chispada
ali. Uhu! mudei falar ao Martinho
de Oliveira. A vida aqui é uma beleza
que só vendo. Tado e brincadeira. Tado.

802

Nota: O tal de que me fofoca com
você é o mesmo que fofoca com
você.

chadriano
Para coleção de variedades foto
Jardim de Mário de
Andrade. Of.
Rovito Tuvay.

Para
Mário de Andrade
J. F. de Almeida

J- b) foto nº803, AMA, IEB-USP.

J- c) foto nº1303, AMA, IEB-USP.

J- d) Fotografias 797 e 796, AMA, IEB-USP.

Da esquerda pra' direita:
 Maria do Carmo Santos Costa,
 Irmao Silva, Marques Rebelo.
 Fotografia tirada no dia em que
 os universitarios cariocas, chefiados
 por Cardillo Filho e Peixoto - visita-
 ram oficialmente a cidade.
 (7-7-722) 796

J- e) Foto nº746, AMA, IEB-USP.

Anexo K- Foto de Enrique de Resende na Série Matéria extraída de periódicos (29.09.38), AMA, IEB-USP.

Anexo L- Fotografias dos verdes em acervos familiares.

L- a) Fotografia de formatura turma de Rosário Fusco, Acervo de Rosário François Fusco.

L- b) Fotografia dos verdes e Humberto Mauro em seu estúdio, Acervo de Rosário França Fusco. (em pé: Guilhermino Cesar, o pianista Renato Gama e Martins Mendes; encostado no corrimão: Humberto Mauro; sentados: Enrique de Resende, Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto)

Anexo M- DELPINO JUNIOR, Alberto André. *O Poeta-engenheiro*. 1924, 20 x 29 cm, Acervo Maria Lúcia de Resende.

Anexo N- Desenhos de Rosário Fusco para Mário de Andrade.

N- a) Imagem do desenho retirada da *Revista de Antropofagia* nº3, São Paulo, julho de 1928, p. 3 (Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leva S.A., 1976.)

N- b) FUSCO, Rosário. “Paisagem”, 1928, desenho tinta de caneta s/ papel. 22,5 x 15,3 cm. E “Paisagem antropofágica”, 1928, tinta de caneta s/ papel. 22,5 x 15,3 cm. Imagens dos desenhos retiradas do catálogo *Coleção Mário de Andrade: Artes Plásticas*. Marta Rossetti Batista e Yone Soares de Lima; apresentação José Mindlin. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: IEB-USP, 1998, p. 97.

Anexo O- Desenhos de Rosário Fusco: *Verde* nº1, p. 25, e *Verde* nº3, p. 7.

Anexo P- SOARES, Camilo. “Festa matinal”, *Para Todos* nº462, Rio de Janeiro, 22/10/27, p. 36, www.jotacarlos.org, acessado em 1º de setembro de 2010.

Anexo Q- “De belas artes / Lasar Segall”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, 7/1/28, p. 36-37, Biblioteca Nacional.

Anexo R- ANDRADE, Mário de. “O eco e o descorajado”, *Para Todos*, Rio de Janeiro, 15/9/28, p. 15, Biblioteca Nacional.

Anexo S- Músicas enviadas por Rosário Fusco e Pierre Teothónio da Silva a Mário de Andrade, AMA, IEB-USP.

No manuscrito “Cantos infantis” há o acalanto *Olelê Bahia*, com anotação de Mário: “Peça me comunicada pelo escritor Rosário Fusco, / e registrada por Pierre Silva que lhe ignorava o texto.”

Em “Melodias registradas por meios não mecânicos”, foram conservadas cinco peças com letra e partitura:

Sá Juliana

Bis (Sá Juliana Dão Jorge
tá te chamando)
É mentira de Dão Jorge
Dão Jorge tá me enganando... etc.

Papagaio

Vai papagaio
vai bebê chá de canela
vai dizê pra moreninha
queu tenho paixão por ela

Vai papagaio

vai depressa e volta já
vai dizê praquela ingrata
que a sodade é mortá... etc.

Sá Maura (toque de serenata, está se vendo...)

Tenho sodade de Maura
é de Sá Maura amorosa
daquele céu estrelado
daquelas noite de rosa etc.

Dominó

Por esta rua – dominó
passou meu bem – dominó
não foi sozinho – dominó
foi com mais alguém – dominó

Foi o passarinho – dominó

caiu no laço – dominó
dá-lhe um beijinho – dominó
dá-lhe um abraço – dominó etc.

“Pulga” (serve de ninar criança)

Pulga mardita
que tá no corchão
te esfrego no dedo
te jogo no chão

Purga mardita

(eu dou tistimunha)

te esfrego no dedo
te mato na unha

(Continuação da purga:)

purga mardita
saia daqui
tem paciência
me deixa durmi etc.

Além das cinco com versos, há três tiras de partituras sem título, mas com as inscrições: “Este toque é um carritia também, porém muitíssimo diferente do dos [dictos].”; “Pagode – marcado de sanfona com pandeiro e violas.”; e “(continuação)”. Abaixo da partitura da última tira, há a letra: “anjos / cantando / Hosana / O Ma/ria/ Virgem /pura / O Ma/ria / Virgem / pura”.

No manuscrito “Melodias várias”, MA agrupou quatro pequenas partituras enviadas por Pierre. Na primeira, o remetente escreve um pequeno bilhete após o título: “*Itororó* (Duo da 1ª-3ª parte) // Ao Mário: / Peço perdoar a separação do ‘duo’ pois a aflição do Fusco, Peixoto e Guilhermino é ultra formidável. Digo aflição para não dizer aporrinh... / Pierre”. Outras duas também recebem identificação: “*Olelê Bahia* (acalanto) / Lento com surdina” e *O rio está cheio* / Preste atenção da [dura] influência dos fadinhos portugueses.”

Anexo T- ANDRADE, Mário de. “Momento”. *Remate de males*. In: _____. *Poesias completas (de Pauliceia desvairada a Café)*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 211-212.

Momento

(16-IX-1928)

Deve haver aqui perto uma roseira florindo,
Não sei... sinto por mim uma harmonia,
Um pouco da imparcialidade que a fadiga traz consigo.
Olho pra minhas mãos. E uma ternura perigosa
Me faz passar a boca sobre elas, roçando,
(Decerto é alguma rosa...)
Numa ternura que não é mais perigosa não, é piedade paciente.
As rosas... Os milhões de rosas paulistanas...
Já tanto que enxerguei minhas mãos trabalhando,
E tapearem por brinquedo umas costas de amigo,
Se entregarem pra inimigo, erguerem dinheiro do chão...
Uma feita meus dedos poisaram nuns lábios,
Nesse momento eu quis ser cego!
Ela não quis beijar a ponta dos meus dedos,
Beijou as mãos apaixonadamente, em submissão...
Ela beijou o pó das minhas mãos...
O mesmo pó que já desce na rosa nem bem ela se abre.
Deve haver aqui perto uma roseira florindo...
Que harmonia por mim... Que parecença com jardim...
O meu corpo está são... Minha alma foi-se embora...
E me deixou.

Anexo U- FUSCO, Rosário. “Poema”, *Fruta de conde*, Cataguases: Verde Editora, 1929, p. 15-16.

Poema

Não sei mesmo onde foi...
Mas já senti um cheiro como esse
que bateu agora no meu quarto
inundando-o dessa preguiça molemente
que até faz bem pra mim!

(Tinha ûa mesa num canto, uns livros sobre a mesa. Assim.)

Não entendo nada, meu Deus! mas já beijei ûa boca...
Devia de ser grande como essa rubra de você, não sei...
Sentia nesse momento um aroma (será aroma mesmo?) subindo...

Lembro pouco do corpo como era.
Mas acho que devia ser tal qual
esse também...

Anexo V- Jaz-Band, Cataguases, agosto de 1927.

Illmo. Sr.
Dr. Francisco Ignacio Peixoto,
Rua Joaquim Martins, 170
Sta. Theresa
Rio de Janeiro

JAZ-BAND

DIREÇÃO
— DE —
M. SILVEIRA

QUINZENÁRIO
MODERNO
E MUNDANO

REDACTOR
LÉLIO

Anno . 1

Cataguazes, 28 de Agosto 1927.

Num. . 1

J A Z B A N D I M

Elza Signago.

Até parece um bibelô de França
essa pequena fina e exquisita . . .
Com ares de menina e de criança
dentre todas da Escola é a mais bonita.

Soraide Guimarães.

Parece até que a beleza como
uma risca de sol cingiu-a, não ?
Anda perdida assim no Abandono
como quem teve uma desillusão . . .

Nair Resende.

Essa é fina e comprida como a chama
que sobe lenta e lenta dos altares . . .
Tem o pallor nevôento de quem ama
dentro o negror da noite de uns olhares . . .

Theresa de Sousa.

Mademoiselle tem tamanha graça
que encanta, envolve e prende a toda gente.
— Deixa sempre um sorriso — quando passa
cair da boca leve e indiferente . . .